UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA

José André Teodoro-Torres

Atitudes, representações e produção de *code-switching*:
o contato entre português e espanhol em empresas de São Paulo

Versão Corrigida

São Paulo

2021

JOSÉ ANDRÉ TEODORO-TORRES

Atitudes, representações e produção de *code-switching*:

o contato entre português e espanhol em empresas de São Paulo

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Benivaldo José de Araújo Júnior

São Paulo

2021

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T314a Teodoro-Torres, José André
 Atitudes, representações e produção de
code-switching: o contato entre português e espanhol
em empresas de São Paulo / José André Teodoro-Torres;
orientador Benivaldo José Araújo Júnior - São Paulo,
2021.
 197 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas
Espanhola e Hispano-Americana.

 1. Línguas em contato. 2. Bilinguismo. 3.
Code-switching. 4. Língua espanhola. I. Araújo
Júnior, Benivaldo José, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a):** JOSÉ ANDRÉ TEODORO TORRES**Data da defesa:** 10/09/2021**Nome do Prof. (a) orientador (a):** BENIVALDO JOSÉ DE ARAÚJO JÚNIOR

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/10/2021

(Assinatura do (a) orientador (a))

TEODORO-TORRES, José André. **Atitudes, representações e produção de *code-switching*: o contato entre português e espanhol em empresas de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

São Paulo, 10 de setembro de 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Benivaldo José de Araújo Júnior
Orientador - Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Silvia Etel Gutierrez Bottaro
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Livia Oushiro
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul
Universidade de São Paulo (USP)

*Para todos aqueles que têm a coragem
de aventurar-se nos encantos e angústias
da pós-graduação. A nós, as batatas.*

Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de um processo intenso de aprendizado, crescimento, autoconhecimento e superação e sua conclusão só é possível graças ao constante apoio de pessoas incríveis. Assim, devo agradecer, primeiramente, à Fátima Aparecida Teves Cabral Bruno (*in memoriam*) por todo o tempo em que trabalhamos juntos, nas disciplinas de graduação, na monitoria PEEG e nos primeiros um ano e meio desta pesquisa. Fá, muito obrigado por ter me guiado em diferentes momentos da minha formação. Posso afirmar que, com você aprendi a falar espanhol, a refletir criticamente sobre o ensino de línguas e a ser professor. Agradeço muito pelas palavras de apoio e de carinho e pelas conversas ternas de nossas reuniões. Serei sempre grato por você acreditar nas minhas ideias e propostas de pesquisa e por me puxar para a realidade quando era necessário. Em nossos 6 anos de convivência, colhi excelentes frutos que certamente me fazem crescer como ser humano, professor de espanhol e pesquisador. Muito obrigado por tudo.

Agradeço ao Benivaldo Araújo que me acolheu de maneira tão especial e cuidadosa em um momento delicado e ofereceu um apoio valiosíssimo ao desenvolvimento deste trabalho. Beni, sou extremamente grato pela confiança, pelo incentivo, pelas conversas e pelas leituras sempre muito atenciosas. Obrigado.

Aos professores Adrián Fanjul e Livia Oushiro, agradeço pela participação no Exame de Qualificação e pelos apontamentos fundamentais que permitiram o desenvolvimento do trabalho apresentado aqui. À professora Etel Gutiérrez pela participação na banca de defesa. Às professoras Maite Celada, Rosa Yokota e Mercedes Sebold, por também terem aceitado o convite para a banca.

Agradeço aos professores e colegas que, ao longo desses anos, pontuaram observações e sugestões valiosas para o meu crescimento enquanto pesquisador e o aprimoramento desta pesquisa. Obrigado Adrián Fanjul, Anna Maria Carmagnani, Angela Zucchi, Gabriela Luján, Gregory Guy, Gustavo Silveira, Isabel Castaldo, Isabella Coelho, Isabella Gallardo, José Alejandro Lara, Juana Liceras, Júlia França, Livia Oushiro, Lynn Mário, Mário Viaro, Mônica Mayrink, Ronald Beline, Sulamita Mattos e Thais Brazil.

Agradeço especialmente a cada um dos informantes que aceitou colaborar com esta investigação. A participação de vocês foi fundamental para a realização deste trabalho e o interesse e a confiança de cada um me encorajaram em diversos momentos. Obrigado pela paciência, pela gentileza, pelo tempo e por acreditarem neste trabalho.

Agradeço à María Ileana Faguaga, à Ludmila Lee e à Yaneysis Mesa, as cubanas produtoras de *code-switching* mais queridas, pelas boas conversas que despertaram ideias para este trabalho e pelo apoio no desenho dos experimentos. Igualmente agradeço ao José Briones e ao Franco Clandestino, meus chilenos preferidos, pelo interesse nesta pesquisa e por todas as nossas conversas em *code-switching*. José, muito obrigado pelo apoio, pelo carinho e por estar presente em momentos tão importantes, mesmo que às vezes haja 3223 km entre nós.

Agradeço às minhas amigas por todos os momentos de carinho, de força e de equilíbrio que me proporcionam. À Winola Weiss, agradeço pela parceria em vários projetos (pós-graduação, trabalho voluntário e aulas no cursinho) e pela amizade incontestável. Wino, viver a pós-graduação foi mais prazeroso com você, sua generosidade, sabedoria e ternura são preciosas demais. À Lara Marum, agradeço por todos os momentos de afeto, de amor e de cuidado. Lara, você torna a minha experiência mais humana. À Laura Torelli, agradeço pela confiança e franqueza. Ao Matheus Casari, agradeço pelo companheirismo desde o primeiro dia de graduação. Agradeço imensamente a vocês pela vida que compartilhamos nos últimos anos, pelos desabafos, risadas, choros e, sobretudo, pelos abraços.

Agradeço imensamente à minha família: aos meus pais, Berenice e Dinael e ao meu irmão Heitor, pelo amor e apoio incondicional. Sem a confiança e o incentivo de vocês, isto aqui não seria possível.

Pela concessão de bolsa regular de mestrado, que possibilitou a execução deste projeto, agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Resumo

TEODORO-TORRES, J. A. **Atitudes, representações e produção de *code-switching*: o contato entre português e espanhol em empresas de São Paulo**. 197f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

Esta pesquisa apresenta análises sobre atitudes e representações linguísticas (PETITJEAN, 2009; JACUMASSO, 2018); produção de *code-switching* (POPLACK, 1980; 1981), como em “*é que isso YO SÉ POR MIS AMIGOS BOLIVIANOS*”; e autodeclaração de uso linguístico em ambientes empresariais (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b). O objetivo central é examinar o contato entre o português e o espanhol no cotidiano de imigrantes hispano-americanos trabalhadores de empresas estabelecidas em São Paulo e fornecer algumas evidências sobre as atitudes e representações em direção ao *code-switching*. Para tanto, a discussão proposta neste trabalho nasce das línguas em contato, passa pelo bilinguismo e chega ao *code-switching*, com o desejo de analisar as funções sociopragmáticas desse mecanismo e as atitudes e representações favoráveis ou desfavoráveis que seu uso fomenta. A condução de análises qualitativas e quantitativas sobre uma amostra de 67 questionários e 11 entrevistas sociolinguísticas ocupa-se de três cenários específicos: (i) hispanofalantes comunicando-se em português; (ii) *code-switching* na direção do espanhol para o português produzido por hispanofalantes e/ou brasileiros; e (iii) *code-switching* na direção do português para o espanhol produzido por hispanofalantes e/ou brasileiros. Os resultados dessas análises evidenciam o movimento dos informantes na atribuição de representações e atitudes mais positivas conforme avançam os cenários, isto é, quanto mais *favorável* ao espanhol é o contexto, mais positivamente os informantes se posicionam. As declarações associadas aos usos do português dentre hispanofalantes, quando não há a presença de brasileiros, se revelam carregadas de valores desfavoráveis, o que, pela análise das respostas dos informantes, indica ser resultado de uma intrínseca relação com afirmações de identidades marcadas pela língua espanhola. O panorama sobre os usos do *code-switching* na comunidade observada evidencia o favorecimento do português em espaços públicos e com interlocutores diversos, enquanto mantém o espanhol exclusivo às situações e interlocutores familiares ou de confiança.

Palavras-chave: Línguas em contato. *Code-switching*. Atitudes e representações. Bilinguismo. Língua portuguesa. Língua espanhola.

Abstract

TEODORO-TORRES, J. A. **Attitudes, representations and code-switching production: the contact between Portuguese and Spanish in companies in São Paulo**. 197f. Thesis (Master) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

This research presents analyses on linguistic attitudes and representations (PETITJEAN, 2009; JACUMASSO, 2018); production of code-switching (POPLACK, 1980; 1981), as in “*é que isso* YO SÉ POR MIS AMIGOS BOLIVIANOS”; and self-reported linguistic use in business environments (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b). The main objective is to examine the contact between Portuguese and Spanish in the daily life of Hispanic-American immigrants who work for companies established in São Paulo and provide some evidence about the attitudes and representations towards code-switching. Thus, the discussion proposed in this work starts with languages in contact, goes through bilingualism and reaches code-switching, with the aim of analyzing the sociopragmatic functions of this mechanism and the favorable or unfavorable attitudes and representations fostered by its use. The conduction of qualitative and quantitative analysis on a sample of 67 questionnaires and 11 sociolinguistic interviews deals with three specific scenarios: (i) Spanish speakers communicating in Portuguese; (ii) code-switching from Spanish to Portuguese produced by Spanish speakers and/or Brazilians; and (iii) code-switching from Portuguese to Spanish produced by Spanish speakers and/or Brazilians. The results of these analyses show the tendency of informants in attributing more positive representations and attitudes as the scenarios progress, that is, the more favorable the context to Spanish, the more positively the informants position themselves. The statements associated with the uses of Portuguese among Spanish speakers, when there is no Brazilian presence, unveil to be loaded with unfavorable values, which, based on the analysis of the respondents' responses, indicates that they are the result of an intrinsic relationship with identity statements marked by the Spanish language. The panorama of the uses of code-switching in the observed community shows the favoring of Portuguese in public spaces and with different interlocutors, while keeping Spanish exclusive to familiar situations and familiar or trusted interlocutors.

Keywords: Languages in contact. Code-switching. Attitudes and representations. Bilingualism. Portuguese language. Spanish language.

Resumen

TEODORO-TORRES, J. A. **Actitudes, representaciones y producción de cambio de código: el contacto entre el portugués y el español en empresas de São Paulo**. 197f. Tesis (Magíster) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

Esta investigación presenta análisis sobre actitudes y representaciones lingüísticas (PETITJEAN, 2009; JACUMASSO, 2018); producción de *code-switching* (POPLACK, 1980; 1981), como en “*é que isso* YO SÉ POR MIS AMIGOS BOLIVIANOS”; y autodeclaración de uso lingüístico en ambientes empresariales (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b). El objetivo principal es examinar el contacto entre el portugués y el español en la vida cotidiana de los inmigrantes hispanoamericanos que trabajan para empresas establecidas en São Paulo y aportar algunas evidencias sobre las actitudes y representaciones hacia el *code-switching* (cambio de código). Así, la discusión propuesta en este trabajo nace de las lenguas en contacto, pasa por el bilingüismo y llega al cambio de código, con el deseo de analizar las funciones sociopragmáticas de este mecanismo y las actitudes y representaciones favorables o desfavorables que su uso fomenta. La realización de análisis cualitativos y cuantitativos sobre una muestra de 67 cuestionarios y 11 entrevistas sociolingüísticas aborda tres escenarios específicos: (i) hispanohablantes que se comunican en portugués; (ii) cambio de código del español al portugués producido por hispanohablantes y/o brasileños; y (iii) cambio de código del portugués al español producido por hispanohablantes y/o brasileños. Los resultados de estos análisis muestran el movimiento de los informantes en atribuir representaciones y actitudes más positivas a medida que avanzan los escenarios, es decir, cuanto más favorable es el contexto al español, más positivamente se posicionan los informantes. Los enunciados asociados a los usos del portugués entre hispanohablantes, cuando no hay brasileños presentes, se revelan cargados de valores desfavorables, lo que, a partir del análisis de las respuestas de los encuestados, indica que son el resultado de una relación intrínseca con las declaraciones de identidad marcadas por la lengua española. El panorama de los usos del cambio de código en la comunidad observada muestra el favorecimiento del portugués en los espacios públicos y con diferentes interlocutores, manteniendo el español exclusivo para situaciones e interlocutores familiares o de confianza.

Palabras clave: Lenguas en contacto. Cambio de código. Actitudes y representaciones. Bilingüismo. Lengua portuguesa. Lengua española.

Lista de Figuras

Figura 2.1 - Distribuição geográfica da origem dos participantes do questionário.....	68
Figura 3.1 - Nuvem de palavras-chave das respostas para a pergunta: “Como e onde você aprendeu português?”	81
Figura 3.2 - Línguas faladas pelos informantes além do espanhol e do português	83
Figura 3.3 - Línguas utilizadas pelos informantes em interações com interlocutores específicos.....	85
Figura 3.4 - Frequência com que os informantes encontram seus amigos hispanofalantes no Brasil.....	87
Figura 3.5 - Lugares onde os informantes utilizam a língua espanhola	88
Figura 3.6 - Lugares onde os informantes utilizam a língua portuguesa.....	89
Figura 3.7 - Atividades relacionadas com o país de origem e com a língua espanhola que os informantes afirmaram realizar.....	90
Figura 3.8 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”, de acordo o gênero dos informantes	103
Figura 3.9 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas referentes a hispanofalantes comunicando-se em português.....	107
Figura 3.10 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”, de acordo o gênero dos informantes	121
Figura 3.11 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas ao CS na direção do espanhol para o português	122
Figura 3.12 - Relação entre bilinguismo e diglossia	133
Figura 3.13 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”, de acordo o gênero dos informantes	140
Figura 3.14 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas ao CS na direção do português para o espanhol	142
Figura 3.15 - Orientação das perguntas em uma escala de representações mais negativas a mais positivas de acordo com o conjunto de respostas.....	147

Lista de Quadros

Quadro 1.1 - Definições de bilinguismo por diferentes autores	30
Quadro 2.1 - Estratificação social dos informantes do questionário em Sexo/Gênero, Faixa Etária e País de Origem.....	69
Quadro 2.2 - Estratificação social dos informantes das entrevistas em Sexo/Gênero, Faixa Etária e País de Origem.....	71
Quadro 2.3 - Estratificação dos informantes de acordo com a etapa de entrevistas de que participaram e sua ciência sobre a possibilidade de respostas em espanhol	73
Quadro 3.1 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”	144
Quadro 3.2 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”	145
Quadro 3.3 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”	146

Lista de Tabelas

Tabela 2.1 - Número de autorizações de trabalho concedidas no Brasil entre 2011 e 2018, segundo idade	66
Tabela 3.1 - Tempo de residência em anos dos informantes no Brasil	77
Tabela 3.2 - Distribuição dos informantes de acordo com a profissão que desempenham	79
Tabela 3.3 - Distribuição dos informantes de acordo com sua autodeclaração de competência em português.....	80
Tabela 3.4 - Distribuição dos informantes de acordo com o modo de instrução em português	82
Tabela 3.5 - Distribuição dos informantes de acordo com sua resposta à pergunta “Você fala alguma língua além de espanhol e português?”	83
Tabela 3.6 - Resultados do Modelo de Regressão sobre as respostas referentes a hispanofalantes comunicando-se em português, com a inclusão das variáveis gênero, origem, faixa etária, e modo de instrução em português	105
Tabela 4.1 - Instâncias de code-switching no interior da sentença por tipo, constituinte e língua base e encaixada	151

Sumário

Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Abstract.....	ix
Resumen	x
Lista de Figuras	xi
Lista de Quadros	xii
Lista de Tabelas	xiii
 Introdução.....	 17
1. Fundamentação Teórica	23
1.1 Línguas em contato	23
1.2 Bilinguismo e multilinguismo	28
1.2.1 <i>Bilinguismo, comunidades migrantes e identidades.....</i>	<i>31</i>
1.2.2 <i>Empréstimo e interferência do substrato.....</i>	<i>36</i>
1.3 O <i>code-switching</i>	37
1.3.1 <i>Code-switching: abordagens sociopragmáticas</i>	<i>40</i>
1.3.2 <i>Code-switching: abordagens gramaticais.....</i>	<i>41</i>
1.4 Atitudes e representações linguísticas	45
1.4.1 <i>Atitudes sobre o code-switching.....</i>	<i>48</i>
1.4.2 <i>Atitudes no contato entre português e espanhol.....</i>	<i>53</i>
2. Materiais e métodos	61
2.1 Procedimentos iniciais e mapeamentos	61
2.2 Questionário.....	63
2.2.1 <i>Perfil sociobiográfico dos participantes</i>	<i>66</i>
2.3 Entrevistas.....	70

2.3.1	<i>Transcrições e armazenamento</i>	74
3.	Uma lupa sobre o questionário	76
3.1	Quem são os informantes desta investigação?	76
3.1.1	<i>Tempo de residência</i>	77
3.1.2	<i>Ocupação</i>	78
3.1.3	<i>Autodeclaração de competência em português e em outras línguas</i>	80
3.1.4	<i>Preferências linguísticas</i>	84
3.1.5	<i>Hábitos</i>	89
3.2	“Quando você está com outros hispano falantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”	91
3.2.1	<i>Análises Quantitativas</i>	102
3.3	“Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”	108
3.3.1	<i>Análises Quantitativas</i>	120
3.4	“E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”	123
3.4.1	<i>Análises Quantitativas</i>	139
3.5	Conclusões preliminares	143
4.	As entrevistas sociolinguísticas	149
4.1	A produção de <i>code-switching</i>	149
4.1.1	<i>Tag-switching</i>	152
4.1.2	<i>Code-switching intrasentencial</i>	157
4.1.3	<i>Code-switching intersentencial</i>	160
4.1.4	<i>Interações com perfis sociobiográficos</i>	163
4.2	Autodeclaração de uso linguístico no ambiente de trabalho	164
4.3	Conclusões Preliminares	172
	Conclusão	174

Referências Bibliográficas	177
Anexos.....	187
ANEXO A – Questionário online.....	187
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	191
ANEXO C – Roteiro de entrevista	193
ANEXO D – Modelos de regressão	195
ANEXO E – Exemplos de CS de acordo com os constituintes da sentença	196
ANEXO F – Transcrições das entrevistas	197

Introdução

Esta pesquisa é concebida como uma das primeiras investigações sobre o *code-switching* entre português e espanhol realizadas no Brasil. Aqui, apresentam-se análises sobre atitudes e representações linguísticas (PETITJEAN, 2009; JACUMASSO, 2018); produção de *code-switching* (POPLACK, 1980; 1981), como em “*é que isso YO SÉ POR MIS AMIGOS BOLIVIANOS*” ou “*eu CONOZCO São Roque*”¹; e autodeclaração de uso linguístico em ambientes empresariais (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b). O objetivo central é examinar o contato entre o português e o espanhol no cotidiano de imigrantes trabalhadores de empresas estabelecidas em São Paulo e fornecer algumas evidências sobre as atitudes e representações em direção ao *code-switching*.

Historicamente há um razoável número de investigações sobre contato linguístico, opondo diferentes pares de línguas. No Brasil, a área de estudos comparados entre o português brasileiro e o espanhol é profícua (CELADA, 2002; GONZÁLEZ, 2008; FANJUL; GONZÁLEZ 2014; GALLARDO, 2014; ROCHA, 2015), e diferentes autores se preocuparam em observar os caminhos pelos quais essas línguas se aproximam e se distanciam. Além disso, o contato direto entre comunidades bilíngues em ambas as línguas também já foi objeto de investigação tanto em regiões de fronteira, especialmente nas divisas do Rio Grande do Sul com o Uruguai (ELIZAINCÍN, 1975; 1992; 2004; CARVALHO, 2006; 2010; 2016) e do Mato Grosso do Sul com o Paraguai (FIAMENGUI, 2017), quanto em centros urbanos, como São Paulo (NIEHOFF, 2011; ROCHA, 2015).

Já o *code-switching*, doravante CS, compreendido como a justaposição de palavras, expressões ou sintagmas nominais e verbais correspondentes a dois ou mais sistemas gramaticais dentro de um mesmo período ou oração, deixou de ser visto como um desvio e passou a ser um objeto de estudo relevante para diferentes áreas da Linguística. Os trabalhos de Gumperz e seus associados na década de 1970 (GUMPERZ; HERNANDEZ-CHÁVEZ, 1970; BLOM; GUMPERZ, 1972) impulsionaram os estudos sobre esse mecanismo, que se popularizou nos anos 1980 com as contribuições de Poplack (1980, 1981), Grosjean (1982), Heller (1988) e outros autores. No entanto, mesmo após décadas de estudos, o CS ainda parece ser um desafio teórico, principalmente quanto à compreensão de seu funcionamento estrutural. Autoras como Poplack (1980) e Myers-Scotton (1993) se preocuparam em oferecer propostas

¹ Os exemplos de *code-switching* apresentados são parte do corpus coletado para esta pesquisa e formam parte das entrevistas dos informantes RobertoG e LauraD, respectivamente.

de restrições para a organização do CS dentro do discurso, porém, nos anos que seguiram essas publicações, em especial a partir dos anos 2000, o que se viu foi um distanciamento das discussões sobre restrições amplas e uma dedicação maior aos estudos sobre questões funcionais e pragmáticas em comunidades específicas (OTHEGUY; ZENTELLA, 2012; LICERAS et al, 2016) ou trabalhos com manuais e revisões bibliográficas sobre essa ferramenta (OLIVEIRA, 2006; GARDNER-CHLOROS, 2009).

Os trabalhos desenvolvidos sob as diferentes perspectivas acerca do CS propõem discussões importantes para a compreensão das especificidades desse mecanismo, especialmente nos contatos entre comunidades migrantes e/ou minorizadas de uma sociedade, e versando línguas que, por vezes, possuem menores capitais simbólicos (BOURDIEU, 1991) dentro dessas comunidades. Dada essa perspectiva, na presente investigação, a observação das relações entre duas línguas tão próximas (CELADA, 2002) e da migração sul-sul² (TAPIA, 2014) se preocupa em examinar uma área diferente daquelas já exploradas em investigações prévias. O que se propõe aqui, instigada pelos trabalhos elencados, é a observação de um conjunto de variáveis (espaço e línguas) possivelmente ainda não agrupadas desta maneira. Isto é, um espaço não canônico europeu, norte-americano ou fronteiro (a cidade São Paulo), com um par de línguas que não inclui o inglês ou o francês (português e espanhol) e em um ambiente que ainda oferece algumas barreiras para a entrada de investigadores (o meio empresarial).

O estabelecimento desta pesquisa em São Paulo, por sua vez, dialoga com os números da imigração no Brasil. Dados do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) revelam que o estado de São Paulo registrou, entre 2011 e 2018, 41,2% do total de entradas de imigrantes de todo o país, seguido de longe pelo estado do Rio de Janeiro, com 9,4% (OLIVEIRA, 2019). As influências e os impactos das migrações na cidade de São Paulo são discutidos por diferentes áreas do conhecimento e, nas ciências humanas, Almeida e Baeninger (2013) chamam a atenção para os trabalhos em antropologia, demografia, economia, história, direito, ciência política e sociologia.

No entanto, além do impacto nessas áreas, as migrações têm efeitos sobre o panorama linguístico de países, cidades e regiões, e a Linguística, no que lhe toca, também se debruçou recorrentemente sobre questões que discutem as interfaces entre língua e migração (PENA, 2004; GARDNER-CHLOROS et al., 2005; NIEHOFF, 2011; ROCHA, 2015). Neste trabalho

² O conceito “migração sul-sul” refere-se ao movimento migratório de pessoas nascidas em países do hemisfério sul em direção a outros países também localizados abaixo da linha do Equador. Tapia (2014) opõe a migração sul-sul à migração sul-norte, que ocorre quando pessoas de países da América do Sul, África e sudeste asiático migram em direção à América do Norte, Europa e Japão.

o cenário não é diferente: tomado o contexto das migrações internacionais atuais em uma megacidade como São Paulo, busca-se aqui verificar situações de contato linguístico em um espaço não canônico, como as empresas multinacionais.

Quando discute os impactos da imigração, Baeninger (2013, p.9) afirma que “as migrações internacionais no século 21 adquirem, cada vez mais, um papel importante no cotidiano social, nos mercados de trabalho, nas sociedades de chegada e de partida, [e] nos fluxos financeiros”. O que pontua a autora dialoga com as facetas das migrações contemporâneas que, mais do que em qualquer outro período da história, se atrelam às estratégias de internacionalização de empresas e aos processos de expatriação de funcionários (VANCE; PAIK, 2015). Não é possível, portanto, observar os fluxos migratórios do Brasil atual e ignorar o aumento do número de entradas de trabalhadores qualificados, dirigentes, gerentes de empresas e trabalhadores de serviços administrativos, produção de bens e serviços industriais (DIEME; MACÊDO; QUINTINO; CAVALCANTI; SIMÕES, 2019).

Nas entrevistas sociolinguísticas que compõem o corpus aqui analisado, é comum a declaração dos informantes sobre a influência do mercado de trabalho e das oportunidades laborais em sua decisão pela vinda para São Paulo, conforme exemplificam os trechos (1) a (5):

- (1) I1: *os escritórios das maiores empresas de tecnologia ficam aqui no Brasil, em São Paulo... Facebook, Google, Twitter, Amazon e essas empresas vêm primeiro para São Paulo antes de ir para qualquer outra cidade da América Latina... então, isso me chamou muito a atenção naquela época... e esse acabou sendo o motivo pelo qual eu acabei vindo para São Paulo* (AndrésA-M2Co5)
- (2) D1: *e por que que você escolheu São Paulo? ou o Brasil?*
 I1: *na verdade, não foi escolha minha, eu trabalhava na Fiat na Argentina e eles me fizeram uma proposta, foi uma promoção dentro do grupo, eu sai da Fiat e fui para outra empresa que faz parte, é... e foi uma promoção, porque eu cuidava de uma área um pouco mais pequena e agora viro responsável da área de compras da rede regional, então cuido, por ora, cuido do Brasil e cuido da Argentina, foi uma proposta que me fizeram e... e eu aceitei por isso* (CarlosO-M3Ar3)
- (3) D1: *e por que você escolheu morar em São Paulo?*
 I1: *eu não escolhi*
 D1: *você não escolheu?*

I1: *não... é... assim, foi uma oportunidade de trabalho, eu tô trabalhando aqui na mesma empresa que eu trabalhava lá na Argentina (...) eu queria muito sair, mudar, trocar meu emprego lá, mas a Argentina, bom, não ajuda muito, né, e assim, teve uma oportunidade pra vir pra São Paulo... eu falei, 'olha, eu quero mudar, isso aqui é mudança, vamos lá'... e aí, vim e acabei ficando, mas não era o que eu... não foi um plano meu... foi uma oportunidade que veio e eu peguei* (GabrielaS-F2Ar3)

- (4) I1: *fui eu na verdade que pedi, na verdade, ser repatriada, é... pra o Brasil, já trabalhando na mesma companhia na Argentina, que é uma companhia multinacional, mas meu foco foi sempre tentar sair da Argentina e ir mais pro Brasil, que tentar ir é... pra outro país mais longe, tipo EUA, Austrália e tal* (MarinaG-F2Ar1)
- (5) I1: *trabajé en una empresa en Argentina que... es multinacional y bueno, había una posición aquí en São Paulo y me interesó y la conseguí principalmente por el hecho de que hablo varios idiomas, hablo español nativo, portugués y también inglés*³ (PedroG-M3Ar6)

A expatriação de funcionários, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma estratégia de competitividade global das empresas, não deixa de ser um processo complexo e custoso (AMEIXINHA, 2017). Já desde a perspectiva linguística, essa movimentação internacional, motivada ou voluntária, parece ser acompanhada de um processo de criação e desenvolvimento de espaços laborais bilíngues ou multilíngues. Os trabalhadores que chegam ao Brasil exclusivamente motivados pela função laboral interagem em seu dia a dia com colegas brasileiros, mas, possivelmente, também com outros imigrantes e/ou utilizando línguas diferentes do português.

É por esse cenário de contato entre línguas promovido pelos espaços laborais e pelas relações entre colegas e clientes, portanto, que essa pesquisa se interessa; em especial, pelas interações entre português e espanhol. Ao observar os números de registros de chegada imigrantes de 2010 a 2019 no Brasil, dentre os 10 principais países de origem, 7 são da América Latina e cuja língua nacional é o espanhol (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACÊDO, 2020). Esse dado impulsiona ainda mais o interesse na comunidade hispanofalante de São Paulo.

No que se refere ao desenvolvimento teórico-metodológico da pesquisa, a discussão aqui proposta nasce das línguas em contato, passa pelo bilinguismo e chega ao *code-switching*,

³ Tradução própria: “Trabalhei em uma empresa na Argentina que é uma multinacional e bom, tinha um cargo aqui em São Paulo que me interessou e eu consegui principalmente pelo fato de falar vários idiomas, falo espanhol nativo, português e também inglês”.

com o desejo de analisar as funções sociopragmáticas desse mecanismo e as atitudes e representações favoráveis ou desfavoráveis que fomenta. A coleta de dados, por sua vez, combina procedimentos da Sociolinguística interacional e da Sociolinguística variacionista. Com a aplicação de um questionário e a condução de entrevistas sociolinguísticas, a coleta se divide em duas frentes. A primeira visa delimitar as características sociobiográficas dos participantes e mapear suas atitudes linguísticas; enquanto a segunda tem o objetivo de reunir tanto amostras de falas nas quais a alternância entre as línguas esteja presente, quanto representações sobre o panorama linguístico dos ambientes de trabalho. Isso posto, a presente pesquisa se concentra, mais especificamente, nas respostas das seguintes questões:

- (a) Quais são as atitudes e representações apresentadas frente ao CS entre português e espanhol?
- (b) Existe alguma correlação entre as variáveis sociobiográficas (sexo, faixa-etária, país de origem, tempo de residência no Brasil) e o modo como os participantes se posicionam frente ao *code-switching*?
- (c) O que a produção observada e autodeclarada de *code-switching* revela sobre os contextos gramaticais e socioculturais em que ocorre o CS em empresas multinacionais estabelecidas em São Paulo?

O primeiro capítulo, Fundamentação Teórica, busca discutir as principais teorias e propostas de análises fundamentais para a compreensão do objeto de estudo proposto aqui. Enquanto a seção 1.1 oferece um panorama das possíveis áreas de investigação sobre o contato linguístico, a segunda seção apresenta as múltiplas interpretações para o bilinguismo, sua atuação em comunidades migrantes e sua relação com as afirmações de identidade. Na seção 1.3, a discussão está centrada no percurso do *code-switching* nos estudos linguísticos, desde as abordagens sociopragmáticas até as gramaticais. Finalizando o capítulo, a seção 1.4 revisa alguns trabalhos sobre atitudes e representações linguísticas, pautando tanto o CS quanto o contato entre o português e o espanhol no Brasil.

Já o capítulo 2, Materiais e Métodos, apresenta a descrição dos instrumentos e dos procedimentos adotados para a realização deste estudo. Ali, estão descritos a coleta e a organização do corpus de 67 questionários e 11 entrevistas; os perfis sociobiográficos dos informantes; as variáveis sociais e os métodos de tratamento e análise dos dados.

O capítulo 3 apresenta os resultados das análises realizadas sobre as respostas dos questionários online. Inicialmente, demonstra-se um pequeno panorama de quem são os imigrantes hispano-americanos que trabalham em empresas de São Paulo, segundo seu tempo de residência, ocupação, competência em português e preferências e hábitos linguísticos.

Posteriormente, acompanham-se as análises das respostas às perguntas que investigam as declarações de atitudes que, em suma, visam evidenciar como os informantes recebem a alternância entre espanhol e português em seu dia a dia, no contato com brasileiros e/ou hispanofalantes.

No capítulo 4, examina-se a produção observada e autodeclarada de CS. Os dados de alternância entre português e espanhol coletados nas entrevistas sociolinguísticas são analisados e discutidos, sobretudo, desde a perspectiva sociopragmática. Além disso, são apresentadas ainda algumas características gramaticais das instâncias de CS aqui coletadas. Já os relatos de autodeclaração de CS no cotidiano laboral oferecem indícios sobre as relações bilíngues e/ou multilíngues promovidas por empresas multinacionais.

As conclusões deste trabalho, apresentadas no último capítulo, sintetizam que as atitudes e representações associadas aos usos do CS atravessam a defesa de identidades marcadas, recorrentemente, pelo uso da língua espanhola e compartilhadas por falantes hispânicos de diferentes nacionalidades. Já as interações entre os índices de atitudes e níveis de produção com os perfis sociobiográficos (sexo, idade e país de origem) dos informantes não se revelam significativas. Depreende-se que a produção de CS é uma realidade dentro e fora dos espaços laborais, motivadas por comportamentos individuais ou funções laborais e que informantes que trabalham em companhias mais multiétnicas e multilíngues têm mais oportunidades de produzir alternância em seu cotidiano.

1. Fundamentação Teórica

Os estudos do contato entre línguas se constroem a partir das diversas e complexas relações cotidianas entre falantes que utilizam mais de uma língua ou variedades linguísticas nos espaços em que transitam. A complexidade dessas relações, no entanto, abre portas para uma variedade de cenários exclusivos do contato, como o *code-switching*. Neste capítulo apresentam-se alguns conceitos e discussões essenciais para a análise deste mecanismo no contato entre português e espanhol na cidade de São Paulo. São eles: (a) delimitações teóricas sobre o bilinguismo; (b) identificação do *code-switching* e de suas relações com identidades; e (c) discussões sobre atitudes e representações linguísticas.

1.1 Línguas em contato

O desenvolvimento da literatura sobre línguas em contato nas últimas décadas está, sem dúvidas, atrelado aos trabalhos de Weinreich (1968 [1953]) e Thomason e Kaufman (1988), vistos por muitos como os precursores desta área de pesquisa (HICKEY, 2010). Um dos principais interesses da Sociolinguística, desde sua fundação, era entender as comunidades de fala caracterizadas pelo contato linguístico (WEINREICH, 1968 [1953]) e, longe de ser resultado de uma iniciativa individual, Sankoff (2013) aponta que diversos trabalhos já reconheceram que o contato entre línguas é um produto histórico de diferentes forças sociais. Como parte da vida cotidiana de centenas de milhões de pessoas, o contato resulta das relações intergrupais de pequena, média ou longa duração, da imigração ou do domínio político, historicamente causado pelo colonialismo, por guerras e pela escravidão (SANKOFF, 2013). Porém, mais do que apenas em situações de grandes dimensões, o contato entre línguas não deixa de ser, como afirma Thomason (2001), uma mera justaposição de dois falantes de línguas diferentes, ou dois textos em diferentes línguas. Assim, como produto de inúmeras situações (in)evitáveis, os objetos de pesquisa na área do contato nascem e se renovam a cada momento e, em alguns casos, o modo como isso afeta os falantes parece passar despercebido por entre eles (MYERS-SCOTTON, 2002).

O estímulo dado pela publicação de Thomason e Kaufman (1988) é evidente explícita ou implicitamente em diversas publicações posteriores, até mesmo hoje, trinta anos depois. Isto,

porque a discussão apresentada pelos autores – propondo que é a história sociolinguística dos falantes, e não a estrutura das línguas, o principal determinante de resultados linguísticos em situações de contato – oferece uma proposta de compreensão diferente do que se tinha visto até então em discussões relativas ao contato (JAKOBSON, 1955; WEINREICH, 1968 [1953]; WELMERS, 1970). Enquanto Welmers (1970) acreditava que as influências externas eram insignificantes quando comparadas às mudanças internas e afirmava que tudo o que se sabe sobre linguística histórica e mudança demanda informações presentes nas bases de processos de mudanças internas, Thomason e Kaufman (1988) são os primeiros a levantar a questão de que ambas as influências (externas e internas) são relevantes no processo de contato entre línguas. Porém, buscam ressaltar que são as influências externas que determinam o tipo de mudança com maiores chances de acontecer.

Quando se entende que o contato entre línguas acontece com a tão simples interação de duas pessoas falantes de idiomas diferentes, a primeira conclusão a que se chega sobre este assunto é que o contato é tão antigo quanto a própria linguagem humana ou, pelo menos, existe desde que os primeiros seres humanos falaram mais de uma língua. Mesmo com a expansão humana através de continentes inabitados há mais de 100 mil anos, Thomason (2001) afirma que nem todas as línguas foram faladas isoladamente por muito tempo, isto é,

à medida que grupos de pessoas se espalharam por novas regiões, alguns deles também mantiveram contatos com outros grupos para fins de comércio e procura de cônjuges – como se sabe que grupos modernos fizeram muito antes da influência de exploradores e colonizadores europeus e árabes.⁴ (THOMASON, 2001, p. 6)

Em pesquisas arqueológicas, é possível encontrar famosos registros de contato entre línguas como a *Rosetta Stone*, um fragmento rochoso de granodiorito encontrado no delta do rio Nilo em 1799 (THE BRITISH MUSEUM, 2017) com inscrições datadas de 196 a.C de um mesmo texto em três versões: hieróglifos egípcios, símbolos egípcios cursivos (*demotic*) e grego (THOMASON, 2001). Outro exemplo é a inscrição de *Behistun*, uma declaração atribuída a Dario I da Pérsia (550 a.C – 486 a.C) grafada em três escritas cuneiformes diferentes: persa antigo, elamita e acadiano (THOMASON, 2001). Para além desses, a arqueologia pode oferecer outros exemplos de textos grafados em diferentes línguas ou utilizando diferentes alfabetos, o que corrobora a antiguidade dos contatos linguísticos na história da humanidade.

⁴ Tradução própria. Texto original: “as groups of people spread out into new regions, some of them also maintained contacts with other groups for purposes of trade and finding spouses - as modern groups are known to have done long before coming under the influence of European and Arab explorers and colonizers”.

Se em relatos históricos não existem evidências que comprovem que qualquer língua esteve totalmente isolada de outras línguas (THOMASON, 2001), é razoável concluir que o contato linguístico está presente em todo o globo terrestre, mesmo nas mais remotas penínsulas e montanhas. No entanto, é evidente que esse contato entre línguas é mais intenso em alguns lugares do mundo do que em outros. Como as sociedades contemporâneas permitem que as pessoas tenham acesso à informação sem que saiam de suas casas, talvez mais do que nunca é notório um tremendo número de pessoas ouvindo, lendo ou se aproximando de outras línguas. Isto não significa, porém, que comunidades indígenas aparentemente isoladas da Amazônia, por exemplo, não tenham tido ou estejam, atualmente, em contato com outras línguas. Sobre isso, Thomason (2001) é categórica ao afirmar que existem informações mais do que suficientes para mostrar que contatos extensos e intrincados, com efeitos sociais, políticos e linguísticos de longo alcance, são uma característica constante da condição humana, não um fenômeno limitado a sociedades grandes, recentes ou tecnologicamente avançadas.

As situações de contato duradouro, seguramente, têm implicações sobre as línguas e as pessoas presentes nesses contextos, e a linguística em diversos momentos lançou olhares para o contato e para os resultados provenientes dessas interações. A importância das publicações de Weinreich (1968 [1953]) e Thomason e Kaufman (1988) recai no modo como esses autores se propuseram a olhar o contato, em trabalhos detalhadamente densos. O primeiro sugeriu que uma comunidade linguística nunca é homogênea e se dedicou a três objetivos: (a) aproximar-se do ângulo de visão da comunidade em vez de o do indivíduo; (b) encontrar os resultados provenientes do contato; (c) e elucidar a estrutura social da diversidade interna da comunidade de fala (SANKOFF, 2013). Thomason e Kaufman (1988), por sua vez, propuseram o objetivo pioneiro de traçar linhas que pudessem prever possíveis mudanças e resultados das situações de contato. Essas propostas se distanciaram quilometricamente de afirmações até então tradicionais como a de Jakobson (1962 apud THOMASON; KAUFMAN, 1988, p.17), que propunha que uma língua só aceitava elementos que correspondessem às suas próprias tendências de desenvolvimento interno. Neste sentido, tanto no trabalho descritivo, quanto na busca pela previsão, Weinreich (1968 [1953]) e Thomason e Kaufman (1988) se consolidaram como essenciais para os estudos posteriores na área de contato.

O resultado disso aparece entre os anos 1970 e 2000, período em que se vê uma onda de livros e manuais denominados “Línguas em Contato” (FISHMAN, 1971; JAHR, 1992; SEBBA, 1997; THOMASON, 2001; APEL & MUYSKEN, 2005; MATRAS, 2009; HICKEY, 2010) que logo em suas primeiras páginas fazem referência aos trabalhos de Weinreich (1968 [1953]) e/ou Thomason e Kaufman (1988). Os mais de trinta anos que separam uma obra da

outra não deixam de ser fundamentais na construção dos argumentos de Thomason e Kaufman (1988), visivelmente bebidos da fonte de Weinreich (1968 [1953]), uma obra que eles consideram impressionante, apesar de não oferecer qualquer meio de previsão quanto às mudanças linguísticas provenientes do contato. Entretanto é a maturidade adquirida nesses mesmos trinta anos de pesquisa em Sociolinguística que separam uma obra da outra, que dão margem à concepção da principal questão presente na leitura de Thomason e Kaufman (1988): a importância dos fatores não linguísticos nas situações de contato. Esse argumento, por sua vez, é o que permitirá que estudos posteriores deem uma guinada para outra via. Ravindranath (2015) corrobora a relevância do dito por Thomason e Kaufman (1988) ao entender os fatores sociais como necessários para uma melhor condução de pesquisas e hipóteses sobre o contato linguístico, devido à possibilidade de comparação e diálogo com outros trabalhos realizados em contextos sócio-históricos similares.

O que é o contato entre línguas? Há quanto tempo existe? Onde está presente? São perguntas cujas respostas têm sido discutidas até o presente momento, porém antes de esboçar qualquer conclusão sobre o tema é necessário a abordagem de duas outras questões: o que acontece com as línguas que estão em contato? E com as pessoas? O contato entre línguas, na maioria das vezes, envolve interações cara-a-cara de grupos nos quais pelo menos uma pessoa fala mais de uma língua. Geralmente essas pessoas são vizinhas, como na Bolívia, onde mais de 30 línguas são reconhecidas como oficiais, ou nas cidades paraguaias e brasileiras separadas por pontes (*Ciudad del Este* e Foz do Iguaçu) ou avenidas (*Pedro Juan Caballero* e Ponta Porã). Os grupos que habitam essas regiões podem conviver em condições amigáveis e compartilhar recursos e conhecimentos ou podem ser hostis uns com os outros. Como resultado das diferentes atitudes frente ao contato, um grupo pode rejeitar totalmente a língua do outro ou dar espaço para um mútuo bilinguismo.

Para Thomason (2001), o contato entre línguas não requer bilinguismo ou multilinguismo fluente, mas é necessária alguma comunicação entre os falantes dos diferentes idiomas. Um exemplo citado pela autora é o de dois grupos de viajantes que dividem uma cozinha de um hostel por duas ou três horas. Em algum momento eles certamente tentarão dizer algumas coisas um para o outro e, nesse momento, seus esforços chamarão a atenção de qualquer pessoa interessada no contato entre línguas. Outros autores, no entanto, serão mais rigorosos, como Appel e Myusken (2005, p. 2) ao afirmarem que toda situação de contato “inevitavelmente leva ao bilinguismo”, seja social ou individual. Ou ainda Weinreich (1968 [1953]), para quem o contato linguístico começa no indivíduo bilíngue. É possível afirmar, portanto, que o resultado pessoal e/ou comunitário gerado pelas situações de contato é a

aprendizagem em diferentes níveis de uma língua segunda e, em muitos casos, o bilinguismo é o principal produto dessas interações, porém ainda não existe consenso entre os diferentes pesquisadores sobre o que exatamente está compreendido sob o guarda-chuva desse termo.

Já quanto ao que pode acontecer com as línguas que entram em contato, Thomason e Kaufman (1988) elegem dois mecanismos que figuram em quase todas as interações: o empréstimo e a influência do substrato. A definição desses conceitos está presente em basicamente toda a revisão ou introdução aos estudos de línguas em contato, e em breves definições esses autores veem o empréstimo como a “incorporação de elementos estrangeiros na língua nativa do falante” (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 37) e a interferência do substrato⁵ como um “tipo de interferência que resulta da aprendizagem imperfeita de um grupo durante a substituição linguística⁶” (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 38). Além do empréstimo e da influência do substrato, é possível que haja também situações de *code-switching*, *code-mixing*⁷, ou ainda surjam línguas completamente novas que não estão relacionadas sob o modelo de ‘árvore genealógica’ (SEBBA, 1997), o que é o caso dos pidgins e crioulos⁸, objetos de uma vasta literatura nos últimos trinta anos.

Nas próximas seções será apresentada uma revisão bibliográfica sobre o bilinguismo e seus impactos nas línguas e nas comunidades migrantes. Além disso, há um espaço dedicado exclusivamente para a reflexão sobre o percurso da literatura de *code-switching*, desde as primeiras observações e reflexões até as discussões mais recentes.

⁵ Em uma situação de contato entre línguas, chama-se substrato a língua materna ou a L1 do falante que aprende uma segunda língua.

⁶ Segundo Thomason e Kaufman (1988), algumas situações de contato entre línguas podem promover a mudança linguística dos falantes. Isto é, em situações de contato duradouro, uma das línguas pode assumir maior prestígio na sociedade, de modo que, gradualmente, os falantes das outras línguas estarão inclinados a aprender e usar essa língua de prestígio, até o momento em que já não utilizarão a sua L1 ou língua materna.

⁷ Os termos *code-switching* e *code-mixing* acompanham a literatura de línguas em contato há muito tempo e estão relacionados, geralmente, com a utilização de mais de uma língua em uma mesma sentença ou em um mesmo enunciado. Segundo Oliveira (2006), em diferentes trabalhos esses termos aparecem como sinônimos e quando alguns autores buscam a separação entre um termo e outro, reservam “o termo *code-mixing* para a mistura de códigos dentro de um mesmo enunciado, considerando *code-switching* somente a alternância entre códigos além dos limites da sentença” (p.37). Neste trabalho, a terminologia *code-switching* será utilizada em ambas as situações, porém com a adição dos adjetivos intrasentencial e intersentencial para a separação das situações de uso. A seção 1.3 está dedicada exclusivamente à discussão do *code-switching* e das diferentes terminologias que envolvem este conceito.

⁸ Uma das principais vertentes dos estudos de línguas em contato é a crioulistica, área que estuda o surgimento e desenvolvimento de novas línguas a partir de situações de contato linguístico (HOLM, 2006). Mesmo após mais de 40 anos de pesquisa, ainda existe uma grande discussão sobre os limites e intersecções entre as acepções dos termos pidgin e crioulo e alguns autores divergem diametralmente em suas propostas para esses conceitos. No entanto, a título de exemplo, a definição clássica de pidgin se refere a línguas lexicalmente derivadas de outras línguas e “utilizadas, principalmente, como um meio de comunicação entre pessoas que não compartilham uma língua comum” (BAKKER, 1994, p.3). Enquanto isso, crioulos, tradicionalmente, são vistos como línguas pidgins nativizadas, ou seja, que possuem falantes nativos (BAKKER, 1994). Essa visão de crioulos como pidgins nativizados é bastante criticada por Mufwene (2004) em *The Ecology of Language Evolution*, um trabalho que se propõe a uma nova leitura e teoria para as línguas crioulas.

1.2 Bilinguismo e multilinguismo

Os primeiros estudos sobre bilinguismo, particularmente o de Bloomfield (1933), apenas consideravam o domínio praticamente nativo de duas línguas como um sinal de bilinguismo. Anos depois, perspectivas mais amplas se incorporaram à roda de discussão, e Haugen (1953), por exemplo, relacionou este fenômeno à prática de falantes que são fluentes em uma língua, mas que podem produzir enunciados significativos em outra. Já Weinreich (1968 [1953]) o define como o uso alternativo de duas línguas. Com mais ou menos especificidades ou exigências, o que transparece é que o bilinguismo tem sido descrito como o domínio em algum nível de conhecimento sobre mais de uma língua. Muitos autores se debruçaram sobre o estudo e uma definição de bilinguismo no último século e, hoje, existem diversos trabalhos que discutem a intersecção deste termo com diferentes áreas das ciências humanas, naturais e da vida cotidiana. Desde discussões sobre aquisição de segunda língua (BUTLER; HAKUTA, 2006), educação bilíngue (GARCÍA, 2009, GARCÍA; LI WEI, 2014), migração (DABÈNE; MOORE, 1995; ROMAINE, 2006, OTHEGUY; ZENTELLA, 2012), discurso e atuação das mídias (BHATIA; RITCHIE, 2006) até afasias e deficiências cognitivas (GARCÍA-ALCARAZ, 2018) existe um leque de questionamentos e reflexões sobre a presença, o desenvolvimento e a atuação do bilinguismo em diferentes esferas da sociedade.

Exatamente por se fazer presente em diferentes contextos e despertar o interesse de inúmeros pesquisadores não é estranho que ao longo dos anos haja surgido diferentes acepções para este conceito. Sua abrangência social exigiu, de certa maneira, que nas academias se questionasse as fronteiras de cada definição enunciada por um pesquisador. Isto é, a cada definição de bilinguismo publicada em um livro ou revista, alguém se levantava para questionar e explorar os limites que tal definição propunha, seja por ser ampla ou limitada demais. Neste sentido, hoje existe uma vasta coleção de revistas, livros e manuais que discutem o bilinguismo sob diferentes lupas e propõem discussões convergentes e divergentes.

Mesmo com tantas discussões sobre o tema e perspectivas diversas, existem questões que sempre voltam à mesa de debate, e, enquanto para alguns elas são assuntos superados, para outros são verdades supremas. Como exemplo de um desses problemas, Grosjean (2006) aponta a crença de que uma pessoa bilíngue tem ou deve ter a perfeita fluência em cada uma de suas línguas. Esta visão de um bilinguismo balanceado projeta a concepção de dois monolíngues em uma única pessoa e, apesar de ainda ser amplamente aceita, principalmente entre educadores, García (2009) afirma que há muito tempo foi reconhecido que este tipo de bilinguismo não

existe. Segundo a autora, mais do que duas pessoas em uma, cada uma fluente em uma língua, a realidade de um bilíngue é a de uma pessoa que “linguajeia”⁹ diferentemente e tem experiências diversas com cada um dos idiomas que utiliza (GARCÍA, 2009). Posto isto, ainda que a classificação de um falante como um bilíngue balanceado talvez seja a mais difundida, está longe de ser a única. Em oposição a esta, Butler e Hakuta (2006) apontam o bilinguismo dominante (não balanceado), que ocorre quando os indivíduos apresentam maior conhecimento de uma língua do que de outra.

Vaid (2002) em sua definição, propõe que falantes bilíngues são aqueles que conhecem e usam duas línguas, as quais não são necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência. Dada essa conceptualização, o bilinguismo poderia ser compreendido como a habilidade de usar duas línguas, enquanto o multilinguismo a de usar mais do que duas línguas. Para Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 5), uma definição calcada no uso, como esta, “implica uma visão dos falantes bilíngues ou multilíngues como pessoas com diferentes graus de competência nas línguas que usam, [e que] podem ter desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo”.

Seguindo com os modelos de classificação, é interessante observar também a distinção entre o bilinguismo subtrativo e o aditivo. O primeiro pode acontecer em situações em que uma criança falante de uma língua diferente da que detém prestígio em seu país começa a estudar em uma escola onde o monolinguismo é a norma. Neste caso, como comenta García (2009), a criança vai, aos poucos, abandonar sua L1 em direção à L2 imposta pela instituição e, a longo prazo ou de uma geração para outra, uma família pode ter seu bilinguismo “silenciado” (GARCÍA, 2009, p. 52). Já no que diz respeito ao bilinguismo aditivo, esta autora afirma que nos grupos de elite todo bilinguismo é aditivo. Dentre esse grupo não existiriam forças que obrigariam uma pessoa a abandonar sua primeira língua. Ou seja, a segunda língua é adicionada ao repertório do falante e ambas as línguas são preservadas.

Em paralelo às categorias subtrativa e aditiva estão as propostas por Fishman (1977): *folk bilinguals* e *elite bilinguals* (bilíngues populares e bilíngues de elite). No que propõe este autor, os *bilíngues populares* são grupos minoritários cuja língua materna não possui um alto

⁹ A noção do “linguajar” (*language*) enquanto um verbo é discutida por García (2011) em suas reflexões sobre língua e etnicidade. Segundo a autora, tratar o “linguajar” como um verbo e não como um substantivo “coloca em foco as pessoas – indivíduos ou grupos – que usam práticas discursivas e étnicas para significar o que elas querem ser” (GARCÍA, 2011, p. 519). A autora ainda complementa, afirmando que “a língua não existe apenas como uma habilidade autônoma e estável, mas que este ‘linguajar’ se refere às práticas discursivas das pessoas” (GARCÍA, 2011, p. 519).

status na sociedade linguística em que residem; enquanto isso, os *bilíngues de elite* são aqueles que falam a língua de prestígio dessa sociedade e também dominam alguma outra língua valorizada neste meio. Como exemplo, as famílias indígenas que vivem nas periferias e zona rural de Porto Velho, em Rondônia, são *bilíngues populares*, enquanto os bilíngues de elite são os porto-velhenses que além do português falam inglês ou espanhol, línguas valorizadas na sociedade brasileira. Essa distinção entre o bilinguismo popular e o da elite não é recente, de tal modo que Edwards (2006) relembra que, em diferentes épocas do passado, saber grego, latim ou francês era sinônimo de erudição, enquanto o conhecimento de outras línguas era banalizado. No quadro 1.1 estão concentrados os tipos de bilinguismo elencados até o momento:

Quadro 1.1 - Definições de bilinguismo por diferentes autores

Grosjean (2006)	bilinguismo balanceado	Crença de que uma pessoa bilíngue tem ou deve ter a perfeita fluência em cada uma de suas línguas. Esta visão projeta a concepção de dois monolíngues em uma única pessoa.
Butler e Hakuta (2006)	bilinguismo não balanceado	Ocorre quando os indivíduos apresentam maior conhecimento de uma língua do que de outra.
Vaid (2002)	bilinguismo	Os indivíduos conhecem e usam duas línguas, as quais não são necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência
García (2009)	bilinguismo subtrativo	Situações em que uma criança falante de uma língua diferente da prestigiosa de seu país começa a estudar em uma escola onde o monolinguismo é a norma e, eventualmente, diminui seu uso da língua materna.
	bilinguismo aditivo	Nesta situação, geralmente vivenciada por grupos de elite, não existiriam forças que obrigam uma pessoa a abandonar sua primeira língua. Assim, a segunda língua é adicionada ao repertório do falante e ambas as línguas são preservadas.
Fishman (1977)	bilinguismo popular (<i>folk</i>)	Os <i>bilíngues populares</i> são grupos minoritários cuja língua materna não possui um alto status na sociedade linguística em que residem.

	bilinguismo de elite	Os <i>bilíngues de elite</i> são aqueles que falam a língua de prestígio dessa sociedade e também falam outra língua valorizada nesse meio.
--	----------------------	---

Fonte: Elaboração própria

Ao observar situações como essas, em que o bilinguismo recebe diferentes olhares a depender das línguas sob o domínio dos falantes, é inevitável uma associação com a ideia de capital simbólico da língua que Bourdieu (1991) propõe. Na medida em que as relações de poder simbólico são construídas na interação entre falantes e seus respectivos grupos, as línguas presentes na comunicação detêm um valor significativo que reflete na construção da imagem do falante perante seu grupo. Isto é, a expansão econômica de países de língua inglesa, por exemplo, permitiu que o inglês se convertesse em uma língua com alto capital simbólico, refletindo, assim, em prestígio social aos falantes bilíngues cuja uma das línguas é o inglês. Sobre isto, Myers-Scotton (2002) discute que, em comunidades bilíngues, sempre haverá uma língua com maior capital que as outras e, raramente, as línguas de determinada comunidade serão tratadas igualmente.

O controle das elites sobre as línguas busca a manutenção do seu poder e de seus privilégios e, ao longo da história, não houve apenas um período, mas diversos, em que o uso de determinadas línguas foi proibido em diferentes graus em inúmeros países. No entanto, os projetos do poder público dos Estados Nacionais sobre as línguas e a busca por padronizações em seus territórios esbarram, em certa medida, na identidade dos grupos falantes dessas línguas de menor prestígio. Para Edwards (2006), falar uma língua em particular significa pertencer a uma determinada comunidade de fala e isto implica em ser parte de um contexto social no qual a personalidade do indivíduo está embutida. Neste sentido, algumas ações como a proibição do uso do catalão, galego e basco na Espanha franquista não foram capazes de suprimir a existência das línguas minorizadas, isto, devido à identidade de alguns grupos se relacionar intrinsecamente com tais línguas. As relações entre línguas e comunidades são bem mais profundas e complexas do que muitas vezes se acredita.

1.2.1 *Bilinguismo, comunidades migrantes e identidades*

Todas as pessoas fazem parte de diferentes comunidades que se constroem com base em características diversas como classe social, nacionalidade, religião, sexualidade, etnicidade etc. Dentre os elementos que embasam a construção de uma comunidade, frequentemente se discute

o compartilhamento de uma língua ou de uma variedade de uma língua. Contudo, a atuação das línguas na estruturação de um grupo pode ser vista desde diferentes perspectivas. Para Romaine (2006), a língua por si só não figura como um determinante de agrupamento social, no entanto, exerce um papel importante no modo como os outros fatores se organizam. Segundo a autora, os falantes bilíngues podem pertencer a diferentes comunidades de vários tipos e tamanhos e interagir em diversas redes sociais que não necessariamente demandem ou se relacionem com o bilinguismo. Essas comunidades variam desde poucos indivíduos até milhares de pessoas, em uma região de um país ou em um bairro de uma grande cidade (ROMAINE, 2006).

Em oposição ao que propõe Romaine (2006), Dabène e Moore (1995) viam as línguas como cruciais para a formação e a manutenção de comunidades e redes sociais. As autoras afirmavam que “a identificação com uma língua comunitária é provavelmente o fator chave no fortalecimento e estabilização de um grupo” (DABÈNE & MOORE, 1995, p. 23). Além disso, propuseram que as línguas, muito mais que um simples meio de comunicação,

representam um guia confiável para a interpretação da elegibilidade para a associação ao grupo. Devido ao seu forte poder emblemático, a escolha da língua a ser utilizada define a adesão aos valores do grupo e estabelece os limites entre quem fala e quem não fala esta língua (DABÈNE & MOORE, 1995, p. 24).

Já para Apel e Myusken (2005), o fato de as línguas não serem apenas instrumentos de transmissão de sentido, mas também estarem vinculadas às identidades das comunidades sociais, tem consequências para a avaliação social e para as atitudes dos indivíduos em relação às línguas e seus usuários (ver seção 1.4). Contudo, os autores legitimam a compreensão de que não existe uma relação categórica necessária entre o uso de uma língua e a organização de comunidades migrantes e/ou grupos étnicos. Tem-se registrado casos de grupos étnicos com línguas distintas, mas também muitos casos de grupos étnicos distintos com uma língua comum (APEL; MYUSKEN, 2005). A língua, então, pode ou não estar incluída explicitamente nos elementos de agrupamento de uma comunidade.

A princípio, considerando as discussões apresentadas, é possível assumir que em algumas comunidades a língua atua fortemente na definição e na organização do grupo, enquanto em outras, ela ocupa um lugar secundário. No entanto, tomando a ciência de que a partir da língua as práticas sociais adquirem sentido e são representadas (WOODWARD, 2000), Jalil (2018) afirma que os processos de identificação utilizados por uma comunidade na construção de seus grupos têm por base os múltiplos sistemas simbólicos de significação construídos através da língua. É nessa perspectiva, portanto, que se ilustra o que Romaine

(2006) comentava sobre o importante papel das línguas na organização dos demais componentes do agrupamento comunitário, ainda naqueles cenários nos quais ela não figura como um determinante autônomo.

Na discussão sobre os processos de identificação dos indivíduos, Woodward (2000) esclarece que eles estão estritamente ligados às estruturas políticas e econômicas do mundo contemporâneo e dialogam especificamente com as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Por sua vez, Hall (1997) já havia apontado que as culturas nacionais em que as pessoas nascem apresentam-se como uma das principais fontes de identidade cultural; e em suas palavras,

Não importa quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencentes à mesma e grande família nacional (HALL, 1997, p. 59).

O que se discute sobre identidade(s) está fortemente relacionado com os aspectos e figuras estabelecidos pelos Estados-nação como formadores e delimitadores do pertencimento. Dentro dos territórios nacionais, Hall (2000) aponta que as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Essas identidades nacionais evocariam, então, origens, mitologias e fronteiras do passado com o desejo de restauração da unidade de uma comunidade imaginada (WOODWARD, 2000). Entretanto, elas não somente dialogam com a história para definir “quem são”, mas, principalmente, para estabelecer “quem podem se tornar” e, para tanto, têm utilizado a cultura e a língua nesse processo (HALL, 2000).

Dada essa perspectiva, os processos migratórios produzem, segundo Woodward (2000), identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. Para a autora, a migração “produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras” (WOODWARD, 2000, p. 22). Desse modo, nos processos migratórios, é possível que haja uma resistência que fortaleça e reafirme algumas identidades nacionais e locais ou que proporcione o surgimento de novas posições de identidade.

A construção da identidade de cada um, ou ainda, a construção das “variadas identidades” (JALIL, 2018, p. 78) se dão a partir das interações sociais, contemplando a pluralidade dos indivíduos e das interações. Jalil (2018) propõe que, devido às mudanças sociais, políticas e econômicas, as identidades estarão continuamente “situadas no momento

sócio-histórico, construídas socio-discursivamente nas interações e dependentes dos interlocutores” (JALIL, 2018, p. 78), ou seja, dialogando estreitamente com o contexto. Seria pertinente, portanto, apontar que as influências da migração na constante modelagem das identidades perduram por gerações e se revelam nas práticas de grupos étnicos, originados de processos migratórios, e minorizados dentro de um Estado nacional.

O estudo que Labov (1972) conduziu na ilha de *Martha's Vineyard*, por exemplo, ilustrou práticas de uso da língua que afirmavam identidades étnicas. Labov (1972) observou as variantes centralizadas de [ay] e [aw] que estavam associadas na comunidade à identidade da ilha local e pôde notar que, entre os falantes mais jovens de ascendência inglesa essas variáveis eram usadas com menor frequência do que na geração mais velha, dada a sua orientação para oportunidades no continente. Já as gerações mais jovens de falantes de ascendência portuguesa e nativo-americana usaram relativamente mais vezes essas variantes estigmatizadas. O maior uso entre os jovens falantes dos dois grupos étnicos minorizados sinalizou, segundo o linguista, o desejo em afirmar seus laços com a identidade da ilha, laços historicamente contestados devido ao preconceito étnico que sofriam (LABOV, 1972).

As práticas que afirmam uma identidade costumam estimular a polarização entre “nós” e “eles” ao estabelecer cenários como: “eu sou o que o outro não é” e “eu faço o que o outro não faz” (SILVA, 2000). A identidade é, então, marcada pela diferença e, segundo Silva (2000), existe uma relação estreita de dependência entre os dois conceitos. Ao afirmar “sou brasileiro” o autor nega fazer parte de todas as outras nacionalidades existentes, de modo que a afirmação de sua identidade, em geral, oculta declarações negativas sobre outras identidades. Assim, a diferença e a identidade são resultados de um “processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2000, p. 81) e, tal como a identidade, a diferença está sujeita a vetores de força e a relações de poder, isto é, ela não é simplesmente definida, mas imposta e fruto dos sistemas simbólicos que a compõem (SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

Na afirmação das identidades e das diferenças, a escolha linguística atua como um fator de extrema importância. Fought (2010) observa que, historicamente, as línguas têm sido associadas a diferenças no pertencimento a grupos étnicos e comenta sobre a territorialidade e o alcance econômico das línguas indígenas no México, na Guatemala e no Peru. Tal como observado por Labov (1972), os participantes da investigação de Fought (2010) que exprimiam uma forte identidade local mantinham contatos mais estreitos com a sua comunidade, e aqueles que buscavam uma identidade expandida estavam também mais orientados para contatos e oportunidades fora da comunidade. Porém, diferentemente da realidade norte-americana, os falantes dos grupos étnicos minorizados nos países latino-americanos lidam ainda com a

discriminação devido a traços étnicos físicos que os diferenciam do protótipo branco de ascendência europeia, que ocupa as classes dominantes.

Voltando o olhar aos imigrantes hispano-americanos que vivem São Paulo, é perceptível como suas comunidades se constroem mais pela nacionalidade, etnicidade, classe social e interesses culturais comuns do que pela língua que compartilham. Os bolivianos que transitam pelos bairros do centro de São Paulo, como Brás, Luz e Pari têm suas comunidades estruturadas principalmente na nacionalidade e internamente se dividem segundo a classe social (NIEHOFF, 2011). Isto é, se aproximam e constroem redes devido à origem comum, utilizam o espanhol como língua de intimidade (ROCHA, 2015), mas criam grupos menores no interior das comunidades a depender de suas aspirações sociais na sociedade paulistana e de seu capital financeiro (ver seção 1.4.2).

Há ainda comunidades de colombianos e venezuelanos que se construíram com bases em interesses culturais comuns como as danças caribenhas. São grupos que nasceram do interesse em dançar e cantar músicas e ritmos de sua terra natal e, hoje, em São Paulo, transformaram clubes de músicas latinas em pontos de encontro para imigrantes de diferentes países hispano-americanos¹⁰. Em meio a esses grupos, encontra-se o que Romaine (2006) pontua como crucial na definição de comunidades, isto é, o senso de solidariedade e interação baseado em interesses comuns e algumas vezes apoiado em uma mesma língua.

Para as comunidades hispano-americanas residentes no Brasil, seu bilinguismo não é necessariamente visto com maus olhos, devido à importância dada à língua espanhola neste país desde a criação do Mercosul em 1991, e ao contato de fronteira do Brasil com seus vizinhos hispanofalantes. No entanto, o contato histórico entre o português e o espanhol, especialmente nas fronteiras brasileiras, evidencia situações em que as identidades nacionais e étnicas são continuamente afirmadas. Estudos em atitudes linguísticas realizados em diferentes conglomerados fronteiriços brasileiros revelam cenários de favorecimento e desfavorecimento de uma ou de outra língua na manifestação das identidades individuais ou comunitárias (CARVALHO, 2006; AMÂNCIO, 2007; CORBARI, 2013), como apresenta a seção 1.4.2.

Lido esse panorama, acredita-se que nos espaços de contatos entre falantes migrantes e brasileiros, ainda que distante das regiões fronteiriças, como na cidade de São Paulo, por exemplo, poderá haver encontros de afirmações de identidade explicitados através do uso das línguas espanhola ou portuguesa. Em vista disso, no capítulo 3, durante a leituras das respostas

¹⁰ Informações coletadas nas entrevistas sociolinguísticas conduzidas neste trabalho e relatadas pelos informantes CarmenD e RobertoG.

dos informantes sobre a alternância entre as duas línguas, será possível observar a existência ou não de marcas de afirmações de identidades individuais e/ou comunitárias.

1.2.2 *Empréstimo e interferência do substrato*

Independentemente do tipo ou categoria de bilinguismo existente nas comunidades hispânicas de São Paulo, Weinreich (1968 [1953]) e Thomason e Kaufman (1988) já afirmavam que o contato entre línguas estimula o surgimento de mecanismos linguísticos próprios da prática bilíngue. Um dos resultados mais evidentes é a incorporação de léxico estrangeiro à língua nativa do falante. Esta é propriamente a definição de Thomason e Kaufman (1988) para o que se conhece como empréstimo lexical ou, somente, *empréstimo*. Ao longo das últimas décadas, muitos outros autores propuseram sua leitura e discussão para esta ferramenta, alguns deles corroborando o que Thomason e Kaufman (1988) afirmaram (SANKOFF, 2013; RAVINDRANATH, 2015) e outros delimitando suas próprias acepções. Hickey (2010, p. 18) entende o empréstimo como “itens ou estruturas que são copiadas da língua X para a língua Y, sem a necessidade da mudança dos falantes de Y para X”¹¹. Winford (2010, p. 172), por outro lado, define o termo como “a transferência de materiais linguísticos de uma língua fonte para uma língua recipiente através da agência de falantes para quem esta é a língua dominante, ou seja, através da agentividade da língua receptora”¹².

Ambas as definições se assemelham à de Thomason e Kaufman (1988), mas apresentam novos elementos à explicação proposta, como, por exemplo, elencar as línguas (X e Y) para melhor desenhar o sentido da transferência; apontar que os falantes não estão se deslocando de uma língua à outra no momento do empréstimo; ou mostrar/sugerir que existe uma agentividade da língua receptora (talvez L1) na ação do empréstimo. O empréstimo geralmente está associado a situações de manutenção da língua e, de maneira ampla, se caracteriza pela introdução de palavras ou expressões idiomáticas de uma variedade dentro de outra (Gumperz, 2002 [1982]). Para Thomason (2001), geralmente existe uma recorrência na inserção de certo empréstimo nos enunciados de um falante, o que se verifica, em determinada medida, como um critério para a diferenciação entre este mecanismo e o *code-switching*.

¹¹ Tradução própria. Texto original: “Items/structures are copied from language X to language Y, but without speakers of Y shifting to X”.

¹² Tradução própria. Texto original: “the transfer of linguistic materials from an SL into an RL via the agency of speakers for whom the latter is the linguistically dominant language, in other words, via RL agentivity”.

No que diz respeito à interferência do substrato, Thomason e Kaufman (1988, p. 38) apresentam sua definição como um “tipo de interferência que resulta da aprendizagem imperfeita de um grupo durante a substituição linguística”¹³. Em oposição a isso, Sankoff (2013) e Hickey (2010) apresentam definições que são lidas como o oposto do empréstimo, ou seja, a transferência de elementos da língua materna para a língua estrangeira (ou da língua Y para a língua X). A influência do substrato tem maior presença nos contatos que promovem o deslocamento de falantes de uma língua a outra, isto é, contatos que levam os falantes a, gradativamente, deixar de falar uma língua e adotar exclusivamente outra. No começo existe um pequeno deslocamento e aprendizado perfeito dos falantes frente à língua alvo. Após essa etapa inicial, Thomason e Kaufman (1988) preveem um grande deslocamento dos falantes acompanhado do aprendizado imperfeito da segunda (ou terceira, quarta etc.) língua. É neste momento que a influência do substrato se faz visível, principalmente na fonologia e na sintaxe.

De modo geral, o empréstimo e a influência do substrato categorizam movimentos opostos de inserção de elementos lexicais e gramaticais em duas línguas. No entanto, pressupõem um uso de elementos específicos que são difundidos entre uma comunidade e, paulatinamente, vão incorporando-se nas línguas até atingir um status de marcas próprias daquelas línguas, diferentemente do que se observa com os elementos inseridos através *code-switching*.

1.3 O *code-switching*

O *code-switching* pode ser definido como a alternância, dentro de um único discurso, de frases ou fragmentos de sentenças, cada um dos quais internamente consistentes com as regras morfológicas e sintáticas (e, opcionalmente, fonológicas) da língua de sua proveniência (POPLACK, 1980). Nas últimas quatro décadas, este mecanismo se desenhou como um dos pilares da literatura de línguas em contato e bilinguismo e, atualmente, acredita-se que o CS está presente em toda comunidade de indivíduos bilíngues, desde famílias imigrantes, ou membros de comunidades compostas por falantes de uma minoria linguística, até indivíduos de países em que se adota uma língua franca diferente de sua língua materna (OLIVEIRA, 2006). No entanto, apesar de o uso do CS acompanhar os falantes bilíngues ao longo da história,

¹³ Tradução própria. Texto original: “a subtype of interference that results from imperfect group learning during a process of language shift”.

estudos sistemáticos são relativamente recentes, isto porque até o início dos anos 1970, o CS ainda era visto como uma mistura irregular de duas línguas não governada por quaisquer regras ou restrições ordenadas (LABOV, 1971).

Os primeiros trabalhos a se debruçarem sobre o estudo do CS foram os de Gumperz e Hernández-Chávez (1970) e Blom e Gumperz (1972), com destaque para o segundo, cuja relevância permitiu que Myers-Scotton (1993) o reconhecesse como a publicação que abriu as portas desta temática e começou a atrair a atenção de sociolinguistas, psicólogos sociais, antropólogos, pragmáticos e sociólogos da linguagem. Anteriormente, outros pesquisadores já haviam notado a existência da estrutura do CS, porém, geralmente, a consideravam um desvio, ou mesmo uma anomalia do discurso bilíngue. Não parecia existir ali algo a ser pesquisado, mas sim um fenômeno de interferência em seu sentido mais literal (MOZZILLO, 2009).

Estes primeiros trabalhos, juntamente com a publicação de *Discourse Strategies* (1982) consagraram John Gumperz como o pai do CS, visto seu pioneirismo em traçar linhas de análise para o referido objeto, primeiramente, estabelecendo categorias funcionais como *code-switching situacional* e *code-switching metafórico* (BLOOM; GUMPERZ, 1972) e posteriormente adotando o *code-switching conversacional* (GUMPERZ, 2002 [1982]). As primeiras categorias (situacional e metafórico) se aproximavam do conceito de diglossia¹⁴ (FERGUSON, 1959; FISHMAN, 1967 apud FISHMAN, 1998), por analisarem determinados ambientes ou tópicos conversacionais como pertencentes a determinadas línguas ou variedades linguísticas. No entanto, na publicação de 1982 com a introdução do *code-switching conversacional*, Gumperz introduz a acepção do CS como “a justaposição dentro da mesma interação discursiva de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais. (...) Os falantes [então] são fluentes em ambas as línguas e as utilizam no curso de suas rotinas diárias”¹⁵ (GUMPERZ, 2002 [1982], p. 59). Deste modo, o autor se afasta da visão determinista da escolha linguística e afirma que a preocupação principal dos falantes é o efeito comunicativo de seus enunciados. A escolha do falante bilíngue em alternar de um código a outro é vista, então, como uma estratégia social.

¹⁴ Ferguson (1959) propõe o termo diglossia para referir-se ao uso de duas ou mais línguas em uma mesma comunidade. No entanto, para o autor, este modelo prevê que cada uma das línguas se restringe a um ambiente ou contexto específico (privado ou público) e se diferencia em termos de prestígio na comunidade (variedade alta e variedade baixa). Anos mais tarde, observando as relações entre bilinguismo e diglossia, Fishman (1998) apontou que o primeiro é uma característica do comportamento linguístico individual, ao passo que o segundo caracteriza a organização linguística em um nível sociocultural, ou seja, a organização de toda comunidade.

¹⁵ Tradução própria. Texto original: “Conversational code switching can be defined as the juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems (...) Speakers are fluent in both languages and regularly use both in the course of their daily routines.”

Concomitantemente aos trabalhos de Gumperz e colegas (1970; 1972; 2002 [1982]), Poplack (1980), em sua investigação com porto-riquenhos na cidade de Nova York, sugeriu sua própria divisão ao CS, cujas categorias variavam de acordo com a posição das alternâncias na sentença, com seu tamanho e com “o grau presumido de proficiência bilíngue necessária para produzi-las” (p. 247). A divisão proposta, então, foi entre *tag-switching*, *code-switching intersentencial* e *code-switching intrasentencial*. O primeiro representava a menor categoria da escala; isto é, no *tag-switching*, o falante produz um enunciado em uma língua, com exceção de uma palavra ou expressão em outra, como substantivos, interjeições, expressões idiomáticas:

- (1.1) espanhol – português (MOZZILLO, 2009, p.5):

Creo que voy a preparar un poquito de *mingau*.

‘Acho que vou preparar um pouquinho de mingau.’

- (1.2) português – inglês (OLIVEIRA, 2006, p.34):

Isso é uma coisa – *knock on wood* – que não tem acontecido aqui. Graças a Deus os meninos não têm batido o carro.

‘Isso é uma coisa – *bata na madeira* – que não tem acontecido aqui. Graças a Deus os meninos não têm batido o carro.’

Já o *code-switching intersentencial* envolve sentenças inteiras ou segmentos maiores e pode estar presente entre turnos de fala. Na revisão de Oliveira (2006, p.34) sobre o CS, a autora afirma que este tipo de alternância “demanda maior competência na segunda língua que o *tag-switching*, pois porções maiores do discurso devem se adequar às regras das duas línguas”, como apresentado no exemplo a seguir:

- (1.3) inglês – espanhol (POPLACK, 1980, p.594)

Sometimes I’ll start a sentence in Spanish y *termino en Español*.

‘Às vezes eu começo uma sentença em espanhol e *termino em espanhol*.’

- (1.4) português – espanhol (MOZZILLO, 2009, p.6):

A: Não vejo a hora de terminar este trabalho...

B: E aí, pra onde pensas ir quando tiveres terminado tudo?

A: ¡*Me voy a Buenos Aires por una semana a descansar!*

‘A: Não vejo a hora de terminar este trabalho...

B: E aí, pra onde pensas ir quando tiveres terminado tudo?

A: Vou a Buenos Aires por uma semana para descansar!’

O *code-switching intrasentencial*, por fim, representa a última categoria da escala de Poplack (1980), e está presente no interior de uma sentença ou de uma oração e, segundo

Oliveira (2006), ocasionalmente, isto pode oferecer um risco à sintaxe da sentença. Devido à maneira como esse tipo de alternância se constrói, Poplack (1980) sugere que para produzir essa categoria de CS, é necessário que os falantes tenham um maior nível de competência nas línguas em questão. O exemplo a seguir oferece um retrato de como o *code-switching intrasentencial* pode acontecer:

(1.5) inglês – espanhol (POPLACK, 1980)

He was sitting down *en la cama, mirándonos peleando*, y really, I don't remember *si él nos separó* or whatever, you know.

‘Ele estava sentado na cama nos olhando brigar, e realmente, eu não me lembro se ele nos separou ou algo assim, sabe.’

Em paralelo às categorias de Poplack (1980), Dabène e Moore (1995) propõem uma divisão similar, porém com diferente nomenclatura e definições um pouco distintas. Ou seja, para as autoras, o CS pode ser:

- i. *intra-utterance*: isto é, quando as mudanças ocorrem dentro de uma mesma elocução¹⁶, ainda que estejam distantes umas das outras no decorrer do diálogo;
- ii. *inter-sentential* ou *intra-sentential*: quando as mudanças ocorrem dentro de uma sentença ou de um ato de fala; e
- iii. *segmental* ou *unitary*: quando as mudanças afetam um segmento específico ou uma única palavra dentro da sentença.

As divisões tipológicas sugeridas por Gumperz e associados (1970; 1972; 2002 [1982]), Poplack (1980) e Dabène e Moore (1995) podem responder determinadas perguntas de pesquisa, mas, naturalmente, parecem não responder a todas. Neste sentido, alguns autores propuseram outras perspectivas de análise para o CS que se distanciam do viés tipológico. Nos seguintes itens serão apresentadas as abordagens sociopragmáticas e gramaticais, que discutem, respectivamente, a atuação do CS na vida social diária dos falantes e a busca por modelos e restrições na sua organização estrutural.

1.3.1 *Code-switching: abordagens sociopragmáticas*

Desde as abordagens funcionais de Blom e Gumperz (1972) e Gumperz (2002 [1982]), que introduziram os termos *code-switching* situacional, metafórico e conversacional, vários

¹⁶ Em alguns momentos neste trabalho o termo “elocução” aparecerá como uma tradução livre de *utterance*, conceito geralmente utilizado nos abundantes estudos sobre o *code-switching* em inglês.

pesquisadores voltaram seus esforços à análise deste comportamento discursivo com o propósito de enumerar as funções sociopragmáticas deste mecanismo (APEL; MYUSKEN, 1987; KOZIOL, 2000; RICHARDSON, 2000). Segundo Grosjean (1982), optando por utilizar o CS, o falante segue algumas das motivações abaixo, isto é, em seu discurso, o referido mecanismo representa uma dessas finalidades:

- a. preencher uma necessidade linguística por um item lexical, sintagma, marcador discursivo ou preenchedor de sentença;
- b. continuar a conversa na última língua empregada;
- c. citar alguém;
- d. especificar o interlocutor;
- e. qualificar a mensagem, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase;
- f. personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante;
- g. marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade;
- h. transmitir intimidade, fúria, aborrecimento;
- i. excluir alguém da conversa; e
- j. modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe maior autoridade.

Além de Grosjean (1982), muitos pesquisadores da área de línguas em contato se voltaram ao estudo das funções sociopragmáticas a que o *code-switching* pode vir a servir no discurso (GUMPERZ, 2002 [1982]; AUER, 1995). Essa é uma abordagem que tem buscado elaborar tipologias funcionais e criar listas de motivações como a apresentada anteriormente. É importante ressaltar, contudo, que este tipo de enfoque é descritivo, ou seja, refere-se a um determinado corpus encontrado em cada um dos estudos destes autores, podendo ser sempre expansível. Neste sentido, vê-se aqui um trabalho que é finito em si, não atendendo às expectativas dos mais diferentes *corpora*.

1.3.2 *Code-switching: abordagens gramaticais*

Frente à ausência de previsão nas abordagens sociopragmáticas, os estudos sobre as restrições sintáticas ao CS buscaram, a princípio, provar que esta prática linguística não era randômica, des governada e idiossincrática. Durante a década de 1970, trabalhos coassinados por Gumperz (HERNANDEZ-CHAVEZ; GUMPERZ, 1970; BLOM; GUMPERZ, 1972) sugeriram algumas restrições sintáticas para o CS; porém, no começo da década de 1980, Poplack (1980; 1981) apresentou contraexemplos para cada uma das restrições desses autores

e propôs uma nova formulação para as restrições sintáticas gerais ao CS. Com a *Restrição do Morfema Livre* e a *Restrição de Equivalência*, a autora sugere, primeiro que a alternância pode ocorrer “após qualquer constituinte no discurso desde que este constituinte não seja um morfema fixo”¹⁷ (POPLACK, 1980, p. 585-586). Ou seja, de acordo com a *Restrição do Morfema Livre*, é possível alternar sentenças completas, assim como qualquer constituinte dentro das sentenças, desde que sejam morfemas livres.

Essa restrição seria válida para todos os níveis linguísticos, menos para o fonológico, uma vez que Poplack (1980) adota a noção de bilinguismo balanceado e entende que o falante bilíngue sempre tem a opção de integrar seu enunciado aos padrões da outra língua ou preservar sua forma original. Como exemplo, a autora sugere que quando o falante no exemplo (1.6) preserva os padrões fonológicos ingleses, tem-se um exemplo de CS, mas quando a palavra *magazine* é adaptada aos padrões fonológicos do espanhol, como em (1.7), o que existe é uma sentença monolíngue espanhola.

(1.6) espanhol – *inglês* (POPLACK, 1980, p.583)
Leo un *magazine*

‘Leio uma revista’

(1.7) espanhol (POPLACK, 1980, p.583)
Leo un magazine

‘Leio uma revista’

Já para a *Restrição de Equivalência*, a proposta de Poplack (1980, p. 586) é que o CS tende a ocorrer “em pontos do discurso em que a justaposição de elementos da L1 e da L2 não viola uma regra sintática de nenhuma das línguas, ou seja, em pontos em torno dos quais as estruturas superficiais das duas línguas se mapeiam entre si”¹⁸. Assim, num enunciado híbrido inglês-espanhol, por exemplo, alternâncias entre o verbo e o objeto pronominal não são possíveis, porque violam a posição sintática prototípica do objeto pronominal nas duas línguas, em inglês posterior ao verbo e, em espanhol anterior (com as exceções do gerúndio, infinitivo e imperativo afirmativo):

¹⁷ Tradução própria. Texto original: “Codes may be switched after any constituent in discourse provided that constituent is not a bound morpheme”.

¹⁸ Tradução própria. Texto original: “Code-switches will tend to occur at points in discourse where juxtaposition of L1 and L2 elements does not violate a syntactic rule of either language, i .e. at points around which the surface structures of the two languages map onto each other”.

- (1.8) inglês – *espanhol* (POPLACK, 1981)
*told *le*, **le* told,

‘Disse a ele.’

- (1.9) inglês – *espanhol* (POPLACK, 1981)
*him *dije*, **dije* him

‘Disse a ele.’

Para além destas restrições, outros pesquisadores se preocuparam em estabelecer esquemas que pudessem prever o funcionamento do CS em diferentes contextos e línguas. Myers-Scotton (1993) se destacou dentre esses estudiosos ao propor os termos *língua matriz* (LM) e *língua encaixada* (LE)¹⁹, para denominar as línguas presentes no CS. Segundo a autora (1993), *língua matriz* por muito tempo foi concebida quase como sinônimo da L1 dos falantes e apresentava-se nas sentenças como a língua com maior frequência de morfemas. No entanto, a autora refuta essa ideia afirmando que (a) existem casos em que as L2 são a *língua matriz* do CS; (b) existem comunidades nas quais é muito difícil estabelecer qual é a L1; e (c) em alguns casos a comunidade pode estar em um processo de mudança linguística, impossibilitando a identificação da “melhor” língua do falante (p. 67). Portanto, a proposta de Myers-Scotton (1993) para *língua matriz* é a de língua mais dominante dentro de uma comunidade, em termos de números de tipos de interação nos quais esta é a língua mais socialmente não-marcada²⁰. Por sua vez, a *língua encaixada* é aquela que detém o menor poder simbólico dentro da comunidade.

Com a divisão entre *língua matriz* e *língua encaixada*, Myers-Scotton (1993) dialoga com a *Restrição de Equivalência* de Poplack (1980) à medida que propõe que os constituintes de uma língua apenas estarão em justaposição com os de outra língua quando houver congruência sintática entre as línguas. No entanto, Myers-Scotton (1993) vai além e afirma que a *língua matriz* impõe sua ordem sintática às sentenças produzidas em CS.

Quando os constituintes da sentença LM + LE se organizam, todo procedimento linguístico básico passa pela seleção da LM. Isto é, a LM define a ordem dos morfemas e também fornece os morfemas do sistema sintaticamente relevantes. (...) Embora os morfemas de conteúdo da LE possam ser inseridos na sintaxe da LM, apenas um morfema de conteúdo da

¹⁹ Em determinados estudos linguísticos, as siglas LM e LE podem referir-se, respectivamente, a língua materna e língua estrangeira. Neste trabalho, no entanto, se referem à língua matriz e língua encaixada

²⁰ Para Myers-Scotton (1993), o termo “não-marcado” é sinônimo de “esperado”, dados os fatores situacionais. Isto é, a escolha “não-marcada” de uma língua é a escolha pela língua ou variedade mais utilizada em uma sociedade ou em um contexto específico. Por sua vez, o termo “marcado” se refere à escolha de uma língua ou variedade que destoa do que se é esperado. Esta autora ainda afirma que em determinadas comunidades o *code-switching* pode ser a escolha “não-marcada” e em outras a escolha “marcada”, de modo que, em alguns grupos o uso do CS é a norma ou o habitual e em outros essa prática não é comum e pode servir a objetivos específicos.

LE que seja congruente com as especificações morfossintáticas de um lema da LM será permitido.²¹ (MEYERS-SCOTTON, 1993, p.77)

Da sistematização de uma nomenclatura para as línguas presentes no CS e da afirmação de que a *língua matriz* é o que define a ordem e a estrutura das sentenças resultantes da alternância, nascem o *Princípio da Ordem dos Morfemas* e o *Princípio do Morfema do Sistema*, restrições sintáticas propostas por Myers-Scotton (1993) para prever a organização do CS em quaisquer grupos de línguas. O *Princípio da Ordem dos Morfemas* prevê que em constituintes LM + LE consistindo de lexemas da língua encaixada e de qualquer número de morfemas da língua matriz, a ordem dos morfemas de superfície será a da língua matriz. Já para o *Princípio do Morfema Sistêmico*, em constituintes LM + LE, todos os morfemas sistêmicos que possuem relações gramaticais externas ao núcleo de seu constituinte virão da língua matriz (MYERS-SCOTTON, 1993).

Assim, segundo esses princípios de restrição, na produção de CS, os morfemas sistêmicos serão provenientes da *língua matriz* e os morfemas de conteúdo, da *língua matriz* e/ou da *língua encaixada*, como ilustra o exemplo abaixo, em que um morfema de conteúdo²² da *língua encaixada* (*campera*) é inserido num quadro estrutural em que a *língua matriz* é o português, que fornece tanto morfemas de conteúdo (veste; vem) quanto morfemas sistêmicos (então; a; por; cima):

(1.10) português – *espanhol* (MOZZILLO, 2009, p.9):
Então veste a *campera* por cima e vem.

‘Então veste a jaqueta por cima e vem’

Oliveira (2006) acredita que a abordagem de Myers-Scotton (1993) se distancia de modelos de restrições anteriores por buscar estipular, com base num grupo restrito de parâmetros, a organização hierárquica dos enunciados em que o CS está presente. Talvez esta seja uma das razões pelas quais as propostas de Myers-Scotton são as mais discutidas em estudos posteriores sobre o CS (GARDNER-CHLOROS, 2009).

²¹ Tradução própria. Texto original: “When the frame of ML+EL constituents is being built, all basics linguistics procedures specify selecting the ML; that is, it is the ML which sets the morpheme order and also supplies the synthetic relevant system morphemes (...) Even though EL content morphemes may be inserted into these ML frames, only EL content morphemes congruent with the morphosyntactic specifications of an ML lemma is allowed”.

²² Segundo Oliveira (2006, p.129), “os morfemas de conteúdo expressam aspectos semânticos e pragmáticos e atribuem ou recebem papel temático, e são, portanto, essenciais para a transmissão de mensagens na comunicação. Já os morfemas sistêmicos expressam a relação entre os morfemas de conteúdo e não atribuem ou recebem papel temático”.

No trabalho apresentado aqui, busca-se analisar alguns aspectos sociopragmáticos e gramaticais do CS no contato entre português brasileiro e espanhol, a partir das instâncias de alternância coletadas nas entrevistas realizadas com os informantes.

1.4 Atitudes e representações linguísticas

O estudo das atitudes linguísticas, historicamente, tem sido discutido desde diferentes áreas das Ciências Humanas, como a Psicologia Social, a Sociolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Comunicação (CORBARI, 2013). Embora a Psicologia Social se destaque como a precursora da investigação desse tema com os trabalhos de Lambert, Hodgson, Gardner e Fillenbaum (1960) e Lambert e Lambert (1966) motivados pelo interesse na análise dos processos psicológicos e na maneira como as pessoas fazem atribuições e desenvolvem atitudes em relação aos outros, é na Sociolinguística que os estudos de atitudes linguísticas se voltaram para as tarefas de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso de uma ou mais línguas, e quais crenças apresentam a respeito de determinados comportamentos linguísticos e determinados falantes. A importância do estudo das atitudes linguísticas na Sociolinguística reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para um melhor entendimento de uma comunidade, influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a escolha de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem das línguas em uma comunidade (CORBARI, 2013).

Talvez seja a coisa menos surpreendente a se descobrir o fato de que as atitudes em relação às línguas e às suas variedades possam estar vinculadas às atitudes em relação a grupos de pessoas. Como Preston (2013) observa, alguns grupos são considerados honestos, trabalhadores e inteligentes (assim como sua língua ou variedade); alguns grupos são considerados preguiçosos, insolentes e procrastinadores (assim como sua língua ou variedade); e alguns grupos são considerados intransigentes, indiferentes e antipáticos (assim como sua língua ou variedade). Corbari (2013) resume, portanto, que “o conceito de atitude linguística engloba diversas dimensões, desde as atitudes com relação a variedades linguísticas/dialetais e estilos de fala, passando pelas atitudes com relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias, entre outras dimensões” (p. 61).

Quando se fala em atitudes linguísticas, discute-se que as atitudes contêm componentes cognitivos, afetivos e comportamentais (REDINGER, 2010), ou seja, as respostas dos falantes a diferentes estímulos podem estar relacionadas a três classes – cognição, afeto e

comportamento. Eagley e Chaiken (1993) explicam que as respostas do tipo cognitivo podem ser referidas como “crenças”, que consistem nas conexões ou associações que as pessoas estabelecem entre um objeto e vários atributos, isto é, a partir do componente cognitivo, criam-se crenças sobre a natureza de um objeto e suas relações com outros objetos. Garrett, Coupland e Williams (2003) exemplificam essa descrição na crença de um falante que busca aprender galês porque assim conseguirá um emprego melhor no País de Gales. O falante que sustenta essa crença estabeleceu uma conexão entre a aquisição de galês (Objeto A), por um lado, e conseguir um emprego melhor (Objeto B), por outro.

O componente afetivo das atitudes, por sua vez, pode ser percebido como uma “atividade do sistema nervoso simpático”²³, que as pessoas experimentam quando são confrontadas com certos objetos. Quando se discute, por exemplo, a funcionalidade de usinas nucleares, algumas pessoas podem expressar um sentimento de medo e apreensão, enquanto outras expressariam confiança e otimismo (EAGLEY & CHAIKEN, 1993). Ainda que as crenças (componente cognitivo) sejam habitualmente isentas de conteúdo afetivo, para Garrett *et al.* (2003), elas podem ser baseadas na afetividade ou levar a reações afetivas. Consequentemente, recomenda-se que os pesquisadores de atitude levem em consideração as crenças das pessoas (componente cognitivo) e os sentimentos (componente afetivo) em relação aos objetos de atitude (REDINGER, 2010).

Já no que diz respeito ao componente comportamental, Redinger (2010) discute que este componente pode levar os falantes tanto a reações explícitas (*overt*) quanto a expressões de intenções comportamentais, ou seja, apenas a representações do desejo de agir. Como exemplo, o autor comenta que a afinidade de alguém com determinado partido político pode, por um lado, despertar a intenção dessa pessoa em realizar uma doação monetária para uma campanha eleitoral ou, por outro lado, levar a pessoa a efetivamente realizar a doação. Tanto o desejo de doar quanto a doação efetiva são resultados do componente comportamental das atitudes em direção àquele partido político.

É a partir dos componentes cognitivo, afetivo e comportamental que Eagley e Chaiken (1993) entendem que as pessoas podem apresentar respostas avaliativas sobre um objeto. No entanto, Redinger (2010) aponta que, em pesquisas anteriores, psicólogos sociais demonstraram que os três componentes citados não precisam, necessariamente, estar presentes para que uma atitude surja, uma vez que as atitudes podem ser baseadas em grande parte, ou exclusivamente, em apenas um dos três. Para além disso, nos casos em que uma atitude é formada por mais de

²³ Tradução própria, Texto original: “Sympathetic nervous system activity.”

um componente, Fishbein (1967²⁴, apud REDINGER, 2010) esclarece que estes componentes não precisam estar de acordo entre si. O psicólogo social explica que “uma concepção multicomponente de uma atitude é uma concepção multidimensional, e a atitude de qualquer pessoa em direção a um objeto ou conceito pode se basear em três posições muito diferentes concernentes a três dimensões diferentes”²⁵ (FISHBEIN, 1967, apud REDINGER, 2010, p. 48). A título de exemplo, uma pessoa pode acreditar (componente cognitivo) que falar uma determinada língua a ajudará a conseguir um emprego melhor e, por mais que tenha uma inclinação emocional negativa (componente afetivo) a essa língua, busca informações sobre cursos de idiomas online (componente comportamental).

As pesquisas desenvolvidas acerca de atitudes linguísticas identificaram ainda que, além da sua composição, as atitudes podem também assumir funções. A diferenciação proposta seria, então, entre atitudes instrumentais e integrativas (BAKER, 1992). As atitudes instrumentais são influenciadas por motivos utilitários, por exemplo, falantes podem assumir uma atitude positiva frente à variedade de prestígio de uma língua devido à confiança de que, com aquela variedade ele irá obter reconhecimento e vantagens econômicas em sua comunidade. Enquanto isso, no outro prato da balança, as atitudes integrativas são, naturalmente, impessoais e sociais (BAKER, 1992). Assim, uma atitude integrativa positiva em direção a uma língua aparece quando alguém busca aprender uma língua com o desejo de construir relações amorosas ou de amizade com os falantes, ao invés de estar motivado por um interesse na língua em si.

Além da funcionalidade como instrumental e integrativa, os estudos em atitudes linguísticas também se preocuparam em acessar as razões para o favorecimento ou o desfavorecimento de uma determinada língua. Em outras palavras, pesquisadores buscam entender por que certas línguas (ou certas variedades) são avaliadas positivamente ou negativamente por uma comunidade de falantes (REDINGER, 2010). Sabendo que Lambert e Lambert (1966, p. 78) propunham que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”, as atitudes de um grupo sobre uma língua ou uma variedade revelam muito sobre sua percepção acerca dos falantes, das comunidades e/ou espaços que essa língua ocupa.

²⁴ Fishbein, M. (1967) A Consideration of Beliefs, and Their Role in Attitude Measurement. In Fishbein, M. (ed.) Readings in Attitude Theory and Measurement. London: John Wiley & Sons Inc, pp. 257-266.

²⁵ Tradução própria. Texto original: “A multi-component conception of attitude turns out to be a multi-dimensional conception, and the attitude of any one person toward an object or concept may fall at three very different positions on three different dimensions”.

Tangente a essas discussões de atitudes linguísticas estão os estudos sobre as representações linguísticas que, segundo Gueunier (1997), se distinguem das discussões anteriores, por seu caráter menos ativo (menos orientado em direção a um comportamento), mais discursivo e mais figurativo. As representações linguísticas seriam, então,

constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, das crenças que têm os grupos sociais a respeito das línguas e das práticas linguísticas, suas e dos outros. Elas correspondem a tudo aquilo que os locutores dizem ou pensam das línguas que falam (ou da maneira como falam) ou das [línguas] que os outros falam (ou do modo como falam) (RODRIGUES, 2012, p. 365)

Enquanto as atitudes linguísticas estariam vinculadas a um comportamento que se manifesta por meio de uma reação imediata, Jacumasso (2018) aponta que as representações linguísticas, por serem ou parecerem mais complexas que as atitudes, permitem a criação de hipóteses a partir do discurso e vão além da reação a um estímulo. Para além disso, o autor crê que as representações “permitem explorar como os falantes pensam as práticas, como se situam em relação a outros falantes e a outras práticas linguísticas, e como situam a sua língua em relação a outras línguas” (JACUMASSO, 2018, p. 50).

A busca pela diferenciação entre atitudes e representações tem acompanhado a literatura em psicologia social e sociolinguística ao longo dos anos (PETITJEAN, 2009; PEREIRA; COSTA, 2012; RODRIGUES, 2012; JACUMASSO, 2018), e a relação de ambiguidade entre essas noções parece habitar no fato de que a definição da segunda pode ou não ser equivalente à da primeira (PETITJEAN, 2009). De todo modo, o epicentro da separação para Petitjean (2009) está nos níveis hierárquicos do *dizer* e *fazer*, aos quais as representações e as atitudes referem-se respectivamente. É, portanto, sobre essa base que as discussões de representações e atitudes linguísticas se conectam com o trabalho desenvolvido aqui. Nas análises conduzidas nos capítulos 3 e 4 tem-se como um dos objetivos observar quais relações existem entre o que os falantes *dizem* sobre CS e o que realmente *fazem* em seu cotidiano.

1.4.1 Atitudes sobre o *code-switching*

Quando se propõem a realizar um estudo sobre as atitudes de falantes multilíngues em direção ao *code-switching* em situações cotidianas, Dewaele e Li Wei (2014b) afirmam que a maioria dos estudos que buscaram observar como os falantes se expressam diante do CS trabalharam em contextos nos quais o uso dessa prática era restrito ou proibido, em especial, nos ambientes escolares. Segundo os autores, os pais costumam se preocupar com a

possibilidade de o CS confundir as crianças à medida que desenvolvem seus conhecimentos e habilidades em diferentes línguas. No entanto, pesquisas em educação bilíngue e multilíngue já forneceram evidências de que o CS não só pode ser usado como uma estratégia pedagógica eficaz para o ensino e a aprendizagem (CANAGARAJAH, 2011), mas também deve ser visto como um sinal de criatividade e criticidade linguística (GARCÍA; LI WEI, 2014).

Afastando-se, então, dos ambientes educacionais, o trabalho desenvolvido por Dewaele e Li Wei (2014b) buscou observar a relação entre os traços de personalidade (*extroversão*²⁶, *neuroticismo*²⁷, *tolerância à ambiguidade*²⁸, e *empatia cognitiva*²⁹) de falantes adultos e as suas atitudes em direção ao *code-switching*. A partir das respostas de 2070 falantes de 204 nacionalidades a um questionário aplicado online, os autores notaram que dentre os quatro traços de personalidade observados apenas a *extroversão* não se mostrou efetiva nas atitudes dos falantes. Todos os outros traços, quando pontuados com notas altas, nos casos de *tolerância à ambiguidade* e *empatia cognitiva*, e notas baixas, no caso do *neuroticismo* (o que segundo os autores aproximaria os falantes de uma estabilidade emocional ideal) se relacionaram com respostas positivas ao CS.

Para além das observações das relações entre personalidade e atitudes, o trabalho de Dewaele e Li Wei (2014b) constatou ainda que os participantes que cresceram em um ambiente étnica e linguisticamente diverso e aqueles que trabalham em espaços também diversos apresentaram atitudes mais positivas frente ao *code-switching*. Esta era uma das hipóteses de

²⁶ Segundo Dewaele e Li Wei (2014b), a oscilação no espectro extroversão-introversão está conectada à quantidade de excitação cortical, que pode gerar diferentes comportamentos comunicativos. Os autores afirmam que pessoas extrovertidas são mais sociáveis, falantes, impulsivas e assumem mais riscos no dia a dia, inclusive em seu comportamento linguístico. São pessoas que usam mais palavras tabus e têm maiores tendências a utilizarem variedades linguísticas estigmatizadas (Dewaele, 2012). Devido a isso os autores assumem que a extroversão poderia estar ligada a atitudes mais positivas frente ao CS.

²⁷ Dewaele e Li Wei (2014b) afirmam que pessoas com pontuações altas em neuroticismo (high-N) tendem a ser emocionalmente instáveis e frequentemente se queixam de preocupações e ansiedade. Aqueles com baixa pontuação nessa escala são descritos pelos autores como emocionalmente estáveis, calmos e contentes. Uma vez que os indivíduos com alto grau de neuroticismo são mais responsivos a ameaças ou estresse e mostram tempos de reação mais lentos em resposta a palavras negativas, a hipótese é que indivíduos com pontuações altas nessa escala podem ficar mais ansiosos para lidar com o CS.

²⁸ Em diferentes trabalhos Dewaele e Li Wei (2014a, 2014b) observaram que falantes monolíngues e bilíngues pontuaram significativamente mais baixo na escala de tolerância à ambiguidade quando comparados com falantes multilíngues. Segundo os autores, o multilinguismo e as vivências no exterior tendem a favorecer a tolerância dos falantes a contextos de ambiguidade. Os autores concluem, então, que a tolerância à ambiguidade é determinada pelo ambiente sócio-linguístico-cultural dos indivíduos e, especialmente, pela experiência de ter que sobreviver em um ambiente cultural e linguístico não familiar.

²⁹ Na descrição de Dewaele e Li Wei (2014b), a empatia cognitiva (*cognitive empathy*) se refere à capacidade de entender o que as outras pessoas podem estar pensando ou como podem estar se sentindo. Para os autores, pessoas com altos níveis de empatia são melhores em compreender as intenções dos outros e são mais capazes de reconhecer a emoção de seu interlocutor, pois essa é uma forma de evidenciar os vínculos específicos entre o falante e o interlocutor. Além disso, Dewaele e Li Wei (2014a) em trabalho prévio constataram que altos níveis de empatia cognitiva se relacionavam com a produção autodeclarada de *code-switching*.

pesquisa dos autores que se confirmou na análise dos dados. A descoberta mais surpreendente, no entanto, na opinião dos autores, é que os altos níveis de multilinguismo (ou seja, saber mais línguas e dominá-las muito bem) se relacionaram vagamente com as atitudes em direção ao CS (DEWAELE; LI WEI, 2014b). Seria de se esperar que falantes multilíngues estivessem acostumados a se comunicar com pessoas de várias origens linguísticas e culturais e, portanto, fossem expostos ao CS regularmente, de modo que assumissem atitudes favoráveis a esse mecanismo. Na falta de uma forte correlação entre o multilinguismo e o favorecimento do *code-switching*, Dewaele e Li Wei (2014b) questionam, então, se a produção do CS é entendida por alguns falantes como marca da falta de competência em uma ou mais línguas.

Pena (2004) investigou as atitudes perante o CS entre um grupo de 98 falantes de primeira e segunda geração da comunidade hispano-galega em Londres e pôde notar que a primeira geração tinha percepções negativas do CS, explicando que nunca o usavam com seus filhos e tentavam desencorajá-los de usar, pois achavam que era “um sinal da falta de competência” em todas as línguas (inglês, espanhol e galego). Em consonância com essa percepção, a maioria dos membros da segunda geração também expressou opiniões negativas quanto ao CS, entretanto, ironicamente, quase metade deles recorreram à alternância em sua interação com a pesquisadora.

Em um estudo sobre as atitudes linguísticas de falantes bilíngues de inglês e espanhol nos Estados Unidos, Toribio (2002) trabalhou com quatro falantes mexicanos que viviam no condado de Santa Bárbara por pelo menos 15 anos na época do estudo. O que a autora observou foi uma forte oposição nas declarações dos informantes, que se ilustra aqui nas figuras de duas personagens: Yanira e Federico. Para Yanira o inglês e o espanhol juntos constituem a sua competência linguística. Ela afirmou poder usar tanto uma quanto outra língua em seu cotidiano. Para além disso, esta informante apontou que o CS a ajuda a conservar a sua língua minorizada, isto é, o espanhol (TORIBIO, 2002). Já Federico afirmou produzir *code-switching* em casa, na escola, no trabalho, com sua companheira, mas não em reuniões familiares. De acordo com a autora, Federico demonstrou fortes atitudes negativas para o CS, ainda que ele mesmo realizasse a alternância entre as línguas. Ele não apenas acredita que o CS carece de mérito estético – e se incomoda quando seu interlocutor realiza a alternância – como também afirma que o CS é um catalisador para o desaparecimento do espanhol (TORIBIO, 2002).

As visões de Yanira e Federico quanto ao papel do CS sobre o espanhol em suas comunidades (ora agente de preservação, ora acelerador do desaparecimento) encontram consonância em outros grupos bilíngues. Como Yanira, os integrantes da comunidade polono-brasileira no Rio Grande do Sul também veem o CS como uma forma de preservar sua língua

minorizada (KRUG; HORST; WEPIK, 2016). Enquanto isso, a relutância de Federico na utilização do CS em reuniões familiares (ou seja, na presença de vários membros da sua comunidade íntima) parece ser resultado de relações fragilizadas que o contato entre uma comunidade bilingue e a comunidade anfitriã podem criar.

De acordo com a literatura, um papel comum que os falantes de línguas migrantes e/ou minorizadas atribuem aos espaços familiares geralmente é o de cuidado e preservação da língua materna (POPLACK, 1980; TORIBIO, 2002; PENA, 2004; DEWAELE; PENA, 2018). Os hispano-galegos de segunda geração residentes em Londres acreditavam que o CS era algo negativo porque significava não falar “bem o suficiente” nenhuma das línguas e, estes, eram falantes que tinham em seus pais um exemplo do que se vivencia quando se é percebido como alguém que não fala bem o suficiente o inglês naquela comunidade. Os falantes da primeira geração hispano-galega declararam sentir que desde que chegaram à Inglaterra até o momento da investigação eram considerados cidadãos inferiores por não dominarem o inglês (PENA, 2004). Esse sentimento dava forças para que eles mantivessem o uso do espanhol e do galego no ambiente familiar. No caso de Federico, por outro lado, não necessariamente por ser considerado um *outsider*, uma vez que tinha um domínio exímio do inglês, desprezava o CS devido a um forte desejo de preservação do seu espanhol (TORIBIO, 2002).

A relação entre a aversão ao CS e o real uso deste mecanismo destacada nos trabalhos de Toribio (2002) e Pena (2004) encontram diálogo com a abordagem de Gardner-Chloros (2009) sobre o nível de consciência dos falantes a respeito de sua própria produção. Segundo a autora, as pesquisas etnográficas sobre o CS em diferentes comunidades forneceram dados sobre a visão dos falantes que produzem o CS, e aqui apresentam-se as três mais recorrentes:

- i. *Falantes bilíngues espontaneamente associam a produção do CS à preguiça.* Para Gardner-Chloros (2009), o CS tem sido visto como uma saída fácil quando as pessoas não querem se incomodar em procurar as palavras que precisam em um único idioma. “Como a preguiça não é geralmente considerada uma virtude, esta interpretação deriva, obviamente, da crença que de algum modo é ‘errado’ misturar idiomas”³⁰ (GARDNER-CHLOROS, 2009, p.14-15)
- ii. *Falantes que produzem CS regularmente costumam reprovar o CS quando perguntados abertamente sobre isso.* Gardner-Chloros (2009) comenta que poucos estudos sistemáticos sobre as atitudes em relação ao CS foram realizados, mas eles geralmente confirmam que as pessoas não se orgulham da sua produção. Além disso, a autora sugere

³⁰ Tradução própria. Texto original: “As laziness is not generally considered a virtue, this interpretation obviously depends on believing that it is in some way “wrong” to mix languages”.

que a aprovação do CS, dentro da mesma comunidade, é mais comum entre as gerações mais jovens do que em gerações mais velhas. Contudo, “ao contrário de algumas crenças populares, não está comprovado que o CS seja usado mais por pessoas sem instrução do que por pessoas cultas”³¹ (GARDNER-CHLOROS, 2009, p.15).

- iii. *O nível de consciência do seu próprio comportamento parece estar muito aquém da sua prática.* Por fim, Gardner-Chloros (2009) declara que ainda que os falantes de comunidades bilíngues geralmente estejam cientes da existência do CS, por vezes demonstram surpresa e constrangimento ao ouvirem suas próprias gravações e perceberem o número de vezes que produzem o CS.

É em sintonia com observações como essas de Gardner-Chloros (2009) que reverberam reflexões sobre qual é o real uso da língua e o que os falantes *sabem* e *pensam* sobre o tema. Em outras palavras, tem-se aqui a oposição entre *dizer* e *fazer* proposta na dicotomia entre as representações linguísticas e as atitudes linguísticas. Parece ser uníssona nos estudos sociolinguísticos a afirmação de que as pessoas utilizam mais o CS quando estão em situações informais (POPLACK, 1980; GUMPERZ, 2002 [1982]; GARDNER-CHLOROS, 1991; DEWAELE, 2001), o que implica que o uso dessa estrutura esteja presente nos momentos em que não há tanto monitoramento sobre a língua e que o nível de atenção com o que é falado está muito abaixo da consciência. Isso reflete nos espaços de interação onde o CS aparece. Contudo, Dewaele e Li Wei (2014a) comprovaram a alta frequência autodeclarada de *code-switching* em interações com colegas e clientes, por falantes que trabalham em ambientes multilíngues. Logo, a realização do CS parece se fazer mais presente nos ambientes informais, mas esta, de maneira alguma, é uma configuração categórica.

Esses achados demonstram que os falantes multilíngues adaptam a frequência do CS ao interlocutor com o qual estão interagindo. Como Gumperz (2002 [1982]) já havia afirmado, os falantes esperam conhecer o *background* do interlocutor antes de propor o CS, e anos antes, Poplack (1980) notou que falantes da comunidade bilíngue espanhol-inglês do *East Harlem* na cidade de Nova Iorque adaptavam sua escolha linguística entre espanhol e inglês e seus padrões de CS de acordo com a situação em que se encontravam, por exemplo, em casa, na escola e na vizinhança.

Agora, quando se associa as atitudes frente ao CS às variáveis sociolinguísticas clássicas (gênero, faixa etária e escolaridade), o sexo foi significativamente associado à autodeclaração de produção de CS no experimento de Dewaele e Li Wei (2014a). As participantes do sexo

³¹ Tradução própria. Texto original: “But contrary to some popular belief, it is not certain that CS is used more by uneducated people than by educated ones”.

feminino relataram usar mais CS em suas interações com amigos, família e colegas e demonstraram atitudes favoráveis a essa estrutura. No estudo de Gardner-Chloros, McEntee-Atalianis e Finnis (2005) realizado com cipriotas gregos residentes em Londres (Reino Unido) e Nicósia (Chipre), por outro lado, não se observou diferenças significativas a respeito de gênero. No entanto, na capital inglesa os entrevistados mais jovens desaprovaram menos o CS e o consideraram mais vantajoso do que os participantes mais velhos. Ainda nesse estudo, aqueles falantes que detinham níveis mais altos de escolaridade (graduandos e pós-graduandos) foram menos favoráveis e os informantes que ocupavam cargos laborais menos prestigiosos tiveram as atitudes mais favoráveis em relação ao CS dentre todos os participantes.

As atitudes frente ao CS podem ser tão variadas quanto as atitudes sobre as variedades de uma língua. O status que a comunidade linguística detém na sociedade e a história da língua minorizada no país ou região³² em que se encontra têm uma influência muito grande no modo como essa língua e a alternância entre ela e a variedade de prestígio serão recebidas pela população em contato.

1.4.2 Atitudes no contato entre português e espanhol

Visto que a imagem construída de uma língua tem influência no modo como o CS é recebido pela comunidade, faz-se necessário observar como tem-se construído o contato entre o português e o espanhol no Brasil e quais relações foram observadas nos últimos anos. Para iniciar esta discussão, apresenta-se abaixo uma declaração de Moreno Fernández (2006) sobre o contato particular das duas línguas sob análise e a realidade brasileira. Segundo o autor,

o Brasil é o país que mais faz fronteira com os países de língua espanhola. Na verdade, é difícil encontrar outra nação no mundo que faça fronteira com meia dúzia de países que compartilham uma mesma língua oficial. Por isso, tudo o que se relaciona com o hispânico afeta a realidade brasileira e tem a capacidade de se projetar sobre sua política, sua economia, sua educação ou sua cultura.³³ (MORENO FERNÁNDEZ, 2006, p. 809)

Os espaços da fronteira estão, inegavelmente, no cerne do contato entre o português e o espanhol a nível nacional e, por isso, será a partir deles que se iniciarão as observações deste

³² Na leitura da literatura de línguas em contato, nota-se que diferentes regiões de um país podem se relacionar com comunidades de uma mesma língua minoritária de diferentes maneiras.

³³ Tradução própria. Texto original: “Brasil es el país que más fronteras comparte con países hispanohablantes. De hecho es difícil encontrar otra nación en el mundo que limite con media docena de países que tengan una misma lengua oficial. Por este motivo, todo lo relativo a lo hispánico afecta a la realidad brasileña y tiene capacidad de proyectarse sobre su política, su economía, su educación o su cultura.”

bloco. Começando pela região amazônica, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, Moreno Fernández (2006) buscou observar as atitudes de brasileiros em direção à língua espanhola e às línguas indígenas, lançando mão de observações de campo, entrevistas e da aplicação de questionários abertos. Segundo o autor, na maioria dos trabalhos que se debruçaram sobre questões sociolinguísticas e/ou etnolinguísticas em contextos de línguas indígenas amazônicas, essas línguas estavam sempre em oposição à língua dominante de cada uma das superestruturas nacionais da região investigada, isto é, espanhol no caso da Colômbia, do Peru e da Venezuela, e português no caso do Brasil. Moreno Fernández (2006), por sua vez, buscou a visão de um ângulo tríplice formado no contato entre uma das línguas indígenas da região (o ticuna), o português e o espanhol.

Com participantes cujo perfil refletia a realidade da fronteira, ou seja, brasileiros residentes em Tabatinga (Amazonas, Brasil) ou Letícia (Amazonas, Colômbia), todos bilíngues em espanhol e a maioria casados com cônjuges colombianos ou peruanos, o que se pôde comprovar foram atitudes favoráveis em direção à língua espanhola e à língua ticuna. Para o autor,

as razões que endossam as atitudes favoráveis em direção à língua indígena se relacionam principalmente com a conservação de uma identidade étnica e cultural, enquanto as que sustentam o apreço pelo espanhol se estruturam sobre o amplo uso dessa língua e seu caráter prático dentro da região. [Os] informantes brasileiros [...] deixam transparecer a naturalidade do uso do espanhol nos domínios sociais da fronteira³⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 2006, p.825).

As conclusões que esse trabalho discute quanto ao contato entre o português e o espanhol são as atitudes favoráveis ao espanhol por parte dos brasileiros, a conveniência dos informantes na incorporação de estudos sistemáticos de espanhol no ensino básico e a relevância do espanhol como instrumento de globalização e regionalização nessa zona geográfica (MORENO FERNÁNDEZ, 2006). Esta última reflexão se vincula claramente aos interesses do Instituto Cervantes, representado na figura de Moreno Fernández, em mapear o alcance da língua espanhola e traçar métodos para sua consolidação como língua de globalização e regionalização.

³⁴ Las razones que avalan la actitud favorable hacia lo indígena tienen que ver principalmente con la conservación de una identidad étnica y cultural, mientras que las razones que sustentan el favor hacia el español se basan en el amplio uso de esta lengua y en su carácter práctico dentro de la región. Nuestros informantes brasileños, hablantes de portugués y que mantienen su lengua en todo tipo de ámbitos –individuales, familiares y sociales–, dejan ver la naturalidad del uso del español en los dominios sociales de la frontera.

Já em outro espaço de fronteira, no contato entre brasileiros e paraguaios, Fiamengui (2017) analisou as atitudes e crenças linguísticas³⁵ de 324 alunos de dez escolas públicas e privadas entre Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Departamento de Amambay, Paraguay). Seu objetivo foi observar e descrever as atitudes e crenças dos alunos de diferentes níveis socioculturais em direção às línguas da fronteira (português, espanhol e guarani) por meio de um teste de *matched guise*³⁶ (estímulos pareados) e entrevistas sociolinguísticas. Como resultado, verificou-se que todos os alunos, independentemente do lado fronteiriço em que estudavam, mostraram em geral um sentimento de estigmatização do guarani, e de prestígio do português, com o espanhol ocupando uma posição intermediária.

Nos testes de atitudes, a autora dividiu as perguntas em quatro dimensões: caráter, competência, relacionamento e aparência. Em todas as dimensões, o português foi a língua mais bem avaliada pelos alunos das dez escolas e, ainda que o espanhol ocupasse a segunda posição em quase todos os cenários, o que chama a atenção é que ao guarani foram atribuídas notas mais altas do que ao espanhol na dimensão de relacionamento (FIAMENGUI, 2017). Fiamengui (2017) afirma que esse resultado faz transparecer um sentimento de prestígio encoberto. Nos atributos que denotam um maior valor emocional, há posições muito favoráveis ao guarani, em especial, mas não somente, no lado paraguaio da fronteira. Não obstante a isso, foram coletadas afirmações como “‘Há muitos alunos que negam saber guarani’ e ‘Há pais que não querem que os filhos aprendam guarani’” (FIAMENGUI, 2017, p. 251), que explicitam as relações de preconceito e desprestígio não só dentro das escolas, como também no interior das famílias.

A falta de prestígio de línguas minorizadas em ambientes escolares aparece frequentemente em regiões de fronteira, bem como em comunidades interiorizadas do país. Jacumasso (2018) se propôs a observar as atitudes existentes entre algumas línguas que permeiam o estado do Paraná e pôde notar, entre a comunidade escolar (alunos, pais, professores e diretores), uma maior valorização das línguas que são mais usadas atualmente na comunicação internacional em detrimento da língua indígena de fronteira e das línguas de

³⁵ A distinção que Fiamengui (2017) propõe entre atitudes e crenças se relaciona com o que se discute neste trabalho na oposição atitudes e representações linguísticas. O conceito atitude encontra convergência em ambos os trabalhos, no entanto, o que a autora denomina como crença (isto é, aquilo que os alunos acreditam e dizem sobre as línguas da fronteira) é lido aqui como representação linguística, que anteriormente explicitou-se como sendo “posições ideológicas em direção às línguas e às práticas linguísticas”.

³⁶ A técnica de estímulos pareados (OUSHIRO, 2015) ou *matched guise*, desenvolvida por Lambert *et al.* (1960) “busca a eliciação de atitudes subjetivas e encobertas a respeito de diferentes variedades ou línguas” (OUSHIRO, 2015, p. 267). Em sua aplicação, pesquisadores controlam o conteúdo das mensagens, a qualidade de voz e os possíveis ruídos exteriores das gravações que apresentam aos participantes dos experimentos, cuidando para que as variáveis sob análise sejam as únicas diferenças entre os arquivos de áudio que os ouvintes têm acesso.

herança. Em contato com informantes de três localidades, Foz do Iguaçu, Irati e Curitiba, o pesquisador concluiu que o inglês é a língua de maior prestígio dentro do ambiente escolar seguido pelo espanhol, cujas representações coletadas “passaram de uma língua de ‘competência espontânea’ que não merecia aprendizagem porque ‘era muito fácil’, parecida com o português, a uma língua que requer aprendizagem ou que causa expectativa de aprendizagem” (JACUMASSO, 2018, p. 204).

Nessas localidades, enquanto o espanhol ocupa uma posição de favorecimento e é vista como “a língua possível para o brasileiro” em casos de necessidades comunicativas que o português não atende³⁷, além de ser a língua “combatente” ao monopólio do inglês, é também vista como uma língua a ser “combatida”, pois contribui para a dificuldade de emergência de línguas e culturas em situação de minorização (JACUMASSO, 2018). Já os lugares do guarani, em Foz do Iguaçu, e do ucraniano, em Irati, são periféricos e muitos informantes afirmaram não *ver* ou *ouvir* essas línguas em seu dia a dia, atribuindo a elas uma condição de invisibilidade e de pouca importância.

Atuando também no contexto multilíngue do Paraná e, inclusive em uma das cidades, posteriormente, investigadas por Jacumasso (2018), Corbari (2013) buscou observar o papel ocupado pelas línguas de herança e migração em Irati e Santo Antônio do Sudoeste, esta situada na fronteira com a cidade argentina de *San Antonio*. Nessa investigação, a autora constatou que as línguas de herança (alemão, italiano, polonês e ucraniano) estão sendo relegadas em favor da língua portuguesa, especialmente entre os mais jovens. Contudo, o caso do espanhol, em Santo Antônio do Sudoeste, distingue-se dessa configuração por ser uma língua de fronteira e, “como língua materna de falantes do país fronteiriço, [...] goza de vitalidade” (CORBARI, 2013, p. 214). Assim, registrou-se o uso do espanhol, na cidade brasileira da fronteira, no âmbito público (estabelecimentos comerciais, ruas, locais de trabalho etc.), e por falantes mais jovens.

Situação oposta a essa foi observada nos registros de Amâncio (2007) coletados na conurbação entre Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina). Nessa tríplice fronteira, por exemplo, havia um desinteresse dos brasileiros em aprender e/ou falar espanhol e registrou-se uma recorrência em avaliações negativas sobre a língua do outro, como exemplificam as seguintes afirmações, “eles falam muito enrolado, e, por eles falarem rápido, muitas vezes a gente não entende” e “o tom que eles usam assim às vezes é bem forte assim, bem alto digamos assim, meio desagradável”

³⁷ O autor cita como exemplo a realização de exames seletivos, como o vestibular e o ENEM (JACUMASSO, 2018).

(AMÂNCIO, 2007, p. 69). A relação entre brasileiros e argentinos nessa região é marcada por avaliações desfavoráveis e menções à rivalidade entre os grupos; no entanto, para Amâncio (2007) é inegável a existência de uma intensa integração entre as comunidades da fronteira.

Elizaincín (2004) já havia comentado que o contato do espanhol com o português tem um status especial, pois as duas línguas compartilham uma mesma origem, são tipologicamente muito próximas e têm uma forte relação de área. Acredita-se, então, que se deva a isso o tão complexo e vibrante lugar, ora favorável, ora avesso, que o espanhol ocupa nas comunidades fronteiriças e no imaginário dos brasileiros, desde o Amazonas até Santa Catarina, como apresentado até aqui.

Seguindo pelas fronteiras brasileiras sul abaixo, a já clássica fronteira gaúcha-uruguaia, referida nos estudos de contato entre o português e o espanhol (ELIZAINCÍN, 1975; 1992; 2004; BOTTARO, 2009; CARVALHO, 2006; 2010; 2016; 2020), não apresenta cenários menos complexos. O diferencial, no entanto, é que os estudos de contato na região de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Rio Grande do Sul)³⁸, por exemplo, se pautam, majoritariamente, na presença do português em território uruguaio e no que os autores chamam de *fronterizo* (RONA, 1965) ou português uruguaio (BOTTARO, 2009; CARVALHO, 2006; 2020), e não tanto na presença do espanhol no lado brasileiro da fronteira.

Em Rivera, o português uruguaio (PU) se faz visível na periferia onde a cultura fronteiriça está mais presente, menos influenciada pelas culturas urbanas nacionais uruguaia e brasileira (CARVALHO, 2020)³⁹ e pelas normas monolíngues das línguas portuguesa e espanhola (BOTTARO, 2021)⁴⁰. Segundo Carvalho (2020) a estratificação sociogeográfica reflete a estratificação sociolinguística, o PU é preferido pelas classes socioeconômicas baixas, que mantêm a tradição local, fronteiriça, enquanto as classes médias abraçam o ideal nacional e preferem o espanhol⁴¹. Ao português uruguaio é, geralmente, conferido um status de variedade híbrida, também alcunhado de “portunhol” e nas palavras dos informantes, mesmo daqueles que declaram utilizar o PU, sobressaem o desfavorecimento e a marginalização dessa variedade

³⁸ Os estudos sobre o contato entre português e espanhol na fronteira brasileira com o Uruguai atuam, desde os anos 1960, sobre uma franja fronteiriça de aproximadamente 1000 km. A região de Rivera e Santana do Livramento, juntamente com Artigas-Quaraí e Rio Branco-Jaguarão, figura como uma importante comunidade de fronteira, na qual se observaram e analisaram aspectos sociopragmáticos e estruturais do português uruguaio.

³⁹ Informações fornecidas por Carvalho no encontro “Continuidades sociolinguísticas e diversidade urbana no português uruguaio” organizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará- IFPA- Campus Rural de Marabá- CRMB. 22 de outubro de 2020.

⁴⁰ Informações apresentadas por Bottaro na Banca de Defesa da presente dissertação, em 10 de setembro de 2021.

⁴¹ Segundo Bottaro (2017), ao observar o status socioeconômico dos falantes do PU, verifica-se que a grande maioria ocupa classes média-baixas e vivem em bairros periféricos ou rurais. No entanto, a autora destaca que a partir dos anos 1990 a situação do PU ganhou novos contornos, ainda que lentamente, devido ao compromisso que o governo uruguaio assumiu com o ensino de português e com novas ações de política linguística.

do português, como se observa nos seguintes exemplos discutidos por Carvalho (2020), “[es] una deformación del portugués y del español”⁴² e “Me dicen que tenía que tener orgullo de mi lengua materna, pero es una lengua materna tan fea!”⁴³ (p. 64).

Assim como o português de Rivera, o espanhol falado nessa região é estigmatizado pelos falantes locais e pelos uruguaios do restante do país. Em um trabalho anterior, Carvalho (2006) coletou registros como “*el español de Rivera es deformado por el portugués*”⁴⁴, “*El español de Montevideo es diferente, allá hablan bien el español. En Rivera, el español no es tan expresado, pues es deformado*”⁴⁵, e “*Aquí somos rompeidiomas, no hablamos ni el español ni el portugués correcto*”⁴⁶ (CARVALHO, 2006, pp. 88-89). O que se observa, então, com as leituras propostas aqui, é que o cenário linguístico da fronteira gaúcha-uruguaia é carregado de atitudes negativas em direção ao bilinguismo local. Assim, por vezes, sobressai a visão de que as pessoas ali não falam nenhuma língua bem e, portanto, usam uma forma que não é nem uma nem outra língua.

Lido o contato entre o português e o espanhol em diferentes pontos da fronteira brasileira com países hispanofalantes, a observação adentra o país em direção à cidade de São Paulo, um dos principais polos de imigração no Brasil. Neste contexto, dá-se atenção especial para a comunidade boliviana, que apresenta os maiores números de imigrantes da cidade. Por ocupar uma região não fronteira, a língua espanhola em São Paulo apresenta-se em contextos diferentes do que se viu anteriormente, uma vez que já não existem aqui espaços em que o uso do espanhol é definido por forças de um Estado nacional, mas sim lugares por onde as comunidades transitam e criam seus redutos linguísticos.

Em um trabalho sobre o português boliviano, Niehoff (2011) propõe a existência de três macro grupos de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. O primeiro seria formado pelos “*trabajadores não assimilados*”, ou seja, imigrantes que não buscam estabelecer contatos com brasileiros para fora de suas redes bolivianas e demonstram um grande desejo de retorno ao país de origem. No segundo grupo estariam os “*trabajadores assimilados*”, que, por sua vez, estariam mais orientados à cultura brasileira e à língua portuguesa, de modo que se propõem a estabelecer relações de amizade ou mesmo relacionamentos amorosos com brasileiros. O terceiro e último grupo seria composto por “*estudiantes académicos*”, que se diferem fortemente dos demais por virem ao Brasil exclusivamente de forma legal e frequentarem instituições de

⁴² Tradução própria: “Uma deformação do português e do espanhol”.

⁴³ Tradução própria: “Me falam que eu tinha que ter orgulho da minha língua materna, mas é uma língua materna tão feia”.

⁴⁴ Tradução própria: “O espanhol de Rivera é deformado pelo português”.

⁴⁵ Tradução própria: “O espanhol de Montevideo é diferente, lá eles falam bem o espanhol. Em Rivera, o espanhol não é tão expressado, porque é deformado”.

⁴⁶ Tradução própria: “Aqui somos quebra-idiomas, não falamos nem o espanhol nem o português”.

ensino brasileiras. Além disso, estes detêm uma renda que lhes dá a oportunidade de transitar entre a classe média paulistana. (NIEHOFF, 2011).

Considerando os três grupos, a autora afirma que os “*trabalhadores não assimilados*” e os “*estudantes acadêmicos*” constituem dois polos opostos quanto à sua assimilação a São Paulo e às relações que assumem com a língua portuguesa. Enquanto os primeiros vivem isolados da sociedade paulista falante de português, quase sem influência alguma do ambiente no qual transitam, os estudantes costumam ser altamente móveis, participam de instituições públicas como escolas e universidades e mantêm contatos íntimos com os brasileiros (NIEHOFF, 2011). Os “*trabalhadores assimilados*”, por sua vez, estão localizados entre estes dois polos e assumem atitudes favoráveis ao português, especialmente, ao que a autora chama de *português popular*. Dentre esse grupo, foi comum a observação do emprego de certos marcadores discursivos, e expressões típicas do estilo de jovens que vivem na periferia (NIEHOFF, 2011), o que a autora aponta como esperado, visto que os imigrantes bolivianos da classe trabalhadora estão em contato com falantes de status socioeconômicos mais desfavorecidos e em regiões periféricas da cidade⁴⁷.

Rocha (2015), por sua vez, em sua dissertação, buscou observar os espaços que ocupavam as línguas faladas pelos bolivianos em São Paulo. Em primeiro lugar, pôde notar que havia

“lugares bolivianos”, delimitados por critérios como localização geográfica (bairros, parques, praças), atividade econômica (feiras, mercados) e traços culturais (festas, rituais, bailes). Essas delimitações marcariam espaços sociais nos quais a “bolivianidade” – sentimento de pertença a um coletivo de identificação étnico-nacional que reside num país estrangeiro – poderia se expressar de maneira um pouco mais aberta. (ROCHA, 2015, p. 42)

Como exemplo de um desses *lugares* figura a Feira Kantuta, espaço onde o pesquisador comprovou a circulação das línguas portuguesa, espanhola⁴⁸, quéchua e aimará. O português nesse espaço cumpriria uma função comercial, pois, para Rocha (2015), existe entre os feirantes o desejo de estabelecer uma comunicação direta com os brasileiros que visitam a feira. No

⁴⁷ No trabalho de Niehoff (2011), a autora observou um contingente enorme de imigrantes bolivianos que vivem na zona leste de São Paulo e em cidades adjacentes, como Guarulhos, Itaquaquetuba e Poá. Para além disso, Rocha (2014) discute que a região central de São Paulo, sabidamente ocupada pelos bolivianos, como por exemplo, a Praça da Kantuta, é um local bastante isolado, às margens do rio Tietê e que, devido ao abandono e precariedade, não deixa de ser um espaço periférico.

⁴⁸ Nos trabalhos de Amâncio (2007), Corbari (2013) e Rocha (2015), os autores utilizaram o termo *castelhano* para se referirem ao que aqui tem-se chamado de *espanhol*. A preferência por um termo em detrimento do outro toca questões de identidades comunitárias e políticas linguísticas que não são aprofundadas neste trabalho. Devido ao contato com falantes de diferentes países e comunidades de prática, optou-se aqui pelo uso do termo *espanhol*, por acreditar ser a nomenclatura mais difundida na designação da língua falada nos países latino-americanos de colonização espanhola.

entanto, mais do que língua comercial, o português pareceu ocupar o espaço das relações que explicitam a falta de intimidade entre os interlocutores. Isto, porque, nesse trabalho, coletaram-se relatos de hispanofalantes não bolivianos que foram atendidos em português na Kantuta, mesmo quando falavam em espanhol e, inclusive, o próprio pesquisador se deparou com essa situação em interações nas quais propôs o uso do espanhol.

Dado esse cenário, Rocha (2015) entendeu que o espanhol se apresenta como a língua dos afetos para alguns dos bolivianos que frequentam a Feira Kantuta, ao lado do quéchua e do aimará. Contudo, seria exclusivamente o espanhol que adotaria naquele espaço o papel de língua de identificação grupal, pois atenderia a toda a comunidade boliviana, independentemente do *background* individual de diversidade linguística, e se associaria às práticas e experiências religiosas e políticas compartilhadas pela comunidade.

Mesmo quando se distancia das fronteiras, nota-se que o espanhol se faz presente no panorama brasileiro e atua nos espaços de economia, educação e cultura, tal como enunciado por Moreno Fernández (2006). Já as relações que se constroem no contato dessa língua com o português parecem variar a depender do contexto sócio-histórico e das identidades celebradas por cada comunidade. Em termos de atitudes, observaram-se atitudes favoráveis em direção ao espanhol (MORENO-FERNÁNDEZ, 2006; CORBARI, 2013; FIAMENGUI, 2017; JACUMASSO, 2018), favoráveis em direção ao português (NIEHOFF, 2011; ROCHA, 2015; FIAMENGUI, 2017) e conflituosas e avessas em direção a uma ou às duas línguas (AMÂNCIO, 2007; NIEHOFF, 2011, CARVALHO, 2006; 2020). As atitudes em favor ou desfavor das línguas serão sempre atitudes direcionadas aos falantes e/ou motivadas pelas histórias que compõem as trajetórias dos grupos e comunidades. Visualizar aqui a existência de diferentes realidades de relações entre os falantes de português e espanhol instiga ainda mais o desejo de conhecer e mapear o espaço e as conexões escolhidos para esta investigação.

2. Materiais e métodos

Este capítulo apresenta os procedimentos iniciais de coleta dos materiais e os métodos empregados nas análises desenvolvidas nos capítulos 3 e 4. Serão discutidos, portanto, os processos de mapeamento, seleção e coleta do corpus de 67 questionários e 11 entrevistas sociolinguísticas, as características dos informantes selecionados, e as hipóteses preliminares sobre as atitudes, representações e produção de *code-switching*.

2.1 Procedimentos iniciais e mapeamentos

Embora as comunidades migrantes se organizem a partir de diferentes características que os indivíduos compartilham, não se conhecem dados de alguma comunidade que se pautem somente pelo meio laboral empresarial. Isto é, parece não existir alguma comunidade de imigrantes hispano-americanos formada apenas por pessoas que trabalham em empresas multinacionais e globais. Neste sentido, a primeira dificuldade de pesquisa foi localizar possíveis informantes dentro das milhares de empresas instaladas na cidade de São Paulo. A solução encontrada para essa questão foi, então, o contato com páginas de grupos de imigrantes no Facebook. Essa rede social apresenta algumas funções que permitem que as pessoas se organizem em grupos de acordo com diferentes motivações (familiar, escolar, laboral, interesses comuns etc.), e possibilita que indivíduos migrantes localizem seus conterrâneos em diferentes cidades ou países do mundo. Tais grupos, por sua vez, funcionam como comunidades virtuais e desenvolvem redes de apoio quase tão sólidas quanto as não virtuais.

Dentre os vários grupos contatados, somente foi permitida a divulgação da presente pesquisa nas seguintes páginas: “*Argentinos en São Paulo*”; “*Argentinos en San Pablo*”; “*Chilenos en São Paulo (OFICIAL)*”; “*Colombianos en São Paulo*”; “*Colombianos en Brasil*”; “*Colombianos en São Paulo - Brasil*”; e “*Mexicanos en São Paulo*”. A autorização e a não autorização dos moderadores das páginas em permitir a divulgação da pesquisa entre os membros dos grupos tiveram um papel fundamental na delimitação de quais nacionalidades de informantes estariam presentes na amostra, uma vez que o Facebook se tornou a forma

exclusiva para a aproximação aos possíveis participantes. Portanto, este trabalho conta com a participação de argentinos, chilenos, colombianos e mexicanos.

Uma vez em contato com tais grupos migrantes, para atender os objetivos específicos da presente pesquisa, dividiu-se a coleta de dados em duas etapas:

- (i) a aplicação de um questionário online, com o qual buscava-se a identificação dos indivíduos, a partir de questões sobre seu lugar de origem, idade, tempo de residência no Brasil e domínio da língua portuguesa; e
- (ii) a condução de entrevistas sociolinguísticas com alguns respondentes do questionário, visando a coleta de dados de atitudes e representações linguísticas e exemplos de produção de *code-switching*.

A utilização de questionários aplicados online é defendida por diferentes pesquisadores devido aos seus benefícios para a coleta de dados sociolinguísticos. Dewaele e Li Wei (2014b) afirmam que as amostras coletadas através da Internet podem não ser representativas da população geral, mas costumam ser mais diversificadas em termos de gênero, idade, raça, status socioeconômico e localização geográfica do que as amostras realizadas com papel e caneta. Em consonância com essa proposta, Wilson e Dewaele (2010) observaram que em pesquisas concernentes ao multilinguismo, os participantes não precisam representar, necessariamente, a 'população em geral', mas sim, precisam atender a critérios linguísticos específicos, como serem capazes e estarem dispostos a se envolverem com questões relativamente abstratas sobre as preferências e uso das línguas.

Já a escolha pelas entrevistas sociolinguísticas se justifica pela verificação do seu alcance na coleta de amostra de fala semiespontânea⁴⁹, informações sobre condições de vida e avaliações sociolinguísticas dos informantes (OUSHIRO, 2015). Além disso, a realização de entrevistas permite a observação de dados concernentes às atitudes e representações linguísticas que, de acordo com Jacumasso (2018), se constroem nas interações sociais. Desse modo, organizou-se um corpus de 67 questionários respondidos e 11 entrevistas sociolinguísticas. Toda a coleta de dados foi realizada pelo presente investigador, desde a aplicação do questionário até a condução e transcrição das entrevistas.

⁴⁹ As entrevistas sociolinguísticas têm o objetivo de acessar amostras que se aproximem da fala real e cotidiana dos informantes. No entanto, as características próprias do gênero constroem um cenário de coleta distinto da realidade de comunicação espontânea. Desse modo, entende-se que as amostras de fala coletadas por meio das entrevistas sociolinguísticas retratam exemplos de fala semiespontânea dos entrevistados.

2.2 Questionário

Uma vez em contato com as comunidades virtuais do Facebook, apresentou-se uma publicação nas páginas com um breve resumo desta pesquisa e pediu-se que as pessoas que trabalhavam em empresas na cidade de São Paulo e estivessem interessadas em contribuir para esse projeto respondessem a um questionário (Anexo A), desenvolvido e aplicado com o *Google Forms*. Este questionário, organizado com base na versão de Otheguy e Zentella (2012), apresentava 23 questões que se dividiam, essencialmente, em duas frentes. A primeira buscava traçar o perfil dos informantes por meio de questões referentes a gênero, idade, país e cidade de origem, ocupação, tempo de residência no Brasil e hábitos cotidianos. Já a segunda se relacionava à questão linguística. Isto é, era perguntado onde e como eles aprenderam português, como classificavam seu próprio nível nessa língua, quais línguas utilizam com suas famílias e amigos e como viam e reagiam à alternância entre o português e o espanhol em seu cotidiano. Dentre todas as perguntas do questionário, as três últimas se destacavam:

- (2.1) Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?
- (2.2) Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?
- (2.3) E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?

Para a organização dos dados, as respostas recebidas em todas as três perguntas receberam uma nota em uma escala de 1 a 4 (Escala de Likert), em que, de modo amplo, abrangiam respostas como: (1) não gosto/ não faço/ acho feio; (2) acho estranho/ esquisito; (3) acho normal/ não me importo; e (4) faço sempre/ é natural. Essa divisão buscava as seguintes interpretações: *muito negativa*, *negativa*, *positiva* e *muito positiva*. Não se criou nesta escala um ponto neutro e isso se deve à crença de que ninguém é totalmente neutro em uma resposta discursiva, algum posicionamento o informante toma. Aqueles que disseram, por exemplo, “achar normal” ou “não se importar” com as situações apresentadas demonstraram um posicionamento favorável. Já quem disse “achar estranho” ou “esquisito”, não pareceu aceitar tão bem a alternância entre as línguas. Por outro lado, nas respostas coletadas nenhum informante declarou não saber o que pensar ou como se sentir frente às situações

exemplificadas, o que corrobora o fato de que todos tinham alguma opinião formada, fosse minimamente positiva ou negativa.

Entretanto, é inegável que algumas respostas foram muito mais complexas do que apenas um sim ou um não, e houve respondentes que se mostraram bastante detalhistas em suas respostas. A título de ilustração do que será discutido no capítulo 3, os exemplos 2.4 a 2.7 representam, respectivamente, modelos para cada uma das categorias (1 – muito negativa, 2 – negativa, 3 – positiva, 4 – muito positiva) quando se perguntou: *E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?*:

- (2.4) GiseleC-F2Co4⁵⁰: *Às vezes fico com raiva porque eu me estou esforçando para falar português e espero que a pessoa responda português. Mas as vezes a pessoa quer que eu me sinta mais confortável mas mesmo assim da raiva.*⁵¹ (1 – muito negativa)
- (2.5) GastonB-M2Co2: *Envergonhado. Acho que meu português é ruim. Mesmo assim, as vezes ele só quer praticar espanhol.* (2 – negativa)
- (2.6) LudmilaG-F2Ar5: *Depende, se tiver Brasileiros ao redor respondo em Português, já que as vezes acho que é falta de respeito falar em outra língua se eles não entendem ou não podem interagir. Se for uma conversa muito pessoal continuo na língua que a pessoa está me falando, mas procuro me afastar do grupo.* (3 – positiva)
- (2.7) JesicaR-F2Co6: *Continuo falando em espanhol. Eu acho que a pessoa está se sentindo mais a vontade para falar em espanhol. Pode ser um brasileiro que queira praticar espanhol ou esteja brincando e aí eu vou com mais cuidado, mas se é um nativo provavelmente quer continuar a conversa sabendo que é só comigo. Mas no meu grupo de amigos existe uma regra clara, se a maior parte fala português só, então a conversa de grupo é em português, se for o contrario a gente mistura, mas vai ter bastante conversa em espanhol.* (4 – muito positiva)

Nos modelos apresentados, nota-se que o posicionamento dos informantes frente à situação descrita na pergunta 2.3 pode diferir substancialmente e, inclusive, no interior de cada comentário pode haver divergências nas leituras que os informantes fazem da produção do CS. Sobre isso, Jacumasso (2018, p.71) aponta que, por vezes, as representações podem ser “contraditórias no sentido de que uma mesma pessoa numa mesma interação pode explicitar

⁵⁰ Foram utilizadas neste trabalho siglas como uma codificação para os informantes que participaram do questionário: elas informam, sequencialmente, o codinome, o gênero (M ou F), a faixa etária (1, 2 ou 3), a origem (Argentina, Chile, Colômbia ou México) e o tempo de residência no Brasil (em anos) de cada informante.

⁵¹ Todas as respostas referentes ao questionário apresentadas neste trabalho estão transcritas tais como os respondentes escreveram.

diversas representações sobre o mesmo objeto”. Dito isso, o capítulo 3 é dedicado a análises detalhadas das respostas que os informantes deram às perguntas abertas, a partir da ótica das atitudes e representações linguísticas (PETITJEAN, 2009; JACUMASSO, 2018) e em diálogo com reflexões sobre alguns conceitos de identidades (HALL, 1997; 2000; SILVA, 2000; WOODWARD, 2009, OUSHIRO, 2019) e etnicidade (FOUGHT, 2010; 2013).

Acompanhando as leituras qualitativas das respostas dos questionários, esse primeiro capítulo de análise irá apresentar também as respostas dos informantes sobre seus hábitos sociais e linguísticos. Na primeira parte do questionário perguntou-se quais línguas os informantes utilizavam com diferentes interlocutores e em diferentes espaços (públicos e privados), nuances que já nos comentários 2.6 e 2.7 apresentaram influências no posicionamento dos informantes frente à alternância entre o português e o espanhol.

A organização das respostas dos 67 informantes na escala de 1 a 4 possibilitou ainda a condução de análises estatísticas, voltadas para a observação de indícios e tendências de respostas e sua possível correlação com três principais características sociobiográficas (sexo, gênero e país de origem). Esses dados foram analisados com o auxílio do programa R (R Core Team, 2019), uma ferramenta utilizada para computação gráfica e estatística (OUSHIRO, 2015), que tem se tornado “uma ferramenta padrão em muitas áreas da linguística, especialmente em estudos computacionais e baseados em corpus”⁵² (LEVSHINA, 2015, p. 21).

Nas análises estatísticas conduzidas no próximo capítulo criaram-se, primeiramente, gráficos *boxplots*, que ilustram a dispersão das respostas para cada pergunta a depender do gênero dos informantes e também apresentam os valores de média e mediana de cada grupo, o que possibilita o acompanhamento da distribuição das notas dadas por homens e mulheres em cada pergunta. Além da criação dos gráficos, conduziram-se testes e modelos estatísticos mais complexos que objetivavam a verificação de relações significativas entre valores e variáveis previsoras. Para a presente investigação, os modelos mais relevantes foram o modelo de regressão linear (efeitos mistos) e os gráficos de efeitos, nos quais se observam as estimativas das médias das notas e os intervalos de confiança para cada variável independente.

Na leitura desses materiais estatísticos, mais do que diferenças categóricas, busca-se a verificação de tendências de respostas a depender das perguntas propostas e possíveis encontros com os grupos sociodemográficos. Os indícios que as análises oferecem podem ser lidos nas seções 3.2 a 3.4 como marcas de atitudes comuns a falantes de uma comunidade hispano-americana residente em São Paulo e que transitam em espaços laborais empresariais.

⁵² Tradução própria. Texto original: “standard tool in many areas of linguistics, especially corpus-based and computational studies”.

2.2.1 Perfil sociobiográfico dos participantes

No que diz respeito à qualificação do perfil dos participantes, algumas respostas da primeira parte do questionário permitiram a categorização dos informantes de acordo com algumas variáveis sociais relevantes para esta pesquisa. Com os dados obtidos pelas respostas dos informantes, primeiramente, buscou-se a estratificação de acordo com três variáveis sociais:

- (a) Sexo/Gênero: feminino e masculino
- (b) Faixa Etária: Faixa 1 - 18 a 24 anos (7 informantes); Faixa 2 - 25 a 39 anos (42 informantes); e Faixa 3 - 40 a 59 anos (18 informantes)
- (c) País de Origem: Argentina, Chile, Colômbia e México

A divisão etária proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) desde 2012 para dados relacionados à ocupação laboral no Brasil é a seguinte: 14 a 17 anos; 18 a 24 anos; 25 a 39 anos; 40 a 59 anos; e 60 anos ou mais. Esta divisão busca indicar as diferentes etapas da vida dos trabalhadores e, possivelmente, uma evolução nos tipos de postos de trabalho ocupados. Neste sentido, por acreditar que os dados obtidos nesta pesquisa se relacionam com a ocupação laboral dos informantes, optou-se por utilizar a divisão etária sugerida pelo IBGE⁵³. Contudo, dentre as cinco possibilidades de divisão etária propostas pelo Instituto, duas não foram utilizadas aqui: 14 a 17 anos e 60 anos ou mais. Na amostra sob análise não se registraram respostas de informantes que representassem essas faixas, o que indica um baixo percentual de trabalhadores imigrantes dessas faixas-etárias no Brasil. A tabela 2.1 apresenta os números de autorizações de trabalho no Brasil, segundo idade, nos últimos anos e permite a verificação de que o maior número de trabalhadores imigrantes tem entre 20 e 49 anos.

Tabela 2.1 - Número de autorizações de trabalho concedidas no Brasil entre 2011 e 2018, segundo idade

Idade	Ano de concessão							
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total	68.693	66.821	61.842	46.740	36.868	30.327	25.937	30.619
Menor que 20	241	248	228	203	145	120	139	381
20 a 34	30.181	28.516	25.677	18.939	14.425	11.364	9.989	12.579
35 a 49	27.386	26.920	25.285	19.226	15.329	12.930	10.857	12.435
50 a 64	10.216	10.398	9.842	7.738	6.397	5.493	4.466	4.973
65 ou mais	578	668	708	558	518	396	452	235
Não Informado	91	71	102	76	54	24	34	16

Fonte: DIEME et al, 2019. p. 23

⁵³ Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pna-ct_2013_2tri.pdf>

Ao lado da faixa etária, historicamente, o gênero é outro fator externo amplamente analisado nos estudos sociolinguísticos. Tem-se observado na literatura que em comunidades urbanas ocidentais as mulheres empregam mais frequentemente as formas de prestígio do que os homens (LABOV, 2001), assim como os falantes de faixas etárias intermediárias – estes motivados, talvez, pela pressão do mercado linguístico (OUSHIRO, 2015). No entanto, sob a lupa do *code-switching*, a literatura não parece indicar uma relação categórica entre sua produção e gênero. Os dados de Poplack (1980), obtidos no trabalho com porto-riquenhos em Nova Iorque, apontam que as mulheres estariam mais propensas a produzirem CS do que os homens. Enquanto isso, nos trabalhos desenvolvidos por Gardner-Chloros *et al.* (2005) e Gardner-Chloros (2009) no Reino Unido, com grupos de cipriotas gregos, não houve diferença significativa de qualquer espécie no que diz respeito a gênero. A relação entre a produção de *code-switching* e gênero parece variar, a depender do grupo sob análise e do comportamento das diferentes comunidades minorizadas e/ou migrantes. Devido a isso, parece necessária a observação do comportamento dessa variável no presente corpus.

Já a origem nacional e a procedência geográfica dos participantes têm desempenhado um papel importante nos estudos latino-americanos de dialetologia e sociolinguística. Para Otheguy e Zentella (2012), a questão das zonas do espanhol latino-americano ocupou a atenção de grandes estudiosos ao longo do século XX e ainda permanece como um importante tema de interesse (MORENO FERNÁNDEZ, 1993; 2010). Termos como espanhol rio-platense, espanhol andino e espanhol caribenho, ou ainda, termos relacionados aos Estados nacionais, como espanhol mexicano e espanhol chileno moldaram as discussões acadêmicas e estão ainda firmemente estabelecidos no imaginário dos falantes, que difundem essa perspectiva em todo o mundo (OTHEGUY; ZENTELLA, 2012).

Ciente dessa tradição da dialetologia com foco nas regiões e/ou Estados-Nação de língua espanhola, além da observação da relevância dessa perspectiva para os próprios informantes, utilizaram-se aqui os Estados nacionais também como uma variável social. Com o auxílio da função *ggmap* do pacote *ggplot2* (WICKMAN, 2016) foi possível criar no programa R (R CORE TEAM, 2019) um mapa que ilustrasse a distribuição geográfica dos participantes do questionário de acordo com sua origem nacional e cidade natal, como apresenta a figura 2.1 a seguir. Essa imagem permite a verificação de perfis de informantes que, para além dos recortes regionais macro, como argentinos, chilenos, colombianos e mexicanos, participam de contextos regionais que vão desde o Deserto de Sonora, no México, até a Patagônia argentina. Essa é uma constatação interessante que desmitifica um possível imaginário de que os imigrantes que

trabalham em empresas globais estabelecidas no Brasil vêm exclusivamente de grandes conglomerados urbanos, como a Cidade do México e Buenos Aires.

Figura 2.1 - Distribuição geográfica da origem dos participantes do questionário

Fonte: Elaboração própria

Combinando, então, as três variáveis sociais – Sexo/Gênero, Faixa Etária e País de Origem – o quadro 2.1 apresenta a distribuição social dos 67 informantes do questionário, identificados por codinomes. A distribuição dos informantes não preenche todos os perfis possíveis no quadro e isto se deve à metodologia utilizada na aplicação do questionário online. Quando se pediu que os participantes dos grupos do Facebook interessados em contribuir com a presente investigação respondessem ao formulário em análise, a única restrição proposta foi que os respondentes trabalhassem em empresas multinacionais ou globais na cidade de São Paulo. Neste sentido, a amostra representada no quadro a seguir reflete o perfil dos trabalhadores imigrantes de empresas de São Paulo, que participam de grupos da rede social Facebook e que se interessam por pesquisas de cunho acadêmico. Esse perfil, assim como

observado em outras investigações veiculadas no meio online (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b, BADIOLA et al., 2018) é majoritariamente representado por mulheres na faixa etária de 25 a 35 anos.

Quadro 2.1 - Estratificação social dos informantes do questionário em Sexo/Gênero, Faixa Etária e País de Origem

	Feminino (46)				Masculino (21)			
	Argentina (16)	Chile (1)	Colômbia (22)	México (7)	Argentina (7)	Chile (3)	Colômbia (8)	México (3)
18-24 anos (7)	AngelicaJ	-	DanaZ	-	-	-	-	-
	MelisaA		DianaC					
	RuthO		LauraD					
			TamaraA					
25-39 anos (42)	AinaraR	-	AmandaS	AnaA	DenisP	EmilioR	AlbertoJ	HectorL
	CarlaG		AntoniaP	AndreaC	FelipeB	RaulA	AndrésA	
	CeciliaF		CarmenD	BarbaraP	GabrielA		DouglasG	
	FátimaR		DulceS	CatalinaV	GustavoP		InacioM	
	GabrielaS		GiseleC	MaisaH	PatricioN		JorgeR	
	LudmilaG		IrisB	MarianaZ				
	MarinaG		JesicaR					
	SoledadP		JuliaA					
	YaneC		MartaV					
	YaraS		NadiaA					
			NazarethB					
			RosarioN					
			SilviaG					
40-59 anos (18)	BelenN	GinaM	AmeliaO	ReginaH	CarlosO	LucasC	GastonB	MarcoR
	LidiaJ		DanielaD		PedroG		LuisR	RamonR
	ValeriaA		MariaR				RobertoG	
			MeireL					
			MilenaR					

Fonte: Elaboração própria

Além das três principais variáveis sociais representadas no quadro 2.1, outras características dos informantes foram levantadas a partir de suas respostas ao formulário; são elas: tempo de residência no Brasil; ocupação; modo como aprendeu português (instrução formal ou informal); autodeclaração de competência na língua portuguesa; línguas faladas além do espanhol e do português; línguas utilizadas com familiares, amigos, colegas e em lugares

específicos da cidade; e atividades relacionadas com a língua espanhola. Esses dados são apresentados e discutidos em gráficos e tabelas no capítulo 3 e acompanham as discussões qualitativas das seções 3.2 a 3.4 na leitura das respostas aos questionários.

2.3 Entrevistas

No desenho inicial desta investigação, almejava-se obter registros de amostras de *code-switching* produzidas no cotidiano dos informantes dentro dos espaços de trabalho. Entretanto, o contato com algumas empresas e os tipos de funções desempenhadas por alguns informantes impossibilitaram a coleta desse tipo de dado, visto o caráter confidencial e/ou exclusivo de alguns temas. No redesenho da coleta de dados, organizou-se, então, um roteiro de entrevista sociolinguística para a coleta de amostras semiespontâneas de CS e a verificação de declarações sobre a produção do CS nos ambientes de trabalho.

Enquanto o questionário foi aplicado a pessoas de quatro nacionalidades (argentinos, chilenos, colombianos e mexicanos), na etapa de entrevistas a coleta restringiu-se aos participantes argentinos e colombianos, grupos que em conjunto representavam 79% do total de informantes do questionário. Essa decisão foi motivada pelo desejo em alcançar o maior número de falantes dispostos a realizar as entrevistas. A realização de um questionário online facilita a participação das pessoas, que podem respondê-lo a qualquer hora e em qualquer lugar, sem a necessidade de interações diretas com o pesquisador. Na realização das entrevistas, o cenário é o oposto.

Uma vez pré-selecionados os participantes dessa fase de investigação, utilizaram-se os e-mails fornecidos nos questionários para convidá-los a participarem da gravação das entrevistas sociolinguísticas. Dentre os 53 respondentes aptos para essa etapa (somente argentinos e colombianos), 11 aceitaram ser gravados e assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido⁵⁴ (Anexo B). As gravações têm duração aproximada de 45 minutos e foram coletadas pelo presente investigador, utilizando um aparelho celular, em duas etapas: a primeira entre abril e maio de 2019 e a segunda entre outubro e novembro do mesmo ano. O local de cada gravação variou a depender da escolha dos informantes, privilegiando lugares onde eles

⁵⁴ Por se tratar de um trabalho com participantes reais, com aplicação de questionários e gravação de entrevistas, esta pesquisa foi submetida à análise da Comissão de Ética em Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e aprovada em 08 de outubro de 2018.

se sentissem confortáveis. Com quatro participantes, a entrevista foi realizada no local de trabalho (escritório, sala de descanso ou recepção), e com os outros sete a coleta aconteceu fora do ambiente de trabalho em restaurantes, cafés e centros culturais. O quadro 2.2 apresenta a caracterização social dos informantes participantes das entrevistas:

Quadro 2.2 - Estratificação social dos informantes das entrevistas em Sexo/Gênero, Faixa Etária e País de Origem

		Feminino		Masculino	
Argentina (5)	18-24 anos	-			
	25-39 anos	GabrielaS	MarinaG		
	40-59 anos	ValeriaA		CarlosO	PedroG
Colômbia (7)	18-24 anos	LauraD			
	25-39 anos	CarmenD	MartaV	AndrésA	InacioM
	40-59 anos	-		RobertoG	

Fonte: Elaboração própria

O roteiro das entrevistas (Anexo C) seguiu os modelos propostos pelo Projeto SP2010 (MENDES, 2013) e por Oushiro (2015) e foi adaptado às necessidades específicas deste trabalho. Na primeira parte do roteiro, são abordados tópicos como a chegada ao Brasil e à cidade de São Paulo, as percepções sobre este país e esta cidade, a infância no país de origem, a família, os amigos e as atividades de lazer. Como nota Oushiro (2015), a inclusão de tópicos como ‘infância’ e ‘lazer’ permitem a obtenção de amostras de fala menos monitoradas, o que neste caso pode favorecer a realização do *code-switching*. Os exemplos (2.8 a 2.10) coletados nas entrevistas de três informantes endossam essa hipótese:

(2.8) D1: *e você mantém contato ainda com os seus amigos que você tinha na Colômbia ou em outros países?*

RobertoG-M3Co15: *sim... a gente MANTIENE pelo Facebook, pelo WhatsApp, sim... mais que tudo no meu caso de colegas de jornalismo... participo mais EN ESE CÍRCULO nas redes sociais, mas lógico tenho amigos também da minha infância Y ESO, ESO QUE ME MANTIENE EN FACEBOOK SI NO FUESE ESO YA ESTABA fora do Facebook*

(2.9) D1: *e você gosta do carnaval?*

LauraD-F1Co1: *ah eu gosto de Carnaval... eu viajei a Rio de Janeiro em meu primeiro Carnaval... fiquei no São Paulo e depois, MI OTRO CARNAVAL eu fui para Belo Horizonte*
D1: *você já passou três carnavais aqui?*

LauraD-F1Co1: *sim... então eu tento que cada CARNAVAL SEA EN UNA CIUDAD DIFERENTE PORQUE a cultura é diferente*

(2.10) D1: *e você acha que São Paulo oferece muita opção de lazer?*

GabrielaS- F2Ar3: *muito [...] eu chego aqui segunda-feira e falo pro pessoal 'não, fui na Festa do Imigrante', e eles ficam 'que que isso?'... tem um monte de coisa pra fazer em São Paulo e os são-paulinos nem sabem, paulistanos, são-paulinos não, os paulistanos nem sabem, LOS GRINGOS PAGAMOS TODO*

Já na segunda parte, o foco estava no trabalho dos informantes e em suas representações linguísticas. Tendo em vista o interesse em conhecer as situações de produção de CS no ambiente laboral, pareceu coerente partir de questões sobre o trabalho dos informantes para introduzir a reflexão linguística. Nessa seção, foram perguntadas questões como, “*Quando as pessoas alternam entre uma língua e outra, como você se sente? É algo que você costuma fazer?*” Estas perguntas dialogam com as principais indagações do questionário, ou seja, abrem possibilidade para o compartilhamento de atitudes e representações sobre o *code-switching* e comentários sobre a ecologia linguística dos ambientes laborais desses informantes.

Sobre a influência da língua portuguesa na coleta de dados, como pode-se observar no roteiro das entrevistas, todas as perguntas foram formuladas em português e, durante a primeira etapa de coleta (abril e maio de 2019), em nenhum momento orientou-se os informantes para a utilização de uma ou outra língua nas respostas. O esperado era obter respostas em português, seguindo o que propõem Auer (1998) e Mozzillo (2006), quando afirmam que falantes que produzem o *code-switching* tendem a responder seu interlocutor utilizando a língua em que foi realizada a pergunta. Enquanto isso, na etapa de coleta realizada entre outubro e novembro de 2019 optou-se por informar aos participantes antes do início das gravações que eles poderiam responder as questões em português ou em espanhol. As perguntas continuaram a ser enunciadas em português, porém foi aberta explicitamente a possibilidade de respostas em uma língua diferente da que era utilizada na formulação das questões.

É importante ressaltar que, desde o início do contato com os informantes, foi informado que o documentador compreendia e falava espanhol. A decisão de abrir a possibilidade de respostas em outra língua buscava, então, verificar se o comportamento e as escolhas linguísticas dos informantes durante as entrevistas difeririam daqueles que participaram na primeira etapa de coleta. Nos exemplos 2.11 e 2.12 apresenta-se os comentários de alguns informantes sobre a possibilidade oferecida.

- (2.11) D1: *bom, eu não falei isso antes, mas você pode falar português ou espanhol, fique à vontade*
 MarinaG-F2Ar1: *então vamos com o português já que a gente tá aqui, né [risos]*
- (2.12) D1: *bom, você pode falar português ou espanhol, o que você preferir, tá bom? eu vou fazer todas as perguntas em português mesmo, mas se você quiser responder em espanhol, não tem problemas*
 MartaV-F2Co1: *tá bom*

Dentre os seis participantes da segunda etapa de coleta, cinco optaram por seguir a entrevista em português, somente o informante PedroG optou pelo espanhol. Este participante manteve todo o contato com o pesquisador em português, desde a resposta ao e-mail convite até a saudação e despedida no dia da entrevista, mas optou por responder a entrevista em espanhol, uma vez que, segundo ele, “quase não consegue falar espanhol em São Paulo, então sempre que pode, aproveita as oportunidades”. No quadro 2.3 dividem-se os informantes de acordo com a etapa de coleta de que participaram e é indicado se obtiveram acesso à possibilidade explícita de responder a entrevista em espanhol.

Quadro 2.3 - Estratificação dos informantes de acordo com a etapa de entrevistas de que participaram e sua ciência sobre a possibilidade de respostas em espanhol

Informante			possibilidade explícita de responder em espanhol
primeira etapa (abril e maio)	AndrésA	M2Co5	não
	CarlosO	M3Ar3	não
	CarmenD	F2Co5	não
	GabrielaS	F2Ar3	não
	LauraD	F1Co1	não
	RobertoG	M3Co15	não
segunda etapa (outubro e novembro)	InacioM	M2Co2	Sim
	MarinaG	F2Ar1	Sim
	MartaV	F2Co1	Sim
	PedroG	M3Ar6	Sim
	ValeriaA	F3Ar5	Sim

Fonte: Elaboração própria

Os dados coletados nas entrevistas estão organizados no capítulo 4 e analisados de acordo com as discussões sobre a produção e a autodeclaração de produção de *code-switching* (POPLACK; 1980; MYERS-SCOTTON, 1993; OLIVEIRA, 2006, DEWAELE; LI WEI, 2014a). Na manipulação do corpus das 11 entrevistas, verificaram-se 265 ocorrências de CS, que atendem a todos os tipos elencados por Poplack (1980): *tag-switching*, *CS intrasentencial* e *CS intersentencial* e se orientam por diferentes motivações sociopragmáticas (GROSJEAN, 1982; GUMPERZ 2002 [1982]).

Desse modo, a primeira etapa do capítulo 4 está organizada para a observação das amostras de alternância coletadas nas entrevistas desde as abordagens gramaticais e

sociopragmáticas. No entanto, como será possível acompanhar na seção 4.1 algumas motivações na produção de CS se repetem e a incidência da alternância ocorre muitas vezes sobre os mesmos constituintes da sentença (verbo e substantivo), algo já observado por Poplack (1990) e Myers-Scotton (1993). Assim, a análise da produção de CS acompanha os exemplos julgados mais característicos da amostra e também do par português/espanhol. Visto que neste trabalho as línguas sob análise apresentam proximidade linguística e histórica (CELADA, 2002), muitos exemplos de CS tangenciam pontos de similaridade morfosintática das línguas e a condução das análises busca evidenciar convergências e divergências lexicais, morfológicas e fonológicas na realização do CS.

A segunda etapa do capítulo debruça-se sobre os relatos de autodeclaração de produção de CS. Nos trabalhos de Dewaele e Li Wei (2014a; 2014b) com falantes multilíngues de 204 nacionalidades, a coleta online buscou a autodeclaração dos informantes sobre sua produção de *code-switching*. Essa estratégia pareceu interessante e foi adotada neste trabalho como forma de acessar as experiências dos falantes com diferentes línguas em seu ambiente de trabalho. Portanto, a seção 4.2 apresenta os relatos dos informantes sobre as línguas que utilizam em seu dia a dia, que são discutidos, por sua vez, com base na influência que o multilinguismo e a multietnicidade têm nos ambientes laborais (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b) e nas escolhas tomadas a partir do Princípio de Marcação (MYERS-SCOTTON, 1993).

Além disso, quando se discute o uso linguístico em ambientes laborais, sobretudo em empresas multinacionais, não há como negligenciar a presença da língua inglesa nas interações orais e escritas, e houve nas respostas dos informantes a referência recorrente a essa língua. Desse modo, traçam-se também algumas reflexões sobre o papel do inglês como língua de poder mercantil e seu uso hegemônico.

2.3.1 *Transcrições e armazenamento*

Na transcrição das entrevistas realizadas com o auxílio do programa ELAN (2020) optou-se por transcrever as falas literalmente. Ou seja, nos casos em que se registrou a não realização de sílabas átonas, como a realização do verbo *estava* na forma *tava*, manteve-se a forma falada pelos informantes. Ademais, estão mantidos também os falsos começos e as reformulações, indicados por um traço (-), e as hesitações, representadas por reticências⁵⁵. Os exemplos de *code-switching*, por sua vez, estão representados em letras maiúsculas e são

⁵⁵ As notações utilizadas para a transcrição das entrevistas foram adaptadas de Jacumasso (2018).

indicados em cada entrevista de acordo com a língua base e a língua encaixada definida por cada falante. Isto é, nas entrevistas respondidas em português (língua base), os exemplos em espanhol (língua encaixada) são transcritos em letras maiúsculas. Já na entrevista realizada em espanhol (língua base), os exemplos de CS para o português (língua encaixada) estão em caixa alta. Destarte, todas as ocorrências de CS, em direção a qualquer uma das línguas no interior das sentenças, estarão representadas por letras maiúsculas.

Devido ao tamanho dos arquivos de transcrição, optou-se por não os adicionar aos anexos deste trabalho. No entanto, no Anexo F existe um link de acesso a uma pasta do Google Drive onde estão armazenados os documentos. O acesso à pasta demandará o pedido de permissão ao pesquisador, que poderá concedê-lo em alguns dias.

3. Uma lupa sobre o questionário

Neste capítulo, apresentam-se os dados obtidos na aplicação do questionário sociolinguístico e os resultados das análises qualitativas e quantitativas. Em cada uma das seções, serão observados gráficos e tabelas desenvolvidos com o auxílio do programa R e análises realizadas a partir de discussões sobre identidades, atitudes e representações linguísticas e ensino e aprendizagem de segunda língua. O conteúdo apresentado neste capítulo busca responder às seguintes questões: (1) quem são os hispanofalantes que responderam ao questionário?; (2) quais são as atitudes e representações que eles apresentam frente ao CS entre português e espanhol?; e (3) existe alguma ligação entre as variáveis sociobiográficas (sexo, faixa-etária, país de origem, tempo de residência no Brasil) e o modo como os participantes se posicionam frente ao *code-switching*?

3.1 Quem são os informantes desta investigação?

Na elaboração do questionário houve o interesse de identificar o perfil dos hispanofalantes que ocupam postos de trabalho em grandes empresas da cidade de São Paulo. Esse desejo se justificava pelo desconhecimento das características sociodemográficas dessa população. É amplamente discutida a atuação de bolivianos e peruanos em fábricas têxteis em São Paulo (NIEHOFF, 2011; ROCHA, 2015). Enquanto isso, desde a criação do programa Mais Médicos pelo governo federal brasileiro em 2013 até o seu encerramento em 2019, muito se falou sobre a presença de médicos cubanos trabalhando em hospitais e unidades de saúde pelo Brasil. Já quando se discute o trabalho dentro de empresas multinacionais nos ramos automobilístico, farmacêutico, de tecnologia ou de telecomunicação, por exemplo, a presença de trabalhadores imigrantes oriundos de países latino-americanos não é conhecida ou discutida em média ou grande escala. Assim, delimitado o objetivo de trabalhar com hispanofalantes que atuassem em empresas globais instaladas em São Paulo, o primeiro passo foi estabelecer questões que permitissem o conhecimento sobre quem são esses imigrantes.

Para tanto, além da coleta de informações como gênero, idade e país de origem, o questionário sociolinguístico abordou questões como *tempo de residência*, *ocupação*,

autodeclaração de competência em português, preferências linguísticas e hábitos. Essas categorias foram escolhidas em diálogo com o trabalho de Otheguy e Zentella (2012), que se debruçou sobre hispanofalantes residentes em Nova York, mas também em consonância com as necessidades e interesses particulares do cenário brasileiro e do contato entre o português e o espanhol.

Nas subseções 3.1.1 a 3.1.5 serão discutidos os dados obtidos no questionário e tratados no programa R (R CORE TEAM, 2019), de modo que se conheça o panorama do perfil dos informantes que atribuíram representações e atitudes favoráveis e desfavoráveis ao CS a partir das perguntas que motivam as seções 3.2 a 3.4.

3.1.1 Tempo de residência

Quando discutem sobre comunidades bilíngues de imigrantes, Otheguy e Zentella (2012) propõem que o tempo de residência dos indivíduos no país de acolhida tende a aumentar o bilinguismo individual. Na amostra obtida aqui através da aplicação do questionário, observou-se que mais de dois terços dos participantes está no Brasil há cinco anos ou menos (tabela 3.1). Os informantes que se enquadram nesse perfil foram caracterizados na amostra de Otheguy e Zentella (2012) como *imigrantes recém-chegados*, isto é, “falantes que chegaram a Nova York com dezessete anos ou mais e moraram na cidade por cinco anos ou menos na época da entrevista”⁵⁶ (p. 33). Na amostra sob análise neste trabalho, quase 70% dos informantes preenchem esse mesmo perfil, que acolhe, essencialmente, jovens de países sul-americanos recém-formados, que vêm ao Brasil para trabalhar ou complementar seus estudos (NIEHOFF, 2011; DURSO, 2015).

Tabela 3.1 - Tempo de residência em anos dos informantes no Brasil

Anos no Brasil	N.	(%)
1-5	46	68,6
6-10	13	19,4
11-15	3	4,5
> 15	5	7,5
TOTAL	67	100

Fonte: Elaboração própria

⁵⁶ Tradução própria. Texto original: “Speakers who arrived in New York at age seventeen or older and had lived in the city for five years or less at the time of the interview as *immigrant newcomers*.”

No que se observa na tabela 3.1, um grupo expressivo de informantes vive no Brasil há um período igual ou menor que 5 anos; já cerca de 20% residem aqui há um tempo entre 6 e 10 anos; três informantes têm entre 11 e 15 anos no país, e outros 5, mais de 15 anos. No conjunto de falantes que reside no Brasil há mais tempo, dois deles, LucasC (há 39 anos) e BelenN (há 30 anos) chegaram ao Brasil ainda crianças, com idade escolar, e puderam desenvolver suas competências na língua portuguesa durante sua passagem pelo ensino básico regular. Ao debaterem sobre informantes que se enquadram nesse perfil, Otheguy e Zentella (2012) afirmaram que sua adaptação linguística se concretiza mais facilmente quando comparada à adaptação daqueles que chegam em idade adulta. Além disso, seu domínio da língua local, quando na idade adulta, se assemelharia ao de um falante nativo (OTHEGUY; ZENTELLA, 2012). Assim, LucasC e BelenN se apresentam como um subgrupo dentro do conjunto de informantes e suas respostas ao CS podem coincidir ou não com o restante dos participantes, especialmente, com os recém-chegados.

O tempo de residência de cada um dos participantes do questionário está indicado na sigla que acompanha sua etiqueta nos exemplos de resposta. A título de exemplificação, a informante GiseleC-F2Co4, autora da resposta apresentada no recorte (2.4), anteriormente, é do gênero feminino, de segunda faixa etária, colombiana e está no Brasil há 4 anos. Para as análises estatísticas conduzidas nas seções 3.2 a 3.4 com o auxílio do programa R, o tempo de residência dos informantes não foi utilizado como uma variável previsora; no entanto, essa característica é observada nas análises qualitativas em diálogo com as representações e atitudes dos informantes sobre o *code-switching*. Em outras palavras, nessas análises há o interesse em examinar se o maior tempo de residência teve alguma influência sobre as atitudes dos informantes de maneira positiva ou negativa, ou ainda, se não existem tendências relacionadas a esta característica social e às respostas de cada informante.

3.1.2 Ocupação

Outro atributo social observado nos resultados da aplicação do questionário foi a profissão (ocupação) que os informantes desempenham atualmente no Brasil. Como este trabalho se debruça sobre a presença do *code-switching* no meio empresarial da cidade de São Paulo, era imprescindível verificar quais os cargos que os participantes ocupavam no momento em que participaram desta pesquisa. Portanto, apresenta-se na tabela 3.2 um levantamento das profissões desempenhadas pelos informantes.

Tabela 3.2 - Distribuição dos informantes de acordo com a profissão que desempenham

	N.
administrador	5
analista de sistemas	1
contador	3
designer	4
economista	2
eletricista	1
empresário	1
engenheiro	15
farmacêutico	1
gerente operacional	2
internacionalista	6
jornalista	2
professor	7
psicólogo	1
representante de vendas	2
técnico	14
TOTAL	67

Fonte: Elaboração própria

Uma breve observação da tabela 3.2 revela que alguns dos informantes ocupam cargos de gerência ou atuam em profissões que detêm prestígio no meio laboral como, por exemplo, os economistas, os engenheiros e os farmacêuticos. Paralelo a isso, há também uma parcela que desempenha trabalhos técnicos e comerciais e que estaria em uma faixa intermediária dentro do paradigma de profissões de uma empresa. Parece, então, que a amostra apresenta pelo menos dois grupos de trabalhadores de acordo com suas ocupações. O primeiro seria um grupo de alta influência, que possivelmente atua próximo à gerência ou à direção das empresas e o segundo seria representado por um grupo de trabalhadores com cargos intermediários, importantes para a organização das instituições, porém, aparentemente, sem grande influência em sua administração.

Visto que todos os informantes trabalham (ou prestam serviços) em empresas multinacionais, as representações e atitudes lidas nas respostas das seções 3.2 a 3.4 são entendidas globalmente como posicionamentos de pessoas que atuam em empresas. Não há na leitura dos padrões de respostas o empenho de associações recorrentes à ocupação de cada informante. No entanto, no capítulo 4, nas análises das entrevistas realizadas com alguns desses

informantes, são discutidas as ocorrências de CS dentro do ambiente de trabalho e, conseqüentemente, relacionada às tarefas desempenhadas por cada participante.

3.1.3 Autodeclaração de competência em português e em outras línguas

A autodeclaração da competência em português e o modo como os informantes aprenderam a língua também são informações particularmente interessantes para o delineamento dos perfis da amostra e dos imigrantes que ocupam postos de trabalho em grandes empresas de São Paulo. Além disso, acredita-se que as diferenças no domínio do português podem desempenhar um papel importante na maneira como o espanhol é empregado no dia a dia dos informantes. Assim, no formulário aplicado foi requisitado que os participantes autodeclarassem seu nível de português, de acordo com as categorias “excelente”, “muito bom”, “bom”, “regular” e “ruim”. Na tabela 3.3 estão representados os números de informantes declarantes de cada categoria e o percentual dentro da amostra total.

Tabela 3.3 - Distribuição dos informantes de acordo com sua autodeclaração de competência em português

	N.	(%)
excelente	17	25
muito bom	20	30
bom	26	39
regular	3	4,5
ruim	1	1,5
TOTAL	67	100

Fonte: Elaboração própria

Pela leitura da tabela 3.3, verifica-se que mais da metade dos informantes relataram deter conhecimento “muito bom” ou “excelente” de português; além disso, 39% caracterizaram sua competência como “boa”. Essa verificação indica uma segurança dos informantes quanto ao seu desempenho na língua portuguesa. Contudo, resta o questionamento sobre o quanto dessa autodeclaração corresponde à realidade. Celada (2002) afirmou que para brasileiros o espanhol é uma língua particularmente estrangeira e a assunção de facilidade de aprendizagem atribuída ao par português-espanhol já conduziu aprendizes a uma falsa sensação de *competência espontânea*. Essa representação de facilidade e destreza no uso da língua estrangeira, baseada na proximidade linguística, foi documentada também em relatos de argentinos (CONTURSI, 2010) e de colombianos (PATIÑO GARZÓN, 2005) aprendizes de português. Isso posto, vê-

se que a verificação popular sobre a competência de espanhol e de português por falantes aprendizes em ambas as direções nem sempre corresponde à realidade. Aqui, não se propõe algum tipo de validação da autodeclaração da competência em português de cada informante; porém, a partir do cenário que se discute, poderão ser acompanhadas as representações de segurança e insegurança linguística na seção 3.4 e as análises das entrevistas sociolinguísticas no capítulo 4.

Já o levantamento sobre o modo como os participantes aprenderam português foi realizado por meio da pergunta aberta, “*como e onde você aprendeu português?*”. Sabe-se que as pessoas aprendem através de meios formais (escolas, cursos livres, universidades etc.) ou meios informais, como no contato com familiares, amigos e colegas de trabalho ao longo de suas vidas (TRISTÃO, 2011). Portanto, a partir do conjunto das palavras-chave das respostas de cada informante, criou-se uma nuvem de palavras no site WordClouds.com⁵⁷ e, na figura 3.1 pode-se observar os termos mais utilizados para indicar os lugares e condições em que os participantes aprenderam a língua portuguesa.

Figura 3.1 - Nuvem de palavras-chave das respostas para a pergunta: “Como e onde você aprendeu português?”⁵⁸

Fonte: Elaboração própria

Entre os termos mais utilizados, verifica-se que “dia a dia” é o termo de maior tamanho e, portanto, maior recorrência, o que pode indicar um alto número de informantes que

⁵⁷ <https://www.wordclouds.com>

⁵⁸ Para a construção da nuvem de palavras foi necessário o uso de hífen entre os termos que compunham uma mesma resposta à pergunta “Como e onde você aprendeu português?”, para que o software reconhecesse as entradas como uma única possibilidade de resposta (i.e., “professor-particular” e “escola-de-idiommas”).

aprenderam a língua sem instrução formal. No entanto, os termos “universidade”, “curso”, “professor particular”, “escola de idiomas” e “Ibraco” (Instituto de Cultura Brasil Colômbia) apresentam tamanhos intermediários, que se observados em conjunto abrem a possibilidade para a interpretação de que o número de informantes com instrução formal em língua portuguesa pode não ser mais baixo que o de informantes que aprenderam a língua de modo informal. Para a observação da distribuição em termos de instrução formal e informal, criou-se a tabela 3.4, e os valores apresentados revelam que, de fato, a maioria dos participantes da amostra (58%) tiveram, por algum tempo, contato com a língua por meio de escolas e/ou professores particulares.

Tabela 3.4 - Distribuição dos informantes de acordo com o modo de instrução em português

	N.	(%)
formal	39	58
informal	28	42
TOTAL	67	100

Fonte: Elaboração própria

Visando a construção mais completa do perfil dos participantes, incluiu-se também uma pergunta sobre possíveis línguas de domínio para além do espanhol e do português. Em trabalhos relacionados com atitudes frente ao *code-switching* e sua produção autodeclarada, Dewaele e Li Wei (2014^a; 2014b) buscaram observar se havia tendências de relação entre as atitudes dos informantes frente ao CS e o número de línguas que eles dominavam, porém não puderam detectar qualquer relação significativa. Aqui, inicialmente havia o desejo em verificar a existência de correlação entre as atitudes dos informantes e seus repertórios multilíngues; no entanto, o principal interesse estava em realizar o mapeamento do repertório linguístico dos informantes e conhecer o lugar que o português ocupava no bilinguismo deles, fosse como a única língua estrangeira ou não.

Dentre os 67 respondentes do questionário, 57 afirmaram falar uma língua além de espanhol e português (tabela 3.5), o que representa 85% dos participantes.

Tabela 3.5 - Distribuição dos informantes de acordo com sua resposta à pergunta “Você fala alguma língua além de espanhol e português?”

	N.	(%)
sim	57	85
não	10	15
TOTAL	67	100

Fonte: Elaboração própria

As línguas informadas por quem respondeu “sim” à pergunta sobre línguas adicionais foram alemão, francês, hebraico, inglês e italiano. Todos os 57 informantes que afirmaram dominar uma língua diferente do espanhol e do português falam inglês; 11 deles falam francês; 2 falam italiano; 1 informou saber alemão e 1, hebraico. A figura 3.2 ilustra essa divisão.

Figura 3.2 - Línguas faladas pelos informantes além do espanhol e do português

Fonte: Elaboração própria

A presença do inglês como a língua mais falada entre as cinco corrobora a ciência popular sobre a expansão da língua inglesa como língua universal e/ou língua franca e uma das mais faladas no mundo (VERNALHA, 2015). No que diz respeito ao meio empresarial brasileiro, a influência da língua inglesa vem de longa data, e é possível constatar entre os profissionais dessa área um modo particular de apropriação e de uso dos anglicismos; termos e expressões em inglês passam por vezes a compor o jargão profissional (VERNALHA, 2015). Nesse sentido, não se apresenta como surpreendente a verificação de que uma parcela expressiva dos informantes domina a língua inglesa.

O que merece atenção, porém, é o fato de que não são todos os informantes do questionário que falam inglês. Isto é, para 10 informantes, a única língua adicional falada é o português (tabela 3.5). Observar essa distribuição levanta questionamentos sobre possíveis

divergências entre as atitudes e as representações desses informantes em direção ao CS, quando comparados com os demais. Nas próximas seções (3.2 a 3.4), a leitura das respostas dos informantes parte dos padrões observados em seus comentários e não, necessariamente, de agrupamentos sociobiográficos prévios. Contudo, busca-se ali um diálogo com as experiências e conhecimentos relatados nesta seção. Quanto aos informantes que declararam dominar, para além do espanhol, somente o português, dois deles, LauraD e RobertoG, participaram da etapa de entrevistas. Assim, está posta também a possibilidade de se observar convergências ou divergências entre o relato desses falantes e o daqueles que dominam o inglês, no que diz respeito à sua produção de CS e suas representações sobre a alternância no ambiente de trabalho.

3.1.4 *Preferências linguísticas*

Imaginando que alguns participantes pudessem dominar uma ou mais línguas, além daquelas que estão sob análise aqui, buscou-se observar suas preferências de uso em interações com interlocutores específicos. Uma vez que a seleção da amostra contemplava falantes imigrantes de primeira geração, foram traçadas algumas hipóteses sobre a escolha linguística dos informantes como, por exemplo, o uso exclusivo da língua materna com os familiares, em especial, com os pais. Por meio dos gráficos ilustrados na figura 3.3 é possível verificar a consolidação dessas hipóteses. Na figura, estão representadas as línguas declaradas na interação com os seguintes pares: *pai, mãe, irmãos, filhos, cônjuges ou namorados, amigos, chefe e colegas*.

Os informantes puderam optar pelas seguintes opções de resposta: *espanhol; português; espanhol e português; outra; e não se aplica*. A opção *não se aplica* visava atender aos participantes que não mantinham relações com alguns dos possíveis interlocutores e essa alternativa de resposta se mostrou presente, essencialmente, nas interações com filhos e cônjuges ou namorados.

Figura 3.3 - Línguas utilizadas pelos informantes em interações com interlocutores específicos

Fonte: Elaboração própria

A observação dos gráficos da figura 3.3 indica uma diferença entre as línguas utilizadas com os interlocutores do âmbito familiar (pai, mãe, irmãos, filhos e cônjuge ou namorados) e com aqueles do âmbito social (amigos, chefe e colegas). Segundo as respostas dos informantes, a língua mais utilizada com seus familiares é o espanhol; e, em especial com os pais e os irmãos, a frequência com que o espanhol foi reportado como língua de interação é maior que 92%. Essa constatação valida a hipótese inicial quanto à preferência pelo uso da língua materna com os membros do núcleo familiar. Visto que todos os informantes são hispanofalantes nativos e imigrantes de primeira geração, é de se esperar que seus pais e irmãos também sejam hispanofalantes ou, pelo menos, tenham uma boa competência em espanhol. Isso explicaria a opção por essa língua nas interações com esses interlocutores.

Já quando se discute a origem nacional dos filhos e cônjuges ou namorados dos informantes, não necessariamente espera-se que eles tenham o espanhol como primeira língua. Os filhos podem ter pais de origem nacional diferente (por vezes falantes de línguas diferentes) e podem ter nascido no mesmo país de origem de seus pais, no Brasil ou em outro país fora do eixo latino-americano, como é o caso dos filhos do informante CarlosO, que nasceram nos EUA durante o período que seus pais viviam lá. Assim, devido a essas e talvez outras possibilidades, a língua reportada para a interação com a prole varia entre *espanhol*, *português* e *ambas*. O mesmo ocorre com a marcação da língua utilizada com cônjuges ou namorados. É possível que a origem e a competência linguística desses parceiros influenciem na preferência linguística para essa interação.

Em oposição a esses pares, o espanhol enquanto única língua de interação não foi marcado tão frequentemente em interações com amigos, chefes e colegas. A maioria dos informantes (69%) afirmou utilizar ambas as línguas com seus amigos, um resultado que possivelmente é fruto de relações estabelecidas tanto com companheiros conterrâneos quanto com brasileiros. Com residência estabelecida em São Paulo, os participantes certamente desenvolveram relações de amizade com brasileiros e devem utilizar, preferencialmente, o português com esses pares. Por outro lado, apesar de viverem no Brasil, é comum que tenham estabelecido relações de amizade com hispanofalantes que também vivam aqui, e ainda, que mantenham contato com os amigos que tinham em seus países de origem, o que fundamenta a declaração sobre o uso do espanhol.

Com vistas a esta última possibilidade, perguntou-se no questionário se os participantes tinham amigos hispanofalantes na cidade de São Paulo e com que frequência os encontravam. Tal abordagem visava mapear as redes sociais dos informantes e as possíveis relações que mantinham com a língua espanhola e com o país de origem. Como resultado, foi observado que

61 informantes (91%) têm amigos hispanofalantes na cidade de São Paulo e os encontra com certa frequência, como ilustra a figura 3.4.

Figura 3.4 - Frequência com que os informantes encontram seus amigos hispanofalantes no Brasil

Fonte: Elaboração própria

De acordo com essa figura, quase metade dos informantes (n. 32) encontram seus amigos hispanofalantes com frequência moderada (*às vezes*), enquanto outros 20 declararam encontrar esses amigos com alta frequência (*sempre* ou *quase sempre*). Desse conjunto de informantes foram coletadas respostas que explicitaram as dinâmicas linguísticas e as preferências e os combinados que mantêm com seus grupos quanto ao uso do espanhol e do português. Em alguns momentos, serão lidas nas seções 3.2 a 3.4 declarações sobre a escolha linguística no interior de cada grupo e as representações e atitudes decorrentes do rompimento dos acordos e, conseqüentemente, do uso de uma língua não esperada nas interações com o grupo de amigos. Assim, realizar aqui o levantamento das preferências linguísticas dos informantes em interações com interlocutores específicos permite compreender melhor alguns de seus comentários às perguntas sobre o CS.

No que diz respeito a chefes e colegas, a interação passa a ser totalmente em português em 70% e 61% dos casos, respectivamente. A alta frequência do uso da língua portuguesa nesses casos, com interlocutores do meio laboral, era esperado e solidifica a expectativa de que no ambiente de trabalho os informantes utilizem a língua de prestígio local. Durante a condução das entrevistas foi possível dialogar com os informantes sobre a necessidade do uso do espanhol em seus ambientes de trabalho e, de acordo com suas respostas, verificaram-se dois grupos de trabalhadores: um que atua em espanhol dentro da empresa, utilizando essa língua no contato com clientes, fornecedores, colegas e chefes; e outro que atua essencialmente em português,

recorrendo ao espanhol somente em situações pontuais de tradução ou descontração com os colegas.

Devido às hipóteses traçadas sobre as preferências e convenções linguísticas que os informantes poderiam manter em contato com interlocutores e espaços específicos, buscou-se descobrir quais são os ambientes em que os informantes utilizam o espanhol e quais são aqueles em que utilizam o português. A figura 3.5 ilustra a distribuição dos lugares onde os informantes declararam utilizar a língua espanhola:

Figura 3.5 - Lugares onde os informantes utilizam a língua espanhola

Fonte: Elaboração própria

A observação da figura aponta que a casa é o ambiente onde o espanhol é mais utilizado pelos informantes; no entanto, é importante reparar que não foram todos os 67 informantes que declararam utilizar essa língua em suas casas no Brasil. Seria possível assumir aqui que alguns deles não morem com hispanofalantes ou com pessoas competentes em espanhol, o que inviabiliza o uso dessa língua nesse espaço. Em segundo lugar no gráfico aparece o local de trabalho; porém, a frequência indicada nessa coluna é inferior à metade do que se observou na coluna que indicava a *casa*. Dito isso, entende-se melhor as afirmações de preferência linguística dos informantes quando em contato com chefes e colegas: a língua mais utilizada com esses pares e, portanto, no meio laboral, é o espanhol.

Enquanto isso, nos ambientes públicos ou sociais (rua, restaurantes, parques e bares) e naqueles incluídos na opção *outros* (igrejas, hospitais, lojas), o número de informantes que afirmaram utilizar o espanhol é baixo, possivelmente porque nesses lugares o uso da língua espanhola dependa da companhia de amigos e colegas. O atendimento de prestadores de serviços em espanhol é infrequente e, por vezes, essa comunicação acontece através do uso de construções não prototípicas do português brasileiro ou do espanhol, próprias de produções não nativas.

Lidos os alcances do espanhol na territorialidade paulistana, parte-se então para a distribuição dos lugares onde os informantes afirmaram se valer da língua portuguesa em seu dia a dia. A figura 3.6 ilustra essa distribuição:

Figura 3.6 - Lugares onde os informantes utilizam a língua portuguesa

Fonte: Elaboração própria

Em oposição ao que acontece com o espanhol, o português está amplamente presente nos âmbitos sociais e menos presente no âmbito familiar prototípico, a casa. Essa informação confirma as hipóteses levantadas previamente ao início dessa investigação. Porém, não sem surpresas, verificou-se que não há nenhum espaço em que uma das línguas não seja utilizada. Ainda que com baixa frequência, em um ou outro âmbito, o espanhol e o português são utilizados em todos os espaços elencados. Sobre isso, alguns informantes atribuíram ao interlocutor influência sobre a definição da língua a ser utilizada. CarlaG-F2Ar5, valendo-se da caixa de comentários localizada abaixo das perguntas sobre preferências linguísticas, afirma que “*Não tem a ver com o lugar, mas com quem estou*”. Essa declaração encontrará respaldo em algumas respostas analisadas nas seções 3.2 a 3.4.

3.1.5 Hábitos

Por fim, para além do levantamento dos espaços e interlocutores associados a cada língua, pareceu interessante questionar os informantes sobre as atividades que eles mantêm no Brasil e que os relacionam, em alguma medida, com seu país de origem e, por conseguinte, com a língua espanhola. Neste sentido, elegeram-se quatro atividades cotidianas que pareciam potenciais representantes de uma cultura específica quando se está em um país estrangeiro, são elas: *assistir canais de TV do país de origem; comer comida típica; ler jornais e revistas; e*

ouvir músicas. Na figura 3.7 apresenta-se a distribuição dos informantes que afirmaram realizar cada uma dessas atividades.

Figura 3.7 - Atividades relacionadas com o país de origem e com a língua espanhola que os informantes afirmaram realizar

Fonte: Elaboração própria

Todos os 67 informantes declararam que ouvem músicas produzidas em seus países de origem; um conjunto de 80% come comida típica; e mais de um terço lê jornais e revistas e assiste canais de TV desenvolvidos nesses países. Essa inclinação dos informantes a atividades que resgatem um lugar conhecido e confortável parece se relacionar com uma busca por afiliações de identidade. Segundo Oushiro (2019, p. 309), “a identidade não é um atributo pessoal, muito menos uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo”. Frente a essa discussão, entende-se que o processo contínuo de criação e manutenção de identidades, para os informantes dessa investigação, se relaciona com as atividades desenvolvidas ao longo de suas vidas e pelas quais eles mantêm apreço.

Nas próximas seções serão discutidas as respostas dadas pelos informantes às três perguntas centrais do questionário e que rodeavam a realização do CS e, a partir de representação favoráveis ou desfavoráveis, será possível observar movimentos de amparo em retratos de identidade esculpidos sobre a língua e hábitos cotidianos.

3.2 “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”

Estranho, não gosto. Entendo a mistura de palavras mas falar em português exclusivamente sabendo que os dois somos nativos do espanhol me parece um pouco como negar as raízes. Tudo bem estar fora, mas você não pode esquecer dos 20 ou 30 anos que já morou no seu país de origem. (JesicaR-F2Co6)

A resposta de JesicaR à primeira pergunta dissertativa do questionário apresenta traços importantes sobre algumas representações dos informantes quanto ao contato entre o português e o espanhol e evidencia marcas que evocam identidades nacionais, conectadas pelo uso de uma mesma língua. Dentre o que JesicaR comenta, chamam a atenção os trechos *negar as raízes* e *esquecer dos 20 ou 30 anos que já morou no seu país de origem*, excertos em que se evidencia o desejo da informante em preservar uma identidade que, para ela, se relaciona estreitamente com a língua materna. Quando JesicaR enuncia que a preferência pelo português sobre o espanhol (*falar em português exclusivamente*) significa a negação das *raízes* ou o esquecimento do tempo vivido no país de *origem*, deixa claro o quanto a língua espanhola atua na base da construção da sua identidade.

Assim, como JesicaR, outros informantes relataram não apreciar o uso da língua portuguesa em interações com interlocutores hispanofalantes. Os exemplos 3.1 a 3.6 ilustram algumas respostas:

- (3.1) HectorL-M1Me2: *Não gosto, não é nossa lingua nativa.*
- (3.2) AngelicaJ-F1Ar3: *Acho estranho porque não é natural, não expressa os nossos sentimentos.*
- (3.3) DanaZ-F1Co4: *Eu acho estranho porque esperaria que a pessoa se sentisse mais confortável falando a língua nativa*
- (3.4) GinaM-F3Ch26: *Não gosto, porque não é a nossa língua nativa.*
- (3.5) DulceS -F2Co1: *Não gosto muito. Sei lá, se conheço que fala espanhol tem que falar sua língua, as vezes é o pouco que podemos falar nossa língua morando fora e longe de casa, lembrar nossas raízes.*
- (3.6) LuisR- M3Co5: *No me gusta, creo que es mejor hablar en nuestra lengua nativa.*⁵⁹

⁵⁹ Tradução própria: “Não gosto, acho que é melhor falar na nossa língua nativa.”

Dentre os comentários aprestados nesse recorte, a ideia de *língua nativa* é recorrente e aparece como um argumento de autoridade para sustentar a preferência do espanhol sobre o português em interações entre hispanofalantes. Quando se apresentam como falantes *nativos* que devem se comunicar em espanhol, pois essa é a língua que *expressa os seus sentimentos*, como afirmou AngelicaJ no exemplo 3.2, os informantes dão luz à visão de que a língua materna é a melhor escolha nas interações entre falantes que compartilham um mesmo referencial linguístico e o sucesso da sua comunicação perpassaria, portanto, pelo uso da língua de intimidade.

Nos exemplos 3.2 e 3.3, as informantes AngelicaJ e DanaZ associam o uso do espanhol com seus sentimentos e com a busca pelo conforto em suas interações. Para essas informantes, a língua espanhola tem o poder de expressar exatamente o modo como se sentem, além de proporcionar uma sensação de comodidade. No excerto 3.5, por sua vez, DulceS comenta sobre os poucos espaços que tem para falar espanhol fora de sua casa e evidencia o desejo de aproveitar cada uma dessas oportunidades, na busca por *lembrar suas raízes*. A resposta de DulceS, nesse sentido, encontra correspondência no que havia comentado JesicaR. Enquanto JesicaR via o uso exclusivo do português como a negação de suas raízes, DulceS entende que o uso do espanhol em espaços fora de sua casa a ajuda a se reconectar com suas origens e com os laços que a aproximam da sua terra natal.

Os relatos de DulceS, AngelicaJ, DanaZ e JesicaR, portanto, representam no uso do espanhol o desejo de preservação e manutenção da língua que embasa suas identidades e as conecta com lembranças e memórias afetivas. A esse respeito, Apel e Muysken (2005) comentam que os sentimentos de um grupo são enfatizados pelo uso da sua própria língua e afirmam ainda que

A importância da língua é ampliada pelo fato de que se emprega para dar suporte a outras experiências étnicas. As pessoas *falam* sobre todos os tipos de atividades e questões culturais ou étnicas e, portanto, a língua se conecta a esses elementos. Um tipo de vínculo associativo é desenvolvido. Itens culturais relevantes - tipos de roupas, aspectos de rituais de casamento etc. - encontram sua expressão na língua, e muitas vezes pensa-se que eles não podem ser expressos em outro idioma.⁶⁰ (p. 13, *italico próprio*)

⁶⁰ Tradução própria. Texto original: “The importance of language is amplified by the fact that it is used to cope with other ethnic experiences. People talk about all kinds of cultural or ethnic activities and issues, and therefore language is connected with these. A kind of associative link is developed. Relevant cultural items - types of clothing, aspects of wedding rituals, etc. - find their expression in the language, and it is often thought that they cannot be expressed in another language.”

No contato com interlocutores que, idealmente, compartilham os mesmos referentes é esperado que as pessoas busquem acessá-los para se estabelecer confiança na relação e se aproximarem de um conforto já conhecido. A língua, nesse sentido, oferece um suporte para o alcance dos referentes culturais e étnicos, além de apresentar-se também como um referente expressivo. Segundo Fishman (1977 apud APPEL; MYUSKEN, 2005, p. 12), “a língua é o símbolo por excelência da etnicidade: ela dá conta da paternidade, expressa o patrimônio e sustenta a fenomenologia⁶¹. É um veículo que carrega uma carga de tal valor que deve ser considerado igualmente valioso, incluído como parte da carga”⁶².

Nos primeiros exemplos de respostas, observou-se, então, inclinações negativas à interação em português entre dois (ou mais) hispanofalantes, promovendo a ideia de que o espanhol deveria ser privilegiado, devido a uma origem comum ou uma identidade que encontraria intersecção na língua compartilhada. Nesses exemplos apresentados, a partir da pergunta proposta, os participantes imaginaram cenários de interação que, aparentemente, excluía espectadores de outras nacionalidades ou falantes de outras línguas. No entanto, houve respostas que levaram em conta a presença de indivíduos não hispanofalantes no cenário de interação, como mostram os exemplos 3.7 a 3.9:

- (3.7) RaulA-M2Ch5: *Desnecesário se estamos falando só entre falantes nativos (e usuários avanzados) de espanhol. Caso contrário, acho que é uma atitude empática para com quem não compreende a nossa língua.*
- (3.8) CarmenD-F2Co5: *Geralmente falamos em português apenas quando tem alguém no grupo que não fala ou não entende espanhol, por questões de respeito.*
- (3.9) AndreaC-F2Me10: *Es raro si estamos los dos solos, si estamos con más gente se me hace normal por educación con los demás que no son hispano hablantes.*⁶³

⁶¹ Em seu entendimento sobre a etnicidade, Fishman (apud APPEL; MYUSKEN, 2005) destacou três dimensões: a paternidade, o patrimônio e a fenomenologia. A paternidade compreende tudo aquilo que é herdado em família, transmitido pelos pais aos filhos e, sucessivamente, passando sem interrupção através do tempo. A segunda dimensão explicitada por Fishman é a do patrimônio, que se explica como o legado recebido da coletividade, perspectivas e comportamentos que definem os indivíduos, como músicas, roupas, comportamento sexual, ocupações específicas etc., que de algum modo se herdam de gerações anteriores. Por fim, a terceira dimensão é a fenomenologia e se refere ao significado que atribuímos à paternidade e ao legado étnico.

⁶² Tradução própria. Texto original: “For Fishman (1977) language is the symbol par excellence of ethnicity: 'Language is the recorder of paternity, the expresser of patrimony and the carrier of phenomenology. Any vehicle carrying such a precious freight must come to be viewed as equally precious, as part of the freight, indeed as precious in and of itself’”

⁶³ Tradução própria: “É estranho se estamos somente nós dois, se estamos com mais gente eu acho normal, por educação com os demais que não são hispanofalantes.”

Como se pode notar nesses excertos, a presença de falantes não hispânicos na interação tem um papel importante na escolha linguística. Em geral, quando percebem a presença desse outro na interação, os informantes relatam utilizar o português mesmo com seus pares hispanofalantes, pois veem essa escolha como uma *atitude empática*, uma *questão de respeito e educação* com aqueles que não entenderiam o que é comunicado. No entanto, é interessante observar que, nos exemplos 3.7 a 3.9, RaulA, CarmenD e AndreaC não trazem o termo *brasileiro* para justificar sua escolha pela língua espanhola, diferentemente do que será apresentado a seguir nos exemplos 3.10 a 3.14. Segundo RaulA, a condição para que ele utilize o português é a presença de falantes que não são nativos, nem usuários avançados de espanhol. A inclusão explícita proposta pelo informante quanto aos falantes não nativos, mas que apresentam um domínio avançado do espanhol se relaciona, certamente, com a experiência relatada por RaulA como professor de espanhol para negócios no Brasil. Nesse contexto, imagina-se que o informante pôde se comunicar em espanhol de maneira efetiva com falantes não nativos que detinham um bom domínio do espanhol, isso incluindo brasileiros.

As respostas de CarmenD e AndreaC, que tampouco evidenciavam a presença de falantes brasileiros como fator da escolha linguística, pontuaram que o português é a língua escolhida quando alguém no grupo *não fala* ou *não entende* o espanhol. Devido aos espaços pelos quais esta investigação transita (empresas multinacionais), não parece estranho imaginar que haja interações em que o português seja a língua franca na comunicação entre hispanofalantes, brasileiros e falantes cuja língua materna não é o espanhol nem o português. Entende-se que quando AndreaC afirma, no exemplo 4.9, que utilizar o português é um gesto de educação com aqueles que não são hispanofalantes, a gama de nacionalidades abrangidas no conjunto “não hispanofalante” é imensa e não se restringe ao gentílico brasileiro. Sobre isso, Silva (2000) comenta que qualquer afirmação de identidade gera uma cadeia de negações, assim como qualquer afirmação de diferença. O conjunto *não hispanofalante* vai além do conjunto *brasileiro*.

Já os informantes dos exemplos 3.10 a 3.14 se apoiaram em um interlocutor brasileiro para ilustrar as situações em que se dispõem a utilizar o português com seus pares hispanofalantes:

- (3.10) InacioM-M2Co2: *Se estivermos apenas nós dois, eu acho estranho porque considero mais fácil falar no nosso idioma nativo, salvo ele queira "treinar". Se estivermos com um brasileiro que não fala espanhol, eu acho ok porque é bom que todos consigam compreender.*

- (3.11) SilviaG-F2Co8: *É estranho, mas se tem mais brasileiros por perto, prefiro seguir falando em português*
- (3.12) BarbaraP-F2Me7: *Se for entre Hispanos é esquisito, porém se for porque tem outros brasileiros conosco, a gente fala português de boa.*
- (3.13) DanielaD-F3Co30: *Por lo general si estamos solos hablamos en español. Si hay brasileiros nos comunicamos entre nosotras en español. Pero con ellos en portugués.*⁶⁴
- (3.14) GastonB-M2Co2: *Se não há brasileiros presente é bobagem porque a gente se comunica melhor em espanhol*

Na resposta de InacioM, exemplo 3.10, é interessante observar que uma das condições que ele estabelece para o uso do português é a presença de um *brasileiro que não fala espanhol*. Essa construção evidencia situações em que InacioM, de fato, interagiu com brasileiros que falavam espanhol e, por isso, teve o cuidado em caracterizar quem era o falante brasileiro que demandava uma comunicação em português. A posição em assumir que falantes não nativos, mas que entendem e falam espanhol também podem participar de interações efetivas nessa língua se assemelha aos exemplos anteriores (3.7 a 3.9), especialmente com o de RaulA (excerto 3.7) e revela uma visão de alguém que está familiarizado com contextos de ensino e aprendizagem do espanhol. Além disso, é inovador na resposta de InacioM a descrição de um hispanofalante que busca interações em português para *treinar*, ou seja, praticar a oralidade nessa língua. Segundo o informante, não seria estranho falar português com um companheiro hispanofalante, visando o objetivo de proporcionar ao seu par um espaço em que ele pudesse desenvolver sua habilidade oral em português.

Outra resposta que traz elementos instigantes é a de DanielaD, no exemplo 3.13. Nas situações em que a informante está acompanhada somente de hispanofalantes, a comunicação acontece em espanhol, assim como relataram outros informantes. Entretanto, nas situações em que há a presença de brasileiros, DanielaD afirma utilizar o português com os brasileiros e manter o espanhol com os hispanofalantes. A separação que a informante propõe na escolha da língua de endereçamento a cada interlocutor se assemelha a algumas funções sociopragmáticas atribuídas ao *code-switching intersentencial* (GROSJEAN, 1982; AUER, 1995), como a especificação de um interlocutor; a marcação da identidade com um grupo; ou a exclusão de um interlocutor.

⁶⁴ Tradução própria: “Geralmente, se estamos sozinhos falamos em espanhol. Se tem algum brasileiro, nos comunicamos entre nós em espanhol, mas com eles em português.”

Pela resposta de DanielaD não fica explícita qual é a motivação que a leva a utilizar línguas diferentes com os interlocutores citados; no entanto, neste contexto acredita-se que a especificação do interlocutor e a provável exclusão de alguém da conversa sejam as motivações responsáveis pela escolha da informante. Contudo, é pertinente ponderar ainda que, na escolha pelo uso de uma língua específica com cada interlocutor, DanielaD pode se aproximar do ponto de vista de GastonB (3.14), que vê a comunicação em espanhol como melhor e mais efetiva entre seus pares hispanofalantes. Logo, a escolha pela manutenção do espanhol, mesmo nos contextos em que há a presença de falantes que podem não entender a totalidade do que é dito, se justifica pela garantia de que o que será enunciado terá a potencialidade de exprimir tudo o que o falante deseja. Seguindo essa mesma orientação, a resposta de MelisaA, no exemplo 3.15, corrobora a crença de que a comunicação se dá *melhor* em espanhol:

- (3.15) MelisaA-F1Ar4: *Que não tem necessidade de falar em português comigo, porquê ele com certeza fala melhor espanhol que português.*

Para além da assunção de que falar em espanhol é melhor, observaram-se também relatos de que seria mais fácil falar a *língua de origem, mesmo que misturada*, como comenta LidiaJ no exemplo 3.16. Como resposta à pergunta que motiva esta seção também foram feitos comentários recorrentes que referenciavam o *code-switching* por meio de termos como mistura, mescla e interferência; estes apresentados aqui nos excertos 3.16 a 3.21:

- (3.16) LidiaJ-F3Ar14: *Não gosto, desnecessário, mais fácil a língua de origem, mesmo que misturada.*
- (3.17) AnaA-F1Me1: *É esquisito pois misturam expressões de português com espanhol. Mas as vezes em espanhol não temos a mesma frase.*
- (3.18) FátimaR-F2Ar2: *Porque o jeito mais fácil de se comunicar é a mistura das duas línguas.*
- (3.19) ValeriaA-F3Ar5: *Normal, por conta da interferencia de uma língua com a outra, por conta do tempo no dia que passa-se falando português.*
- (3.20) JuliaA-F2Co4: *Es normal. Después de vivir más de un año en Brasil algunas palabras se empiezan a mezclar entre los dos idiomas.*⁶⁵
- (3.21) SoledadP-F2Ar6: *Rimos juntos, pois por estar tanto tempo em SP às vezes misturamos os idiomas.*

⁶⁵ Tradução própria: “É normal. Depois de morar mais de um ano no Brasil algumas palavras começam se misturar entre os dois idiomas.”

A leitura do *code-switching* em termos de facilidade, como é representada nas respostas de LidiaJ e FátimaR (3.16 e 3.18) já foi observada em estudos anteriores que pautavam a alternância. Dentre as visões mais comuns enunciadas pelos falantes, Gardner-Chloros (2009) comenta que o CS é visto geralmente como a saída mais fácil em interações que podem demandar o uso de mais de uma língua (ver seção 2.4.1). Associada à ideia de facilidade, a autora observou ainda que alguns falantes afirmaram lançar mão do CS em situações em que não se lembravam ou não desejavam realizar o esforço de procurar as palavras necessárias em uma única língua (GARDNER-CHLOROS, 2009). Isso posto, lê-se a resposta de AnaA (3.17), para quem a *mistura de expressões* é justificada pela falta de um correspondente em espanhol, como uma validação neste corpus para o que já se havia observado em comunidades inglesas e francesas por Gardner-Chloros (1991; 2009).

Deixando a abordagem sobre a facilidade, articulada por alguns falantes sobre a produção do *code-switching*, volta-se a atenção agora para o número de informantes que fizeram menção à alternância ou ainda, em suas palavras, à *mistura de idiomas*. Na formulação da pergunta “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”, foi criado um cenário em que há a proposta de um falante em alternar a língua em uso. Ou seja, é dada uma situação em que indivíduos hispanofalantes estão juntos e um deles *começa a falar português* com o outro. Frente a isso, muitos informantes afirmaram estranhar a situação e não a julgavam necessária, pois o espanhol seria a melhor escolha (exemplos 3.1 a 3.17), outros, no entanto, viram a situação como algo normal (exemplos 3.18 a 3.21), mas é especialmente interessante notar que algumas respostas evidenciaram a ciência dos falantes sobre a alternância que realizam (especialmente sobre *o code-switching intrasentencial*).

Na resposta que abre esta discussão, JesicaR já enunciava a *mistura de idiomas*, afirmando ser algo que ela aceitava, diferentemente de sua posição quanto ao uso exclusivo do português. Em sintonia com ela, nos exemplos 3.19 a 3.21, ValeriaA, JuliaA e SoledadP aprovam o *code-switching*, o caracterizam como *normal* e atribuem sua produção ao uso cotidiano do português e ao tempo de residência no Brasil. Para JuliaA, o CS é frequente *después de vivir más de un año en Brasil* e segundo SoledadP, *por estar tanto tempo em SP* a alternância é, inclusive, motivo de riso entre ela e seus companheiros. Essas informantes estão no Brasil há 4 e 6 anos, respectivamente; e se enquadram no perfil de imigrantes recém-chegados (OTHEGUY; ZENTELLA, 2012), isto é, aqueles que estão no país em média há cinco anos ou menos. Assim, é curioso que sejam justamente informantes com esse tempo de residência que relatem a alternância como resultado do tempo vivido no Brasil. Quando se observa as respostas

do outro extremo da tabela de anos no Brasil (tabela 3.1), as de falantes que têm mais de 15 anos no território nacional, não se encontra comentários como esses.

Voltando às repostas de GinaM-F3Ch26 e DanielaD-F3Co30 (exemplos 3.4 e 3.13) apresentadas anteriormente, o que se vê ali são posições não favoráveis à alternância. GinaM não endossa o uso do português entre hispanofalantes por não ser sua língua nativa, enquanto DanielaD separa uma língua para a comunicação com brasileiros e outra para os seus pares hispânicos. São informantes que vivem no Brasil há mais de 25 anos e imagina-se que tenham presenciado muitas situações de *code-switching*, por isso, era esperado que estivessem mais inclinadas à aceitação desse mecanismo. Contudo, o que não aparece nas respostas de GinaM e DanielaD, está presente nos relatos de BelenN, LucasC e AmandaS (exemplos 3.22 a 3.24):

(3.22) BelenN-F3Ar30: *Eu acho normal. Não ligo.*

(3.23) LucasC-M3Ch39: *Acho normal. Afinal de contas, estamos falando o idioma local*

(3.24) AmandaS-F2Co16: *É natural porém relembro para retomar o idioma*

Esses três informantes, que também se enquadram na faixa de maior tempo de residência, veem o CS como algo normal, assim como relataram ValeriaA, JuliaA e SoledadP (3.19 a 3.21). Porém, quando se observa as particularidades de cada respostas há a necessidade de se levantar alguns questionamentos. Em primeiro lugar, ao afirmar que acha *normal* a situação ilustrada pela pergunta motivadora, LucasC (exemplo 3.23) comenta que *afinal de contas está falando o idioma local*. A realização do *code-switching* entre uma língua migrante ou minorizada e uma língua dominante revela o desejo pela busca de uma identidade expandida (FOUGHT, 2010) e tem a função de estabelecer proximidade com um determinado grupo (GROSJEAN, 1982). Quanto a isso, Fought (2010) alega que “à medida que os indivíduos constroem suas identidades, eles desenvolvem recursos linguísticos para sinalizar sua afiliação a certos grupos e sua distância social de outros”⁶⁶ (p. 284). Nessa mesma medida, para a autora,

O *code-switching* (assim como outras variedades mistas) pode fornecer uma forma particularmente eficaz de sinalizar as complexidades da identidade étnica minorizada. Com o *code-switching*, os indivíduos podem capitalizar os valores linguísticos associados tanto a uma língua de herança quanto a uma variedade com implicações regionais, sociais e nacionais mais amplas.⁶⁷ (FOUGHT, 2013, p. 393)

⁶⁶ Tradução própria. Texto original: “As individuals construct their identities, they develop linguistic resources for signaling their affiliation with certain groups, and their social distance from others.”

⁶⁷ Tradução própria. Texto original: “Code-switching (as well as other mixed varieties) can provide a particularly effective way of signaling the complexities of minority ethnic identity. By code-switching, individuals can

A justificativa de LucasC (3.23) para a aceitação do deslocamento de uma comunicação utilizando o espanhol para uma que tem o português como base, em suas interações com interlocutores hispanofalantes, revela alguns ângulos da forma atual de sua identidade étnica. Para LucasC, que mora há 39 anos no Brasil, *é normal falar o idioma local*, e através dessa normalidade que confere à alternância entre as línguas, o informante é capaz de aglutinar valores linguísticos e sociais atribuídos a sua língua materna e à língua de acolhimento. É na alternância com a língua local, portanto, que o falante constrói sua identidade e estabelece intimidade com a comunidade brasileira.

Porém, a discussão sobre a representação da(s) identidade(s) de LucasC fica ainda mais interessante quando se observa que, assim como BelenN, esse informante chegou ao Brasil em idade escolar. Na pergunta em que se buscava descobrir onde e como os falantes aprenderam português, LucasC e BelenN relataram ter aprendido a língua na escola, cursando a segunda etapa do ensino fundamental e o ensino médio em instituições brasileiras. Falantes que chegam a um novo país e vivem ali por mais de cinco anos, são caracterizados por Otheguy e Zentella (2012) como imigrantes estabilizados, porém aqueles que chegam com idade menor a dezessete anos e têm experiências mais duradoras que oito anos em salas de aula do ensino básico já seriam, segundo os autores, falantes nativos da língua de acolhida. É bastante discutida a noção de que falantes que iniciaram a aquisição mais jovens apresentariam produções mais semelhantes ao modo de falar nativo, seguindo a Hipótese do Período Crítico (LENNEBERG, 1967⁶⁸ apud FRAGOZO, 2017). Logo, segundo Otheguy e Zentella (2012), o contato nos contextos escolares conduziria os jovens imigrantes a uma maior adaptação linguística quando comparados com imigrantes que têm o mesmo tempo de residência, mas chegaram à nova comunidade com idade igual ou superior aos dezoito anos.

Talvez neste corpus, mais relevante do que o tempo de residência seja a idade em que os falantes chegaram ao país de acolhida. LucasC e BelenN vieram em idade escolar (por volta dos 10 anos) e têm mais de trinta anos de residência no Brasil. Já GinaM e DanielaD estão no país há 26 e 30 anos, respectivamente, mas chegaram aqui com idade superior aos vinte anos. As respostas que as duas duplas de falantes apresentaram se mostram essencialmente opostas, de modo que, não existe aqui, entre os falantes da terceira faixa etária, uma relação entre suas representações em direção ao uso do português com companheiros hispanofalantes e o seu tempo de residência no Brasil. Em diálogo com essa proposição, tampouco observou-se

capitalize on the linguistic values associated with both a heritage language and a variety with broader regional, social, and national implications.”

⁶⁸ LENNEBERG, E. *The biological foundations of language*. Wiley and Sons: New York, 1967.

quaisquer relações entre o tempo de residência e as representações enunciadas por falantes de primeira e segunda faixa. Desde o excerto 3.1 ao 3.18, apresentaram-se respostas desfavoráveis ao uso do português entre hispanofalantes empregadas por informantes de todas as faixas etárias e com tempo de residência variando entre 1 e 30 anos.

Caso semelhante é observado nas respostas favoráveis recebidas à pergunta motriz. Nos exemplos 3.19 a 3.24, falantes com grande variação nos anos de residência no Brasil demonstraram aceitar as interações em português com seus pares hispânicos. Para esse grupo, a situação apresentada é vista como normal e, inclusive, na visão de FátimaR, no exemplo 3.18, pela alternância se alcança a maneira mais fácil de se comunicar. O único desequilíbrio nessas respostas estaria no que comenta AmandaS (3.24), quem afirma durante essas interações relembrar seu interlocutor a retornar à língua materna. A afirmação de AmandaS se faz notável por revelar que a informante está tão bem acostumada com a situação descrita e já desenvolveu seus próprios protocolos de como agir frente a esse cenário. Porém, enquanto AmandaS assume o comando consciente da escolha linguística e convida seus pares a retomar o espanhol, há falantes que seguem a alternância naturalmente e o uso do português passa abaixo do seu nível de consciência, como comenta IrisB no exemplo 3.25:

(3.25) IrisB-F2Co4: *Não acho nada, começo a falar também em português, já é algo normalizado em mim, às vezes ficamos bastante tempo com meus amigos hispano falantes falando em português e no final nos perguntamos: e aí? a gente por quê está falando em português se falamos espanhol?*

A realização da alternância aquém do nível de consciência dos informantes encontra respaldo em Gardner-Chloros (2009), quem comentava que por vezes falantes se surpreenderam em ouvir suas gravações realizando o CS. Toribio (2002) e Pena (2004) observaram situações semelhantes quando alguns de seus informantes reprovaram o uso do *code-switching* e ainda assim o produziram em interações com as pesquisadoras. Neste sentido, o posicionamento de IrisB e seus companheiros, quando não percebem o deslocamento para o português, é relatado na literatura como mais trivial que o de AmandaS, que monitora a alternância. Já é lugar comum nesta investigação evocar que o CS se apresenta com maior frequência em situações informais (POPLACK, 1980; GUMPERZ, 2002 [1982]) e, quando IrisB enuncia a presença de *amigos hispanofalantes* em seu relato, ela situa sua interação em um provável espaço de informalidade.

Quem também relata espaços informais de comunicação e a interação com amigos são CarlaG, GabrielaS, LudmilaG, CatalinaV e AinaraR (exemplos 3.26 a 3.30). No que comentam essas informantes, muitas vezes *simplesmente sai a conversa em português*, seja por *costume*, por não se lembrar da forma correspondente em espanhol ou porque essa seria a língua do modo *automático*:

- (3.26) CarlaG-F2Ar5: *Acho natural, pois a gente se acostuma e as vezes simplesmente sai a conversa em portugues.*
- (3.27) GabrielaS-F2Ar3: *Acho engraçado. A pessoa fala português comigo por costume mas assim que notar muda para Espanhol.*
- (3.28) LudmilaG-F2Ar5: *Acho normal, o costume faz que a gente se comunique de alguma forma automaticamente em português.*
- (3.29) CatalinaV-F2Me4: *Divertido. Acho engraçado como tem algumas palavras que no consigo pensar mais nelas em espanhol e a palavra em português sempre vem à minha mente. É isso que acontece sempre com meus amigos que moram aqui no Brasil.*
- (3.30) AinaraR-F2Ar7: *Não me incomoda porque sei que as vezes é difícil sair do automático e mudar o idioma, mas prefiro que se for hispanofalante fale em espanhol.*

Pelas respostas transcritas aqui pode-se verificar que o uso cotidiano do português promove uma sensação de língua automática, da qual muitas vezes os falantes têm dificuldade de sair. Foi apresentado anteriormente (seção 3.1.5) que mais de 90% dos informantes utilizam o português em seu ambiente de trabalho, em interações com seus chefes e colegas; ademais, a totalidade afirmou fazer uso dessa língua nas ruas. Consequentemente, é dessa habitualidade que desponta o termo *costume*. Da constante utilização da língua nacional, os informantes ora relatam precisar de um esforço para se articular em espanhol (exemplos 3.29 e 3.30), ora almejam interações inteiramente em espanhol fora do espaço de casa (exemplo 3.5), único lugar em que todo o conjunto de informantes revelou poder utilizar o espanhol rotineiramente.

Ainda assim, as interações em português são observadas como benéficas para quem deseja se comunicar melhor nessa língua, como é caso de MartaV, MaisaH, NazarethB e NadiaA:

- (3.31) MartaV-F2Co1: *Tento me comparar com meu nível e corrigir ou aprender.*

- (3.32) MaisaH-F1Me1: *Ellos pueden hablar portugués todo el tiempo si no entiendo alguna palabra solo pregunto.*⁶⁹
- (3.33) NazarethB-F1Co2: *No me incomoda me parece bueno aprender de sus experiencias.*⁷⁰
- (3.34) NadiaA-F1Co1: *Super bien, aprendo más el portugués.*⁷¹

Essas quatro informantes que estão no Brasil há um ou dois anos aproveitam os momentos que seus interlocutores deixam de falar espanhol para *aprender mais português*. Para migrantes que estão em um novo país, cuja língua nacional difere de sua língua materna, espaços de interação informais, em que se utiliza a língua local, devem ser altamente valorizados, pois a intimidade das relações de amizade permite aos recém-chegados o aprendizado de um vocabulário cotidiano local que o ensino formal pode, algumas vezes, não alcançar. Além disso, a confiança nos pares, que provavelmente já vivenciaram o que esse indivíduo experimenta agora, cria um espaço confortável para tirar dúvidas e, até mesmo, *comparar seu nível* ou *se corrigir*, como aponta MartaV, no excerto 3.31. A proposta do uso do português aqui é vista como mais do que bem-vinda. Na experiência dessas informantes, o CS atua na promoção da consolidação do seu domínio de português, pois a partir da alternância podem verificar quais elementos já têm estabilizados e quais ainda precisam de cuidado.

3.2.1 Análises Quantitativas

Propor a utilização do português a um hispanofalante em interações com interlocutores que compartilham sua mesma língua materna pode levantar atitudes e representações favoráveis ou não em direção ao falante que faz a proposta e à língua sugerida. Após a observação das respostas atribuídas à pergunta que dá nome à seção 3.2, isto é, “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”, parte-se para algumas análises quantitativas realizadas com o auxílio do programa R (R CORE TEAM, 2019), visando verificar a existência de algum grupo que tenha se mostrado significativamente mais favorável à situação enunciada que outro. Para tanto, como explicado no capítulo 2, devido ao caráter dissertativo das questões discutidas aqui e nas duas próximas seções (3.3 e 3.4), primeiramente, converteram-se as respostas obtidas em cada uma das perguntas em valores numéricos, variando de 1 a 4 na Escala de Likert, e correspondendo aos

⁶⁹ Tradução própria: “Eles podem falar o português o tempo todo, se eu não entendo alguma palavra, eu pergunto.”

⁷⁰ Tradução própria: “Não me incomoda, acho bom aprender com as experiências deles”

⁷¹ Tradução própria: “Ótimo, eu aprendo mais português”

conceitos: muito negativo (nota 1), negativo (nota 2), positivo (nota 3), e muito positivo (nota 4).

Na discussão sobre as respostas coletadas, vista anteriormente, tanto homens quanto mulheres expressaram representações negativas e positivas, assim como falantes de diferentes faixas etárias e origem nacional. Logo, em uma análise qualitativa, não se apuraram diferenças que tangiam os perfis sociobiográficos dos informantes; agora se observará, portanto, as respostas obtidas com o auxílio de algumas ferramentas de análise quantitativa. Para tanto, segundo Oushiro (2017), o primeiro passo para uma boa análise estatística é a tabulação dos dados por meio de tabelas e gráficos. Nesta direção, inicia-se, portanto, as análises estatísticas com um gráfico *boxplot*⁷² (figura 3.8) que ilustra a distribuição das respostas dadas à pergunta central desta seção de acordo com o gênero dos respondentes.

Figura 3.8 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”, de acordo o gênero dos informantes

Fonte: Elaboração própria

Na figura 3.8, o *boxplot* laranja representa a variação nas avaliações das participantes do sexo feminino, tal como codificadas em muito negativa, negativa, positiva e muito positiva,

⁷² Em análises estatísticas, um *boxplot* é uma ferramenta gráfica utilizada para representar dados observados de uma variável numérica. A figura 4.8 é um exemplo de gráfico com *boxplots*. Essa ferramenta é usada frequentemente para analisar e comparar a variação de uma variável entre diferentes grupos de dados. Neste tipo de representação, a linha mais escura indica a mediana, isto é “a observação central quando se colocam os dados numa ordem crescente” (OUSHIRO, 2017, p. 67) e também representa o ponto em 50% da distribuição.

e o *boxplot* verde, as notas codificadas a partir das avaliações do sexo masculino. Além disso, as figuras apresentam também as informações das notas médias de resposta e os resultados do teste de Wilcoxon⁷³ aplicado sobre a amostra. A leitura da figura indica a concentração das respostas do grupo feminino entre os valores 2 e 3, ou seja, entre notas que representam as interpretações “negativa” e “positiva”. Contudo, o “bigode de gato” (linha tracejada que sai de ambos *boxplots* em direção para cima e/ou para baixo) indica que algumas respostas atingiram a nota máxima positiva e a nota máxima negativa. Logo, no grupo feminino, registrou-se respostas dispersas em toda a escala, com uma parcela relevante concentrada entre os pontos 2 e 3. Já no grupo masculino, a maior parte das respostas se concentraram entre as notas 1 e 3 (muito negativa e positiva), de modo que, a base do *boxplot* em verde se localiza em um ponto mais inferior da figura que sua correspondente laranja. Essa ilustração indica que a dispersão das notas atribuídas às respostas dadas pelos homens se reúne em pontos com valores mais baixos na escala, o que poderia ser um sinal de que os homens avaliaram a situação imaginada de forma mais negativa. No entanto, existem outros elementos importantes destacados na figura, e que ajudam na observação da distribuição das notas, como, por exemplo, os valores de mediana e média das respostas de acordo com cada gênero.

Na configuração dos *boxplots*, o traço mais escuro no centro de cada imagem indica o valor mediano, que, para homens e mulheres, coincide na nota 3. Esse é o valor central no conjunto das respostas obtidas e significa que metade das respostas apresentam notas iguais ou maiores que 3 e a outra metade, notas iguais ou menores que 3. Como 3 é o valor que indica o conceito “positivo”, entende-se que, apesar da dispersão pela escala, o grosso da avaliação de homens e mulheres para a pergunta em questão se centra em um conceito favorável. Já os valores das médias de acordo com cada gênero estão representados pelos valores no interior de cada *boxplot*. No grupo masculino, o valor ($m = 2,33$) é menor do que o que aparece nas respostas do grupo feminino ($m = 2,56$).

Até este momento, tem-se observado, então, que a centralidade das respostas, independentemente de gênero, encontra-se em um conceito positivo, e que homens podem ter avaliado de maneira menos favorável a situação imaginada. Seguindo com a análise, no centro inferior da figura 3.8 está informado o resultado do teste de Wilcoxon por duas amostras. Este é um teste não paramétrico que compara a diferença entre as médias de dois conjuntos, cuja

⁷³ O teste de Wilcoxon é um teste não paramétrico aplicado a amostras pequenas ou cuja distribuição não é normal (OUSHIRO, 2017). Anteriormente à aplicação do teste de Wilcoxon, verificou-se por meio do teste de Shapiro que a distribuição dos dados de resposta para esta pergunta não seguia uma distribuição normal.

distribuição não é normal, e indica se esta diferença é igual ou não a zero (OUSHIRO, 2017). Com a aplicação deste teste buscou-se observar se a diferença entre as notas atribuídas por mulheres e homens era significativa em termos estatísticos. Como resultado obteve-se um valor p acima de 0.05 e um intervalo de confiança entre -0,00007 e 0,99. Uma vez que este intervalo inclui o valor zero, é descartada a possibilidade de que haja diferença significativa entre as médias de respostas à pergunta que pautava o uso de português entre hispanofalantes de acordo com o gênero dos informantes.

Após essa verificação, buscou-se averiguar se outros dados sociobiográficos se relacionavam com as respostas coletadas. Em outras palavras, existia o interesse em saber se, apesar do gênero, a origem (Argentina, Chile, Colômbia e México), a faixa etária (1a.; 2a.; 3a.), e a instrução de cada falante em português (formal e informal), tinham efeitos sobre suas respostas. Para tanto, em primeiro lugar, aplicou-se a função `vif` do pacote `car` no R (R CORE TEAM, 2019) para verificar se havia multicolinearidade entre as variáveis predictoras, isto é, para verificar se as variáveis sob interesse aqui eram verdadeiramente independentes (LEVSHINA, 2015; OUSHIRO, 2017). Os resultados obtidos com a aplicação da função `vif`, apresentando valores abaixo de 1, indicaram que, neste conjunto de respostas, as variáveis gênero, origem, faixa etária, e instrução em português são, sim, independentes. Isso posto, passou-se a um modelo de regressão linear (efeitos mistos), apresentado na tabela 3.6.

Tabela 3.6 - Resultados do Modelo de Regressão sobre as respostas referentes a hispanofalantes comunicando-se em português, com a inclusão das variáveis gênero, origem, faixa etária, e modo de instrução em português

	Estimativa	Erro padrão	valor t	valor p
(<i>Intercept</i>)	2.96	0.41	7.25	1.01e-09 ***
Gênero (Masculino)	-0.10	0.27	-0.37	0.70
País (Chile)	-0.43	0.54	-0.78	0.43
País (Colômbia)	-0.24	0.28	-0.86	0.38
País (México)	0.30	0.40	0.75	0.45
Faixa etária (2ª)	-0.21	0.41	-0.50	0.61
Faixa etária (3ª)	-0.51	0.46	-1.12	0.26
Inst. em port. (informal)	-0.19	0.26	-0.73	0.46
O valor do <i>Intercept</i> corresponde aos fatores: gênero (feminino); país (Argentina); idade (1-faixa etária); instrução em português (formal)				
.p > 0.05; *p < 0.05; **p < 0.01; ***p < 0.001				

Fonte: Elaboração própria

Nessa tabela, os valores da coluna Estimativa são interpretados em relação ao *Intercept* (ou nível de referência) que, para esse modelo de regressão, foi estabelecido como informantes do gênero feminino, de origem argentina, da 1ª faixa etária e com instrução formal de português. Assim, na primeira linha da coluna Estimativa, está o valor estimado pelo modelo, 2.96, para a nota dada à pergunta “O que você acha quando um hispanofalante começa a falar em português com você?”, quando respondida por mulheres que se encaixavam naquelas categorias do *Intercept*. Na segunda linha dessa mesma coluna, o valor -0.10 deve ser somado à estimativa do grupo de referência (feminino, de origem argentina, da 1ª faixa etária e com instrução formal de português) para se obter a estimativa da nota dada pelo grupo masculino que detém as mesmas características demográficas. Ou seja, um representante masculino que apresente mesma origem, faixa etária e instrução de português, segundo o modelo, apresentará uma resposta com o valor 2.86⁷⁴ na questão observada. Os valores 2.96 e 2.86 estão extremamente próximos de 3.0, valor que mais se aproxima de uma possibilidade de resposta na escala proposta, e que também coincide com valor mediano das repostas de ambos os gêneros.

No modelo de análise conduzido aqui, uma maneira de verificar se alguma das variáveis independentes (características sociobiográficas) teve influência sobre a variação das notas recebidas é observar o valor *p* apresentado na última coluna. Esse valor *p*, ou valor de significância, é uma medida de probabilidade de se observar determinado valor no caso de a hipótese alternativa ser verdadeira (OUSHIRO, 2017). Um valor *p* significativo, convencionalmente adotado em ciências humanas, é menor que 0.05. Assim, caso em alguma linha (exceto o *Intercept*) haja um valor *p* menor que 0.05, é provável que a variável independente presente ali se correlacione com as respostas obtidas e, caso haja mais de uma variável com valor *p* significativo, elas podem estar em correlação entre si.

Na observação da tabela 3.6 não se verifica nenhuma variável independente com valor *p* abaixo de 0.05, o que revela que não há diferenças significativas entre as respostas dos falantes, para a pergunta geradora desta seção, quando separados em grupos demográficos. Contudo, apesar de não se registrar significância, foram observadas variações na dispersão das notas dos falantes, especialmente quando agrupados de acordo com seu país e faixa etária. A figura 3.9 ilustra gráficos de efeitos, em que se apresentam as estimativas das médias das notas e os intervalos de confiança (indicados pelas barras) de acordo com cada variável independente.

⁷⁴ Valor resultado da soma entre 2.96 + (-0.10).

Figura 3.9 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas referentes a hispanofalantes comunicando-se em português

Fonte: Elaboração própria

O fato de os intervalos de confiança (barras rosadas) se sobreporem sobre os mesmos valores dentro de cada gráfico corrobora a concepção de que não há diferenças significativas quando se observam as respostas organizadas nas variáveis propostas. No entanto, parece interessante comentar sobre a oscilação visível nas estimativas dos gráficos de país de origem e faixa etária. No que diz respeito ao país de origem, não se tem conhecimento de estudos que revelem nacionalidades hispanofalantes que apresentam representações mais favoráveis ao uso de português. Na figura 3.9, a partir do nível de referência estabelecido pela estimativa do grupo argentino, a média das estimativas dos falantes chilenos, colombianos e mexicanos oscilam entre 2 e 3, com os falantes mexicanos se aproximando de notas mais altas. Como no caso o nível de referência é o grupo argentino, testou-se com a função TukeyHSD no R (R CORE TEAM, 2019) se haveria diferenças entre todas as possibilidades de pares de país de origem. Isto é, com essa função comparou-se os dados de argentinos com chilenos, de chilenos com colombianos, de colombianos com mexicanos etc. Comprovou-se que não há diferença significativa entre nenhum dos pares e que a variação observada no gráfico pode ser resultado da pequena amostra.

Quando se discute a faixa etária, por outro lado, o declínio nas médias das notas conforme se avança na idade dos falantes encontra diálogo com trabalhos prévios. Gardner-

Chloros et. al (2005) constataram que, na comunidade cipriota grega residente em Londres, falantes mais jovens avaliaram melhor o *code-switching* que os falantes mais velhos. Apesar disso, as autoras trabalharam com comunidades migrantes nas quais os falantes mais jovens eram falantes de segunda geração, diferentemente daqueles que compõem a primeira faixa etária desta investigação. Aqui, e especialmente na pergunta motivadora desta seção, tem-se falantes imigrantes de primeira geração questionados sobre a alternância para o português com interlocutores que também são imigrantes de primeira geração. É possível, portanto, que nas próximas seções (3.3 e 3.4), quando não se especificou, na formulação das perguntas, quem seriam os interlocutores nos contextos de *code-switching* (podendo ser hispanofalantes, brasileiros ou falantes de outras línguas) as atitudes se mostrem diferentes. Dewaele e Li Wei (2014b), por exemplo, observaram contextos multilíngues internacionais, nos quais falantes mais velhos eram mais favoráveis à alternância.

Esta seção se encerra, então, revelando uma possível tendência de falantes mais jovens na representação favorável do uso do português em interações com pares hispanofalantes. Nas próximas seções serão observadas as duas outras perguntas do questionário que pautavam o *code-switching*, e, sem menção a interlocutores específicos, as representações das seções 3.3 e 3.4 podem se organizar de modo semelhante ou não ao que se registrou aqui.

3.3 “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”

*Si es brasileño, sigo hablando en portugués (normal). Si es hispano hablante, se me hace extraño, pero al final yo sigo hablando en español porque sé que me entiende, y lo dejo que me hable como quiera.*⁷⁵ (AndreaC-F2Me10)

Diferentemente do que acontece na pergunta anterior, na que intitula esta seção não há uma marcação explícita de quem seria o interlocutor que responderia em português a uma pergunta em espanhol. Assim, na abertura desta discussão, apresenta-se a resposta de uma informante que buscou exemplificar suas atitudes a depender de quem seria seu interlocutor. Segundo AndreaC, caso esta interação aconteça com um parceiro brasileiro, ela segue falando

⁷⁵ Tradução própria: “Se for um brasileiro, sigo falando em português (normal). Se for um hispanofalante, vou achar estranho, mas no final sigo falando em espanhol, porque sei que ele vai me entender, e deixo que ele fale na língua que quiser”

português, ou seja, aceita o *code-switching* e continua a conversa na última língua empregada (GROSJEAN, 1982). Já imaginando que essa interação acontecesse na comunicação com um hispanofalante, além de estranhar a situação, AndreaC relata que seguiria falando espanhol, por saber que o interlocutor a compreenderia e comenta que *deixaria* que o parceiro seguisse utilizando a língua de sua preferência, fosse o espanhol ou o português. As atitudes relatadas por AndreaC nesta questão dialogam com o que esta informante comentou na seção anterior, em sua resposta representada no exemplo (3.9). Lá, AndreaC afirmou que uma interação em português entre hispanofalantes seria estranha, a não ser que estivessem na presença de alguém não hispanofalante. Neste caso, para a informante, o uso português seria uma marca de educação e respeito com os espectadores do grupo.

Do mesmo modo como foi importante para AndreaC delimitar quem eram seus interlocutores na discussão de sua resposta, PedroG, DulceS e MelisaA (exemplos 3.35 a 3.37) também comentam sobre a interlocução com brasileiros e com hispanofalantes. Para eles, assim como para a informante cuja resposta abre esta seção, existe uma diferença em sua representação (*dizer*) e em sua atitude (*fazer*) a depender se seu parceiro de interlocução.

- (3.35) PedroG-M3Ar6: *Se for brasileiro tudo bem mas se for hispano falante eu espero uma resposta em espanhol.*
- (3.36) DulceS-F2Co1: *Se o alguém fosse Hispano falante acharia raro (estranho) e não gostaria muito não. Mas se a pessoa falasse outra língua e não o espanhol acharia muito normal pois estamos no país que se fala português e seria a única forma de se comunicar.*
- (3.37) MelisaA-F1Ar4: *Se a pessoa é hispana fico irritada, mas se é brasileiro e fala espanhol mantenho a conversa sem nenhum problema, não reparo em isso.*

Nos excertos 3.35 a 3.37, os informantes revelam que, se a resposta em português vem de um falante brasileiro, está *tudo bem*, não tem *nenhum problema* e seria algo *muito normal*. Já quando se trata de hispanofalantes, PedroG *espera uma resposta em espanhol*, enquanto DulceS, imaginando a possibilidade, revela que *acharia estranho* e *não gostaria muito não*. A partir de sua resposta, no exemplo 3.36, é interessante observar a alegação de DulceS sobre estar em um país em que se fala português e onde a utilização dessa língua seria a única forma de se comunicar. Acredita-se que o que a informante tenha buscado informar é que uma comunicação efetiva com grande parte das pessoas residentes no Brasil se dá em português. No entanto, essa língua não representa a única forma de comunicação no país, uma vez que em

suas próprias palavras, DulceS já revelou se comunicar em espanhol aqui Brasil (exemplo 3.5, p. 91).

A concepção de um monolingüismo brasileiro, que surge como consequência da representação da “ilha da língua portuguesa”, foi tão reforçada ao longo dos anos, em ações de políticas linguísticas que determinavam um imaginário nacional (RODRIGUES, 2010), que aparece inclusive no relato de alguém que não é natural do Brasil e reside há apenas um ano no país. Segundo Corbari (2013), historicamente, as políticas linguísticas no Brasil foram direcionadas para o monolingüismo e somente a Constituição de 1988 trouxe um novo rumo para as atuações do Estado e da sociedade, estimulando a expressão em línguas minorizadas nos contextos públicos e privados. Desde essa discussão, acredita-se, então, que a representação de DulceS encontra suporte no que afirmaram Zoppi-Fontana e Celada (2009), isto é,

ser falante de português no Brasil é constituir-se como um sujeito da língua portuguesa em relação a todas as línguas (indígenas e de imigração) faladas neste território e em relação à divisão interna de cada uma dessas línguas ⁷⁶ (p. 162).

Um falante de português no Brasil se apresenta, portanto, como um sujeito da língua nacional e ocupa os espaços outorgados à língua de prestígio, de modo que detém um capital linguístico simbólico representado, até mesmo, na fala do Outro. Ainda que haja um estímulo recente para expressões em línguas indígenas e de imigração, o espaço privilegiado se mantém sob o domínio do português e DulceS revela notar a predominância dessa língua ao responder que é através dela que acontece a única (ou a mais predominante) forma de se comunicar no Brasil.

Se o espaço hegemônico ocupado pelo português é marcado explicitamente na resposta de DulceS, no caso de MelisaA a marcação vem na afirmação de *não reparar* na alternância do espanhol para o português quando realizada por um falante brasileiro. Ao afirmar que não vê nenhum problema nessa alternância e nem se atenta ao CS, a informante reconhece no falante brasileiro e na língua portuguesa papéis de autoridade dentro do território nacional. Um falante brasileiro que entende o que foi dito em espanhol, mas se decide por uma resposta em português estaria ocupando um lugar que dialoga com seu papel de sujeito da língua nacional (ZOPPI-FONTANA; CELADA, 2009). Situação similar não pode ser encontrada na representação que

⁷⁶ Tradução própria. Texto original: “ser hablante de portugués en Brasil es constituirse en sujeto de la lengua portuguesa en relación con todas las lenguas (indígenas y de inmigración) habladas en este territorio y en relación con la división interna de cada una de esas lenguas (sus diversas variedades).”

MelisaA articula sobre o CS realizado por um hispanofalante. Nesse cenário a informante se revela irritada, não aprovando a alternância de seu interlocutor não brasileiro.

Assim como a de MelisaA, registraram-se outras respostas não favoráveis ao CS na direção do espanhol para o português quando realizado por/entre hispanofalantes. Os exemplos 3.38 a 3.41 ilustram o que comentaram alguns informantes:

(3.38) YaraS-F2Ar11: *Não gosto, peço para responder em espanhol.*

(3.39) SilviaG-F2Co8: *Não gosto... E ainda mais se espanhol é a nossa primeira língua.*

(3.40) AinaraR-F2Ar7: *Acho estranho, principalmente se a outra pessoa domina o espanhol.*

(3.41) DanaZ-F1Ar4: *Se for um hispano falante, seguiria falando em espanhol.*

Dentre os quatro excertos, somente YaraS (ex. 3.38) não deixa claro quem seria o interlocutor que a responderia em português. Entretanto, a informante é categórica ao afirmar que *não gosta* da situação imaginada e, nesse contexto, pediria que a respondessem em espanhol. Nas respostas de SilviaG, AinaraR e DanaZ, por outro lado, há construções condicionais introduzidas por “se”, que indicam quais seriam as representações e atitudes dessas informantes a partir da condição de o interlocutor compartilhar a mesma língua que elas (tal como observado em exemplos anteriores). Em termos de representações linguísticas, SilviaG afirma *não gostar* da alternância e AinaraR acha a situação *estranha*. Essas são informantes que não revelam quais seriam suas reações diante do proposto, diferentemente de DanaZ, que não revela sua opinião sobre a situação de alternância, mas declara que mantém o uso do espanhol, nas interações com hispanofalantes. O que DanaZ confessa, portanto, é que não aceita o CS, e ao permanecer utilizando o espanhol, conseqüentemente, propõe que seu interlocutor retorne a essa língua. O que se lê implícito na resposta de DanaZ aparece abertamente no exemplo 3.42, enunciado por AngelicaJ:

(3.42) AngelicaJ-F1Ar3: *Eu continuo falando em espanhol e a conversa geralmente volta ao espanhol. Acho que na nossa língua materna é mais fácil expressar os nossos sentimentos.*

A opção entre uma ou outra língua são explicáveis pelo princípio da negociação de identidades (MYERS-SCOTTON, 1993; OLIVEIRA, 2006; MOZZILLO, 2009). Para Mozzillo (2009), a escolha linguística detém o poder de permitir a negociação de uma identidade particular do falante em relação aos demais envolvidos na interação. Dito isso, o falante bilíngue “atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica

com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do *code-switching* para suprir a necessidade de contínua acomodação ao encontro intercultural” (MOZZILLO, 2009, p. 192). Nas interações em que DanaZ e AngelicaJ mantêm o uso do espanhol a despeito do seu interlocutor empregar o CS há uma negociação de ambos os interlocutores na afirmação de suas identidades. Por um lado, um deles pode preferir utilizar o espanhol para marcar uma identidade nacional natal e acessar símbolos compartilhados com o parceiro através da língua, enquanto o outro pode buscar a aproximação com elementos locais que realçam sua identificação plural, localizada e marcada pelo novo lugar – propondo, então, o uso do português.

Embora a negociação comentada por Mozzillo (2009) possa ser conflitiva e explorar as forças de ambos os interlocutores na (re)afirmação de identidades, tem-se registrado nas respostas do corpus sob análise que alguns falantes podem se mostrar mais flexíveis quanto à escolha do outro. A partir da resposta que abre esta seção, foi comentado que, em interações com hispanofalantes, AndreaC mantém o uso do espanhol, mas *deixa* que seu parceiro se comunique na língua que preferir. Compartilhando do posicionamento de AndreaC, JorgeR, no exemplo 3.43, responde que:

- (3.43) JorgeR-M2Co4: *Se for um hispano falante acho estranho, mas se essa pessoa preferir falar em português não tenho problema com isso.*

A preferência pelo português pode causar estranheza, mas não chega a ser um problema para nenhum dos informantes aqui apresentados. Assim como alguns deles comentaram em suas respostas à pergunta anterior (seção 3.2) que têm preferência pelo espanhol devido a fatores de facilidade e comodidade, houve quem afirmou compreender que, para outras pessoas, a comodidade pode se expressar no uso habitual do português. Abaixo, nos exemplos 3.44 a 3.48, vê-se o que alguns informantes responderam:

- (3.44) MilenaR-F3Co2: *Acontece. É o costume de falar mais português que espanhol.*
- (3.45) DenisP-M2Ar6: *Cada um fala como quer dentro de sua possibilidade.*
- (3.46) NadiaA-F2Co1: *Está bien, esa persona se siente más cómoda y para mi mejor pues aprendo.*⁷⁷
- (3.47) LudmilaG-F2Ar5: *Respondo em português, acho normal e a pessoa pode e deve falar na língua na qual se sentir mais a vontade.*

⁷⁷ Tradução própria: “Está bem, essa pessoa se sente mais confortável (falando português) e para mim é melhor, porque aprendo.”

- (3.48) MartaV-F2Co1: *Não tenho problema, cada quem se comunica como pode, sempre existe um jeito por mais que você não saiba a língua.*

É interessante observar como a negociação na escolha linguística é interpretada por DenisP, LudmilaG e MartaV (excertos 3.45, 3.47 e 3.48) em termos de possibilidade. Para eles, os falantes devem se comunicar na língua possível e MartaV vai além, afirmando que *sempre existe um jeito por mais que você não saiba a língua*. Não está evidenciado qual é o jeito imaginado por MartaV que cumpriria o papel de efetivar a comunicação nos casos em que não se sabe uma língua, mas é possível pressupor alguns. Uma possibilidade, por exemplo, seria que um dos interlocutores lançasse mão de uma comunicação não verbal apoiada ainda em alguma língua que fosse compartilhada por todos do grupo. No entanto, para a utilização de um recurso como o amparo em uma língua diferente da que se utiliza no momento da comunicação, é imprescindível que os falantes conheçam o *background* linguístico de seus interlocutores. A teoria de Gumperz (2002 [1982]) assume que um falante bilíngue espera conhecer um pouco do *background* e das atitudes de seu interlocutor antes de alternar entre duas línguas.

Isso se observa nas respostas de vários informantes apresentadas nesta seção. Quando estão em interação com hispanofalantes afirmam manter o uso do espanhol, apesar da escolha sustentada por seu parceiro. Já quando estão com brasileiros, aceitam o *code-switching* em direção ao português, pois o entendem como uma necessidade de seu interlocutor. A manutenção do espanhol e a alternância para o português são produtos da consciência dos informantes sobre o *background* de seus respectivos parceiros. Isto é, saber que alguém tem origem hispânica abre a possibilidade de se estabelecer/manter uma comunicação em espanhol com essa pessoa. Agora, quando se interage com um brasileiro, a certeza prototípica que se estabelece sobre seu repertório linguístico é o domínio do português. Seria necessário conhecer mais desse interlocutor para permanecer utilizando o espanhol em uma comunicação com ele.

No exemplo 3.49, RaulA evidencia a necessidade dessa consciência sobre o terreno que compartilha com seu interlocutor. Além disso, aliado a GiseleC e AndrésA (respostas 3.50 e 3.51), RaulA assume a responsabilidade pelo *erro* de pressupor no interlocutor um conhecimento que não corresponde com a realidade, isto é, assumir que ele fala espanhol, quando, na verdade, não fala:

- (3.49) RaulA-M2Ch5: *Tenho certeza que a pessoa fala espanhol? Se sim, então acho estranho e desnecessário. Mas, se não, o erro foi meu ao assumir que a outra pessoa era competente na minha língua.*

(3.50) GiseleC-F2Co4: *Tranquilo. Se a pessoa fala espanhol é normal essa confusão. Se pessoa não fala espanhol o erro é meu.*

(3.51) AndrésA-M2Co5: *Faço de novo a pergunta em português e peço desculpas.*

Para Gumperz (2002 [1982]), as estratégias comunicativas de cada indivíduo se relacionam com os tipos de redes sociais que eles mantêm (fechadas ou expandidas). Segundo o autor, baseando-se em teorias linguísticas e sociais modernas, é mais razoável e acertado assumir que uma interação exclusiva com indivíduos que compartilham *backgrounds* semelhantes induz o falante ao apoio em pressuposições não verbalizadas e relacionadas a um contexto de comunicação compartilhado com sua rede social (GUMPERZ, 2002 [1982]). Desse modo, para Gumperz (2002 [1982]), os falantes com pouca experiência fora da comunidade muitas vezes deixam de levar em conta o fato de que os outros, que não compartilham sua experiência comunicativa, podem não ter o conhecimento prévio para interpretar sua fala, como os membros de sua rede fazem.

Já nos contextos de redes sociais expandidas, pelo contrário, as relações seriam marcadas tanto pela diversidade de normas e atitudes quanto pela diversidade de convenções comunicativas. Assim, no que afirma Gumperz (2002 [1982]),

para serem eficazes aqui [em redes expandidas], os falantes devem estar cientes das diferenças nos processos de interpretação. Eles não podem esperar que as convenções comunicativas implícitas de seu próprio grupo sejam compreendidas por outros e, assim, aprendem a ser flexíveis com relação ao estilo de fala.⁷⁸ (p. 71)

Devido à necessidade de se compreender quais são as convenções compartilhadas com membros estrangeiros à sua rede social é que, muitas vezes, os falantes recorrem ao *code-switching* mais frequentemente em interações intrínsecas às redes sociais fechadas (ou em suas relações mais íntimas quando são falantes que mantêm redes expandidas). No que afirmam RaulA, GiseleC e AndrésA se explicita, então, a necessidade de conhecer as experiências comunicativas do outro para que se utilize mais de uma língua em uma interação, e também para que se possa enunciar uma representação sobre esse evento. Segundo RaulA, desde que ele tenha conhecimento de que seu interlocutor fala espanhol, receber uma resposta em português nessa interação lhe parece *estranho* e *desnecessário*. Já Gisele, sabendo que seu

⁷⁸ Tradução própria. Texto original: “To be effective here speakers must be aware of differences in interpretation processes. They cannot expect that the unspoken communicative conventions of their own peer group are understood by others, and thus they learn to be flexible with respect to speech style.”

interlocutor compreende a língua em uso, e ainda assim optou pelo português, revela ver a *confusão* (alternância entre línguas) como algo normal.

No que comentam alguns informantes, eles não veem a necessidade de os interlocutores responderem em espanhol a perguntas formuladas nessa língua. Desde que o que foi dito seja compreendido, a resposta pode vir em qualquer língua que também sustente a compreensão. Sobre isso, leem-se alguns comentários ilustrados nos exemplos 3.52 a 3.59:

- (3.52) InacioM-M2Co2: *Se a pessoa me respondeu certinho, eu agradeço. Ela não tem a obrigação de falar espanhol, e se eu consigo entender o que ela me falou está ótimo.*
- (3.53) DanielaD-F3Co30: *Natural. No hay necesidad de que me respondan en español.*⁷⁹
- (3.54) MarianaZ-F2Me4: *Ok. Não me incomoda é normal, eles não tem por que saber espanhol.*
- (3.55) PatricioN-M2Ar3: *Acho que não tem problema nenhum sempre que a pessoa tenha entendido.*
- (3.56) FelipeB-M2Ar2: *Está bem. O importante é nos comunicar. Pode ser Portunhol.*
- (3.57) GabrielA-M2Ar2: *Acho certo, as línguas são pra se entender.*
- (3.58) MarinaG-F2Ar1: *Tanto faz, eu gosto de me comunicar em qualquer língua.*
- (3.59) CeciliaF-F2Ar3: *É bastante normal. Muitas vezes uno não lembra palavras em espanhol o se já está falando em português mudar de lingua confunde. Acho que o que seja melhor para comunicação e o entendimento das partes.*

A intercompreensão se mostra como um elemento de extrema importância nessas respostas. Dialogando com o que argumentou Gumperz (2002 [1982]) anteriormente, entende-se que os informantes dos exemplos 3.52 a 3.59, cientes de que são capazes de entender enunciados em português e em espanhol (ou seja, cientes de suas próprias experiências comunicativas), aceitam o CS, amparados na confiança de que haverá compreensão. No entanto, InacioM (ex. 3.52) confessa que o entendimento preciso do que foi dito é uma condição *sine qua non* para que se obtenha uma *resposta certinha*. Nesta posição, o informante encontra afinidade com o que comenta PatricioN (ex. 3.55). Para este, não há problemas em receber uma resposta numa língua diferente da que foi utilizada na enunciação da pergunta, *sempre que* seu interlocutor *tenha entendido* o que foi perguntado/dito.

Ainda observando as nuances da resposta de InacioM, chama a atenção o comentário sobre seu interlocutor *não ter a obrigação de falar espanhol*. Pressupõe-se aqui que esse

⁷⁹ Tradução própria: “Natural. Não há a necessidade de que me respondam em espanhol.”

interlocutor, determinado por InacioM como “*a pessoa*”, seja um falante brasileiro, e essa concepção de que os brasileiros não têm o dever de dominar a língua espanhola aparece também na resposta de MarianaZ (ex. 3.54), quem revela não se incomodar com o uso do português. Como já discutido nesta seção, o falante de português no Brasil ocupa o lugar de sujeito da língua de prestígio nacional (ZOPPI-FONTANA; CELADA, 2009) e nota-se nos comentários de InacioM e MarianaZ que, enquanto protagonistas desse lugar, não é esperado dos brasileiros que eles falem espanhol. A responsabilidade na compreensão de ambas as línguas (espanhol e português) fica, então, a cargo dos falantes imigrantes, que devem buscar conhecer e incorporar as convenções comunicativas (GUMPERZ, 2002 [1982]) do país de acolhida.

Na busca pelo sucesso na comunicação, observam-se ainda informantes que revelam aceitar inclusive o *portunhol*, como FelipeB no exemplo 3.56. Contudo, não fica clara qual é a compreensão do informante sobre o termo *portunhol* referenciado em sua resposta. Acredita-se aqui que sua formulação esteja vinculada a uma concepção amplamente difundida que entende o *portunhol* como uma mistura danosa entre duas línguas, comparada por AmeliaO (excerto 3.60) a um *vício* do qual as pessoas não conseguem se livrar:

(3.60) AmeliaO-F3Co10: *Normal, acho que muitas pessoas estão acostumadas com o portunhol, parece terem pegado o vício de misturar as duas línguas e por mais que tentem não conseguem separar.*

A diferença entre o *portunhol* e o *code-switching*, no entanto, se estabelece no entendimento de que o primeiro se refere a uma variedade híbrida, resultada de misturas indiscriminadas entre duas línguas (CARVALHO, 2010) e o segundo diz respeito a uma estratégia comunicativa, que se utiliza da alternância entre dois códigos para cumprir funções sociopragmáticas (GUMPERZ, 2002 [1982], OLIVEIRA, 2006). Para além disso, é comum observar que, no que denominam *portunhol*, mais do que a alternância entre estruturas e vocabulários de duas línguas, há um neologismo popular que utiliza características da língua espanhola, observadas na experiência contrastiva com o português (como a ditongação) para criar formas não gramaticais (como *profesuera, *coca-cuela) em uma comunicação que se acredita estar inteiramente em espanhol (ALVES, 2002; TEODORO-TORRES, 2016)⁸⁰.

A ideia difundida de que, por vezes, o *portunhol* se apresenta como uma mistura desorientada e imaginativa de elementos do português e do espanhol acarreta a associação da

⁸⁰ TEODORO-TORRES, J. A. A opacidade da semelhança: um estudo etimológico de verbos homógrafos do português e do espanhol. Relatório de Iniciação Científica. São Paulo: FFLCH/USP, 2016. Processo FAPESP: 15/13660-4.

alternância (e consequentemente das formas de *code-switching* descritas na seção 1.3) com a falta de competência em uma das línguas e níveis menores de inteligência, como já observado em alguns contextos por Gumperz (2002 [1982]). Em um estudo de percepção, utilizando a técnica *matched-guise* e realizado com membros das comunidades argentinas e colombianas residentes em São Paulo, Teodoro-Torres (2020) observou que os falantes do experimento (homens com idade entre 20 e 30 anos) foram percebidos como menos inteligentes quando produziram o CS. Segundo o autor, essa observação indica tendências sobre o posicionamento de argentinos e colombianos residentes em São Paulo frente ao *code-switching* (TEODORO-TORRES, 2020). Na amostra desta investigação, quem corrobora o que verificou Teodoro-Torres (2020) foi EmilioR, um informante chileno, cuja resposta ilustra o exemplo 3.61.

(3.61) EmilioR-M2Ch3: *Se a pessoa é nativa no espanhol acho burrice de parte dela.*

A representação desfavorável explícita de EmilioR sobre o nível de inteligência do hispanofalante que se vale do CS é um dado único nesta investigação e demonstra o poder que tem o componente afetivo das atitudes (REDINGER, 2010). Enquanto em Teodoro-Torres (2020), “inculto” foi uma característica que não obteve muitos votos na lista de palavras, apesar de estar localizada justo abaixo das escalas numéricas, aqui, EmilioR não hesitou em evidenciar que associa a produção de *code-switching* a um baixo nível de inteligência. A cautela que Teodoro-Torres (2020) afirma que seus informantes tiveram em não se exporem de maneira negativa ou “categórica demais” (MENDES, 2018) em um experimento conduzido por um brasileiro em São Paulo não parece agir sobre EmilioR, o que se reflete nessa resposta autêntica.

Em oposição à representação explicitamente negativa da resposta de EmilioR, mas também fruto da expressão do componente afetivo das atitudes, lê-se a resposta de CarmenD no exemplo 3.62, quem acredita que o *code-switching* seja algo *sensacional*:

(3.62) CarmenD-F2Co5: *Eu acho sensacional, às vezes fazemos isso com os amigos colombianos ou os namorados brasileiros deles.*

A aprovação lida no comentário de CarmenD e a sua autodeclaração na produção do *code-switching* é localizada na interação entre *amigos colombianos* e seus *namorados brasileiros*. Com esse exemplo de resposta, observa-se a atuação do CS em contextos íntimos e informais. Em momento algum da formulação da pergunta geradora, evidenciou-se que a interação entre uma pergunta em espanhol e uma resposta em português aconteceria entre amigos ou familiares; deixou-se, então, que os informantes localizassem essa possível interação

em algum cenário imaginado individualmente. Assim, o que já se observou nesta seção foram respostas que situavam ora brasileiros e/ou ora hispanofalantes no jogo da alternância. Contudo, é na resposta de CarmenD que aparece a enunciação de interlocutores íntimos pela primeira vez. No exemplo 3.62, a alternância *sensacional*, descrita pela informante, parece promover a integração e a intimidade nas relações entre colombianos e brasileiros.

A figura 3.3 (seção 3.1) indicava que, dentre os informantes que mantêm cônjuges ou namorados atualmente, mais de dois terços utilizam a língua portuguesa em interações com esses pares. Para além disso, 61 informantes, dentre os 67 totais, revelaram falar português com seus amigos. Frente ao que se observou na figura e ao que comenta CarmenD, é oportuno relembrar as afirmações de Poplack (1980) e Gumperz (2002 [1982]) sobre a recorrência e a aceitação do CS em ambiente íntimos e familiares. Nesses cenários, em geral, os informantes se deixam mais cômodos e vulneráveis e não recorrem a afirmações de identidade constantes, pois interagem com pares mais semelhantes e membros de seu grupo mais próximo. Entendido isso, LidiaJ (ex. 3.63), uma informante que vive no Brasil há 14 anos revela que em sua casa o CS é algo normal, enquanto HectorL (ex. 3.64) residente aqui há dois anos, comenta que a alternância está presente também em seu local de trabalho:

(3.63) LidiaJ-F3Ar14: *Normal, minha filha faz isso*

(3.64) HectorL-M2Me2: *No trabalho acontece e não tenho problema*

Pelo tempo de residência de LidiaJ no Brasil, é provável que sua filha tenha nascido aqui ou, pelo menos, vivido grande parte de sua vida no país. Assim, parece adequado assumir que a filha de LidiaJ tenha tido a vivência do ensino básico brasileiro e, como relatado anteriormente sobre a experiência de LucasC (seção 3.2), acredita-se que a língua portuguesa atue também sobre a construção da identidade dessa criança (ou jovem). Logo, o *code-switching* em interações íntimas e/ou familiares neste corpus tem indicado a manutenção de identidades plurais, seja a de um falante colombiano que namora um brasileiro ou a de uma mãe cuja filha alterna entre o português e o espanhol dentro de casa.

Já na resposta de HectorL (exemplo 3.64) o que se lê é que o *code-switching intersentencial* se apresenta em seu local de trabalho, sem gerar nenhum problema para esse informante. Em consonância com a discussão sobre a atuação do CS em interações íntimas, seria possível supor que as pessoas que participam dessas interações com HectorL mantenham uma relação de intimidade com o falante. No entanto, sua curta resposta não permite que a leitura vá além disso. Não obstante a esse bloqueio, sobre o uso do *code-switching* em

ambientes laborais, no capítulo 4 analisam-se as entrevistas sociolinguísticas e são observadas respostas mais amplas de alguns informantes sobre a alternância no ambiente de trabalho.

Até este momento, leram-se respostas favoráveis e desfavoráveis em relação ao *code-switching* na direção do espanhol para o português, independentemente das características sociobiográficas dos informantes. Homens e mulheres de diferentes faixas etárias relataram aprovar ou desaprovar o mecanismo, e o mesmo foi observado dentre os falantes que compartilham uma origem nacional. No entanto, registrou-se um conjunto amplo de respostas positivas enunciadas pelo grupo feminino da amostra. Para além do já que se exemplificou até aqui, apresentam-se nos exemplos 3.65 a 3.72 outras respostas de mulheres que despertam a atenção:

- (3.65) RuthO-F1Ar3: *Tranquilo, posso mudar de uma língua pra outra sem problema*
- (3.66) RosarioN-F2Co1: *Bem, não tenho problema, eu continuo falando para ele o ela em português.*
- (3.67) JuliaA-F2Co4: *Sigo la conversación en portugués, no le doy mucha relevancia si los dos hablamos los dos idiomas.*⁸¹
- (3.68) MaisaH-F2Me1: *Esta muy bien que me respondan en portugues asi puedo aprender mas.*⁸²
- (3.69) ReginaH-F3Me7: *Fico Contente! Me sinto orgulhosa de entender ambos idiomas e dar continuidade na conversa no idioma que meu interlocutor preferir.*
- (3.70) ValeriaA-F3Ar5: *Costumo responder com a língua da pessoa que está falando, mas também é normal misturar os idiomas naturalmente, sem consciência dessa mistura.*
- (3.71) CatalinaV-F2Me4: *Acho divertido. Meu cérebro muitas vezes no repara qual idioma estou escutando.*
- (3.72) IrisB-F2Co4: *Quando cheguei ao Brasil reagia interiormente com surpresa, mas agora respondo diretamente em português sem pensar. Acho que pelo tempo de eu estar no Brasil (e alguns de meus amigos hispano falantes) normalizamos e interiorizamos o português sem refletir em seu uso.*

As informantes dos exemplos 3.65 a 3.72 dão peso ao grupo que aceita o *code-switching* e não estabelecem condições de interlocutor para seguirem utilizando a língua portuguesa. O que se nota aqui é a autodeclaração da alternância que atende a funções sociopragmáticas como continuar a conversa na última língua empregada; personalizar a mensagem, especificando o

⁸¹ Tradução própria: “Sigo a conversa em português, não dou muita relevância a isso, já que nós dois falamos os dois idiomas.”

⁸² Tradução própria: “É muito bom que me respondam em português, assim posso aprender mais.”

envolvimento do falante; e marcar uma identidade próxima ao grupo (ou ao interlocutor), demonstrando solidariedade (GROSJEAN, 1982). Valendo-se desses recursos, ReginaH (exemplo 3.69) confessa que fica contente e se sente orgulhosa de poder falar duas línguas e ser capaz de *dar continuidade na conversa no idioma que seu interlocutor preferir*. Assim como ReginaH, nos exemplos 3.70 a 3.72, ValeriaA, CatalinaV e IrisB, além de responderem utilizando a língua proposta pelo interlocutor, acrescentam que o fazem sem consciência ativa (PENA, 2004; GARDNER-CHLOROS, 2009; DEWAELE; LI WEI, 2014a). Responder totalmente em português ou *misturar os idiomas* são atitudes que, segundo as informantes, ocorrem *naturalmente* e se devem, em grande parte, ao tempo vivido no Brasil (como comentam JuliaA e SoledadP na seção 3.2).

Verifica-se, portanto, um diálogo recorrente entre o conjunto das respostas observadas nesta seção e os comentários discutidos na pergunta anterior. A associação da produção do CS com tempo de residência, sentimentos de conforto e habitualidade, e afirmações de identidade em ambos os cenários se devem provavelmente a alguns pontos de encontro entre as duas perguntas, isto é, a possibilidade de se observar pessoas de origem hispânica falando português e a presença de brasileiros durante a interação.

3.3.1 Análises Quantitativas

Com o que se registou ao longo da discussão da seção 3.3, afirma-se que houve uma forte presença de atributos positivos enunciados nas respostas coletadas a partir da questão “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”. A não marcação de um interlocutor específico abriu possibilidades para que os informantes atribuíssem a essa *pessoa que responde em português* características sociobiográficas e cognitivas baseadas em suas próprias experiências comunicativas. Ou seja, nas respostas de alguns, esse interlocutor era um hispanofalante, já para outros era um brasileiro; teve ainda quem, sem identificar origem, relatou que se tratava de um amigo, de um colega de trabalho, ou de um familiar.

Pela condução das análises qualitativas não se pôde observar diferenças relevantes nas respostas a depender de quem eram os informantes (homens ou mulheres, falantes mais jovens ou mais velhos). Assim, como apresentados na seção 3.2.1, realizaram-se testes com o R (R CORE TEAM, 2019) para testar a hipótese de que haveria diferenças significativas dentre as respostas dos informantes a depender de suas características sociobiográficas. A observação

dos resultados inicia-se, então, com um gráfico *boxplot* (figura 3.10), que apresenta a distribuição das respostas de acordo com o gênero de cada informante.

Figura 3.10 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”, de acordo o gênero dos informantes

Fonte: Elaboração própria

A leitura da figura indica a concentração das respostas do grupo feminino entre os valores 2 e 4, ou seja, entre notas que representam as atribuições “negativa” e “muito positiva”. Essa distribuição se distancia um pouco do que se registou na figura 3.8, na qual estavam representadas as respostas das mulheres para o uso do português entre hispanofalantes. Naquela figura, a concentração das respostas estava entre 2 e 3 (atribuições negativa e positiva). Enquanto isso, observando o grupo masculino, nota-se que houve também uma mudança na ilustração da dispersão das notas. Na figura 3.8, a concentração estava entre 1 e 3 (muito negativa e positiva), já na figura 3.10 observa-se que a concentração está entre 2 e 3 (negativa e positiva).

Outra informação que ampara a discussão sobre o aumento das atribuições positivas de uma pergunta para outra é o valor da média dos grupos. Para o conjunto feminino tem-se aqui o valor de média de 2,89, maior do que o que se registou na seção 3.2.1 (i. e. 2,56). Na mesma direção, a média das respostas do grupo masculino quando comparado com a figura correspondente da seção anterior aumentou de 2,33 para 2,57. Internamente à figura 3.10, os *boxplots* dos conjuntos feminino e masculino não apresentam diferenças significativas entre si.

Os valores de mediana são os mesmos (3,0) e o teste estatístico não paramétrico (teste de Wilcoxon) não revelou um valor p significativo para diferença entre as médias a depender do gênero dos informantes. Homens e mulheres não diferem significativamente entre suas respostas no interior desta questão. Portanto, o que se apresenta nesta leitura é que em duas perguntas que pautavam a alternância do espanhol para o português, os informantes, independentemente de gênero, mostraram-se mais favoráveis em suas respostas quando não estava evidenciado que seu interlocutor era um hispanofalante.

Quando se pautam as interações das outras características sociobiográficas (faixa etária, país de origem e modo de instrução em português), tampouco foram verificadas diferenças entre as respostas dos informantes. Como realizado anteriormente, criou-se um modelo de regressão linear com a inclusão de todas as variáveis independentes e não se registraram diferenças significativas entre argentinos, chilenos, colombianos e mexicanos ou entre falantes mais novos e mais velhos, por exemplo. Assim, buscando relatar no corpo do texto apenas os dados que se mostram mais relevantes para a discussão, a tabela com os resultados desse modelo de regressão linear está no Anexo D. Ainda sem diferenças significativas, parece interessante observar a dispersão das estimativas no gráfico de efeitos representado na figura 3.11.

Figura 3.11 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas ao CS na direção do espanhol para o português

Fonte: Elaboração própria

Na ilustração da figura 3.11 as estimativas das notas de acordo com gênero, idade e modo de instrução de português não apresentam grandes diferenças a depender dos níveis de cada variável. Em geral, as médias se mantêm entre 2 e 3, buscando um neutro ideal entre as atribuições positiva e negativa. O que se tinha observado anteriormente (figura 3.9) quanto a um declínio na média a depender do aumento no nível de faixa etária, não acontece aqui. Assim, a principal diferença entre essa figura e a da seção anterior está na estimativa das médias de falantes de segunda e terceira faixa etária. Quando perguntados sobre receber uma resposta em português a uma pergunta enunciada em espanhol, sem que se delimitasse a origem nacional do interlocutor, esses foram os informantes que se deslocaram para respostas mais favoráveis do que as que tinham atribuído ao CS entre hispanofalantes.

Já a variação no quadro que indica o país de origem dos informantes, apesar da visível diferença entre os pontos das médias de cada nível, também não se mostra significativa. A comprovação disso se dá pelos intervalos de confiança (barras rosadas) que se sobrepõem e pelos resultados do teste de significância conduzido na aplicação da função TukeyHSD. Com esses dados em mãos, resta agora observar quais foram as atitudes e representações conferidas à última pergunta, quando se prevê a alternância no sentido português para espanhol, e como se apresentam as distribuições das médias e estimativas dessas respostas.

3.4 “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”

Eu não gosto quando eu faço uma pergunta em português e a pessoa responde em espanhol. Me sinto ofendida e acho que meu português não é suficientemente bom e não consiguen me entender o que eu falo. Os brasileiros gostam de fazer isso achando que falam espanhol. (CatalinaV-F2Me4)

Quando se observa a resposta da informante CatalinaV dada à última pergunta do questionário, sobressaem representações que até o momento não haviam sido discutidas neste trabalho, especialmente no que diz respeito à competência de português como segunda língua para hispanofalantes e à avaliação sobre o domínio linguístico do outro. CatalinaV, que afirma

não gostar de receber respostas em espanhol após uma pergunta enunciada em português, revela-se sentir ofendida com essa prática, uma vez que a situação põe em xeque sua competência em português e o sucesso da sua comunicação com o interlocutor.

A objeção de CatalinaV ao *code-switching* que se desloca da segunda língua (português) para a língua materna (espanhol) parece reavivar na informante sentimentos que Lemos (2008) atribui ao aprendiz de língua estrangeira, isto é, o nervosismo, a insegurança e a angústia. Em contextos formais de aprendizagem de uma segunda língua, não é raro que os alunos se mantenham silenciosos, inseguros e até mesmo amedrontados (LEMOS, 2008), devido ao julgamento que fazem de seu próprio conhecimento na língua, geralmente lido como insuficiente para uma produção oral efetiva. Assim, na resposta de CatalinaV o que se lê é a representação de um cenário que invoca sentimentos e questionamentos experimentados durante o processo de aprendizagem, e que a informante não deseja revisitar.

Ademais, na resposta exemplificada, a situação é agravada quando o interlocutor que propõe o *code-switching* na direção português-espanhol é um falante brasileiro. A alternância, nesse caso, é lida por CatalinaV como a invalidação de sua competência em português por um agente de autoridade na língua. Isto é, em sua concepção, quando o interlocutor brasileiro propõe a alternância para o espanhol, ele sugere que o uso do português pela informante não está apropriado. Frente a esse constrangimento, CatalinaV assume o papel de sujeito da língua espanhola e rebate o uso do espanhol pelo falante brasileiro, afirmando que *brasileiros acham que falam espanhol*. Assim, na busca por se defender do questionamento sobre sua competência linguística, ela inverte o tabuleiro do jogo e questiona a competência de seu interlocutor na língua em que ela detém o poder.

O descontentamento que experimenta e comenta CatalinaV e a insegurança gerada por um possível questionamento sobre seu domínio de português pode ser lido também nas respostas de GiseleC, LidiaJ, GinaM e GastonB, nos exemplos 3.73 a 3.76 a seguir. Já a discussão sobre o questionamento da competência do outro, especialmente o domínio de espanhol por brasileiros, será retomada mais adiante nesta seção.

- (3.73) GiseleC-F2Co4: *Às vezes fico com raiva porque eu me estou esforçando para falar português e espero que a pessoa responda português. Mas as vezes a pessoa quer que eu me sinta mais confortável mas mesmo assim da raiva.*
- (3.74) LidiaJ-F3Ar14: *Se for brasileiro fico brava, eu falo bem português.*
- (3.75) GinaM-F3Ch26: *Eu acho que devo ter falado alguma coisa errada ou que quer treinar seu espanhol e continuo em espanhol.*

- (3.76) GastonB- M2Co2: *Envergonhado. Acho que meu português é ruim. Mesmo assim, as vezes eles só querem praticar espanhol.*

Segundo GiseleC, em sua comunicação existe um *esforço para falar português* e a falta de reciprocidade do interlocutor suscita uma frustração que se reproduz em uma atitude de aversão ao *code-switching*, exemplificada na afirmação de que, diante desse cenário, a informante *fica com raiva*. No exemplo 3.74, LidiaJ corrobora esse sentimento de irritação e aversão ao CS, em especial com falantes brasileiros, pois afirma saber da qualidade do seu domínio de português. Neste caso, LidiaJ enuncia algo novo, que é a segurança sobre a própria competência na segunda língua, e, ao declarar que *fala bem português*, a informante rejeita questionamentos sobre seu modo de falar. Essa segurança declarada por LidiaJ pode se relacionar com o seu tempo de residência no Brasil e, conseqüentemente, com os mais de dez anos falando a língua de prestígio local. O longo tempo utilizando o português possibilita à informante, então, um aprofundamento nas normas e convenções de uso dessa língua, de modo que sua performance se mostra, aos seus olhos, cada vez mais precisa.

No entanto, em oposição à firmeza de LidiaJ, tanto os falantes com menos tempo de residência, quanto GinaM, que vive no Brasil há 26 anos, se mostraram inseguros com a sua competência de português em situações nas quais o interlocutor sugere a alternância para o espanhol. Essa inquietação se apresenta na resposta de CatalinaV (4 anos no Brasil), que *acha que seu português não é suficientemente bom*; de GiseleC (4 anos), que *se esforça para falar português*; de GinaM (26 anos), que *acha que deve ter falado alguma coisa errada*; e de GastonB (2 anos), que além de se envergonhar, *acha que seu português é ruim*. O tempo de residência, portanto, não parece atuar uniformemente sobre as situações de segurança e insegurança linguística que, para Moreno Fernández (1998), dizem respeito à relação que existe entre a língua ou a variedade que um falante considera correta, adequada ou de prestígio e a que emprega em seu próprio uso. Expandindo essa discussão, Calvet (2002) afirma que

fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram *sua* norma *a* norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam (p. 72, grifos originais).

As respostas de CatalinaV, GiseleC, LidiaJ, GinaM e GastonB evidenciam, assim, que os informantes conhecem qual é o modo de falar prestigioso no Brasil, isto é, o português brasileiro, e buscam alcançar o lugar de um falante competente e independente nessa língua. No entanto, a escolha dos interlocutores nacionais em alternar para o espanhol acaba

distanciando esses informantes desse lugar de competência e independência no uso do português. Isto é, o empenho dos hispanofalantes em praticar o modo de falar valorizado na comunidade é lido por eles como desmerecido nas situações em que se sugere o uso do espanhol. É desse lugar, portanto, que surge o desconforto relatado nos exemplos anteriores.

Buscando as razões que levariam os brasileiros a propor a alternância para o espanhol, segundo alguns informantes, um elemento que estimula essa sugestão é a percepção de um sotaque tipicamente hispânico. Esse sotaque teria, então, o poder de marcar um distanciamento entre o modelo prestigioso do português e o português praticado pelos imigrantes. Nos exemplos 3.77 a 3.79, as respostas de YaneC, MariaR e RaulA evidenciam o que Calvet (2002) comenta sobre a consciência de alguns falantes sobre um modo de falar mais valorizado na comunidade, mas que difere de sua prática.

- (3.77) YaneC-F2Ar3: *Chama minha atenção, porque a pessoa viu que sou estrangeira e começo a falar com essa pessoa em espanhol.*
- (3.78) MariaR-F3Co5: *Que meu sotaque fez compreender que eu sou hispanofalante.*
- (3.79) RaulA-M2Ch5: *Geralmente, fico surpreso. Novamente, por não ter interpretado corretamente a competência daquela pessoa. Também, acho isso uma gentileza de parte dessa pessoa, ainda que isso ponha em evidência que meu português tem um sotaque carregado e marcadamente hispanofalante.*

Os três informantes atribuem a alternância do português para o espanhol à verificação, por parte dos brasileiros, de sua condição migrante e/ou de não falante de português como língua materna. YaneC, MariaR e RaulA têm consciência de que seu sotaque difere de um modo de falar prestigiado no Brasil e notam essa consciência também em seus interlocutores brasileiros. Nesse sentido, o que se revela como um estímulo para a alternância aqui é a percepção de que o outro não pratica a norma prestigiosa local e a suposição sobre um domínio de espanhol a partir de marcas de um sotaque, convencionalmente, atribuído a hispanofalantes.

Conhecer o *background* do interlocutor é fundamental para a realização do CS (seção 3.3), e esse conhecimento pode ser resultado de experiências comunicativas prévias ou, como discutido pelos informantes, fruto da associação de um determinado sotaque a falantes imigrantes. Assim como observado na seção anterior, nesta, alguns informantes discutiram em suas respostas a necessidade de conhecer o terreno compartilhado com os parceiros de interlocução antes de realizar a alternância. RaulA, quem afirmou no exemplo 3.49 (seção 3.3) precisar *ter certeza* sobre a língua que seu interlocutor dominava, aqui, no exemplo 3.79, se

revela surpreso *por não ter interpretado corretamente a competência* do outro. Esse informante explicita a importância de se conhecer a competência linguística do interlocutor antecipadamente e evidencia que, nos casos em que seu julgamento não é preciso, experimenta uma desestruturação de um elemento fundamental para sua comunicação, isto é, o conhecimento de qual língua utilizar. Em outras palavras, a interpretação equivocada de RaulA dá margem para que ele empregue uma língua que seu interlocutor não compreende, o que resultará no insucesso da sua comunicação.

Em consonância com o que defende RaulA, os informantes AndrésA e InacioM (exemplos 3.80 e 3.81) respondem que, na busca pela certeza de que dominam as mesmas línguas que seus interlocutores, optam por perguntar explicitamente sobre seu domínio do espanhol antes de seguir com a interação:

(3.80) AndrésA-M2Co5: *Eu confirmo se a pessoa de fato fala espanhol e pergunto se prefere falar em espanhol.*

(3.81) InacioM-M2Co2: *Pergunto se ela fala espanhol, porque aí eu falo para ela em espanhol (mais fácil para mim). Costumo elogiar por conhecer o idioma e agradeço a atenção.*

É interessante observar o recurso de que os informantes lançam mão para garantir uma comunicação efetiva. Quando não há um conhecimento prévio sobre o *background* do interlocutor, um questionamento direto como, “você fala espanhol?”, se mostra eficaz para suprir a necessidade buscada por AndrésA e InacioM; e, uma vez verificada a competência linguística do interlocutor, esses informantes revelam aceitar o CS e seguir falando espanhol.

Além de aceitar a alternância proposta por um brasileiro na direção do espanhol, InacioM comenta que *elogia* o conhecimento de espanhol do seu interlocutor e *agradece a atenção*, isto é, o cuidado desse parceiro em propor o uso de uma língua que seja mais cômoda para InacioM. O uso do espanhol por falantes brasileiros como forma de cordialidade parece se apresentar aqui como uma motivação para a alternância que resulta da percepção do sotaque hispanofalante. Ao notar que seus interlocutores não são falantes de português como primeira língua, os brasileiros sugerem o uso do espanhol como forma de facilitar a interação para esses parceiros. Essa discussão sobre cordialidade se mostrou presente anteriormente nas respostas de GiseleC (exemplo 3.73), que destacou o desejo dos brasileiros em fazer com que ela *se sinta mais confortável*, e de RaulA (exemplo 3.79), que vê essa situação como uma *gentileza do interlocutor*. No entanto, diferentemente de InacioM, para quem essa atitude acarreta resultados benéficos e facilita a sua comunicação, GiseleC e RaulA leem essa busca por uma promoção

de comodidade como a evidenciação e julgamento de seu domínio não nativo, ou mesmo, insatisfatório de português.

Uma segunda motivação que, de acordo com os informantes, aparece por trás da proposta de falantes brasileiros em utilizar o espanhol com eles, é o desejo de praticar a oralidade na segunda língua com falantes nativos. GinaM e GastonB já haviam notado esse interesse dos brasileiros em sua resposta nos exemplos 3.75 e 3.76 (i.e *às vezes eles só querem praticar espanhol*), e aqui, nos exemplos 3.82 a 3.84, MelisaA, MarinaG e DianaC retomam essa discussão:

(3.82) MelisaA-F1Ar4: *Eu acharia que fofo, por quer entrenar o seu espanhol.*

(3.83) MarinaG-F2Ar1: *Fico surpresa, e a reação depende das intenções da pessoa. Se o objetivo dela é treinar o espanhol ou ser mais clara na resposta.*

(3.84) DianaC -F1Co2: *Yo reaccionaria normal porque hay que darle chance para que ellos aprendan el lenguaje. Portugués? yo lo hablo bien.*⁸³

É comum que os aprendizes de uma língua estrangeira busquem se comunicar com falantes nativos ou aprendizes mais avançados, almejando um desenvolvimento da sua prática oral. Nordi (2019), discutindo as teorias de Oxford (1990)⁸⁴ caracteriza essa prática como uma Estratégia Social, através da qual é permitido ao estudante aprender uma língua por meio da interação e da colaboração com outros indivíduos, sejam estes aprendizes ou falantes nativos da língua-alvo. Na execução dessa estratégia, os estudantes fazem perguntas, pedem esclarecimentos e correções, cooperam com os outros e aprendem aspectos culturais da língua-alvo (NORDI, 2019). Nessa prática, não somente falantes brasileiros aprendizes de espanhol se beneficiam, mas também hispanofalantes aprendizes de português. Quando se discute a interação com falantes nativos como estratégia de aprendizagem, observaram-se neste trabalho as atitudes favoráveis de brasileiros e de hispanofalantes (seção 3.2 e 3.3) à performance dessa prática. Anteriormente, informantes como MartaV (ex. 3.31), NazarethB (ex. 3.33) e MaisaH (ex. 3.68) relataram que a utilização do português, independentemente da origem nacional do seu interlocutor, favorecia sua aprendizagem e, portanto, aceitavam sem problemas o CS na direção dessa língua. Já nesta seção, lê-se nas respostas de GinaM, GastonB, MelisaA,

⁸³ Tradução própria: “Eu reagiria normalmente porque você tem que dar a eles a chance de aprender a língua. Português? Eu falo bem”

⁸⁴ OXFORD, R. L. *Language Learning Strategies: What every teacher should know*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1990.

MarinaG e DianaC a observação dos benefícios que o CS na direção do espanhol acarreta para o outro, ou seja, para o falante brasileiro.

Perante um cenário em que um falante brasileiro deseja desenvolver a oralidade em uma língua que ainda aprende, os falantes nativos dessa língua podem ou não ser compreensivos e auxiliá-los nessa prática. Em situações nas quais o aprendiz ainda não tem estabilizadas as formas de dizer (CELADA, 2008b) adequadas da língua estrangeira, a comunicação nessa língua fica comprometida e por vezes não se efetiva. Assim, seguindo nessa discussão, é relevante observar nas respostas de YaraS e DulceS, nos exemplos 3.85 e 3.86, a afirmação de que há situações em que seus interlocutores *tentam falar espanhol*. Essa *tentativa* lida pelas informantes evidencia uma competência linguística ainda em construção, e as dificuldades enfrentadas pelo interlocutor, que até o momento não se apresenta como um falante independente naquela língua, são resolvidas por YaraS através do retorno à interação em língua portuguesa.

(3.85) YaraS-F2Ar11: *Continuo falando em espanhol, mas se for alguém que não fala espanhol e está tentando falar comigo em espanhol, falo que podemos falar português sem problema.*

(3.86) DulceS-F2Co1: *Acho muito bom que a pessoa tenta falar minha língua é agradável, pois as vezes passa muito tempo sem ouvir falar espanhol em um país diferente.*

A cordialidade discutida anteriormente e atribuída aos brasileiros que buscavam criar um espaço de conforto para os seus interlocutores hispanofalantes é verificada aqui na figura de YaraS, uma hispanofalante que também empenha esse cuidado. Na situação relatada, é imaginado um falante que se esforça no uso de uma língua, que ainda não está estabilizada, mas que é empregada visando uma prática oral ou a criação de um ambiente acolhedor para o interlocutor imigrante. Porém, ao notar a dificuldade enfrentada pelo falante de português, YaraS explicita que não há a necessidade de tamanho empenho, especialmente se o objetivo for deixá-la confortável, e informa ao interlocutor que eles podem *falar português sem problemas*. Nas discussões sobre a busca pela promoção da comodidade, a resposta de YaraS demonstra que esse posicionamento pode ser efetivado tanto por brasileiros quanto por hispanofalantes. No entanto, como forma de zelo pela comunicação e cuidado com o interlocutor, para além de retomar o português como faz YaraS, alguns informantes relataram ajudar o falante brasileiro no seu processo de produção oral em espanhol. Os exemplos 3.87 a 3.90 ilustram algumas respostas:

- (3.87) NadiaA-F2Co1: *Bien, ayudo y corrijo a esta persona en caso de errores.*⁸⁵
- (3.88) AndreaC-F2Me10: *Si es brasileño, normalmente hablan muy mal y es más difícil entender, así que les hablo en español para que practiquen (por ayudarlos). Si es hispano hablante, es normal, yo sigo hablando en español y lo dejo que me hable como quiera.*⁸⁶
- (3.89) AngelicaJ-F1Ar3: *Acho legal, mas faço um esforço para me expressar de forma neutra, sem gírias próprias.*
- (3.90) JesicaR-F2Co6: *Continuo falando em espanhol. Eu acho que a pessoa está se sentindo mais a vontade para falar em espanhol. Pode ser um brasileiro que queira praticar espanhol ou esteja brincando e aí eu vou com mais cuidado, mas se é um nativo provavelmente quer continuar a conversa sabendo que é só comigo. Mas no meu grupo de amigos existe uma regra clara, se a maior parte fala português só, então a conversa de grupo é em português, se for o contrario a gente mistura, mas vai ter bastante conversa em espanhol.*

Nas respostas das informantes NadiaA, AndreaC, AngelicaJ e JesicaR registraram-se construções que evidenciam a dedicação das falantes em ajudar os brasileiros que buscam o desenvolvimento da sua competência oral. NadiaA, em um comentário conciso, revela que reage bem às respostas em espanhol para uma pergunta enunciada em português e *ajuda e corrige* seu interlocutor nos casos de possíveis *erros*. AndreaC, por sua vez, traça comentários que se relacionam com discussões anteriores deste trabalho. A informante afirma que mantém o uso de espanhol como maneira de *ajudar* os falantes brasileiros que *normalmente falam muito mal* o espanhol. Essa última construção estabelece um diálogo com a visão de CatalinaV, ilustrada na abertura desta seção, na qual observou-se a declaração de que *brasileiros acham que falam espanhol*. A proximidade linguística entre o português e o espanhol, que por vezes é confundida por facilidade (CELADA, 2002; 2008a; 2008b; JACUMASSO, 2018), é responsável pela crença de alguns brasileiros que acreditam falar espanhol mesmo sem nunca terem estudado a língua ou mantido relações duradouras que promovessem um mínimo aprendizado em contextos informais; e essa crença mistificada é percebida e relatada pelas informantes.

A representação de que o espanhol é fácil e transparente para os brasileiros acarreta situações de equívocos triviais que evidenciam o não domínio da língua. Nos trabalhos de Celada (2002) e Jacumasso (2018), os autores comprovaram que à medida que o falante

⁸⁵ Tradução própria: “(Eu reajo) bem, ajudo e corrijo essa pessoa em caso de erros.”

⁸⁶ Tradução própria: “Se são brasileiros, costumam falar muito mal e é mais difícil de entender, então falo com eles em espanhol para que possam praticar (para ajudá-los). Se é hispanofalante, é normal, continuo a falar espanhol e deixo que ele fale comigo como quiser.”

brasileiro conhece a língua espanhola e entra no processo de aquisição ou de aprendizagem, seus comentários sobre o espanhol vão se deslocando para afirmações de dificuldade, ou ainda, de que essa é uma língua *correta, detalhista, rebuscada e formal* (CELADA, 2002). Assim, nas afirmações de CatalinaV e AndreaC, quando as informantes apontam que os brasileiros não dominam o espanhol ou que falam muito mal, elas revelam notar os efeitos que essa opacidade da semelhança (TEODORO-TORRES, 2016) entre as duas línguas geram em falantes que ainda não adentraram contextos de real aquisição ou aprendizagem.

Já em interações com falantes que iniciaram seu percurso pelas veredas do espanhol, as informantes AngelicaJ e JesicaR (exemplos 3.89 e 3.90) comentaram que tomam o cuidado de não ir além do que seus interlocutores são capazes de acompanhar, ou seja, elas modulam sua fala para corresponder ao conhecimento que os brasileiros detêm naquele momento. Assim, AngelicaJ comenta que *faz um esforço para se expressar de forma neutra, sem gírias próprias*, enquanto JesicaR explica que *vai com mais cuidado* nessa interação. Sobre isso, Scarpa (2012) esclarece que as pessoas falam de modo diferente quando se dirigem a estrangeiros, bebês e pessoas com problemas de audição. Modular a fala, mesmo involuntariamente, é lida como uma resposta a fatores fisiológicos e emocionais (SCARPA, 2012).

A escolha das informantes em não utilizar formas regionais e informais de comunicação, motivada pelos fatores emocionais comentados por Scarpa (2012), podem desempenhar a função de corresponder a uma forma de espanhol padrão, que se assemelharia ao que é ensinado nas escolas e cursos de idiomas e, portanto, ao que os falantes brasileiros conhecem. Contudo, é inevitável considerar que as formas padrão dominadas por AngelicaJ, argentina, e por JesicaR, colombiana, difiram minimamente e, a depender das referências culturais que o interlocutor brasileiro conheça, será necessário algum tipo de explicação ou reformulação por parte das informantes.

Em vista disso, para evitar um constante retrabalho de formulação e/ou esclarecimento, JesicaR comenta que em seu grupo de amigos existe uma regra clara: *se a maior parte fala português, então a conversa do grupo se dá em português*. A escolha linguística motivada pela presença expressiva (ou não) de falantes de uma determinada língua foi lida na seção 3.2 como uma atitude empática e uma marca de educação e respeito com os interlocutores. Essa visão encontra respaldo na resposta de LudmilaG, no exemplo 3.91:

- (3.91) LudmilaG-F2Ar5: *Depende, se tiver Brasileiros ao redor respondo em Português, já que as vezes acho que é falta de respeito falar em outra língua se eles não entendem ou não podem*

interagir. Se for uma conversa muito pessoal continuo na língua que a pessoa está me falando, mas procuro me afastar do grupo.

Não parece estranho que dentre os amigos que JesicaR e LudmilaG mantêm em São Paulo estejam falantes de português, e o uso consciente dessa língua em seus grupos busca a inclusão de todos os participantes na conversa. Entretanto, quando há a necessidade de especificar o interlocutor e direcionar a mensagem exclusivamente às informantes, por exemplo, ambas revelam que não é raro que um companheiro hispanofalante utilize o espanhol. Nas palavras de JesicaR (exemplo 3.90), *se é um nativo, provavelmente quer continuar a conversa sabendo que é só comigo*. Enquanto isso, Ludmila (exemplo 3.91) afirma que *se for uma conversa muito pessoal, afastando-se do grupo, continua na língua* que seu interlocutor propôs. O movimento das informantes e de seus interlocutores não necessariamente visa a exclusão dos ouvintes brasileiros, mas pode almejar uma intimidade ou um envolvimento intenso dos participantes com a mensagem transmitida.

À exceção dessas especificidades, seja a expressiva presença de brasileiros ou a necessidade de personalizar a comunicação, a resposta de JesicaR se encerra com a afirmação de que o CS aparece constantemente em seu grupo, ou em suas palavras, *a gente mistura, tem bastante conversa em espanhol*. Essa mistura comentada pela informante não parece gerar um incômodo, talvez melhor constitua parte da norma habitual dos falantes do seu grupo. Já na leitura da resposta de LudmilaG não se verifica comentários sobre qualquer mistura, que poderia ser lida como um *code-switching intrasentencial*. Ao que parece, dentre os amigos de LudmilaG há uma busca pela utilização de uma língua com falantes brasileiros e de outra com hispanofalantes.

Quem enuncia essa separação entre o uso das línguas é AlbertoJ, no exemplo 3.92. Ao que comenta esse informante, o cérebro humano *se condiciona a falar certas línguas*, ou variedades, *com pessoas específicas*. Além disso, para AlbertoJ os contextos também influenciam nesse condicionamento:

(3.92) AlbertoJ-M2Co10: *Difícil, o cérebro se condiciona a falar em certas línguas com certas pessoas (com certos sotaques), em certos contextos.*

Ao responder que acha *difícil* a alternância entre as duas línguas estudadas neste trabalho e apoiar-se em um imaginado condicionamento cerebral que rege o uso das línguas, AlbertoJ não apresenta uma atitude favorável ao CS. Além disso, a discussão que propõe sobre o uso de duas ou mais línguas em situações específicas dentro de uma sociedade reaviva o debate de

Ferguson (1959) sobre diglossia. Esse autor comentava que a principal característica assumida pela diglossia é a especialização de uma língua em contextos prestigiosos como sermões em igrejas, aulas em universidades, discursos políticos e produção poética e jornalística, enquanto a outra língua, a menos valorada, se restringiria a interações com familiares e amigos, instrução de empregados, rádios e literatura popular (FERGUSON, 1959). Na resposta de Alberto J., a representação sobre o uso das línguas é imprecisa, são *certas línguas com certas pessoas (com certos sotaques), em certos contextos*. O informante não define qual língua de seu repertório empregaria em contextos prestigiosos, ou qual utilizaria com seus amigos no Brasil. Contudo, lê-se a busca pela separação das línguas no emprego do seu bilinguismo.

Na presença de duas (ou mais) línguas em uma comunidade Fishman (1998) discutiu a atuação da diglossia e do bilinguismo e apontou que esses conceitos não mantêm uma relação de codependência. O bilinguismo seria uma característica do comportamento linguístico individual, ao passo que a diglossia caracterizaria a organização linguística em um nível sociocultural, ou seja, a organização de toda a comunidade de fala local (FISHMAN, 1998). Na figura 3.12, observa-se o quadro em que o autor detalhou sua proposta sobre as possíveis interações entre os dois conceitos. Assim, existem, para Fishman (1998), comunidades com: (1) tanto diglossia quanto bilinguismo; (2) bilinguismo sem diglossia; (3) diglossia sem bilinguismo; (4) nem diglossia nem bilinguismo.

Figura 3.12 - Relação entre bilinguismo e diglossia

		Diglossia	
		+	–
Bilingualism	+	1. Both diglossia and bilingualism	2. Bilingualism without diglossia
	–	3. Diglossia without bilingualism	4. Neither diglossia nor bilingualism

Fonte: Fishman (1998)

A partir do que se tem acompanhado nas respostas dos informantes desta investigação, a interação que mais se assemelha à realidade dos hispanofalantes que vivem em São Paulo é o *bilinguismo sem diglossia*. Dentro dessa perspectiva, os falantes são competentes em duas línguas que, não necessariamente, têm domínios marcados em sua comunidade. Apesar do português ser a língua de prestígio nacional e utilizada nos âmbitos públicos do Brasil, não é negado aos hispanofalantes o uso do espanhol em ambientes de trabalho, em escolas ou em igrejas; em alguns deles, inclusive, o uso pode ser incentivado. Da mesma forma, o português pode adentrar as relações familiares e de amizade desses falantes. Nos gráficos da figura 3.3 (seção 3.1), que ilustravam as línguas utilizadas pelos informantes com diferentes interlocutores, não houve nenhum registro em que todos os 67 participantes apontaram utilizar a mesma língua com um interlocutor específico. Mesmo com familiares, quando se esperaria o uso restrito da língua materna, contabilizaram-se informantes que declararam usar o português ou ambas as línguas em suas interações.

A realidade de um *bilinguismo sem diglossia*, para Fishman (1998), é o resultado histórico da industrialização simultânea à imigração. A partir daí, entende-se que as línguas na modernidade transitam e ocupam espaços mais amplos e transmutáveis dentro das sociedades. No caso de hispanofalantes no Brasil, apesar da não verificação da diglossia, o que pode se estabelecer é a preferência individual ou endogrupal por uma ou outra língua, a partir de convenções locais ou idiossincráticas, como é o caso de AlbertoJ.

Dialogando agora com a atualização dos antigos domínios diglóticos que liam a língua prestigiosa como ligada à sociedade e a não prestigiosa ao meio familiar, comenta-se a resposta de IrisB (exemplo 3.93), quem confessa falar português com sua família colombiana:

(3.93) IrisB-F2Co4: *Igual resposta que nas anteriores duas perguntas. O português se tornou uma segunda língua para mim, normalizada, é como se você ligara e desligara sem pensar a fala em espanhol, e ultimamente termino falando mais com minha família, lá em meu país, o português e esquecendo as palavras no espanhol, incluindo a ortografia.*

Enquanto no Brasil a língua de prestígio é o português, na Colômbia esse lugar é do espanhol. Assim, para uma falante colombiana, o português geralmente é uma língua estrangeira, ou, como comenta IrisB, *uma segunda língua*. Não seria esperado, dentro dos contornos desta pesquisa, o uso do português pelos informantes em interações com seus familiares, mas, de acordo com o relato do exemplo 3.93, essa língua se tornou tão *normalizada* para IrisB, que seu uso em interações de intimidade é o que *ultimamente* acontece. Há na

resposta dessa informante, a ilustração da naturalização do uso português e do espanhol, independentemente do contexto e do interlocutor, algo que era repudiado por AlbertoJ. Assim sendo, na realidade de IrisB, as fronteiras dos domínios linguísticos se dissipam e já não restam marcas de uma obsoleta diglossia.

Em termos de atitudes, IrisB se revela favorável a receber respostas em português para perguntas enunciadas em espanhol e comenta que o CS de uma língua para outra acontece abaixo de seu nível de consciência, como uma chave que *liga* e *desliga* sem que a ela pense sobre isso. Quem também aprovou a situação imaginada foram os informantes que ilustram os exemplos 3.94 a 3.100:

(3.94) JorgeR-M2Co4: *Acho legal, gosto de achar pessoas que falam espanhol.*

(3.95) ReginaH-F3Me7: *Fico Feliz! Gosto de encontrar outras pessoas que conheçam minha língua nativa.*

(3.96) DanielaD-F3Co30: *Me encanta. Principalmente si es un alumno de español.*⁸⁷

(3.97) LauraD-F1Co1: *Lo encuentro hermoso.*⁸⁸

(3.98) PedroG-M3Ar6: *Se responder em espanhol fico feliz.*

(3.99) RuthO-F1Ar3: *Também sem problema, gosto das duas línguas.*

(3.100) RosarioN-F2Co1: *Melhor! maravilhoso, falamos em espanhol.*

Nos exemplos 3.94 e 3.95, JorgeR e ReginaH explicitam *gostar de encontrar pessoas que falam espanhol*. Em diferentes momentos das discussões deste capítulo, observaram-se respostas de falantes que comentaram que não lhes é comum ouvir e falar espanhol fora de suas casas aqui no Brasil; devido a isso, esses informantes valorizam todas as interações possíveis nessa língua. Logo, encontrar pessoas, possivelmente brasileiras, que falem espanhol permite que JorgeR e ReginaH se aproximem de memórias afetivas que mantêm com a sua língua materna. Essa pode ser também a razão pela qual os informantes LauraD, PedroG, RuthO e RosarioN afirmaram ficar felizes com o uso do espanhol por companheiros brasileiros. Popularmente, falantes gostam de encontrar pessoas que saibam falar sua língua, e não é incomum topar brasileiros que se alegram com o uso do português por turistas e imigrantes. Acredita-se aqui que esse contentamento, tanto dos brasileiros quanto dos informantes citados ao longo dessa discussão, se deva a um sentimento de valorização da língua e de seus falantes,

⁸⁷ Tradução própria: “Eu adoro. Principalmente se for um aluno de espanhol.”

⁸⁸ Tradução própria: “Eu acho isso lindo.”

expressada na escolha de alguém pelo uso da língua de maior domínio do seu interlocutor. Isto é, ao escolher a língua do outro, se atribui qualidade e prestígio a essa língua, e o falante nativo se orgulha dessa atribuição.

Percorrendo os meandros da satisfação do encontro com o outro que fala a sua língua, no exemplo 3.96, DanielaD comenta que aprecia especialmente quando quem sugere a alternância é um *aluno de espanhol*. Foram discutidas anteriormente interações com falantes nativos da língua-alvo como forma de desenvolver as habilidades orais do aprendiz da língua. Nessas situações, nas quais os aprendizes se lançam à comunicação com um falante proficiente, eles se mostram minimamente seguros da língua que aprendem e, para DanielaD, quem atua como tradutora e professora de espanhol em empresas brasileiras, verificar o domínio dessa confiança por seus alunos é um comprovante dos resultados do seu trabalho.

Até este momento, foram observadas majoritariamente respostas que pressuponham um interlocutor brasileiro como o proponente da alternância do português para o espanhol. No entanto, houve alguns informantes que imaginaram interações com hispanofalantes, e, abaixo, é retomada essa discussão pelos olhares de EmilioR e DanaZ,:

(3.101) EmilioR-M2Ch3: *Depende da fluência da pessoa, se for nativa aí logo eu começo falar em espanhol.*

(3.102) DanaZ-F1Ar4: *Continuaria a conversa em espanhol, mas me sentiria mal por não ter trazido o espanhol como primeira opção na nossa conversa e sentiria como se me estivesse esquecendo da importância da minha língua materna.*

Para EmilioR, não restam dúvidas: se o interlocutor é um falante nativo de espanhol, sua comunicação segue nessa língua de imediato. Esse informante revela que a razão pela qual ele se decide pela língua a ser utilizada é a *fluência* do seu parceiro. A concepção de fluência em uma língua popularmente é interpretada desde o ponto de vista do desempenho no uso da linguagem. Contudo, Scarpa (2012) relembra que esse conceito tem acepções radicalmente diversas e, para além do desempenho de uso, discute a fluência sob as lentes da motricidade e do fluir informativo do texto oral. A falta de fluência, ou a disfluência, geralmente associada a problemas de elaboração ou processamento, em especial, de acesso lexical, pode se manifestar em falsos começos; pausas no interior do enunciado, às vezes fora do lugar esperado; variações ou flutuações na velocidade de fala: lentificação em algumas partes e aceleração em outras; variações na qualidade da voz etc. (SCARPA, 2012).

Imaginar um sujeito fluente seria, então, conceber alguém que não reproduz qualquer um dos traços de disfluência que Scarpa (2012) e outros psicolinguistas identificaram em seus trabalhos, porém, isso não parece possível, nem mesmo dentre um grupo de falantes que compartilham a mesma língua materna. Scarpa (2012), portanto, conclui que

a fluência é uma abstração metodológica, baseada na leitura ensaiada ou “profissional” de um texto escrito ou em textos orais decorados e ensaiados. O sujeito fluente é abstrato. [...] A linguagem em uso é faltosa e incompleta – os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala. (p. 176)

Lido isso, acredita-se que no comentário de EmilioR, dentro que denomina como *fluência*, o que o informante busca no interlocutor é uma competência capaz de manter a comunicação em espanhol. Assim, em uma interação com um falante aprendiz, ao ver que seu interlocutor realiza certo esforço para falar espanhol, é plausível que a atitude de EmilioR não seja tão favorável e o informante opte por manter o uso do português, como sinalizou YaraS, no exemplo 3.85.

Já no caso de DanaZ, o que se lê é a enunciação da culpa por não *ter trazido o espanhol como primeira opção* em sua interação com o interlocutor hispanofalante e o receio de não estar atribuindo a devida *importância à sua língua materna*. Anteriormente, na seção 3.2, essa informante associou o uso do espanhol com seus *sentimentos* e com a busca pelo *conforto* em suas interações (exemplo 3.3). Foi-se discutido, então, que dentre falantes que compartilham memórias afetivas construídas sobre um mesmo referente (i.e. a língua), é comum que haja a busca pelo acesso dessas memórias para se estabelecer confiança na relação e se aproximar de um conforto familiar. Para DanaZ, e isso se verifica na intersecção entre sua primeira e última resposta, a manutenção do conforto se realiza pelo uso do espanhol. Enquanto isso, para outros informantes, o conforto pode se estabelecer no uso de uma língua que efetive a comunicação, seja ela qual for. PatricioN, GustavoP e CarmenD discutem, nos exemplos 3.103 a 3.105, que o mais importante é a realização da comunicação, ou seja, a transmissão e a compreensão da mensagem.

(3.103) PatricioN-M2Ar3: *Acho que também não tem problema, reforçando que o importante é entender.*

(3.104) GustavoP-M2Ar3: *Não tenho problema nenhum também não, o principal e poder se comunicar.*

(3.105) CarmenD-F2Co5: *Mesma situação, acho maravilhoso conseguir se comunicar tão perfeitamente em mais de uma linguagem.*

Nesta seção percorreram-se discussões que dialogaram com o que se viu nas seções anteriores. Foi possível observar então que, na sugestão da alternância nas direções espanhol para português e português para espanhol, algumas atitudes dos informantes foram as mesmas, como a busca por sentimentos de conforto e habitualidade, a verificação do *background* do interlocutor, e a valorização da comunicação dentro do que era possível, da capacidade, de cada falante. Devido a isso, lê-se nos exemplos 3.103 a 3.105 a presença do advérbio *também* e do adjetivo *mesma* como formas de retomar o que foi respondido na pergunta anterior e evidenciar as similaridades entre as duas proposições de alternância. O conjunto de informantes que se valeram desse recurso de recuperação das representações e atitudes já enunciadas é integrado pelas respostas dos exemplos 3.106 a 3.112:

(3.106) CarlosO-M3Ar3: *Também não faz diferença.*

(3.107) BelenN-F3Ar30: *Também não ligo.*

(3.108) HectorL-M2Me2: *Mesma resposta.*

(3.109) AinaraR-F2Ar7: *Mesma resposta anterior.*

(3.110) GabrielA-M2Ar2: *Acho o mesmo que a pergunta anterior.*

(3.111) DenisP-M2Ar6: *Dá na mesma que o caso anterior.*

(3.112) AnaA-F2Me1: *Normal. Pela mesma razão.*

A busca pela retomada das respostas que foram dadas à pergunta sobre o CS na direção espanhol para português é mais frequente entre falantes que demonstraram atribuições positivas anteriormente. Aqueles que afirmaram *achar normal*, *não se importar* ou *não ter problemas* com a situação imaginada, aparecem aqui reafirmando suas atitudes positivas frente o CS. Dentre esse conjunto de falantes, somente AinaraR (exemplo 3.109) retoma um comentário desfavorável à alternância. Na seção 3.3, no exemplo 3.40, essa informante afirmou *achar estranho* o deslocamento do espanhol para o português por alguém que *domina o espanhol*. Aqui, parece, então, que a informante busca retomar as bases desse posicionamento. Seria estranho para ela que alguém que *domine o português* optasse por utilizar o espanhol, apesar de uma pergunta enunciada na primeira língua.

Assim como AinaraR, os informantes que nas seções anteriores haviam construído representações imaginando cenários em que hispanofalantes escolhiam utilizar o português, aqui suas representações recaem sobre os falantes brasileiros que se decidem pelo espanhol. Nesse sentido, é interessante observar os padrões que o conjunto de informantes traçaram nas

duas perguntas que não estabeleciam um interlocutor específico em sua formulação. Ao se depararem com possibilidades amplas de definição da figura de seu próprio interlocutor, os informantes, na maioria das vezes, associaram a realização do CS a um falante que deixava de falar sua primeira língua e se dirigia à língua de, talvez, menor proficiência.

O que mais diferiu nesta seção quando em comparação com as anteriores foram os diálogos com as situações de ensino e aprendizagem. Aqui, verificaram-se hispanofalantes aprendizes de português que experimentavam segurança e insegurança linguística em sua competência e uso da língua; e o relato sobre brasileiros que, também buscando validar suas habilidades na língua que aprendiam, utilizavam as interações com os informantes para desenvolver e estabilizar algumas competências. As representações, salvas aquelas que explicitavam a insegurança linguística, foram positivas e, por haver menos associações a um falante nativo de espanhol que escolheria não utilizar essa língua, afirmações de identidade não se mostraram recorrentes. De modo geral, o deslocamento do português para o espanhol é aprovado, devido ao que se acredita ser uma marca da leitura dos informantes sobre a valorização de sua língua pelo outro (tanto hispanofalante quanto brasileiro).

3.4.1 Análises Quantitativas

À diferença dos cenários estruturados nas perguntas anteriores, ao responderem a “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”, os informantes se depararam com o lugar de falante de segunda língua, para quem é proposto o uso da língua materna em uma interação. Devido a isso, registraram-se nas respostas algumas representações de insegurança e desconforto, recorrentes ao falante aprendiz que teme que sua competência na segunda língua seja questionada por um falante nativo. Isso demonstra que a determinação das características do interlocutor imaginado é fundamental para a enunciação de representações e atitudes frente às perguntas elaboradas no questionário sociolinguístico aplicado. Quando, na seção anterior, foi pautada a alternância do espanhol para o português, os informantes deram respostas que explicitavam sua conduta a depender da imagem que criavam de um possível interlocutor. Nesta seção, o posicionamento foi o mesmo. A oposição, no entanto, se dá no fato de que lá frequentemente o interlocutor imaginado era um hispanofalante, enquanto aqui, era um brasileiro.

Levando em consideração as peculiaridades lidas nas respostas discutidas em toda a seção 3.4, introduz-se agora a análise quantitativa e a observação dos testes realizados com o R

(R CORE TEAM, 2019). O modelo de análise proposto aqui segue os caminhos das seções 3.2 e 3.3, em que se testa a possibilidade de haver diferenças significativas dentre as respostas dos informantes a depender de suas características sociobiográficas. Iniciando pela leitura de um gráfico *boxplot*, a figura 3.13 apresenta a distribuição das respostas de acordo com o gênero de cada informante.

Figura 3.13 - Distribuições das respostas dos participantes para a pergunta “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”, de acordo o gênero dos informantes

Fonte: Elaboração própria

A observação da figura 3.13 indica que a concentração das notas atribuídas às respostas dos grupos feminino e masculino estão entre os valores 3 e 4 (atribuições positiva e muito positiva). Essa distribuição é a mais favorável dentre todas as figuras dos gráficos *boxplot* apresentadas neste capítulo.

Aliadas à distribuição visual do gráfico, as médias indicadas no interior de cada *boxplot* corroboram a leitura de que, na representação sobre o CS na direção do português para o espanhol, os informantes se mostraram mais favoráveis do que nas situações anteriores. Para o conjunto feminino, a nota média registrada é 3,13, valor que representa um aumento de 0,24 pontos em relação à média desse grupo para as atribuições ao CS na direção oposta (seção 3.3). Já para o conjunto masculino, o valor de média igual a 3,0 é 0,43 pontos maior do que o que se havia registrado para o CS do espanhol para o português. Parece pertinente comentar também que a ilustração dos *boxplots* laranja e verde, na figura 3.13, se assemelham bastante. Aqui, os

valores de mediana são os mesmos (3,0), a dispersão dos bigodes de gato (linhas tracejadas) atinge um valor comum (2,0) e há a presença de valores atípicos, ou seja, notas isoladas que não se agrupam com a massa das notas atribuídas por cada grupo, que atingem a nota 1,0 (muito negativa).

Por essa leitura da figura 3.13 não se imaginaria que houvesse diferenças significativas entre as respostas dos informantes a depender de gênero, no entanto, para solidificar essa hipótese, conduziu-se o teste estatístico de Wilcoxon e também um modelo de regressão linear com a inclusão de todas as variáveis independentes (faixa etária, país de origem e modo de instrução em português). O resultado do teste de Wilcoxon está representado no centro inferior da figura 3.13 e indica um valor de significância superior a 0,05, o que permite acatar a hipótese nula, isto é, não há diferenças significativas entre as respostas a depender do gênero. O modelo de regressão linear, por sua vez, tampouco indicou resultados expressivos e pode ser lido no Anexo D.

A ausência de diferenças significativas foi registrada também nos gráficos *boxplots* e nos modelos de regressão das seções 3.2 e 3.3: porém, naquelas seções, os gráficos de efeitos se mostraram eficazes para a observação de indícios e tendências do posicionamento dos informantes a depender de suas características sociobiográficas. Buscando essa observação, criaram-se gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português para as respostas ao CS na direção do português para o espanhol e o resultado é apresentado na figura 3.14.

Figura 3.14 - Gráficos de efeitos sobre as variáveis gênero, país, faixa etária e instrução de português nas respostas ao CS na direção do português para o espanhol

Fonte: Elaboração própria

Ao observar a figura 3.14, chama a atenção a oscilação das estimativas das notas a depender dos níveis das variáveis país, idade e modo de instrução de português. País e idade foram variáveis que anteriormente já haviam demonstrado alguma oscilação nas estimativas de cada nível. As diferenças visuais presente na figura 3.14 não se sustentam em significâncias estatísticas tanto pela sobreposição dos intervalos de confiança (barras rosadas) quanto pelos resultados do teste TukeyHSD conduzido no R (R CORE TEAM, 2019), que combinou todas as interações de pares possíveis, porém, especialmente no gráfico de idade, a curva das estimativas estabelece diálogo com as discussões estabelecidas sobre os gráficos correspondentes das seções prévias.

A visualização de um declínio na estimativa da média das notas conforme aumenta a faixa etária dos informantes aconteceu também na seção 3.2, quando se perguntou sobre o uso do português entre hispanofalantes. Tanto naquele momento quanto neste, a média que o programa estabeleceu para falantes mais velhos foi menor do que a estabelecida para falantes mais jovens. Na seção 3.3, por outro lado, visualmente não se notou diferenças entre os três níveis de idade. De modo amplo, o que se observou nesta pesquisa, em termos de idade foi a tendência de falantes mais velhos atribuírem representações

sutilmente menos favoráveis às perguntas sobre o CS em comparação com falantes de primeira faixa etária (18 a 25 anos).

Quando se lê a variação no quadro que indica o país de origem dos informantes, à comparação com as figuras 3.9 e 3.11 (pp. 107 e 122, respectivamente), há um aumento das estimativas das médias em todos os níveis, que se concentram agora entre as notas 3 e 4. O mesmo acontece no quadro que agrupa os informantes de acordo com seu modo de instrução de português. Se antes as notas estavam entre 2 e 3, aqui aparecem entre 3 e 4, com a média dos falantes que aprenderam português em um contexto informal se destacando levemente sobre o outro conjunto. Essas observações embasam a discussão sobre uma melhor atribuição de representações e atitudes favoráveis quando discutido o CS na direção do espanhol, ou seja, na direção da língua materna dos informantes.

A seguir, na seção de conclusão é realizado um debate comparativo entre as representações e atitudes das três perguntas motoras deste capítulo, as características sociobiográficas dos informantes, as preferências linguísticas e os hábitos discutidos na seção 3.1.

3.5 Conclusões preliminares

Nas discussões que acompanharam as seções deste capítulo, buscou-se traçar o perfil dos informantes; observar quais eram suas representações e atitudes em relação à alternância entre o português e o espanhol; e verificar se havia relações entre as características sociobiográficas dos informantes e os padrões de respostas observados nas perguntas-chave. Como resultado, desde a seção 3.2 até a seção 3.4, verificaram-se representações e atitudes favoráveis e desfavoráveis, amparadas e discutidas com base em identidades linguísticas; confiança e comodidade no uso de uma língua; tempo de residência no Brasil; origem nacional e/ou competência linguística do interlocutor; segurança e insegurança linguística; e aquisição e aprendizagem de segunda língua.

Nas discussões da seção 3.2, quando se pautava a escolha de um hispanofalante pelo português durante uma interação com um conterrâneo ou com outro hispanofalante, pôde-se acompanhar representações fortemente negativas e que explicitavam o desconforto de alguns informantes na execução da situação proposta. A expressão desse incômodo apareceu nas análises quantitativas, quando se constatou a concentração da distribuição das notas entre

atribuições positiva e negativa (para o grupo feminino) e positiva e muito negativa (para o grupo masculino). No quadro 3.1 reuniram-se os atributos e as declarações positivas e negativas dadas pelos informantes à interação em português entre hispanofalantes.

Quadro 3.1 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “Quando você está com outros hispanofalantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê?”

Representações positivas	Representações negativas
<ul style="list-style-type: none"> • normal • natural • acho engraçado/ divertido • é uma questão de educação/ respeito com os brasileiros 	<ul style="list-style-type: none"> • estranho/ esquisito • desnecessário • bobagem • não gosto • não tem necessidade • não expressa os sentimentos • não é nossa língua • é negar as raízes • a língua materna é melhor/ mais fácil
Atitudes positivas	Atitudes negativas
<ul style="list-style-type: none"> • começo a falar em português • aprendo mais português • não me incomoda 	<ul style="list-style-type: none"> • fico surpreso • tem que falar a língua nativa • falo em espanhol

Fonte: Elaboração própria

Com base na observação do quadro 3.1, verifica-se que há uma maior variedade de atributos negativos quando comparados com os positivos, o que se lê como a confirmação no registro de que quando confrontada pelo uso do português por hispanofalantes em interações em que não participam brasileiros, a maioria dos informantes se mostra desfavorável. Para esses informantes, o que mais justifica sua aversão a essa prática é a associação com um possível abandono de identidades marcadas pela língua. Interagir em espanhol com companheiros hispânicos significa afirmar uma identidade construída coletivamente e o movimento oposto parece remeter à negação de uma identidade que é muito cara aos informantes.

Seguindo na ampla observação das representações e atitudes, o quadro 3.2, por sua vez, resume os atributos conferidos ao CS na direção do espanhol para o português quando não houve marcação de um interlocutor específico.

Quadro 3.2 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso?”

Representações positivas	Representações negativas
<ul style="list-style-type: none"> • normal • natural • sensacional • divertido • é o costume • não tem problemas • o importante é se comunicar • cada um fala como se sente mais à vontade/ confortável 	<ul style="list-style-type: none"> • estranho • desnecessário • burrice • não gosto • a língua materna é mais fácil
Atitudes positivas	Atitudes negativas
<ul style="list-style-type: none"> • fico contente • não me incomoda • respondo em português • faço isso com meus amigos • mudo de uma língua para outra sem problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • fico surpreso • fico irritada • continuo falando espanhol • peço que me respondam em espanhol

Fonte: Elaboração própria

Pela leitura desse quadro, não parece equivocado apontar que os falantes atribuíram uma maior variedade de representações favoráveis à alternância do espanhol para o português quando não houve uma marcação categórica de que o autor dessa proposição era hispanofalante. Nas situações semelhantes das seções 3.2 e 3.3, em que se traçava uma única hipótese, isto é, haver deslocamento do espanhol para o português durante uma conversa, as representações e atitudes sobre o CS e sobre os falantes que o promoviam, tocaram, sobretudo, a origem dos interlocutores. Ao haver a possibilidade de o interlocutor promotor do CS ser brasileiro ou não-hispânico, registrou-se um aumento de respostas positivas e acolhedoras. As análises

estatísticas conduzidas na seção 3.3 validaram essa observação e demonstraram um aumento nas médias das notas de todos os grupos de informantes (homens ou mulheres; mais jovens ou mais velhos; argentinos, chilenos, colombianos, ou mexicanos etc.) quando comparadas com a seção 3.2.

Finalizando a observação dos conjuntos de atribuições a cada uma das perguntas lidas neste capítulo, volta-se a atenção para o quadro 3.3, onde se leem os atributos conferidos ao CS na direção do português para o espanhol.

Quadro 3.3 - Representações e atitudes dos informantes para a questão “E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso?”

Representações positivas	Representações negativas
<ul style="list-style-type: none"> • normal • acho legal • acho bonito/ fofo • acho maravilhoso • não faz diferença • não tem problemas • o importante é se comunicar 	<ul style="list-style-type: none"> • não gosto • me sinto ofendido • me sinto mal
Atitudes positivas	Atitudes negativas
<ul style="list-style-type: none"> • fico feliz • continuo em espanhol • continuo na língua que a pessoa escolheu • ajudo e corrijo 	<ul style="list-style-type: none"> • fico surpreso • fico brava/ com raiva • fico envergonhado • confirmo se fala espanhol • proponho manter o português

Fonte: Elaboração própria

Aqui, numericamente, há um menor registro de atributos, o que se deve, aparentemente, a duas razões. A primeira foi a escolha de alguns informantes em responder essa pergunta com a construção “*mesma resposta*”. Ou seja, quando perguntados sobre a alternância do português para o espanhol, um grupo de falantes se absteve de elaborar comentários completos e detalhados, e apenas retomaram suas repostas dadas à pergunta anterior. Outra razão seria o deslocamento de alguns informantes, que antes haviam apresentado respostas elaboradas e,

aqui, traçaram representações mais genéricas como “não tem problemas” ou “não faz diferença”. Contudo, diferentemente do que se observou nas seções 3.2 e 3.3, dentre as representações lidas na seção 3.4 não houve uma busca marcada por afirmações de identidade. O CS em direção ao espanhol parece ter sido lido como uma marca de valorização da língua do informante. Em outras palavras, ao se depararem com o interesse do interlocutor em utilizar o espanhol, os informantes foram levados a lugares prazerosos e confortáveis.

Esse contentamento dos informantes esbarrou somente em questionamentos sobre a invalidação de sua competência em língua portuguesa. Na leitura do CS do português para o espanhol, uma parcela dos informantes revelou se incomodar com esse mecanismo pois se sentiam expostos e não viam a legitimação da sua competência aos olhos do outro. Portanto, situações de CS em que um falante lida com uma língua estrangeira pode desencadear sentimentos de frustração com o processo de aprendizagem e com a estabilização da competência linguística.

No olhar global sobre as análises, acompanhou-se um movimento dos informantes em direção a representações e atitudes mais positivas conforme mudavam-se as perguntas. Alguns falantes que no início empregaram representações mais negativas caminharam no sentido do favorecimento ao CS quando não se sentiam ameaçados em suas construções de identidades. Na figura 3.15 é apresentado um esquema que busca ilustrar esse movimento de aumento no número de representações mais favoráveis, conforme o espanhol deixava de ser um possível objeto de questionamento e passava a ocupar um lugar de prestígio na interação.

Figura 3.15 - Orientação das perguntas em uma escala de representações mais negativas a mais positivas de acordo com o conjunto de respostas

Fonte: Elaboração própria

O que se observa na figura 3.15 encontra diálogo com o que comenta Corbari (2013) ao debater atitudes contraditórias. Segundo a autora,

as atitudes contraditórias se mostram relevantes em situações de contato linguístico: ao mesmo tempo em que uma variedade não prestigiada é geralmente encarada pelos falantes como uma variedade pouco conceituada

do ponto de vista do estatuto social, também é frequentemente encarada como depositária da identidade cultural do grupo que a usa, sendo, nessa medida, positivamente avaliada, caracterizando o prestígio encoberto. (CORBARI, 2013, p. 236)

Ainda que o espanhol não detenha o lugar de língua de prestígio nos espaços públicos do Brasil, esta é a língua depositária da identidade cultural dos hispanofalantes participantes desta investigação. Devido a isso, existe dentre as representações discutidas nas seções 3.2 a 3.4 uma busca pela valorização e manutenção de um prestígio materno e natal atribuído ao espanhol. Conclui-se, então, que hispanofalantes são mais favoráveis ao CS quando a proposta vem de um falante brasileiro ou não-hispânico e quando a alternância é orientada em direção ao espanhol.

Já quando se pautam as possíveis relações entre as atitudes e as representações dos informantes e suas características sociobiográficas, nos gráficos gerados pelas análises estatísticas observou-se uma tendência de falantes mais velhos apresentarem respostas menos favoráveis que os mais jovens. Esse indício não se relacionou com outras características como sexo, país de origem e modo de aquisição da língua portuguesa (formal ou informal). As demais características elencadas na seção 3.1 tampouco se mostraram significativas a ponto de ser possível um agrupamento dos informantes e de suas respostas, porém, pode verificar a confirmação das preferências linguísticas distribuídas na figura 3.3 (seção 3.1). Ou seja, houve comentários que discutiam o uso do espanhol em ambientes mais familiares e íntimos, o uso do português no âmbito social, e o uso de ambas as línguas com os grupos de amigos.

Diante disso, o caminho a seguir é a observação e análises das entrevistas sociolinguísticas. As discussões estarão apoiadas no que se pôde verificar ao longo do capítulo 3 sobre algumas inclinações dos informantes e, novamente, em diálogo com as características representadas na seção 3.1, isto é, tempo de residência, ocupação, competência autodeclarada de português, preferências linguísticas e hábitos.

4. As entrevistas sociolinguísticas

Neste capítulo, apresentam-se as análises das entrevistas sociolinguísticas conduzidas com 11 participantes que haviam respondido ao questionário. Os objetivos das discussões realizadas ao longo desta etapa são verificar a realização do CS na fala dos informantes desde uma perspectiva sintática (POPLACK, 1980; MYERS-SCOTTON, 1993) e sociopragmática (GROSJEAN, 1982; GUMPERZ, 2002 [1982]); e examinar o uso autodeclarado de português e espanhol no ambiente de trabalho e em interações com interlocutores específicos (DEWAELE; LI WEI, 2014a; 2014b).

4.1 A produção de *code-switching*

Nas palavras de Poplack (1980) e Gumperz (2002 [1982]), o *code-switching* é frequentemente realizado em situações menos formais, nas quais os falantes se sentem mais confortáveis, e entre indivíduos que conhecem o *background* linguístico do seu interlocutor. Pautado sobre essa discussão, havia no desenvolvimento deste projeto o receio de não se observar a produção de CS nas entrevistas sociolinguísticas devido ao Paradoxo do Observador⁸⁹ (LABOV, 2008). Contudo, ao longo do processo de transcrição das mais de 8h de entrevistas realizadas, registraram-se 265 ocorrências de CS, que apoiam as discussões conduzidas ao longo desta seção.

Como apontado no capítulo 1, Poplack (1980) sugeriu, com a *Restrição do Morfema Livre* e a *Restrição de Equivalência*, que a alternância pode ocorrer após qualquer constituinte no discurso, desde que seja um morfema livre, e que o CS geralmente se apresenta em pontos do discurso nos quais há uma justaposição de elementos da L1 e da L2, sem que haja a violação de regras sintáticas de nenhuma das línguas. Uma vez que o português e o espanhol são línguas que compartilham a preferência por uma mesma ordem de constituintes, ou seja, SVO, e

⁸⁹ Segundo Labov (2008, p. 244), “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Surge daí, então, o Paradoxo do Observador, que pode ser superado, segundo o linguista, com procedimentos que desviem a atenção dos informantes e permitam que o vernáculo se sobressaia. Isso pode ser realizado de diferentes maneiras, como com pausas nas entrevistas ou perguntas e assuntos que revivam fortes emoções experienciadas pelos falantes no passado.

mantêm uma conhecida e discutida proximidade linguística (CELADA, 2002), o mapeamento de uma língua sobre a outra para a realização do CS não encontra desafios complexos. Nos excertos 4.1 a 4.3, por exemplo, pode-se observar a realização da alternância do português para o espanhol em pontos que não infringem as restrições propostas por Poplack (1980):

- (4.1) mas o pessoal de Buenos Aires, eles tendem a ser um pouco mais diretos no TRATO⁹⁰
(MarinaG-F2Ar1)

(mas o pessoal de Buenos Aires, eles tendem a ser um pouco mais diretos no *tratamento*)

- (4.2) você consegue ver pelos RASGOS FÍSICOS⁹¹ que a pessoa é da Bolívia ou equatoriana ou peruana (CarmenD-F2Co5)

(você consegue ver pelos *traços físicos* que a pessoa é da Bolívia ou equatoriana ou peruana)

- (4.3) você pensaria, nossa ele VA A PONER EN ESPAÑOL quando é dublado, NO, prefiro em português, acho mais agradável (RobertoG-M3Co15)

(você pensaria, nossa ele *vai colocar em espanhol* quando é dublado, *não*, prefiro em português, acho mais agradável)

Nos trechos 4.1 e 4.2 a alternância acontece na forma que Poplack (1980) denominou *tag-switching*, isto é, quando os falantes produzem um enunciado em uma língua, com exceção de uma palavra ou expressão em outra. Na leitura dos recortes 4.1 e 4.2, observam-se as inserções das formas em espanhol *trato* e *rasgos físicos* nos lugares exatos onde estariam seus correspondentes em português. Já no exemplo 4.3, a estrutura da alternância é um pouco mais complexa. O informante RobertoG comenta sobre uma situação hipotética em que veria um filme e seu interlocutor imaginaria que o espanhol seria sua opção prototípica de língua de áudio, o que, em suas palavras, não acontece. Dentro desse contexto, a alternância realizada por RobertoG acontece no interior da oração entre um sintagma nominal em português (*ele*) e um sintagma verbal em espanhol, composto por uma perífrase verbal, uma preposição e um substantivo (*va a poner en español*). Esse tipo de alternância é classificado por Poplack (1980) como *code-switching intrasentencial*, uma vez que mobiliza diversos elementos dentro da

⁹⁰ Segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015), o termo *trato* é sinônimo de *tratamento*, e uma de suas acepções corresponde ao “modo de proceder nas relações com os outros”. No entanto, a acepção mais usual desse termo no português brasileiro indica um “acordo feito entre duas ou mais pessoas, de caráter pessoal ou profissional”, ou seja, um contrato, um pacto ou um tratado. Portanto, no exemplo em que o termo *trato* aparece na entrevista realizada com MarinaG, acredita-se que a informante não acessa versão em português brasileiro, com sua acepção menos conhecida, mas sim, a versão homógrafa em espanhol.

⁹¹ Exemplo de CS pronunciado em espanhol como [raz.yos.'fi.si.kos].

oração e requer do falante um domínio linguístico mais amplo para que não se viole a Restrição da Equivalência.

Buscando o mapeamento da alternância e dos lugares em que esse mecanismo se mostrou presente nas entrevistas com os informantes, cada instância de CS identificada no interior das sentenças foi codificada de acordo com os seus constituintes e em diálogo com a língua base e a língua encaixada (MYERS-SCOTTON, 1993) da oração da qual fazia parte. Isso posto, criou-se, então, a tabela 4.1 onde apresentam-se os tipos de CS, seus constituintes, a frequência da alternância na direção do português para o espanhol e do espanhol para o português, o percentual e o número de instâncias dentro da amostra total.

Tabela 4.1 - Instâncias de *code-switching* no interior da sentença por tipo, constituinte e língua base e encaixada⁹²

Tipo de CS	Constituintes do CS	N de CS PT > ES	N de CS ES > PT	% total de CS	N
TAG- SWITCHING	adjetivo	12	0	4,53	12
	advérbio	19	2	7,92	21
	conjunção	6	0	2,26	6
	contração (preposição + artigo definido)	4	0	1,51	4
	interjeição	1	0	0,38	1
	locução adverbial	15	1	6,04	16
	locução conjuntiva	2	0	0,75	2
	locução verbal	11	3	5,28	14
	pron. demonstrativo	5	0	1,89	5
	pron. indeterminado	4	0	1,51	4
	pron. interrogativo	2	0	0,75	2
	pron. pessoal	6	0	2,26	6
	sintagma nominal	10	2	4,53	12
	substantivo	56	2	21,89	58
	verbo	59	2	23,02	61
INTRA- SENTENCIAL	sintagma verbal	34	7	15,47	41
Total		246	19	100,00	265

Fonte: Elaboração própria

⁹² O Anexo E apresenta exemplos de CS para cada um dos constituintes quantificados na tabela 4.1.

Pela observação da tabela 4.1, verifica-se que os constituintes alternados mais recorrentemente no corpus são verbos e substantivos e, de maneira expressiva, o tipo de CS mais frequente é o *tag-switching*, correspondendo a quase 85% das instâncias coletadas. Esses registros dialogam com as discussões que pautam o *tag-switching* como a forma menos provável de violar as regras sintáticas da língua base durante uma alternância e, portanto, o tipo de CS mais seguro para os falantes. Já no que diz respeito aos constituintes, a ampla gama de verbos e substantivos disponível em uma língua oferece aos falantes a possibilidade de delimitar nuances em seu discurso e a inserção desses constituintes através do CS na L2 (ou língua estrangeira) parece ser um indicador do desejo desses falantes em acessar a possibilidade e/ou necessidade de serem mais assertivos no que dizem.

Já o *code-switching intrasentencial*, aquele que mobiliza sintagmas verbais maiores, e por vezes mais complexos, no interior das sentenças, não se mostrou tão recorrente no corpus e registraram-se exemplos desse tipo de alternância em entrevistas de apenas 4 dos 11 informantes. Essas observações corroboram o que estudos prévios discutiram sobre a cautela dos falantes em lançar mão de um recurso que exige um maior conhecimento da sintaxe das línguas sob alternância (POPLACK, 1980), em especial nos contextos mais monitorados, como é o caso de uma entrevista sociolinguística.

Por fim, o *code-switching intersentencial*, por não fazer parte dos exemplos de alternância presentes no interior de sentenças não foi quantificado na tabela 4.1. Esse tipo de alternância geralmente se apresenta em situações dialogadas nas quais responde-se em uma língua diferente daquela em que a pergunta foi realizada. Pelas entrevistas transcritas, foram identificados dois registros desse modelo de CS: a entrevista com PedroG, em sua totalidade, uma vez que o informante optou por responder em espanhol a todas as perguntas realizadas em português; e uma interação entre RobertoG e seu chefe durante um trecho de sua entrevista. Ambos os registros serão observados na seção 4.1.3.

4.1.1 *Tag-switching*

A presença notória do *tag-switching* dentre as instâncias registradas na tabela 4.1 se deve à afirmação de Poplack (1980) de que “*tags* são constituintes livremente móveis que podem ser inseridos em quase qualquer parte da frase, sem medo de violar qualquer regra gramatical”⁹³ (p. 589). Quando se realiza a alternância de um único elemento, como um

⁹³ Tradução própria. Texto original: “Tags are freely moveable constituents which may be inserted almost anywhere in the sentence without fear of violating any grammatical rule.”

substantivo, por exemplo, a possibilidade de que este elemento não ocupe a posição sintática gramaticalmente aceita dentro da língua base é muito pequena, isto porque os falantes bilíngues que realizam o CS conhecem aspectos da estrutura da língua base e sabem onde podem inserir esse substantivo. Nos exemplos 4.4 a 4.6 têm-se alguns modelos de *tag-switching* de substantivos.

- (4.4) se eles têm que te dizer as coisas, eles vão te dizer na tua cara, eles não têm esse TACTO, sabe (MarinaG-F2Ar1)

(se eles têm que te dizer as coisas, eles vão te dizer na tua cara, eles não têm esse *tato*, sabe)

- (4.5) e como a gente na Colômbia tem um ARCHIPIÉLAGO também, San Andrés (MartaV-F2Co1)
(e como a gente na Colômbia tem um *arquipélago* também, San Andrés)

- (4.6) e aqui é um outro ESCENARIO onde eu posso falar português 100% (MartaV-F2Co1)
(e aqui é um outro *cenário* onde eu posso falar português 100%)

Para além do conhecimento da estrutura das línguas, quando se trata de elementos isolados, a alternância entre o português e o espanhol parece se apoiar na semelhança entre algumas formas nominais e/ou verbais das duas línguas. No caso dos exemplos 4.4 a 4.6, os pares *tacto/tato*, *archipiélago/arquipélago* e *escenario/cenário* têm estruturas morfológicas bastante semelhantes, que não dificultam a localização do lugar de equivalência de um substantivo na língua base e ainda servem de apoio aos falantes para o preenchimento de uma necessidade linguística por um item lexical (GROSJEAN, 1982). Estruturação análoga a essa está presente nos trechos 4.7 e 4.8 que exemplificam o *tag-switching* de verbos. As formas verbais do espanhol *monitorear* e *existir* se assemelham bastante às formas que correspondem a esses verbos na língua portuguesa:

- (4.7) o que você tem que fazer é primeiro MONITOREAR o que estão falando do seu cliente (MartaV-F2Co1)

(o que você tem que fazer é primeiro *monitorar* o que estão falando do seu cliente)

- (4.8) antes de vir para cá eu estava ali numa biblioteca que tem a... dez minutos daqui eu não sabia que EXISTÍA (AndrésA-M2Co6)

(antes de vir para cá eu estava ali numa biblioteca que tem a... dez minutos daqui eu não sabia que *existia*)

Assim como visto nos exemplos que tratavam da alternância de substantivos, o excerto 4.7 ilustra um par cujas estruturas fonológicas e morfológicas são bastante similares, *monitorar/monitorar*, e desde a perspectiva sociopragmática essa alternância parece buscar o acesso a um item lexical talvez ainda não estabilizado na língua portuguesa. Essa situação difere em certa medida do que é registrado no exemplo 4.8, onde o que se observa é um CS em nível estritamente fonológico. Nesse exemplo, a alternância recai sobre o verbo *existir*, um verbo homógrafo no par português/espanhol e cujas formas verbais do pretérito imperfeito do indicativo são quase totalmente coincidentes a nível gráfico. A diferença entre as formas *existía/existia* recai sobre o plano fonológico quando se registram nas variedades de espanhol latino-americano pronúncias como [eksis'tia] e [eksis'tia], enquanto no português brasileiro falado em São Paulo, verifica-se, entre outras, as realizações [izistʃ'ia] e [izist'ia].⁹⁴

Como comenta Poplack (1980), é comum ao CS estar integrado sintaticamente na língua base e ainda manter os padrões fonológicos da língua encaixada. Nos estudos clássicos que pautavam o par inglês/espanhol as diferenças entre as estruturas morfológicas dos constituintes eram, geralmente, mais explícitas. Já aqui, em um estudo sobre o CS entre português e espanhol, nota-se que devido às especificidades do par sob análise, a alternância fonológica é mais marcante e, recorrentemente, é a que evidencia a realização de um elemento em língua espanhola ao longo de uma oração em português.

Quando se discute a alternância entre português e espanhol, não é estranha a incidência do CS sobre termos que são similares entre as duas línguas e isso não poderia ser tão diferente, dada a proximidade linguística e histórica desse par. Há na comparação das duas línguas um conjunto extenso de elementos que remetem a uma origem comum e apresentam homografia (TEODORO-TORRES, 2016). Ao discutir a história das línguas iberorromânicas, o NEHiLP (Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo) propõe uma divisão sincrônica que permite compreender que o distanciamento das línguas que viriam a formar o português e o espanhol atuais começa entre os séculos VI e X,⁹⁵ o que indica que a separação efetiva ocorre em um período ainda mais próximo da atualidade.

Parece pertinente, então, afirmar que o português e o espanhol são línguas que compartilham grandes semelhanças sintáticas e morfológicas dadas suas histórias, e as

⁹⁴ As transcrições fonéticas apresentadas em ambos as línguas estão de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional, e as que identificam o português brasileiro representam, respectivamente, as variedades do padrão e não padrão de São Paulo, segundo o *Portuguese Regional Accent Databank* (ASHBY et al, 2012).

⁹⁵ Divisão proposta pelo Manual do NEHiLP (2015) e apresentada no *Curso de Etimologia - para a formação do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELPO)*, no período entre 14/09/2015 e 24/09/2015.

ocorrências de CS entre as duas línguas caminham muitas vezes pelo tangenciamento morfossintático desse par. Contudo, não somente foram registrados exemplos de *tag-switching* entre termos semelhantes, mas também entre verbos que não encontram correspondência morfológica no par português/espanhol. A seguir, os exemplos 4.9 a 4.11 trazem alguns excertos que ilustram essa discussão com as oposições *sembrar/plantar*; *planteada/proposta*; e *brindar/oferecer*:

(4.9) você SEMBRA UNA... UNA semente, e os sete dias você não tem nada (LauraD-F1Co1)

(você *planta uma... uma* semente, e os sete dias você não tem nada)

(4.10) não do jeito que está PLANTEADA (RobertoG-M3CO15)

(não do jeito que está *proposta*)

(4.11) o brasileiro ele recebe muito bem o estrangeiro independentemente se é latino ou europeu gosta também de BRINDAR, de oferecer essa ajuda, essa hospitalidade pro estrangeiro (CarmenD-F2Co5)

(o brasileiro ele recebe muito bem o estrangeiro independentemente se é latino ou europeu gosta também de *oferecer*, de oferecer essa ajuda, essa hospitalidade pro estrangeiro)

Ainda que os três exemplos de CS apresentem semelhança por se construírem sobre a mesma categoria sintática (i.e. verbo), é importante comentar que o exemplo 4.11 assume uma função sociopragmática diferente dos demais, apresentados até o momento. Correspondendo à função que Gumperz (2002 [1982]) nomeia *Reiteração*, o uso do português *oferecer* logo após o espanhol *brindar* tem como motivação clarificar, ou ainda, enfatizar a mensagem. Quando a informante CarmenD realiza a tradução do termo em espanhol logo em seguida à sua enunciação, ela busca expandir o alcance da sua mensagem. Em outras palavras, no momento em que almeja a efetivação concreta de um conteúdo, a informante entende que o CS realizado poderia não ter sido a melhor opção, e, portanto, reitera sua mensagem totalmente em língua portuguesa utilizando o verbo *oferecer*. Esse movimento de reiteração em outra língua evidencia o conhecimento bilíngue da informante, de modo que a instância de CS presente em sua fala não preenche o lugar de desconhecimento de um léxico da língua base, mas sim, atende a necessidade de CarmenD pelo acesso a um valor semântico específico que ela assume presente no espanhol *brindar*.

Em direção semelhante, isto é, recorrendo ao português para a efetivação da mensagem, o informante PedroG, que optou por responder a entrevista em espanhol, valeu-se do CS para ampliar e enfatizar sua mensagem, como pode-se observar nos exemplos 4.12 e 4.13:

(4.12) en la oficina o ESCRITÓRIO aquí con mis compañeros hablaba portugués (PedroG-M3Ar6)

(no escritório ou *escritório* aqui com meus companheiros falava português)

(4.13) ahora lo que hago es... automatización de test, TESTING... É AUTOMAÇÃO DE TESTES (PedroG-M3Ar6)

(agora o que eu faço é... automação de teste, *testing... é automação de testes*)

Nos dois trechos recortados da entrevista com PedroG, verifica-se que o informante recorre ao CS logo após a enunciação de um termo ou conceito em espanhol que, em sua percepção, pode não ter ficado claro ao seu interlocutor, representado neste caso por um falante de português brasileiro. À categoria que Gumperz (2002 [1982]) nomeia *reiteração*, Grosjean (1982) atribui a denominação de *qualificação da mensagem* e, para este autor, baseando-se nessa motivação, um falante pode utilizar o CS em situações nas quais busca tornar sua mensagem mais ampla ou enfática. Assim, no trecho 4.12, por exemplo, o informante PedroG recorre ao CS devido ao seu conhecimento de que o substantivo *oficina* não corresponde a acepções equivalentes em espanhol e em português. Enquanto em espanhol indica de maneira genérica lugares em que se realiza um trabalho, em português, refere-se habitualmente a lugares de reparação de veículos. Desse modo, PedroG recorre ao uso do termo *escritório* em português para não gerar dúvidas no interlocutor e enfatizar qual era o espaço específico a que se referia naquele momento. O CS, nesse excerto, sai de um contexto mais amplo e caminha em direção a um mais específico.

Já no exemplo 4.13, o CS, que também assume a motivação de *qualificação da mensagem*, se apresenta como uma forma de esclarecer uma função laboral cujo nome em espanhol poderia ser muito específico e não acessar a compreensão do interlocutor. Devido a isso, após a enunciação de um termo em espanhol, PedroG emprega primeiramente a tradução para o inglês *testing* e, em seguida, o nome da função laboral utilizado no Brasil, *automação de testes*. O movimento do informante em acessar outras línguas para reiterar o que disse em espanhol se desloca de uma comunicação específica para uma mais ampla, ou seja, uma situação inversa ao que se registou no exemplo 4.12. Dentro das funções de *qualificação da mensagem* (GROSJEAN, 1982) ou de *reiteração* (GUMPERZ, 2002 [1982]), o CS, como se apresenta no

corpus sob análise, pode atender à função sociopragmática de *generalizar* ou *especificar* um determinado conteúdo.

4.1.2 *Code-switching intrasentencial*

Até este momento, leram-se exemplos de *tag-switching*; agora, volta-se o olhar para o CS *intrasentencial*, composto por sintagmas verbais, e que representou pouco mais de 15% do total de ocorrências de CS no interior das sentenças. A seguir, exemplificam-se trechos das entrevistas com GabrielaS, RobertoG e LauraD:

- (4.14) tem um monte de coisa pra fazer em São Paulo e os são-paulinos nem sabem, paulistanos, são-paulinos não, os paulistanos nem sabem, LOS GRINGOS PAGAMOS TODO (GabrielaS-F2Ar3)

(tem um monte de coisa pra fazer em São Paulo e os são-paulinos nem sabem, paulistanos, são-paulinos não, os paulistanos nem sabem, *os gringos pagamos tudo*)

- (4.15) o estagiário da USP ele... ele tem, O SEA, a gente fala com ele em português e ele responde em espanhol e nossa, e mais, é assim que aprende, ele é bem solto no espanhol, Y ÉL? ÉL NO recua, você fala com ele em português e ele, brasileiro, Y TE RESPONDE EN ESPAÑOL (RobertoG-M3Co15)

(o estagiário da USP ele... ele tem, *ou seja*, a gente fala com ele em português e ele responde em espanhol e nossa, e mais, é assim que aprende, ele é bem solto no espanhol, *e ele?*, *ele não recua*, você fala com ele em português e ele, brasileiro, *e te responde em espanhol*)

- (4.16) eu vou à academia, eu ASISTO A SMARTFIT (LauraD-F1Co1)

(eu vou à academia, eu *frequento a SmartFit*)

No trecho 4.14, em *los gringos pagamos todo*, GabrielaS, que comentava sobre a oferta de lazer em São Paulo, afirma que diferentemente dos paulistanos, os estrangeiros aproveitam muito mais e inclusive pagam os preços das atividades oferecidas em São Paulo. A alternância realizada por GabrielaS acontece no momento em que a informante deixa de falar dos brasileiros (paulistanos) e comenta sobre uma característica de um grupo que a inclui, o que fica explícito pelo uso do verbo em primeira pessoa do plural (*pagamos*). Essa construção que apresenta um sujeito na terceira pessoa do plural (*los gringos*) aparentemente separado do enunciador, mas que o inclui pelo verbo em primeira pessoa do plural é uma marca do sujeito

inclusivo⁹⁶ da língua espanhola. Enquanto isso, seu uso na construção da alternância para o espanhol, no exemplo 4.14, afasta a informante dos brasileiros que não aproveitam as ofertas de lazer e a aproxima dos *gringos* que aproveitam tudo. O CS aparece, portanto, nesse trecho, como marca da associação de identidade com um grupo específico (GROSJEAN, 1982).

Caso semelhante acontece no exemplo 4.15 quando RobertoG comenta o uso do espanhol por um dos estagiários da empresa onde trabalha. Ainda que o informante já tivesse enunciado a escolha linguística do estagiário no começo do trecho, ele retoma essa afirmação ao final por meio do CS (*y te responde en español*), de modo a enfatizar a informação apresentada e acolher o referido estagiário dentro do grupo de falantes de espanhol. No recorte 4.15, o CS *intrasentencial* se apresenta em dois momentos que enfatizam as mensagens e demonstra solidariedade com a atuação e a escolha linguística do estagiário (*y él no recúa; y te responde en español*).

Já desde o ponto de vista gramatical, nos exemplos 4.14 e 4.15 notam-se que as instâncias de CS realizadas por GabrielaS e RobertoG se apresentam compostas por sintagmas nominais e verbais, e construídas de maneira a não violar as restrições de *Equivalência* e *Morfema Livre* propostas por Poplack (1980). O CS *intrasentencial* organizado por GabrielaS se apresenta como uma oração completa (composta por sujeito, verbo e complemento de objeto direto) e, apesar de se alinhar contextualmente ao conteúdo que a informante discutia, não estabelece uma relação de dependência sintática com elementos anteriores.

Organização oposta é visualizada nas instâncias de CS do exemplo 4.15, (i.e. *y él? él no recua, você fala com ele em português e ele, brasileiro, y te responde en español*). Na primeira parte do trecho, RobertoG organiza um CS entre sujeito e modificador em espanhol (*él no*) e o verbo em português (*recua*). Já no segundo momento, há uma oração em português (*você fala com ele em português*) e, na oração coordenada aditiva iniciada também em português, o CS se apresenta após o modificador (*brasileiro*) e coloca todo o sintagma verbal em espanhol (*y te responde en español*). É interessante observar, portanto, que nos dois momentos, as construções arquitetadas por RobertoG incorporam o CS no sintagma verbal. Esse desenho do CS se mostra possível no par português e espanhol e não viola a Restrição de Equivalência, pois os elementos sintáticos das duas línguas se mapeiam nesse ponto. Dentro dessa discussão sobre a organização

⁹⁶ De acordo com a Nova Gramática da Língua Espanhola (RAE y ASALE, 2010, p. 647), quando a função de sujeito é desempenhada por grupos nominais ou pronominais no plural que designam as pessoas (os habitantes, as mães, os professores etc.), a concordância com o verbo pode ser estabelecida na terceira pessoa do plural, mas também na primeira e na segunda pessoa do plural: *Los habitantes de las grandes ciudades {viven ~ vivimos ~ vivís} en un continuo ajetreo*. Nesses contextos, o uso da primeira pessoa do plural implica a inclusão do falante nesse grupo de indivíduos que o sujeito denota; já o uso da segunda pessoa, acarreta a inclusão do ouvinte.

sintática do CS entre o sujeito pronominal e o sintagma verbal, o exemplo 4.16 se assemelha bastante ao que se verificou em 4.15. Ao enunciar *eu asisto a SmartFit*, LauraD realiza o pronome pessoal (*eu*) em português e segue com o verbo e complemento em espanhol (*asisto a SmartFit*).

Nos excertos 4.17 a 4.19 observam-se outros registros de CS *intrasentencial*, realizados por RobertoG, LauraD e MartaV:

- (4.17) aí, uma menina de Rio, acho que ela é suíça, holandesa, não lembro, jorna-, todos somos jornalistas, ela CONTÓ LA PERCEPCIÓN DE BRASIL DESDE a academia (RobertoG-M3Co15)

(aí, uma menina de Rio, acho que ela é suíça, holandesa, não lembro, jorna-, todos somos jornalistas, ela *contou a percepção do Brasil desde [o ponto de vista da] academia*)

- (4.18) e sabe, tem essa EXPRESIÓN HACIA ALLÁ, COMO SE ALLÁ NO FUERA tão bom... e é bom!... assim, falta recurso, mas não é ruim (LauraD-F1Co1)

(e sabe, tem essa *expressão em direção àquele lugar, como se lá não fosse* tão bom... e é bom!... assim, falta recurso, mas não é ruim)

- (4.19) incrível como a língua ES tudo nesse negócio de ficar aí como um litoral, uma fronteira entre as duas, entre as pessoas que falam espanhol e as pessoas que falam português, PARECESE QUE FUERA MUNDOS DIFERENTES (MartaV-F2Co1)

(incrível como a língua ES tudo nesse negócio de ficar aí como um litoral, uma fronteira entre as duas, entre as pessoas que falam espanhol e as pessoas que falam português, *parecendo que fossem mundos diferentes*)

Na leitura do exemplo 4.17, a alternância na direção do português para o espanhol é introduzida, assim como em exemplos anteriores, logo após o sujeito da oração; no entanto, o que atrai a atenção nesse exemplo, e também no 4.18, é a realização da alternância em um momento do discurso no qual os falantes parecem buscar um distanciamento com a mensagem que transmitem. Segundo Oliveira (2006), o CS pode agir sobre o grau de envolvimento ou distanciamento de um falante em relação à mensagem que emite. Isto é, uma das funções do CS é marcar se a mensagem está de acordo com a opinião e conhecimento pessoal do falante ou se provém de outra fonte. Na amostra de CS do exemplo 4.17 (ela *contó la percepción de Brasil desde a academia*), RobertoG se vale da alternância para indicar seu distanciamento em relação à percepção do Brasil relatada pela jornalista holandesa. Da mesma forma, no exemplo 4.18 (e sabe, tem essa *expresión hacia allá, como se allá no fuera* tão bom... e é bom!), LauraD relata um discurso desfavorável sobre uma região do Brasil que difere de sua opinião pessoal.

Em contraposição aos exemplos 4.17 e 4.18, MartaV recorre ao espanhol, em 4.19, para indicar seu envolvimento com a mensagem e sua opinião sobre as diferenças entre o Brasil e os países hispanofalantes da América Latina, acentuadas pelo uso do português e do espanhol (i.e. entre as pessoas que falam espanhol e as pessoas que falam português, *parecese que fuera mundos diferentes*). Lidos esses trechos, entende-se que o CS *intrasentencial* por vezes se constrói em um mesmo ponto da sentença (entre sujeito e verbo), mas o que desponta como principal influência em sua organização, sobretudo na amostra deste corpus, é a delimitação do que se quer dizer em uma ou em outra língua, ou seja, as motivações sociopragmáticas dos falantes.

4.1.3 Code-switching intersentencial

Conforme comentou-se anteriormente, o informante PedroG optou por responder toda a entrevista em espanhol. Assim, registrou-se nessa interação um diálogo construído inteiramente sobre o CS *intersentencial*. Diante desse contexto, ao final da gravação, realizaram-se perguntas explícitas voltadas para a escolha linguística do informante, como ilustra o trecho em 4.20:

- (4.20) D1 [...] e no seu dia a dia, como agora, você prefere falar espanhol?
 I1 YO HABLO PORTUGUÉS TODO EL DÍA [RISOS], ENTONCES PARA MÍ HABLAR ESPAÑOL ES ALGO BUENO, PORQUE TENGO POCAS OPORTUNIDADES DE HABLAR ESPAÑOL
 D1 claro
 I1 SOLAMENTE CUANDO ME ENCUENTRO CON ALGUNOS AMIGOS ARGENTINOS Y... RECIENTEMENTE, POR EJEMPLO, FUI AL CONSULADO ARGENTINO PARA VOTAR, PORQUE HUBO ELECCIONES EN ARGENTINA, PERO EL RESTO DEL TIEMPO HABLO PORTUGUÉS
 D1 então você aproveita esses momentos que você pode falar espanhol?
 I1 SÍ (PedroG-M3Ar6)
- (D1 [...] e no seu dia a dia, como agora, você prefere falar espanhol?
 I1 *eu falo português o dia todo [risos], então para mim falar espanhol é algo bom, porque tenho poucas oportunidades de falar espanhol*
 D1 claro
 I1 *somente quando me encontro com alguns amigos argentinos e... recentemente, por exemplo, fui ao consulado argentino para votar, porque houve eleições na Argentina, mas o resto do tempo falo português*

- D1 então você aproveita esses momentos que você pode falar espanhol?
 I1 sim)

Segundo PedroG, o espanhol ocupa um lugar periférico em seu cotidiano, ou seja, em sua rotina atual no Brasil são poucos os contextos em que o uso do espanhol é endossado, fator que o motiva a explorar todas as situações em que lhe é permitido o acesso a essa língua. De acordo com Mozzillo (2009), a eleição de um falante por um ou por outro código são explicáveis pelo princípio da negociação de identidades; ao optar por uma língua, o falante se apresenta sob uma identidade particular em relação aos demais participantes envolvidos naquela interação. Essa discussão encontra apoio no que se observou no capítulo 3 sobre as atitudes e representações avessas de hispanofalantes frente ao uso de português por companheiros hispânicos. Ali, no processo de negociação de identidades, os informantes esperavam encontrar correspondência em seus conterrâneos no uso de uma língua que carregava valores subjetivos, e ao não encontrar esse respaldo, a negociação de identidades lhes causava desconforto.

Quanto a isso, Mozzillo (2009) comenta que “cada bilíngue atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do *code-switching* para suprir a necessidade de contínua acomodação ao encontro intercultural” (p. 192). Nas respostas apresentadas aos questionários, as funções e valores atribuídos às línguas portuguesa e espanhola pareciam percorrer os parâmetros interculturais de cada participante da interação (ora hispânicos ora brasileiros) e caso semelhante ocorre aqui, na interação registrada durante a entrevista com PedroG. Nessa interação são verificadas a defesa pelo pesquisador de uma identidade pautada na segurança do uso do português e do roteiro de entrevistas preparado nessa língua, e a reivindicação do informante por uma identidade de conforto e intimidade embasada no uso do espanhol. A negociação de identidades que ao longo das entrevistas com os demais informantes encontrou apoio no *tag-switching* ou no CS *intrasentencial* para a acomodação intercultural, com PedroG é dilatada a ponto de atingir a forma do CS *intersentencial*, permitindo que os falantes se valessem de suas formas de identidade mais empoderadas, ou seja, o uso do português pelo brasileiro e do espanhol pelo argentino.

No entanto, quando se discute a realização de CS *intersentencial*, além de cenários de afirmações de identidades, podem ser observados encontros nos quais essa estratégia comunicativa atende à inserção de um novo tópico conversacional. Esse tipo de situação é mais frequente entre falantes que compartilham um *background* linguístico e/ou social, e em situações de comunicação mais livres, diferentes de uma entrevista. Assim, durante a conversa

realizada com o informante RobertoG foi possível captar um exemplo desse tipo de interação em um momento de menor monitoramento, ou seja, quando o chefe do informante entrou na sala onde era gravada a entrevista. O informante, que até então respondia às perguntas em português, endereça o espanhol a seu chefe no momento em que a porta é aberta:

- (4.21) I1 HOLA ANTONIO, ANTONIO, MIRA JOSÉ, ANTONIO NUESTRO JEFE
 I2 olá, tudo bem?
 I1 ele está EN UNA pesquisa da USP, então ME HABIA CONTACTADO
 I2 ah, que bom... uhum, legal, sobre o que é a pesquisa?
 D1 é sobre hispano-americanos, é... latino-americanos que moram em São Paulo e aí
 I2 ah, tá
 D1 a minha pergunta é como eles usam o português e o espanhol no ambiente de trabalho
 I2 ah, tá bom
 D1 aí eu tô conversando com ele
 I2 ótimo
 I1 HAY ALGO PENDIENTE ANTONIO?
 I2 não
 I1 tá bom (RobertoG-M3Co15)
- (I1 *olá Antonio, Antonio, olha José, Antonio nosso chefe*
 I2 olá, tudo bem?
 I1 ele está *uma* pesquisa da USP, então *ele entrou em contato comigo*
 I2 ah, que bom... uhum, legal, sobre o que é a pesquisa?
 D1 é sobre hispano-americanos, é... latino-americanos que moram em São Paulo e aí
 I2 ah, tá
 D1 a minha pergunta é como eles usam o português e o espanhol no ambiente de trabalho
 I2 ah, tá bom
 D1 aí eu tô conversando com ele
 I2 ótimo
 I1 *tem algo pendente Antonio?*
 I2 não
 I1 tá bom)

Na passagem registrada em 4.21, RobertoG, um informante colombiano, utiliza instantaneamente a língua espanhola com Antonio, seu chefe espanhol, assim que o vê. Na primeira interação, a escolha linguística pode ser resultado da experiência comunicativa desses interlocutores, ou seja, é provável que nas interações entre esses dois falantes o espanhol seja a

escolha linguística prototípica. Já no segundo momento, em que RobertoG endereça uma pergunta totalmente em espanhol a Antonio (*hay algo pendiente Antonio?*), o CS realizado introduz um novo tópico de discussão, afastando-se do debate que se realizava sobre a pesquisa em andamento. Regressando aos comentários que Mozzillo (2009) propunha sobre CS *intersentencial*, segundo a autora,

o code-switching após longos enunciados em uma só língua pode servir de estratégia de contextualização para o início de um novo tópico de conversação. Os falantes bilíngues lançam mão da alternância assim como poderiam empregar algum outro tipo de estratégia compartilhada com os monolíngues, que demonstram que algo novo surge na conversação através de mudança na postura, no olhar, no aumento ou na diminuição do volume da voz, no aumento ou na diminuição da velocidade da conversação. (MOZZILLO, 2009, p. 191)

A realização do CS por falantes bilíngues, independentemente do tipo da alternância, já havia sido associada por Gumperz (2002 [1982]) às estratégias comunicativas que um falante monolíngue lança mão em seu cotidiano. Porém, quando Mozzillo (2009) retoma essa discussão e aponta que o uso do CS pode sustentar a surgimento de algo novo na conversação, entende-se o movimento de RobertoG em utilizar o espanhol com seu chefe para tratar de uma temática alheia ao que se discutia naquele momento. Já ao relacionar esse exemplo com as categorias sociopragmáticas de Grosjean (1982), essa instância de CS atenderia às funções de especificar o interlocutor (Antonio) e personalizar a mensagem, evidenciando o envolvimento do falante. Por se fazer presente em situações de inserção de novos temas conversacionais, muitas vezes motivados pelos estímulos contextuais, o CS *intersentencial* não se mostra tão frequente em uma entrevista roteirizada, que invariavelmente se constrói em ambientes controlados.

4.1.4 Correlações com perfis sociobiográficos

Tendo observado os tipos de CS e sua organização na interação do par português e espanhol, voltou-se o olhar para as três variáveis sociais prioritárias (sexo, faixa etária e país de origem), de modo a verificar se haveria em algum perfil sociobiográfico a tendência de produzir CS mais vezes do que em outro. No entanto, as diferenças individuais na produção dos informantes superaram algumas possibilidades de agrupamento. RobertoG e LauraD foram responsáveis por dois terços (68%) das instâncias coletadas de CS, enquanto AndrésA, InacioM e GabrielaS, não produziram mais do que cinco ocorrências cada um. Apesar dessa discrepância na produção individual de CS, quando se observam os números a depender do sexo do

informante, há um balanceamento entre a produção de cada grupo. Homens foram responsáveis por 130 ocorrências (49%), ao passo que as mulheres produziram o CS 135 vezes (51%).

Já quando se discute a faixa etária dos informantes, a alta frequência de produção de RobertoG e LauraD influenciou diretamente a distribuição dos dados. LauraD foi a única participante de primeira faixa etária a participar da etapa de entrevistas e a taxa de produção desse grupo, composto por uma única informante, corresponde a 30% (80 ocorrências) da amostra total. Por outro lado, no grupo de terceira faixa etária, composto por CarlosO, PedroG, RobertoG e ValeriaA, 100 das 141 ocorrências são de autoria de RobertoG. Isso posto, não é possível, por meio desta amostra identificar se falantes de alguma faixa etária produzem CS mais frequentemente que outros.

Por fim, tratando da origem nacional dos informantes, RobertoG e LauraD são colombianos, assim como AndrésA, CarmenD, InacioM e MartaV, e quando se observa o número de instâncias de CS de autoria da dupla mais produtiva, tem-se 180 exemplos, ao passo que somando os exemplos dos outros quatro informantes colombianos, verificam-se 31 ocorrências. Por esse cenário, tampouco pode-se afirmar, necessariamente, que colombianos produzam CS mais vezes do que argentinos (autores de 54 ocorrências), visto que dentre os grupos há diferenças expressivas na produção individual.

O que se compreende pela observação dos dados da alternância entre português e espanhol no corpus coletado é que a produção de CS melhor dialoga com motivações sociopragmáticas e estímulos conversacionais do que com agrupamentos sociobiográficos prévios. É possível que existam características sociais que favoreçam a produção do CS; no entanto, no recorte proposto de sexo, gênero e país de origem, não se verificaram indícios e tendências de grupos que realizem a alternância mais frequentemente que outros.

4.2 Autodeclaração de uso linguístico no ambiente de trabalho

Retomando as observações de Dewaele e Li Wei (2014a; 2014b), cujas investigações discutiam a presença do CS nos ambientes de trabalho, volta-se o olhar para as declarações dos informantes da presente investigação sobre seus usos linguísticos dentro das empresas e no contato com colegas e clientes. No que observaram Dewaele e Li Wei (2014a), falantes que trabalhavam em ambientes etnicamente mais diversos e onde o multilinguismo estava presente demonstraram atitudes altamente favoráveis ao CS. Além disso, esses foram os falantes que

declararam, nessas investigações, alternar recorrentemente entre mais de uma língua em seu dia a dia.

Acredita-se que o uso de diferentes línguas dentro dos ambientes laborais está relacionado com as práticas organizacionais de empresas multinacionais, como a realização de transações entre filiais e organizações alocadas em diferentes países. Quando perguntados sobre quais línguas utilizavam no seu cotidiano laboral, AndrésA, CarlosO, CarmenD, MarinaG e ValeriaA expuseram comentários que evidenciam práticas de comunicação transnacional, como ilustram os exemplos 4.22 a 4.26:

- (4.22) eu uso espanhol, inglês e português, português porque todos meus colegas são daqui, eu sou única pessoa não brasileira... inglês porque minha empresa está em países em que não fala-se nem inglês nem espanhol então preciso me comunicar com algumas pessoas algumas vezes em inglês (...) você vai falar com pessoas que não estão no Brasil então, aí cuida de inglês, e espanhol eu uso bastante também, porque mesmo eu estando alocado aqui no Brasil, eu trabalho com clientes da Argentina, do Chile e do Peru, então eu falo bastante com os times de vendas desses países ou com os clientes naqueles países, então, no final acabam sendo as três línguas necessárias para, para MÍ (AndrésA-M2Co5)
- (4.23) não, no meu trabalho é um pouco uma mistura, tá? porque... a gente tem muito contato com colegas da Argentina, que até hoje, por conta de uma demanda maior aqui no Brasil a gente tá trazendo muitos funcionários de lá pra nos ajudar aqui, tá? então, com eles, sem dúvida que a conversa é em espanhol, com meus colegas ou funcionários aqui é português e sem dúvida que com fornecedor é português, mas a gente tem muito contato também com outras regiões do mundo, com a China, com a Itália, com os Estados Unidos e com eles é sempre em inglês (CarlosO-M3Ar3)
- (4.24) então, o português eu falo com o pessoal da fábrica e com os meus colegas que estão ao redor 'ah, vamos almoçar', no dia a dia, o inglês eu falo com todos os fornecedores terceiros, porque como é importação, nenhum é de São Paulo, do Brasil no geral, então, a língua internacional de comunicação é inglês, então eu estou mandando e-mail o tempo todo em inglês... 99% dos e-mails que eu mando, não, 80%, porque às vezes eu respondo pra fábrica também, 80% dos e-mails que eu mando diariamente são em inglês, e o espanhol eu falo bastante com o pessoal do nosso *Shared Service Center*, que fica no Chile (CarmenD-F2Co5)
- (4.25) o inglês, né, claro, bastante... eu tenho colegas que são da Rússia, da Coreia do Sul que trabalham aqui comigo, né, na mesma equipe, e... eles falam inglês, eles não querem falar português, então... a gente tem que falar em inglês com eles... é, também espanhol com o pessoal

da Argentina, que às vezes a gente troca ideias e tal, mas assim, alemão, italiano, francês, não... só, inglês, português e espanhol e com isso vamos bem (MarinaG-F2Ar1)

- (4.26) sim, em contato com a região, porque aqui onde eu trabalho a minha área é regional, então, é... meu vice-presidente, meu chefe, vice-presidente, DE LATINOAMÉRICA e claro, o espanhol eu uso com os outros países, Chile, Argentina e Colômbia né, que são as áreas, os países com a qual a minha área tem contato é... o inglês, eu ouço principalmente com a Alemanha e com os Estados Unidos... com os Estados Unidos eu tenho pouco contato, é muito raro que alguma vez precise contatar alguém dos Estados Unidos é... porque minha área trabalha especificamente com a Alemanha e o contato com eles é todo em inglês (ValeriaA-F3Ar)

No que se observa nas respostas dos informantes, existem três línguas fundamentais em seu cotidiano (i.e. português, espanhol e inglês), que se organizam, especialmente, a depender dos interlocutores envolvidos. Observando inicialmente o português, nota-se que, dada a sua posição de língua nacional, ele se apresenta como a escolha não-marcada (MYERS-SCOTTON, 1993; OLIVEIRA, 2006) dos ambientes laborais instalados no Brasil. Isso significa que, ao optarem pelo uso do português, os informantes não indiciam um interlocutor ou grupo específico, mas se valem da escolha linguística que estabelece e mantém o *status quo* de determinada comunidade. Em outras palavras, o português é, na maioria dos casos, a escolha neutra (do dia a dia), a escolha realizada quando não há a necessidade de estabelecer relações com interlocutores ou assuntos específicos.

Esse dado era esperado e a sua verificação não gera grandes surpresas. Os comentários de AndrésA (*português porque todos meus colegas são daqui, eu sou única pessoa não brasileira*), CarlosO (*com meus colegas ou funcionários aqui é português e sem dúvida que com fornecedor é português*) e CarmenD (*o português eu falo com o pessoal da fábrica e com os meus colegas que estão ao redor 'ah, vamos almoçar', no dia a dia*) evidenciam o caráter rotineiro com que utilizam a língua portuguesa com seus colegas de trabalho, a maioria brasileiros, e em situações relacionadas com a vida diária, como em um convite para o almoço.

Voltando o olhar aos usos do espanhol, outra língua de interesse desta pesquisa, o que primeiro se observa é que aqueles informantes que afirmaram utilizá-lo em seu dia a dia trabalham em empresas que se relacionam diretamente com países da América Latina, como Argentina, Chile, Colômbia e Peru. Para todos os informantes acompanhados até aqui, o espanhol é uma língua necessária exclusivamente com companheiros de países onde essa é a língua nacional, o que não acontece, por outro lado, com o inglês, língua utilizada com colegas

residentes não somente nos Estados Unidos, mas também na Alemanha, China, Coreia do Sul, Itália e Rússia.

A autodeclaração do uso do inglês pelos informantes incide na constatação de um discurso empresarial contemporâneo difundido, no qual o inglês se apresenta como a língua do mercado global (VERNALHA, 2015). Enquanto o português e o espanhol parecem participar exclusivamente do contato com falantes que têm essas línguas como maternas ou ocupam espaços em que essas são as línguas nacionais, o inglês acessa uma gama maior de falantes, sem que haja a necessidade de que os interlocutores conheçam as línguas nacionais e/ou maternas de seus companheiros. Esse comportamento fica evidente no exemplo 4.25, quando MarinaG afirma utilizar o inglês com seus colegas da Rússia e da Coreia do Sul e o espanhol com os da Argentina, pontuando ainda que as línguas que fala são aquelas que detêm valores de prestígio econômico na região latino-americana, isto é, *alemão, italiano, francês, não... só, inglês, português e espanhol*.

De acordo com Vernalha (2015), a motivação para a expansão mundial do uso da língua inglesa tem sido atribuída a questões econômicas, especialmente após as revoluções tecnológicas nos meios de comunicação e internet durante o séc. XX. Nessa mesma vertente, Gois (2008) comentou que a utilização de termos e de vocábulos uniformizados e de compreensão global deriva da globalização de produtos e processos tecnológicos, mas que não se trata, simplesmente, de uma necessidade econômica ou de trabalho, e sim do privilegiamento de “uma língua mais elitizada em detrimento de outra considerada menos expressiva” (GOIS, 2008, p.19). O inglês, portanto, circula no meio empresarial como a língua da elite mercantil e sustenta as possibilidades de estratégias econômicas empresariais, como a expatriação de funcionários, tema tangente a este trabalho.

No exemplo 4.23, quando CarlosO comenta que sua empresa está *trazendo muitos funcionários de lá (Argentina) para ajudar aqui (Brasil)*, o informante evidencia o movimento dessas empresas globais em realocar seus funcionários em diferentes unidades, através dos continentes, a depender de seus interesses estratégicos. Essa foi, inclusive, a motivação da vinda de CarlosO ao Brasil, posto que o informante vivia nos Estados Unidos, trabalhando em uma filial da empresa em que atua hoje, e lhe ofereceram uma promoção na unidade sediada em São Paulo.

A expatriação de funcionários, para Rego e Cunha (2009), pode decorrer, dentre outros motivos, da ausência de recursos humanos qualificados e do interesse na retenção dos quadros mais talentosos. Para além disso, Ameixinha (2017) vê na gestão internacional de recursos humanos, uma estratégia de competição global entre algumas empresas. Em suas palavras,

a mobilidade dos mercados leva a que haja uma globalização dos recursos humanos, onde os trabalhadores procuram trabalhos mais aliciantes e as empresas procuram melhores trabalhadores e melhores países onde alocar o seu negócio. Nos dias que correm, todas as empresas têm acesso aos mesmos mercados e à compra de matérias-primas ou unidades de produção mais vantajosas, sendo os recursos humanos uma vantagem competitiva inigualável. (AMEIXINHA, 2017, p. 6)

Desse modo, não é raro encontrar trabalhadores que vieram ao Brasil devido a ações de estratégias mercantis de empresas globais, que podem, inclusive, perpassar os usos e saberes de uma determinada língua. O inglês e o espanhol, no contexto da América Latina, são as línguas que mantêm os maiores valores de mercado e, não por coincidência, são as que detêm mais visibilidade dentro do mercado de ensino de segunda língua no Brasil. Desse modo, não parece equivocado afirmar que a valorização de funcionários para a expatriação em direção ao Brasil incide na competência, ainda que em diferentes níveis, do inglês, do espanhol e do português, cujos usos no cotidiano laboral foram endossados pelos informantes nos exemplos anteriores.

Na leitura dos relatos dos informantes, um dos interesses foi verificar quais eram as línguas de uso autodeclarado dentro do ambiente de trabalho, porém é pertinente ainda acompanhar os contextos em que há o contato entre o português e uma das línguas do mercado brasileiro (inglês e espanhol) e as estratégias utilizadas pelos informantes no convívio com essas situações. Como discutido nos capítulos 1 e 3, o uso de mais de uma língua em um ambiente e o conhecimento do *background* dos interlocutores embasam a produção do CS.

Na coleta das entrevistas, já se observou a realização da alternância pelos informantes e, na discussão sobre suas preferências e comportamentos linguísticos nos locais de trabalho, coletaram-se comentários sobre a produção autodeclarada de CS nesses espaços. Os exemplos 4.27 a 4.29 apresentam o que CarlosO, AndrésA e CarmenD relataram sobre a alternância entre português e espanhol e seu posicionamento diante desse mecanismo no meio laboral.

- (4.27) sim, quando a gente tá apresentando em uma reunião com o pessoal argentino, com o pessoal brasileiro, normalmente eu tento manter o português, eu acho que a língua que a gente tem que falar é a língua do país, tá? mas às vezes, eu vejo que o cara, o argentino, não tá entendendo alguma coisa, então eu mudo para o espanhol, mas normalmente volto em seguida para o português (CarlosO-M3Ar3)
- (4.28) uhum, ah, acontece bastante porque eu posso estar no meu lugar de trabalho, estou sentado trabalhando escrevendo um e-mail em espanhol e de um momento para outro alguém me fala em português, tem um momento em que você troca a língua sem perceber, às vezes quando você tá trocando tava escrevendo espanhol, vou falar uma palavra em espanhol para a outra pessoa e

você demora em perceber, "ah, não essa palavra não EXISTE" em português então... acontece muito isso, especialmente quando você está focado trabalhando e de um momento para outro muda a situação, muda a língua de com quem você está falando... estou num, numa ligação com alguém de fora e agora vem alguém daqui me falando... acontece muito (AndrésA-M2Co5)

- (4.29) eu acho que eu sou muito boa para fazer esse SWITCH, é, tipo assim, se você começar a falar espanhol comigo agora, eu vou te falar em espanhol então eu acho que é uma coisa que já estou acostumada e tipo, é muito legal porque eu sinto que eu consigo me comunicar com muita gente de uma forma mais eficiente... eu sinto que eu consigo me adaptar bem no que a outra pessoa tá precisando pra ter uma comunicação mais eficiente então eu gosto muito disso (CarmenD-F2Co5)

No trecho 4.27, CarlosO reforça a condição do português como a escolha não-marcada em grande parte do território brasileiro. Ao afirmar que *a língua que a gente tem que falar é a língua do país*, o informante corrobora o imaginário da língua portuguesa como língua prioritária, uma representação que, possivelmente, deriva de um lugar onde entende-se que falando português no Brasil alcança-se um número maior de pessoas e não se exclui ninguém da compreensão do que é comunicado. No entanto, por outro lado, CarlosO confessa que o uso exclusivo do português, eventualmente, pode ser marca dessa exclusão pela língua, que o informante deseja evitar. Segundo seu relato, o CS em direção ao espanhol é utilizado em situações nas quais, pela expressão facial do seu interlocutor, percebe-se que não houve a compreensão de alguma parte da mensagem. A motivação de CarlosO para o uso do CS em seu trabalho caracteriza-se, então, pela inclusão de mais participantes na conversa, seja no uso recorrente do português e na introdução do espanhol em situações específicas.

Já o informante AndrésA indica que tem uma relação mais cotidiana com o espanhol, através de telefonemas e e-mails. Nessa rotina, a alternância entre o português e o espanhol que, segundo o informante, *acontece muito*, concretiza-se quando algum colega o interpela em português durante a realização de uma atividade em espanhol. Diante desses cenários, AndrésA confessa que, por vezes, emprega uma palavra de uma língua na outra, devido ao rápido movimento da alternância. Essa celeridade na mudança de uma língua para outra pode ser motivada pelo interesse em continuar a conversa na língua empregada pelo interlocutor; personalizar a mensagem; ou ainda marcar a identidade com um determinado grupo; no entanto, esse movimento instantâneo não acontece sem que se verifique o intercâmbio de pequenos elementos lexicais entre as línguas, em especial, durante os primeiros minutos da alternância, ou na *faixa de fronteira* do CS *intersentencial*. No que comentou AndrésA, essa situação é

verificada quando ele fala *uma palavra em espanhol para a outra pessoa e demora em perceber que a palavra não existe em português*.

Por fim, no exemplo 4.29, CarmenD comenta que consegue se *adaptar bem* ao *que a outra pessoa tá precisando pra ter uma comunicação mais eficiente*. Em outras palavras, quando a informante nota que não está atingindo seu objetivo comunicativo em uma língua, para ela não é um problema realizar a alternância; inclusive, essa é a saída a que ela recorre em seu desejo pela assertividade. O que chama a atenção, porém, no comentário de CarmenD é a introdução do termo *switch* para designar a alternância. Durante a condução das entrevistas tomou-se o cuidado de não utilizar a nomenclatura *code-switching* para não influenciar de qualquer maneira (positiva ou negativamente) o relato dos informantes. Sempre que necessário referia-se ao objeto de estudo como o uso de mais de uma língua no dia a dia. Portanto, a utilização do termo *switch* por CarmenD demonstra a consciência da informante sobre possíveis discussões acerca dessa prática, o que fica evidente no seguinte comentário (*se você começar a falar espanhol comigo agora, eu vou te falar em espanhol*), que ilustra uma das motivações clássicas do CS: a manutenção da língua proposta pelo interlocutor. Assim, além de estar consciente da prática do CS, CarmenD valoriza a ferramenta e se mostra orgulhosa do seu uso.

Nos relatos desses três informantes verifica-se que a alternância entre línguas é uma ferramenta que faz parte das práticas cotidianas dos seus ambientes laborais. Dewaele e Li Wei (2014a) já haviam observado nas declarações de uso autodeclarado de CS dos seus informantes a adoção de convenções linguísticas de suas comunidades de fala. Isto é, os ambientes nos quais tais informantes declararam utilizar o CS eram aqueles que sustentavam esse mecanismo como uma prática cotidiana. Assim, do mesmo modo como registraram os autores, pôde-se verificar aqui que alguns informantes participam de espaços étnica e linguisticamente diversos e atuam correspondendo às convenções sociais, das quais o CS é parte. A realização da alternância é, portanto, para CarlosO, AndrésA e CarmenD, uma das características das comunidades de fala em que eles participam e seu uso marca a identificação com um grupo através de uma escolha linguística não-marcada (MYERS-SCOTTON, 1993).

Não obstante a participação de alguns informantes em contextos multilíngues que promovem o CS, dentre aqueles que participaram das entrevistas sociolinguísticas, alguns relataram trabalhar em ambientes nos quais a língua portuguesa é a norma ou a língua de uso predominante, como ilustram os comentários de MartaV e PedroG a seguir:

(4.30) sim, 100% português, às vezes que tem um menino que tipo, eu chego '*buenos días*' e a gente meio que brinca um pouco com esse tipo de coisa, mas português 100%, não falo espanhol... (MartaV-F2Co1)

(4.31) no, únicamente, en este trabajo actual, únicamente portugués, porque... bueno, mis compañeros son todos brasileños y el cliente también... es un, es un banco brasileño, pero en mi trabajo anterior cuando llegué a São Paulo TINHA que hablar con varios clientes en América Latina, entonces tenía reuniones por teléfono donde hablaba en español, como mi empresa era multinacional y ahí eran un 70% de los empleados de la India, entonces una vez por semana tenía, o al diario TINHA QUE FALAR con alguien de la India, entonces tenía que hablar en inglés (PedroG-M3Ar6)

(não, só, nesse trabalho atual, só português, porque... bem, meus colegas são todos brasileiros e o cliente também ... é um, é um banco brasileiro, mas no meu trabalho anterior quando cheguei em São Paulo TINHA para falar com vários clientes da América Latina, aí tinha reuniões telefônicas onde falava em espanhol, como minha empresa era multinacional e tinha 70% dos funcionários da Índia, então uma vez por semana eu tinha, ou diariamente TINHA QUE FALAR com alguém da Índia, aí eu tinha que falar em inglês)

De acordo MartaV, no trecho 4.30, as interações em espanhol em seu cotidiano laboral acontecem somente em momentos de descontração, quando um colega a cumprimenta dizendo *buenos días*; nas demais situações, o uso do português acontece em 100% do tempo. Situação semelhante é lida no comentário de PedroG, que hoje *utiliza somente o português, porque seus colegas e clientes são brasileiros*. A leitura desses comentários incide na verificação de uma correspondência positiva entre o bilinguismo (ou multilinguismo) no ambiente de trabalho e a autodeclaração da produção do CS. Quando os falantes atuam em espaços que promovem interações multinacionais, há a promoção da alternância entre línguas, como experienciou PedroG na empresa em que atuava anteriormente. Já dentro de empresas com atuações locais, a cultura multilíngue não se faz tão presente e/ou parece não ser favorecida.

Para alguns falantes, a oportunidade de utilização do CS pode existir apenas dentro da família ou no local de trabalho, quando motivada pelas funções desempenhadas e pela atuação das empresas. No entanto, segundo Dewaele e Li Wei (2014a), se um participante nunca utiliza o CS com seus colegas, não fica claro se isso se deve a uma escolha individual ou simplesmente a uma necessidade, porque seus colegas não compartilham as mesmas línguas que ele. Assim, dentro dos espaços de trabalho, os fatores que se mostram fundamentais na produção do CS são o estímulo das empresas devido a sua atuação e o conhecimento de informações sobre o *background* linguístico dos colegas.

4.3 Conclusões Preliminares

Nas discussões traçadas ao longo deste capítulo, buscaram-se identificar as instâncias de produção de *code-switching* coletadas nas entrevistas; verificar as motivações sociopragmáticas e as estruturas gramaticais do CS presente no corpus; e reconhecer as convenções linguísticas dos espaços empresariais onde atuam imigrantes de origem hispano-americana em São Paulo. O produto dessas discussões revelou, em suma, que a produção de CS por falantes bilíngues é uma realidade dentro e fora dos espaços laborais e é regida ora por motivações particulares ora pela demanda das funções desempenhadas dentro das empresas multinacionais.

A realização do CS pelos informantes desta investigação perpassa os três tipos de alternância propostos por Poplack (1980), isto é, *tag-switching*, *CS intrasentencial* e *CS intersentencial*, cada um deles atendendo a diferentes necessidades comunicativas que os falantes desejam imprimir em seus enunciados. De modo amplo, as características primordiais do *tag-switching* nas amostras foram marcar uma necessidade lexical ou uma especificidade cultural, ou seja, seu uso condizia com a necessidade de exprimir noções ou conceitos que possivelmente existiam em apenas uma língua, ou era mais bem expressados em uma língua diferente daquela em que se comunicava. Essa propriedade desse tipo de alternância oferece possibilidades de assertividade no contato entre diferentes línguas, como é o caso do português e do espanhol, mas também dialoga intimamente com os ambientes laborais quando se pautam usos do inglês. O *tag-switching* se diferencia do empréstimo lexical, por incidir na alternância entre termos cujos usos ainda não estão difundidos, mas se apresenta como uma porta de entrada para a concretização de uma alternância lexical idiossincrática em um empréstimo dicionarizado, como verifica-se no português brasileiro a difusão dos termos *Internet*, *delivery*, *budget* etc.

Enquanto isso, o *CS intrasentencial* esteve presente nas discussões motivado frequentemente pelo desejo de associação a um grupo específico. Os informantes recorreram à alternância do português para o espanhol, ora para marcar um distanciamento de falantes de outros grupos ora para aproximar esses falantes ao seu grupo particular. Com o objetivo de uma marcação explícita de identidade, os exemplos de *CS intrasentencial* – tipicamente constituídos por sentenças inteiras ou por diversos constituintes no interior das sentenças – não passam despercebidos pelos radares dos interlocutores, que notam o desejo comunicativo do falante em marcar a relevância daquela mensagem, expandindo ou restringindo seu alcance.

Os usos do *CS intersentencial*, por sua vez, demonstraram o interesse dos informantes em direcionar a mensagem a um interlocutor específico ou inserir um novo tópico conversacional na interação. Dentre todos os tipos de CS, talvez este seja o que detém uma natureza mais próxima das interações informais e, na condução de gêneros comunicativos regrados como uma entrevista, sua realização não é tão profícua. Acredita-se, portanto, que em interações cotidianas os falantes transitem entre diferentes línguas para atingir seus objetivos, o que encontrou respaldo nos registros de autodeclaração de uso linguístico dos informantes que trabalham em empresas multinacionais ou globais, apresentados na seção 4.2.

Quanto ao uso de mais de uma língua nos ambientes de trabalho, o que se verificou nas respostas dos informantes foi que empresas que mantêm relações com parceiros em outros países promovem o uso de diferentes línguas em seu dia a dia, especialmente espanhol e inglês, línguas valorizadas no mercado brasileiro. Frente a isso, os informantes que trabalham nessas instituições confirmaram utilizar três línguas (português, espanhol e inglês) cotidianamente, de acordo com os diferentes interlocutores e demandas. Segundo eles, o português geralmente atende às necessidades locais e as interações com colegas, clientes e fornecedores brasileiros. Do outro lado, o espanhol oferece suporte às necessidades regionais no contato com países da América Latina, e o inglês atua globalmente com os demais países. O uso difundido da língua inglesa como língua de mercado foi constatado em todos os relatos dos informantes trabalhadores de empresas multinacionais, de modo que, aqueles que declararam utilizar o espanhol em seu local de trabalho, necessariamente também confessaram o uso do inglês.

No decorrer das discussões da seção 4.2, o uso de mais de uma língua no desempenho de tarefas laborais e no contato com colegas foi lido pelos informantes como um agente de oportunidades para acessar uma comunicação mais objetiva. Não se observaram neste capítulo queixas quanto às dificuldades que o CS poderia conceber, mas sim comentários sobre as vantagens do emprego desse mecanismo.

A valorização da multiplicidade de línguas em uso no dia a dia ficou ainda mais evidente pelo desejo do informante PedroG, que somente utiliza o português em seu local de trabalho, em acessar todas as oportunidades de uso do espanhol fora do ambiente laboral. É possível depreender, portanto, que a cultura de empresas globais em promover o multilinguismo e, consequentemente, o *code-switching*, é atraente aos trabalhadores expatriados e imigrantes, oferecendo-lhes possibilidades de acesso de uso de suas línguas materna ou primeira em países em que essas não são as línguas nacionais e/ou difundidas.

Conclusão

Este trabalho teve como principais objetivos a análise das atitudes e representações linguísticas e o estudo sobre a produção de *code-switching* em uma comunidade ainda pouco estudada no território brasileiro, isto é, imigrantes hispano-americanos trabalhadores de empresas multinacionais e/ou globais. Por meio de questionários e entrevistas sociolinguísticas, coletaram-se dados de atitudes e produção que possibilitaram o exame de características do cenário atual do contato entre o português e o espanhol na cidade de São Paulo.

De forma mais detida, esta pesquisa voltou-se às seguintes questões: (a) quais são as atitudes e representações apresentadas frente ao CS entre português e espanhol; (b) existe alguma ligação entre as variáveis sociobiográficas (sexo, faixa-etária, país de origem, tempo de residência no Brasil) e o modo como os participantes se posicionam frente ao *code-switching*; e (c) o que a produção observada e autodeclarada de *code-switching* revela sobre o panorama linguístico das empresas multinacionais estabelecidas em São Paulo.

As análises sobre atitudes e representações linguísticas detiveram-se sobre três cenários específicos: (i) hispanofalantes comunicando-se em português; (ii) CS na direção do espanhol para o português produzido por hispanofalantes e/ou brasileiros; e (iii) CS na direção do português para espanhol produzido por hispanofalantes e/ou brasileiros. Os resultados destas análises evidenciaram o movimento dos informantes na atribuição de representações e atitudes mais positivas conforme avançavam-se os cenários, isto é, quanto mais *favorável* ao espanhol era o cenário, mais positivamente os informantes se posicionavam.

Em outras palavras, as atitudes e representações associadas aos usos do português dentre hispanofalantes, quando não havia a presença de brasileiros, estavam carregadas de valores desfavoráveis, o que, pela análise das respostas dos informantes, interpretou-se como uma possível associação a um abandono de identidades marcadas pela língua espanhola e compartilhadas por falantes hispânicos de diferentes nacionalidades. O seguinte comentário do informante AndrésA evidencia os laços de identificação que são construídos, histórica e cotidianamente, no imaginário de falantes hispânicos latino-americanos:

(AndrésA-M2Co5): [as] *pessoas não sabem nada do Brasil, porque você olha a América Latina e todos países compartilham coisas, compartilham música, literatura é... só para te dar um exemplo, tinha a mesma MTV em todos os países, do México até a Argentina, então a gente tinha muitos símbolos compartilhados entre países...*

O acesso aos símbolos compartilhados a que AndrésA se refere é fundamental na motivação dos informantes para a preferência pelo uso do espanhol entre hispanofalantes e, ainda, pelo menor favorecimento ao *code-switching* na direção do espanhol para o português. A interação em espanhol entre companheiros hispânicos favorece a manutenção de identidades coletivas e a realização de um movimento oposto parece indiciar a negação de sentimentos e sentidos compartilhados através dessa língua.

Já as representações dos informantes sobre o CS em direção ao espanhol, isto é, deslocando-se do português para o espanhol, foi lido recorrentemente de maneira positiva. Essa verificação reforçou a hipótese da preferência dos informantes por essa língua. Os cenários nos quais um interlocutor propunha a alternância do português para o espanhol sinalizavam a valorização da língua do informante, que se deparava com a possibilidade de uso de sua língua de confiança e conforto. Porém, a proposição do uso do espanhol não somente foi acompanhada de regozijo, mas, para alguns informantes, era uma marca do questionamento sobre sua competência em língua portuguesa. Os informantes que confessaram se incomodar com esse movimento sentiam-se expostos e não viam a legitimação da sua competência em português, especialmente quando a sugestão do CS vinha de brasileiros.

No exame global dos cenários desencadeadores de CS, verificou-se, portanto, que essa prática desperta atitudes autênticas, como afirmações de identidade (*não gosto, não é a nossa língua materna*), e aguça sentimentos de frustração com os processos de aprendizagem de língua estrangeira ou segunda língua, que, recorrentemente, provocam inseguranças nos falantes adultos. Os usos do *code-switching* na comunidade observada privilegiaram o português em espaços públicos e com interlocutores diversos, enquanto mantiveram o espanhol exclusivo às situações e interlocutores familiares. Esse fato decorre, em certa medida, das relações que os informantes estabelecem com o Brasil e o com a língua portuguesa. Por serem imigrantes de primeira geração que chegaram ao país em idade adulta, motivados pelo trabalho e, na maioria das vezes, sozinhos, a tendência é que relacionem o espanhol com contextos familiares, atrelados ao seu país de origem, ou motivados pelas necessidades laborais. Já o português supre as demais necessidades do cotidiano.

A produção de CS acontece, então, de modo amplo, na transição das interações íntimas para as sociais e vice-versa. Esse fato impactou na coleta de dados de produção. Durante as entrevistas de alguns informantes verificou-se um número relativamente baixo de instâncias de CS e, na maioria das vezes, a incidência estava sobre substantivos e verbos, elementos que não dificultam a realização da alternância e dificilmente provocam infrações sobre a sintaxe da língua base (POPLACK, 1980). De todo modo, nos exemplos coletados de *code-switching*

intrasentencial e *intersentencial*, examinou-se a introdução desse mecanismo em diferentes lugares das sentenças (entre sujeitos e verbos, verbos e complementos, núcleos e modificadores, etc.), evidenciando a versatilidade das possibilidades de construção do CS. Além disso, a função sociopragmática do CS de marcar o distanciamento ou a aproximação com falantes de grupos específicos foi evidente e, de longe, a mais recorrente neste corpus.

Interações com os perfis sociobiográficos dos informantes não foram significativas na avaliação de atitudes ou na frequência de produção. As análises das atitudes e representações indicaram indícios de favorecimento do CS, independentemente das línguas de origem e destino, por parte das informantes de gênero feminino. No entanto, o grau de diferimento entre essas avaliações e a dos informantes de gênero masculino foi muito baixo, o que não é reportado como resultado significativo, mas sim uma tendência, que dialoga, em alguma proporção, com investigações anteriores nas quais as mulheres se mostraram mais favoráveis a essa variável (TORIBIO, 2002; DEWAELE; LI WEI, 2014a).

A análise da produção autodeclarada de CS no ambiente de trabalho revelou que os informantes constantemente alternam entre línguas nos locais de trabalho, impulsionados pela multiplicidade de temas discutidos, desde aqueles intrínsecos às tarefas laborais até os concernentes à vida privada e ao cotidiano. No entanto, o uso de mais de uma língua e, por consequência, do CS no meio laboral é concebido como um produto da internacionalização ou globalização das empresas. Informantes que trabalham em companhias mais multiétnicas e multilíngues têm mais oportunidades de produzir CS, enquanto os que atuam em instituições locais, em geral, não dispõem de conjunturas favoráveis à alternância. O meio empresarial apresenta-se, portanto, como um facilitador do contato linguístico e da promoção do bi- e multilinguismo. Contudo, no posicionamento dos informantes frente às línguas em uso, pode-se verificar o favorecimento da língua que acessa os contextos íntimos.

O produto dessas discussões revelou, em síntese, que a produção de CS pelos informantes é uma realidade dentro e fora dos espaços laborais e são regidas tanto por motivações individuais quanto pela demanda das funções laborais. Ademais, cabe destacar que o alcance do *code-switching* abrange diferentes esferas e espaços da sociedade, tal como a língua, e o estudo desse mecanismo pode apresentar ainda mais elementos sobre a paisagem linguística de diferentes comunidades de prática.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, G. M. R.; BAENINGER, R. Modalidades migratórias internacionais: da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais. In: BAENINGER, R. **Migrações Internacionais**. Campinas: Núcleo de Estudos de População (NEPO) – UNICAMP, v. 9, 2013. p. 23-34.
- ALVES, J. S. Los heterosemánticos en español y portugués. Un desafío a la lectura/interpretación: el caso de los “vestibulandos” brasileños. In: **CONGRESO BRASILEÑO DE HISPANISTAS**, 2, São Paulo. 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100032&script=sci_arttext> Acessado em 28 fev. 2020.
- AMÂNCIO, R. G. As “**idades trigêmeas**”: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2007. 102f
- AMEIXINHA, H. F. G. **Gestão Internacional de Recursos Humanos: De Expatriado Valorizado a Repatriado Indesejado**. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2017. 92f.
- APEL, R.; MUYSKEN, P. **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 2005.
- ASHBY, S; BARBOSA, S.; BRANDÃO, S.; FERREIRA, J. P; JANSSEN, M.; SILVA, C.; VIARO, M. E. **A Rule Based Pronunciation Generator and Regional Accent Databank for Portuguese**. Proceedings of Interspeech, 2012
- AUER, P. A postscript: code-switching and social identity. **Journal of Pragmatics**, 37, 2005. 403-410.
- AUER, P. The pragmatics of code-switching: a sequential approach. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages: cross disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 115-135.
- BADIOLA, L.; DELGADO, R.; SANDE, A.; STEFANICH, S. Code-switching attitudes and their effects on acceptability judgment tasks. **Linguistic Approaches to Bilingualism**, Volume 8, Issue 1, John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 5-24
- BAENINGER, R. Notas acerca das migrações internacionais no século. In: BAENINGER, R. **Migrações Internacionais**. Campinas: Núcleo de Estudos de População (NEPO) – UNICAMP, v. 9, 2013. p. 9-23.
- BAKER, C. **Attitudes and Language**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1992
- BAKKER, P. Pidgins. In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. **Pidgins and creoles: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1994.
- BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

- BLOM, J.; GUMPERZ, J. Social meaning in linguistic structures: Codeswitching in Northern Norway. In: BLOM, J.; GUMPERZ, J. **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt; Rinehart; Winston, 1972. p. 407-443.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: H. Holt and Company, 1933.
- BOTTARO, S. E. G. **O sujeito pronominal no Português Uruguaio na região fronteira Brasil – Uruguai**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. 217f.
- BOTTARO, S. E. G. Actitudes lingüísticas en el portugués uruguayo: marcas de una identidad. **Revista SURES**, v. 10, p. 107-120, 2017
- BOURDIEU, P. **Language and symbolic power**. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1991.
- BUSCH, B. Expanding the Notion of the Linguistic Repertoire: On the Concept of *Spracherleben* - The Lived Experience of Language. **Applied Linguistics**, 2005. 1-20.
- BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second Language Acquisition. In: BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 115-144.
- CALVET, L-J. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANAGARAJAH, S. Translanguaging in the Classroom: Emerging Issues for Research and Pedagogy. **Applied Linguistics Review**, v. 2, 1-28, 2011. URL: <https://doi.org/10.1515/9783110239331.1>
- CANAGARAJAH, S. Translingual Practice as Spatial Repertoires: Expanding the Paradigm beyond Structuralist Orientations. **Applied Linguistics**, Oxford University Press, p. 1-25, 2017.
- CARVALHO, A. M. Code-switching: from theoretical to pedagogical considerations. In: BEAUDRIE, S. M.; FAIRCLOUGH, M. (Ed.). **Spanish as heritage language in the United States: The state of the field**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2016.
- CARVALHO, A. M. Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. Campinas: **Pro-Posições**, v. 21, n. 3, p. 45-65, set./dez. 2010
- CARVALHO, A. M. Spanish (s) aspiration as a prestige marker on the Uruguayan-Brazilian border. **Spanish in Context**, v. 3, n. 1, p. 85-114, 2006
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACÊDO, M., **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020
- CELADA, M. T. “Versiones de Babel - memoria de la otra lengua en la propia”. In: CELADA, M. T. y N. MAIA GONZÁLEZ (coord.). Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileño, **SIGNOS ELE**, diciembre 2008a. p. 1-9. URL: <http://p3.usal.edu.ar/index.php/ele/article/view/1379>, ISSN: 1851-4863.
- CELADA, M. T. **O espanhol para o brasileiro: Uma língua singularmente estrangeira**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. 277f.

CELADA, M. T. O que quer, o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 145–168, jul./dez. 2008b. p. 145-168

CONTURSI, M. E. **La enseñanza del portugués en la Argentina (1991-2001): Estudio del dispositivo normativo, prácticas y representaciones**. Tese de Doutorado. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2010. 336f

CORBARI, C. C. **Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2013. 259f

COUPLAND, N. Style-shifting in a Cardiff work-setting. *Language and Society*, 1980, v. 9, p. 1-12.

DABÈNE, L.; MOORE, D. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, L.; MYUSKEN, P. **One speaker, two languages: cross disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 17-44.

DEWAELE, J.-M. Activation or inhibition? The interaction of L1, L2 and L3 on the language mode continuum. In: JESSNER, U.; HUFSEIN, B.; CENOZ, J. **Crosslinguistic Influence in Third Language Acquisition: psycholinguistic perspectives**. 2001. p. 69-89.

DEWAELE, J-M; PENA, C. D. Sources of variation in Galician multilinguals' attitudes towards Galician, Spanish, English and French. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de las Lenguas*, v. 12, n. 25, p. 34 - 58, 27 nov. 2018. URL: <https://doi.org/10.26378/rnlael1225293>

DEWAELE, J-M; WEI, L. Attitudes towards code-switching among adult mono- and multilingual language users, *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 35, n. 3, 235-251, 2014b. URL: <https://doi.org/10.1080/01434632.2013.859687>

DEWAELE, J-M; WEI, L. Intra- and inter-individual variation in self-reported code-switching patterns of adult multilinguals. *International Journal of Multilingualism*, January, 1-22, 2014a. URL: <https://www.researchgate.net/publication/259579996>

DIEME, K.; MACÊDO, M; QUINTINO, F.; CAVALCANTI, L; SIMÕES, A. Autorizações concedidas a imigrantes pela Coordenação Geral de Imigração Laboral. In. CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>

DURSO, F. C. **Fluxo para conhecimento? Uma análise sobre o aumento de estudantes colombianos na Universidade Federal de Viçosa**. Monografia. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2015. 71f.

EAGLEY, A. H; CHAIKEN, S. *The Psychology of Attitudes*. London: **Harcourt Brace College Publishers**, 1993

EDWARDS, J. Foundations of Bilingualism. In: BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 7-31.

ELIZAINCÍN, A. **Dialectos en Contacto. Español y Portugués en España y América**. Montevideo: Arca, 1992.

- ELIZAINCÍN, A. El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña. Porto Alegre: **Letras de Hoje**, n. 20, p. 65-75, 1975.
- ELIZAINCÍN, A. Las fronteras del español con el portugués en América. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, Frankfurt, n. 4, p. 105-118, 2004.
- FANJUL, A. P.; GONZALEZ, N. T. M. **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2014.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. **WORD**, n. 15, p. 325-340, 1959.
- FIAMENGUI, A. H. R. **Multilinguismo e preconceito na fronteira Porã: um estudo sobre atitudes linguísticas**. Tese de Doutorado. São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2015. 298f
- FISHBEIN, M. A Consideration of Beliefs, and Their Role in Attitude Measurement. In. FISHBEIN, M. (ed.) **Readings in Attitude Theory and Measurement**. London: John Wiley & Sons Inc, p. 257-266. 1967
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In. WEI, L. **The Bilingualism Reader**. Londres e Nova Iorque: Routledge. 2000. p. 74-81
- FISHMAN, J. The social science perspective. In Fishman, J. (Ed.), **Bilingual education: Current Perspectives**, Vol 1: Social science. 1977. p. 14-62
- FOUGHT, C. Ethnic Identity and Linguistic Contact. In: HICKEY, R. **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 282-298.
- FOUGHT, C. Ethnicity In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. 2ª. ed. Malden, MA: Wiley- Blackwell, 2013. p. 388-406.
- FRAGOZO, C. S. **Aquisição de regras fonológicas do inglês por falantes de português brasileiro**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2017. 252f
- GALLARDO, I. M. **As manifestações de cortesia em e-mails empresariais: Português do Brasil e Espanhol peninsular: semelhanças e contrastes**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. 213f
- GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Malden, MA and Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.
- GARCÍA, O. Linguaging and ethnifying. In: FISHMAN, J. A.; GARCÍA, O. **Handbook of Language and Ethnic Identity: The Success-Failure Continuum in Language and Ethnic Identity**. Oxford: Oxford University Press, v. 2, 2011. p. 519-534.
- GARCÍA, O.; OTHÉGUY, R. Hispanic Bilingualism. In: LACORTE, M. **The Routledge Handbook of Hispanic Applied Linguistics**. New York: Routledge, 2014. p. 639-658.
- GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging – Language, Bilingualism and Education**. New York: Palgrave MacMillan, 2014.
- GARCÍA-ALCARAZ, E. The Narrative Abilities of an English-Spanish Bilingual with Prader-Willi Syndrome. **Languages**, v. 3, p. 1-28, 2018.

- GARDNER-CHLOROS, P. **Code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GARDNER-CHLOROS, P. **Language Selection and Switching in Strasbourg**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- GARDNER-CHLOROS, P.; MCENTEE-ATALIANIS, L.; FINNIS, K. Language Attitudes and Use in a Transplanted Setting: Greek Cypriots in London. **International Journal of Multilingualism**, v. 2, n. 1, 2005, p. 52-80. URL: <https://doi.org/10.1080/17501220508668376>
- GARDUÑO, E. Antropología de la frontera, la migración y los procesos transnacionales. **Frontera Norte**, v. 15, n. 30, p. 65-89, julho-dezembro 2003.
- GARRETT, P; COUPLAND, N., WILLIAMS A. **Investigating Language Attitudes Social Meanings of Dialect, Ethnicity and Performance**. Cardiff: University of Wales Press, 2003
- GOIS, M. V. S. A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação. **Revista Philologus**, ano 14, n. 40. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2008. p. 14-34. URL: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/40/02.pdf>
- GONZÁLEZ, N. M. Portugués Brasileño y Español: lenguas inversamente asimétricas. **Signos ELE**, v. 1, 2008.
- GROJEAN, F. Studying Bilinguals: Methodological and Conceptual Issues. In: BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd., 2006. p. 32-64.
- GROSJEAN, F. **Life with two languages: An introduction to bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press. , 1982.
- GUEUNIER, N. Représentations linguistiques. In: MOREAU, M-L. **Sociolinguistique, concepts de base**. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 247-250.
- GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002 [1982].
- GUMPERZ, J.; HERNÁNDEZ-CHAVEZ, E. Cognitive Aspects of Bilingual Communication. In: WHITLEY, W. H. **Language and social change**. Oxford: Oxford University Press, 1970. p. 111-121.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HAUGEN, E. **The Norwegian Language in America**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.
- HAUST, D. **Codeswitching in Gambia: eine soziolinguistische Untersuchung von Mandinka, Wolof und Englisch in Kontakt**. Cologne: Köppe Verlag, 1995.
- HELLER, M. **Codeswitching: Anthropological and Sociolinguistic Perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.
- HICKEY, K. **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

HOLM, J. Contact and Change: Pidgins and Creoles. In: HICKEY, R. **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 252-261.

JACUMASSO, T. D. **Atitudes, representações e políticas linguísticas: lugares que a língua espanhola ocupa no imaginário de paranaenses**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2018. 274f.

JAHR, E. H. **Language Contact: Theoretical and Empirical Studies**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992.

JAKOBSON, R. **Slavic languages: a condensed survey**. New York: King's Crown Press, Columbia University, 1955.

JALIL, S. A. **Línguas, identidades culturais, migrações e narrativas: um estudo sobre falantes de árabe em Foz do Iguaçu**. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 2018. 266f

KRUG, M. J; HORST, C; WEPIK, F. F. Code-Switching na fala de polono-brasileiros de Áurea/RS. Uberlândia: **Domínios da Linguagem**, v. 10, n. 4, 2016. 1404-1423

KYMLICKA, W. **Ciudadanía Multicultural: Una teoría liberal de los derechos de las minorías**. Barcelona: Editorial Paidós, 1996.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. The notion of 'system' in creole languages. In: HYMES, D. **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 447-472.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. New York: Center for Applied Linguistics, 2006 [1966].

LAMBERT, W. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LEMOS, M. A. **O espanhol em redes de memória: antigas rotinas e novos sentidos dessa língua no Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 128f.

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R. Data exploration analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015

LICERAS, J. M.; FUERTES, R. F.; KLASSEN, R. Language dominance and language nativeness: The view from English-Spanish codeswitching. In: GUZZARDO, R. E. T.; MAZAK, C. M.; PARAFITA, M. C. C. **Spanish-English Codeswitching in the Caribbean and the US**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2016. Cap. 5, p. 107-138.

MATRAS, Y. **Language Contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MENDES, R. B. **Percepção e Performances de Masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. 2018. Tese (Livre Docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

MENDES, R. B. **Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana**, 2013. Disponível em: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br>>. Acesso em: 28 junho 2019.

MILROY, L.; MYUSKEN, P. **One speaker, two languages: cross disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. Actitudes lingüísticas de los brasileños en la frontera amazónica. In. SEDANO, M.; BOLÍVAR, A.; SHIRO, M. (Coord.) **Haciendo lingüística: homenaje a Paola Bentivoglio**, p. 811-832, 2006

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Principios da sociolingüística y sociología del lenguaje**. Editoreal Ariel S.A.: Barcelona. 1998, p 180.

MOZZILLO, I. O Code-Switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue. **Revista PAPIA**, São Paulo, v. 19, p. 185-200, 2009.

MUFWENE, S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MYERS-SCOTTON, C. **Contact Linguistics: Bilingual encounters and grammatical outcomes**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MYERS-SCOTTON, C. **Duelling languages: Grammatical structure in codeswitching**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

NIEHOFF, B. **Bolivian immigrants in São Paulo: a sociolinguistic study of language contact in the city**. Tese de Doutorado. Berlin: Freie Universität Berlin, 2011. 290f.

NORDI, C. **Espanhol para alunos brasileiros: estratégias de aprendizagem sugeridas pelas orientações ao professor do livro didático *Cercanía Joven***. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Federal de São Carlos, 2018. 264f.

OLIVEIRA, R. S. P. **Code-switching: perspectivas multidisciplinares**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. 161f.

OLIVEIRA, T. A imigração regular no Brasil: movimentação e registros. In. CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. **Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>

OTHEGUY, R.; ZENTELLA, A. C. **Spanish in New York: language contact, dialectal leveling, and structural continuity**. New York: Oxford University Press, 2012.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo. **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 63. Salvador, 2019. p. 304-325

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2015. 394f.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**, 2017. Disponível em: <<http://rpubs.com/oushiro/iel>>.

PATÍÑO GARZÓN, C. A. **El portugués como lengua extranjera en Bogotá: Situación actual y perspectivas para su posible inclusión en el currículo de la educación básica y media**. Monografía. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2005. 68f

PENA, C. D. What do bilinguals think about their “code-switching”? **RaeL Revista Electronica de Linguistica Aplicada**, p. 146-157, 2004. URL: <https://www.researchgate.net/publication/28102294>

PEREIRA, T.; COSTA, D. Representação linguística perspectivas práticas e teóricas. Niterói: **Gragoatá**, n. 32, p. 171-188, 1. sem. 2012

PETITJEAN, C. **Représentations linguistiques et plurilinguisme**. Tese de Doutorado. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 2009. 488f.

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: Towards a typology of code-switching. **Linguistics**, v. 18, 1980. 581-618.

POPLACK, S. Syntactic structure and social function of codeswitching. In: DURÁN, R. P. **Latino language and communicative**. Norwood, NJ: Ablex, 1981. p. 169-184.

PRESTON, D. R. Language with an Attitude. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. 2ª. ed. Malden, MA: Wiley- Blackwell, 2013. p. 157-182.

R CORE TEAM. R: **A language and environment for statistical computing**, Vienna, Austria, 2019. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>.

RAVINDRANATH, M. Sociolinguistic variation and language contact. **Language and Linguistics Compass**, v. 9, 2015. 243-255.

REDINGER, D. **Language Attitudes and Code-switching Behaviour in a Multilingual Educational Context: The Case of Luxembourg**. Tese de Doutorado. York: The University of York, 2010. 408f.

REGO, A.; CUNHA, M. P. E. **Manual de gestão transcultural de recursos humanos**. Lisboa: Editora RH, 2009.

ROCHA, J. M. C. **Da flor dos Andes a qhathu no Pari. Memória discursiva e deslocamentos na Feira da Kantuta**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2015. 122f

RODRIGUES, F. S. C. **Língua viva, letra morta: obrigatoriedade e ensino de espanhol no arquivo jurídico e legislativo brasileiro**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 342f.

RODRIGUES, L. C. B. Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, 2012. p. 362-372

ROMAINE, S. The Bilingual and Multilingual Community. In: BATHIA, T. K.; RITCHIE, W. C. **The Handbook of Bilingualism**. Malden, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 385-405.

- RONA, J. P. **El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay**. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.
- SANKOFF, G. Linguistic outcomes of bilingualism. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. 2ª. ed. Malden, MA: Wiley- Blackwell, 2013. p. 501-518.
- SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, (29), jul-dez, 1995. p. 163-184
- SEBBA, M. **Contact Languages: Pidgins and Creoles**. New York: Macmillan Press LTD, 1997.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.
- TAPIA, M. Extranjeros fronterizos en las regiones extremas de Chile: entre migración y circulación. 1990-2014. In: ROJAS, N.; VICUÑA, J. **Migración y Trabajo: Estudio y propuestas para la inclusión sociolaboral de migrantes en Arica**. Santiago de Chile: Ciudadano Global, 2014. p. 32-55.
- TEODORO-TORRES, J. A. Percepções sobre o code-switching: espanhol e português na cidade de São Paulo. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)**, v. 49, p. 1761-1777, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i3.2460>
- THE BRITISH MUSEUM. Everything you ever wanted to know about the Rosetta Stone, 2017. Disponível em: <<https://blog.britishmuseum.org/everything-you-ever-wanted-to-know-about-the-rosetta-stone/>>. Acesso em: 28 junho 2019.
- THOMASON, S. G. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University, 2001.
- THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Los Angeles/Berkeley: University of California Press, 1988.
- TORIBIO, A. J. Spanish-English code-switching among US Latinos. **International Journal of Sociology of Language**, v. 158, p. 89–119, 2002
- TRISTÃO, V. T. V. **Educação ambiental não formal: as experiências das organizações do terceiro setor**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. 241f
- VAID, J. **Bilingualism**. Texas A&M University, 2002. DOI:10.1016/B0-12-227210-2/00059-5.
- VENCE, C. M.; PAIK, Y. **Managing a Global Workforce Challenges and Opportunities in International Human Resource Management**. Third Edition. New York: Routledge, 2015.
- VERNALHA, H. B. **Discurso empresarial contemporâneo: anglicismos e prática social**. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2015. 162f
- WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and problems**. Netherlands: Mouton Publishers, 1968 [1953].

WELMERS, W. E. Language change and language relationships in Africa. **Language Sciences**, 12, 1970. 1-8.

WICKHAM, H. **ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis**. Springer-Verlag New York. 2016. URL: <https://ggplot2.tidyverse.org>.

WILSON, R.; DEWAELE, J-M. The Use of Web Questionnaires in Second Language Acquisition and Bilingualism Research. **Second Language Research**, v. 26, n. 1, 103–123, 2010

WINFORD, D. Contact and borrowing. In: HICKEY, R. **The Handbook of Language Contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 170-187.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. São Paulo: Vozes, 2000, p. 7-72.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; CELADA, M. T. Sujetos desplazados, lenguas en movimiento: identificación y resistencia en los procesos de integración regional. **Signo&Seña**, n.20. Buenos Aires: FFyL/Universidad de Buenos Aires (UBA), 2009. p. 159-181.

Anexos

ANEXO A – Questionário online

13/06/2019

Questionário Sociolinguístico

Questionário Sociolinguístico

Sua identificação receberá um código e em nenhuma hipótese seus dados pessoais serão divulgados ou compartilhados. Suas respostas serão utilizadas, exclusivamente, para constituição do corpus desta pesquisa.

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *

2. Nome *

3. Gênero *

Marcar apenas uma oval.

☐

Feminino

☐

Masculino

4. País de origem *

5. Cidade de origem *

6. Idade *

7. Profissão *

8. Tempo que reside no Brasil *

9. Cite outros lugares que já morou e o tempo aproximado que ficou em cada lugar. *

13/06/2019

Questionário Sociolinguístico

10. Como e onde você aprendeu português? *

11. Como você classificaria seu nível de português? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Excelente
- ☐ Muito Bom
- ☐ Bom
- ☐ Regular
- ☐ Ruim

12. Você sabe ler e escrever em português? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Ler
- ☐ Escrever

13. Você fala alguma língua estrangeira além de português e espanhol? Se sim, qual? *

14. Selecione a língua que você utiliza ao falar com as seguintes pessoas. **Marque todas que se aplicam.*

	Português	Espanhol	Outra
Pai	☐	☐	☐
Mãe	☐	☐	☐
Irmãos	☐	☐	☐
Filhos	☐	☐	☐
Esposa (o)/Namorada (o)	☐	☐	☐
Amigos	☐	☐	☐
Chefe de trabalho	☐	☐	☐
Companheiros de trabalho	☐	☐	☐

15. Existe alguma situação em que você utiliza somente uma dessas línguas?

16. Você costuma fazer alguma destas atividades abaixo? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Comer comida típica do seu país
- ☐ Ouvir músicas de cantores do seu país
- ☐ Assistir canais de TV do seu país
- ☐ Ler jornais do seu país ou em espanhol

13/06/2019

Questionário Sociolinguístico

17. Onde você costuma falar espanhol? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Em casa
- ☐ No trabalho
- ☐ Na rua
- ☐ Em restaurantes
- ☐ Em parques
- ☐ Em bares
- ☐ Outro: _____

18. E português? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Em casa
- ☐ No trabalho
- ☐ Na rua
- ☐ Em restaurantes
- ☐ Em parques
- ☐ Em bares
- ☐ Outro: _____

19. Você tem amigos hispano falantes em São Paulo?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não

20. Se sim, vocês costumam se encontrar com frequência?*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sempre
- ☐ Quase sempre
- ☐ Algumas vezes
- ☐ Raramente

21. Quando você está com outros hispano falantes, o que você acha quando algum deles começa a falar em português com você? Por quê? *

13/06/2019

Questionário Sociolinguístico

22. Se você fizer uma pergunta para alguém em espanhol e essa pessoa te responder em português, como você reage? E o que você acha disso? *

23. E se for ao contrário, se você perguntar em português e a pessoa responder em espanhol, como você reage? E o que você acha disso? *

Powered by
Google Forms

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário/a da pesquisa intitulada *O code-switching na produção linguística de imigrantes hispânicos no meio empresarial de São Paulo*, que tem como pesquisador responsável José André Teodoro-Torres, aluno da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientado por Fátima Aparecida Teves Cabral Bruno, os quais podem ser contatados/as pelos e-mails jose.torres@usp.br e fcabralbruno@usp.br ou telefone +55 11 96398-2126. A atividade elaborada tem como objetivo verificar os hábitos sociais e linguísticos de imigrantes hispano-americanos que vivem na cidade de São Paulo.

Sua participação consistirá em responder a um questionário online e participar de uma entrevista gravada em local e horário acordados previamente. Sua identificação receberá um código e em nenhuma hipótese seus dados pessoais serão divulgados ou compartilhados. Suas respostas serão utilizadas, exclusivamente, para constituição do *corpus* desta pesquisa.

A sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Não se trata de uma avaliação de conhecimentos, portanto, as respostas dos participantes não serão julgadas de forma alguma.

Não há riscos envolvidos para os participantes e os benefícios de sua participação nesta pesquisa se referem a contribuir com estudos na área de Sociolinguística e uso da Língua Espanhola no Brasil que, por meio da dissertação, estarão disponíveis para a comunidade acadêmica, científica e profissional.

Caso tenha dúvidas sobre esta pesquisa, por favor, entre em contato com José André Teodoro-Torres, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), através do e-mail jose.torres@usp.br

Desde já, agradecemos sua colaboração.

José André Teodoro-Torres (mestrando)

Fátima Aparecida Teves Cabral Bruno (orientadora)

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

c Li o termo, aceito e concordo em participar, nas condições expostas.

Data e assinatura

ANEXO C – Roteiro de entrevista

Parte I

Brasil/São Paulo

Objetivo: Descobrir o nível de engajamento dos informantes com o Brasil e com a cidade de São Paulo; graus de mobilidade.

1. Há quanto tempo você mora em São Paulo?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Por que você escolheu morar no Brasil? E nesta cidade?
Como era a cidade quando você mudou para cá? Mudou muito?
4. Em que outros lugares você já morou? Como é São Paulo comparado com essa cidade? Onde você preferiria morar?
5. Você tem contato com muitas pessoas aqui em São Paulo?
6. Há alguma outra cidade ou país em que você gostaria de morar?
7. O que você acha que é mais característico de São Paulo? E do Brasil?
8. O que você acha que caracteriza o paulistano? E o brasileiro?
9. O que você mais gosta em São Paulo? E no Brasil?
10. O que você não gosta em São Paulo? E no Brasil?
Já foi assaltado?
O que acha que o governo poderia fazer para resolver esse problema? (O problema aqui poderá ser qualquer um levantado pelo informante como resposta ao que não gosta em SP ou no Brasil).
11. Como você acha que as pessoas que não moram em São Paulo imaginam a cidade?
Qual é a imagem que as pessoas de fora do Brasil têm dessa cidade?

Infância e Família

Objetivo: Relaxar o informante (em geral as pessoas gostam de falar sobre sua infância (OUSHIRO, 2015)); obter informações sobre as redes sociais.

12. E como foi sua infância na Argentina ou Colômbia? Você pode nos contar um pouco sobre o que você fazia?
13. Você gostava de ir à escola?
Tinha algum professor ou disciplina que te marcou ou em que você gostava muito?
14. Você tem irmãos? Quantos anos eles têm? O que fazem atualmente?

15. Seus pais são “argentinos/colombianos”? E seus avós? Eles moram na mesma cidade em que moravam antes?
Eles já vieram para o Brasil?
16. Alguém da sua família veio para o Brasil te visitar ou está morando aqui atualmente?
17. Você é casado/a? Tem filhos?

Lazer

Objetivo: Obter informações sobre as redes sociais dos informantes e seu grau de mobilidade.

18. Nas horas de lazer, o que você costuma fazer? Você acha que São Paulo oferece boas opções de lazer?
19. Seus amigos mais próximos moram em São Paulo?
20. Quais são seus amigos mais antigos? Você mantém contato com eles?
21. Você costuma viajar? Para quais lugares do Brasil você já viajou? Quais gostaria de conhecer?

Parte II

Trabalho

22. Você trabalha perto daqui? (Algumas entrevistas ocorreram no local de trabalho dos informantes e outras não, devido à não autorização das empresas. Então escolheu-se lugares alternativos para a condução das entrevistas.)
23. O que você faz?
24. Você gosta do seu trabalho? É algo que você sonhava fazer?

Avaliações Linguísticas e Sociais

25. Em seu trabalho você usa mais o português ou o espanhol?
26. Quando as pessoas alternam entre uma língua e outra, como você se sente? É algo que você costuma fazer? Quando? Com quem?
27. O que você acha da língua portuguesa?
28. Você teve dificuldade para aprender o português? Onde e como você aprendeu?
29. Aqui em SP tem bastantes imigrantes (POLÍCIA FEDERAL, 2017), como você percebe a inserção dos imigrantes na sociedade brasileira?
30. Você acha que os brasileiros são receptivos?

ANEXO D – Modelos de regressão

Resultados do Modelo de Regressão sobre as repostas referentes ao *code-switching* do espanhol para o português, com a inclusão das variáveis gênero, origem, faixa etária, e modo de instrução em português

	Estimativa	Erro padrão	valor t	valor p
(Intercept)	3.03	0.44	6.75	6.96e-09 ***
GÊNERO Masculino	-0.31	0.29	-1.05	0.29
PAIS Chile	-0.79	0.59	-1.33	0.18
PAIS Colômbia	-0.24	0.31	-0.80	0.42
PAIS México	-0.09	0.43	-0.20	0.83
IDADE 2-faixa	-0.06	0.45	-0.13	0.89
IDADE 3-faixa	0.12	0.50	0.24	0.80
PORT. Informal	-0.05	0.29	-0.19	0.84

O valor do *Intercept* corresponde aos fatores: gênero (feminino); país (Argentina); idade (1-faixa etária); instrução em português (formal)
.p > 0.05; *p < 0.05; **p < 0.01; ***p < 0.001

Fonte: Elaboração própria

Resultados do Modelo de Regressão sobre as repostas referentes ao *code-switching* do português para o espanhol, com a inclusão das variáveis gênero, origem, faixa etária, e modo de instrução em português

	Estimativa	Erro padrão	valor t	valor p
(Intercept)	3.53	0.41	8.52	7.14e-09 ***
GÊNERO Masculino	-0.19	0.27	-0.72	0.47
PAIS Chile	-0.16	0.55	-0.29	0.77
PAIS Colômbia	0.12	0.28	0.44	0.66
PAIS México	-0.12	0.40	-0.31	0.75
IDADE 2-faixa	-0.59	0.41	-1.42	0.15
IDADE 3-faixa	-0.53	0.46	-1.14	0.25
PORT. Informal	0.18	0.26	-0.69	0.48

O valor do *Intercept* corresponde aos fatores: gênero (feminino); país (Argentina); idade (1-faixa etária); instrução em português (formal)
.p > 0.05; *p < 0.05; **p < 0.01; ***p < 0.001

Fonte: Elaboração própria

ANEXO E – Exemplos de CS de acordo com os constituintes da sentença

Tipo de CS	Constituintes	Exemplos
TAG-SWITCHING	adjetivo	“mas eu gosto um pouco assim da arquitetura ur- URBANÍSTICA tem museu, tem shopping” (CarlosO-M3Ar3)
	advérbio	“porque yo ya había estudiado portugués, entonces facilitó MAIS” (PedroG-M3Ar6)
	contração (proposição + artigo definido)	"o espanhol é muito parecido AL português" (LauraD-F1Co1)
	conjunção	“A EXCEPCIÓN DE esse caso Lula” (RobertoG-M3Co15)
	interjeição	“Y NO BUENO, tanto na época dele” (RobertoG-M3Co15)
	locução advérbial	“e morar aqui EN ESTE SETOR ES muito caro” (LauraD- F1Co1)
	locução conjuntiva	“deveria ser mais unidos, O SEA, os dois partes são gente boa” (LauraD-F1Co1)
	locução verbal	“o al diario TINHA QUE FALAR con alguien de la India” (PedroG-M3Ar6)
	pron. demonstrativo	“e ESO é... eu acho que eu não tenho visto em outro país ou em outro lugar, essa, essa alegria de viver” (ValeriaA-F3Ar5)
	pron. indeterminado	“eu não consigo isso em NINGÚN lugar” (LauraD-F1Co1)
	pron. interrogativo	“QUÉ acho muito característico de Brasil? o carnaval” (LauraD- F1Co1)
	pron. pessoal	“no final acabam sendo as três línguas necessárias para, para MÍ” (AndrésA-M2Co5)
	sintagma nominal	“mas você consegue ver pelos RASGOS FÍSICOS que a pessoa é da Bolívia” (CarmenD-F2Co5)
INTRA- SENTENCIAL	substantivo	“e aqui é um outro ESCENÁRIO onde eu posso falar português 100%” (MartaV-F2Co1)
	verbo	“eu CONOZCO São Roque” (LauraD-F1Co1)
	sintagma verbal	“VAMOS A POR EL EJEMPLO DE LA PIZZARIA, você ter que esperar AFORA para um lugar” (RobertoG-M3Co15)

ANEXO F – Transcrições das entrevistas

O documento contendo as transcrições das entrevistas pode ser acessado através do endereço: <https://bit.ly/3vC35JT>

Será necessário solicitar acesso. Por favor, escreva uma mensagem, e liberarei o acesso à pasta com o documento.